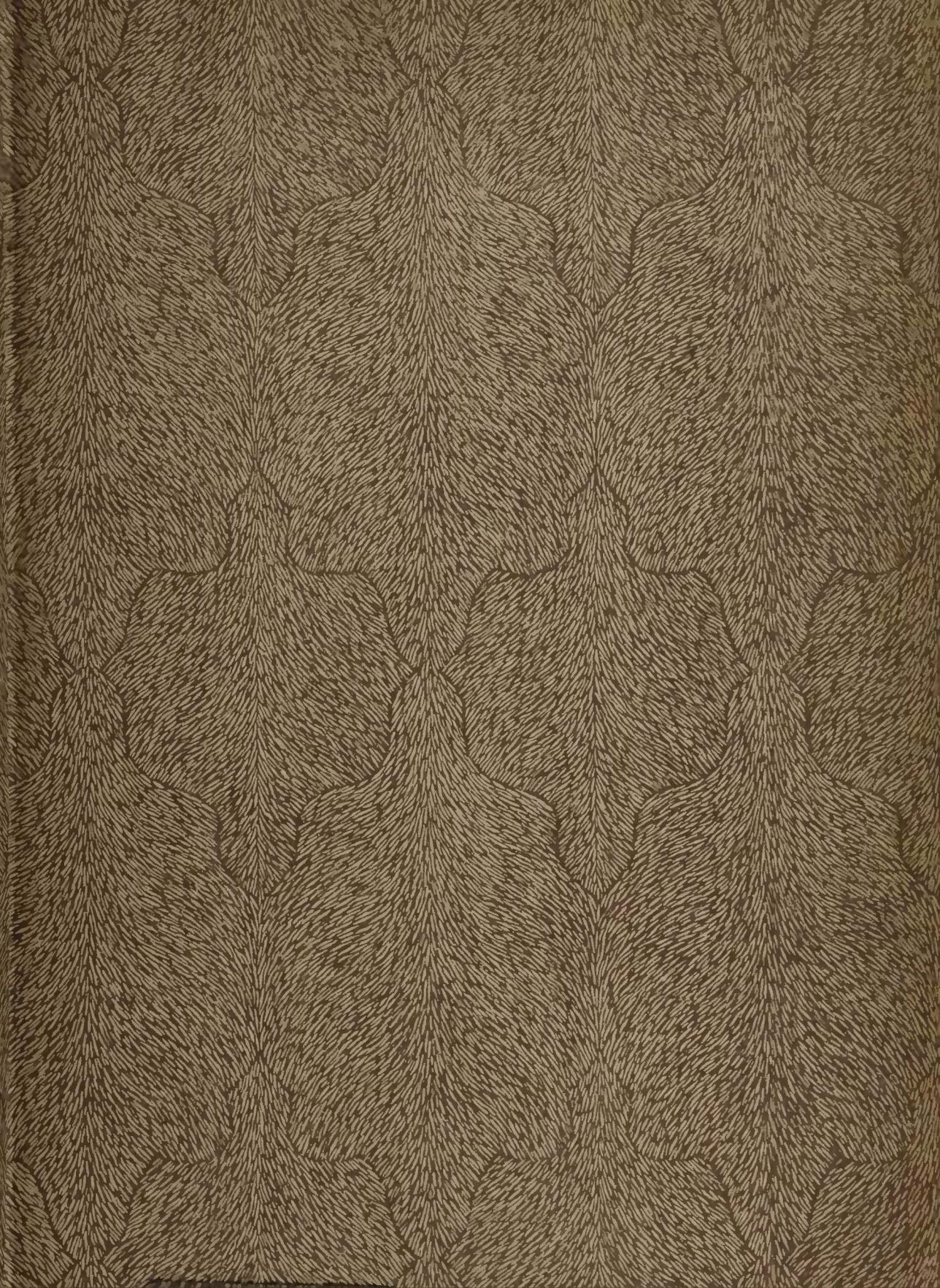


Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



OBRAS COMPLETAS
DE
CASTRO ALVES

PRIMEIRO VOLUME

ESPUMAS FLUCTUANTES

Reproducção fiel da edição original de 1870

HYMNOS DO EQUADOR

Publicações pósthumas e poesias inéditas

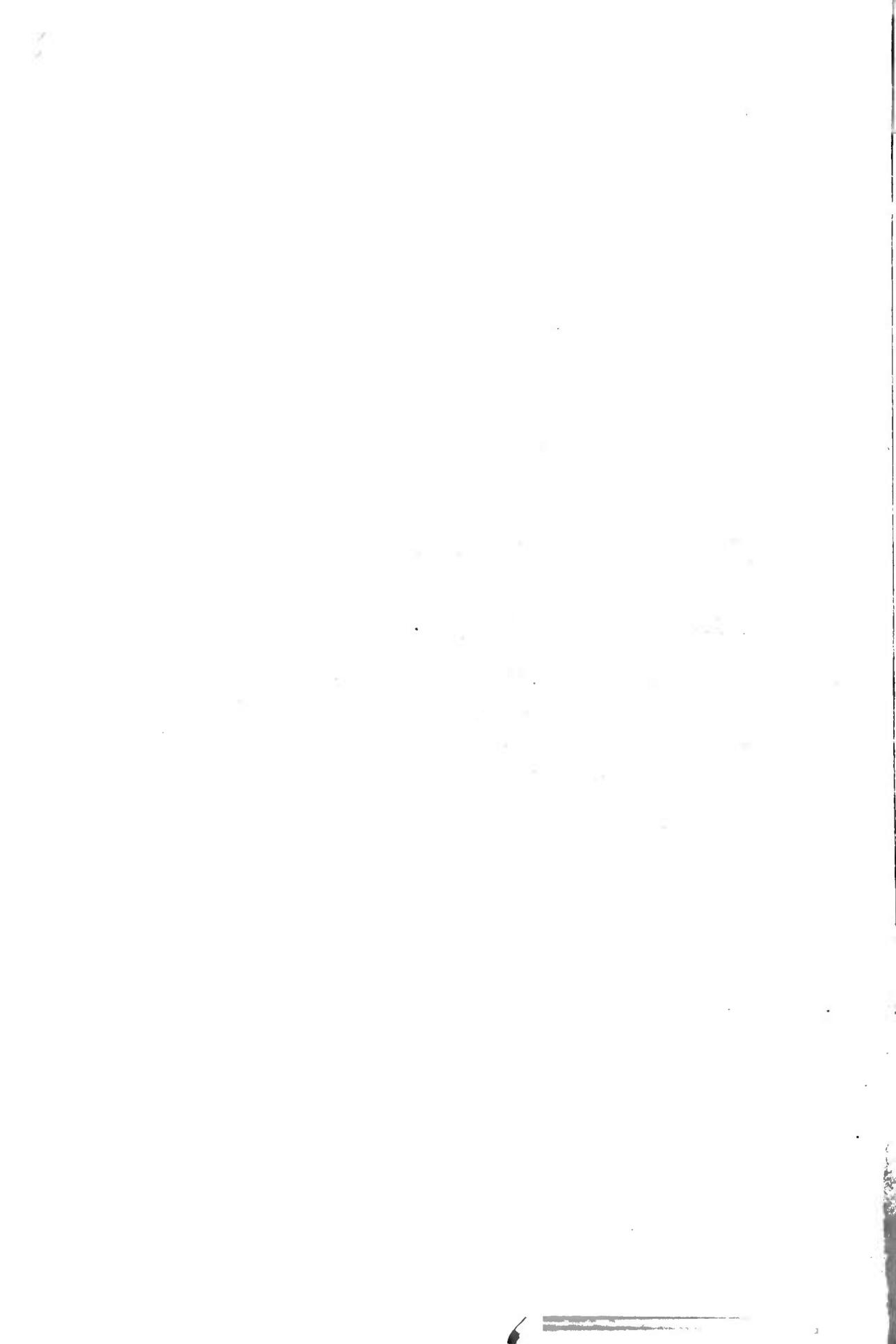
EDIÇÃO COMMEMORATIVA DO CINCOENTENÁRIO DO POETA
na forma definitiva, restituída á versão authentica,
com uma introdução bibliographica e annotações
de AFRANIO PEIXOTO

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

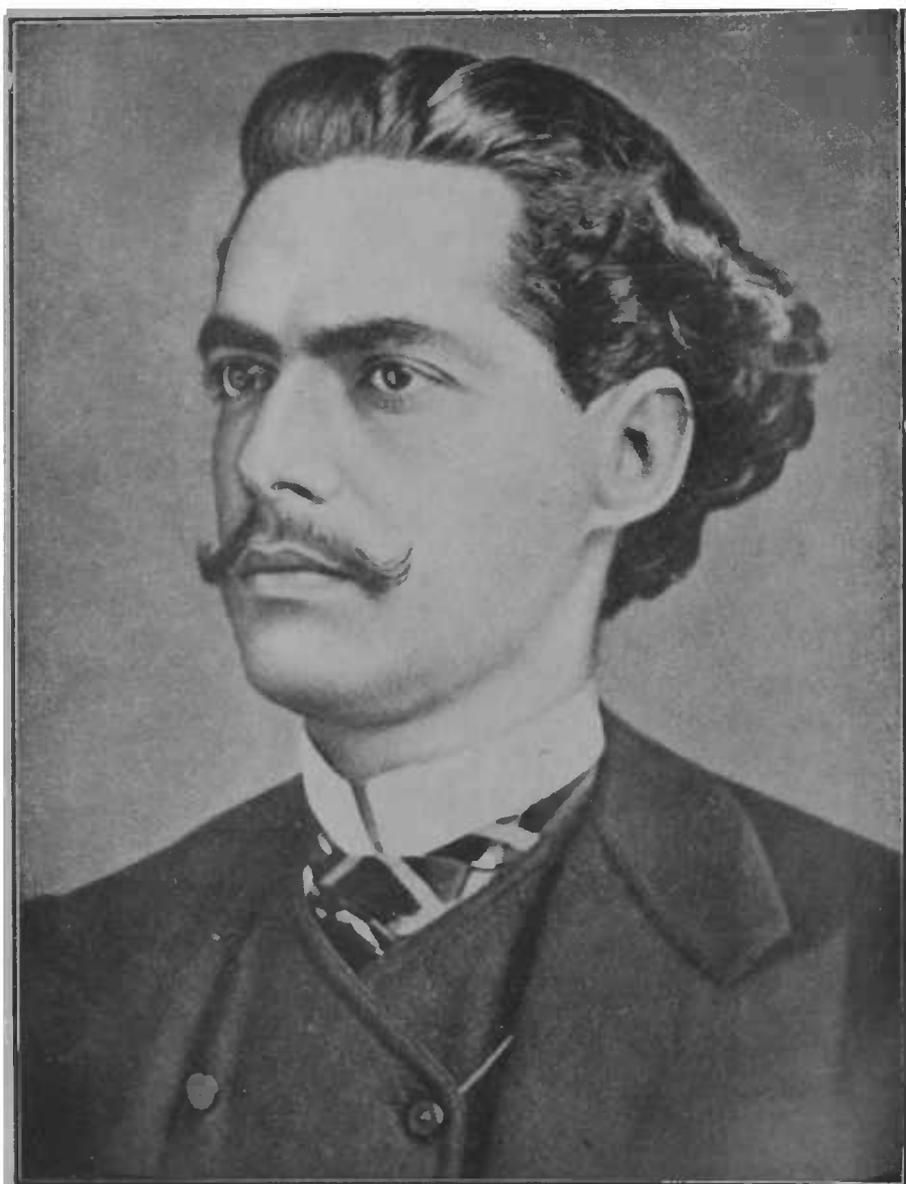
RIO DE JANEIRO

S. PAULO — BELLO HORIZONTE

1921



OBRAS COMPLETAS
DE
CASTRO ALVES



Castro Clevy

OBRAS COMPLETAS
DE
CASTRO ALVES

ESPUMAS FLUCTUANTES
reprodução fiel da edição original de 1870

HYMNOS DO EQUADOR
publicações posthumas e poesias ineditas

OS ESCRAVOS
texto integral, parte inedita, com
A CACHOEIRA DE PAULO AFFONSO

GONZAGA, OU A REVOLUÇÃO DE MINAS
drama em 4 actos, segundo a edição original

VARIOS INEDITOS — CORRESPONDENCIA
conforme autographos e manuscriptos authenticos

EDIÇÃO CRITICA

COMMEMORATIVA DO CINCOENTENARIO DO POETA

de todas as suas produções publicadas; de todos os seus ineditos;
na forma definitiva, restituídos á versão authenticá;
de accordo com as edições originaes, os seus autographos
e os manuscritos de sua familia;
com um retrato, introdução bibliographica e annotações de

AFRANIO PEIXOTO

1.º VOLUME

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
RIO DE JANEIRO
S. PAULO — BELLO HORIZONTE
— 1921 —



O MAIOR POETA BRASILEIRO

Cincoenta annos volvidos depois da sua morte, como ainda em vida, continúa Castro Alves com a sua causa ganhada perante a opinião publica: desta vez, porem, essa opinião é já a Posteridade.

No seu tempo, a sua formosa mocidade, aureolada pelo genio, e a turba vibratil das academias, do Recife a S. Paulo, passando pela Bahia e pelo Rio de Janeiro, a quem de preferencia se dirigia, faziam-no, pelas idéas e sentimentos que elle exprimia nos seus poemas arrebatadores, o guia ou o chefe dessa geração, adornada, entretanto, dos mais fulgurantes e depois consagrados nomes de nossa historia politica e social, nesse meio seculo transcorrido.

Quando elle apparecia, nos saráus literarios ou na platéa dos theatros, bello e forte como um jovem heroe, irreprehensivelmente vestido de negro, o que lhe resaltava por contraste a pallidez romantica, saudavam-no applausos calorosos, e, das mulheres, talvez commovidos; depois, o silencio pro-

fundo de uma expectativa ansiosa antecedia os accents magicos de sua voz harmoniosa e retumbante, “encanto” de um orgão irresistivel, “um desses que transfiguram o orador e o poeta” 1), com que recitava algumas das suas mais candentes estrophes, preferidas e reclamadas pela multidão. Depõe um contemporaneo: “O grande Castro Alves! como diziam todos, na academia, e fóra della”, — “toda gente que o ouvia tinha arrepios de assombro e enxergava na esbelta e sympathica pessôa do jovem academico mais um semi-deus do que um poeta, menos um poeta que um vidente”; “o auditorio sorria ou chorava, permanecia mudo pela commoção fortissima ou prorompia em bravos entusiasticos” 2). Vinha abaixo o theatro, na phrase consagradora desses successos, sob o clamor das ovações.

Mas não só entre os rapazes predispostos das academias, ou na assembléa confinada dos espectaculos, tambem na praça publica, no tumulto do Povo, ou no concilio dos mais conspicuos e acatados desse tempo, tinha o nosso Poeta admiração e respeito. Recebido José Bonifacio em S. Paulo, no delirio das aclamações, diz “O Ypiranga”, de 2 de Agosto de 1868, Castro Alves “soube, num raptó sublime, manifestar a commoção de quantos acompanham o representante dos fóros populares”. Dias depois, num grande banquete politico, em que falaram José Bonifacio, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, Martim Cabral, Ruy Barbosa, Americo Brasiliense, Barros Pimentel, que saudavam

1) “...e fazem pensar no glorioso arauto de Agammemnon, immortalizado por Homero, Thalybios, semelhante aos deuses pela voz”. RUY BARBOSA — *Elogio de Castro Alves*, Bahia, 1881, p. 6.

2) CARLOS FERREIRA — *Feituras e Feições*, Campinas, 1905,

as idéas e os homens de maior vulto do país, levanta-se Americo de Campos para brindar a Castro Alves, “como representante do pensamento democratico das provincias do Norte”. Tinha elle então apenas os seus 21 annos...

Nessa idade, nenhum dos nossos grandes homens, de pensamento ou de acção, teve tamanhas consagrações do reconhecimento publico. Rarissimos teriam alguma vez na vida gloriosa: Ruy Barbosa e Joaquim Nabuco esperariam mais de dez annos; Rodrigues Alves e Affonso Penna — e cito apenas dentre os seus collegas — chegariam, com a politica, ás alturas do poder, após quarenta annos. Elles e outros, se tivessem passado, como Castro Alves, aos vinte e quatro annos, nem a memoria dos nomes lhes teria ficado: e durante esse pouco tempo, o outro grangeou a fama, duradoira, de maior poeta do Brasil...

Já o era no seu tempo, como o é ainda agora, não pelo consenso de algum critico parcial, ou pelos concursos literarios — tão parecidos com as outras eleições politicas, falseada a sinceridade pelos corrilhos, excluindo pela inveja, ou adoptando por interesse, — mas pela admiração anonyma, e espontanea, dos leitores, que essa é a fama e a posteridade dos grandes escriptores. Os sabios distinguem e julgam, só o Povo ratifica a justiça ou o gosto dessas sentenças. Ainda não faltou a Castro Alves tal confirmação.

*

Não foram, porém, os motivos de consagração os mesmos, hontem e hoje: mas o genio do nosso Poeta bastou, na sua abundancia e na sua riqueza, para satisfazer o espirito diverso dos tempos.

Tivera, além dos mares, a voz possante de Victor Hugo, echos espaçados em José Bonifacio, em Pedro Luís e outros menores; nenhum, antes ou depois de Castro Alves se pôde alçar ao diapazão daquelles cantos, que constituem a grande poesia heroica contemporanea.

Castro Alves que se inspirou nessa fórmula épica teve, porém, uma humanidade mais íntima e mais ampla, dedicando-a ao serviço da liberdade, com o que, superior ao seu grande mestre, batalhou pela emancipação de uma raça e aspirou á republica para os seus concidadãos. Havia no seu tempo a guerra, no Paraguay, ou entre França e Prussia, mas o assumpto barbaro não o tocou, senão na commovida piedade ás victimas, lembrando “Quem dá aos pobres empresta a Deus”, em favor dos orphãos brasileiros, ou, pelos francêses, “No Meeting do Comité du Pain”.

Depois da cessação do trafico de africanos, sonharia certamente o Brasil com a abolição da escravatura, na mente generosa de algum politico sem influencia ou de escriptor sem repercussão, mas tambem sem deixar vinco sequer na opinião publica. Não apparecera ainda o grande abolicionista que foi D. Pedro II,—a quem o Visconde de Jequitinhonha e Silveira da Motta dariam suggestões e projectos, que foram base de leis ulteriores, — que receberia, pelo mesmo tempo, em 66, o appello de Guizot, Montalembert, Broglie, Henri Martin, Laboulaye, Pressensé... da Junta Francesa de Emancipação e á qual faria responder officialmente que a liberdade dos escravos era uma decisão tomada, que apenas pedia tempo para se realizar — e já nas falas do throno de 67 e 68 se referia ao elemento servil, para em seguida, tentando com Pimenta Bueno, ou conseguindo com Rio Branco, em 71, dar-lhe

o primeiro grande golpe mortal, com a lei do ventre livre 3) : não havia entretanto apparecido.

Aliás, apesar d'elle, o estado de espirito da quasi totalidade dos brasileiros seria, — francamente, aquelle de Silveira Martins quando disse, mais tarde: “amo mais ao meu país, que ao negro”, querendo affirmar que o trabalho escravo era indispensavel á prosperidade do Brasil, ou para alguns raros, — hypocritamente, o de Martinho de Campos, que se enternecia com os seus “negrinhos”, mas era “escravocrata da gemma”, porque a abolição seria o exterminio dos escravos, “uma hecatombe de innocentes victimas...” Todos estavam com estes e entre estes.

Pois bem, desde 63, principalmente em 65, quando compôs quasi completamente o poema d’*Os Escravos*”, nos annos seguintes em que lhe accrescentou novas poesias, e seria representado o *Gonzaga*, neste tempo, em que as recitou por todas as tribunas cultas ou populares, no Recife, na Bahia, no Rio e em S. Paulo, os centros dirigentes do país, foi Castro Alves o apostolo, incansavel e persuasivo, da liberdade dos escravos. Não convenceria á geração endurecida pelo interesse, dos que governavam e constituíam então o Brasil representativo, mas os seus versos, que commoviam o coração e impressionavam a intelligencia, ouvidos, applaudidos, decorados e repetidos por moços que iam ser donas e varões, e que iriam ainda commover e impressionar a crianças, rapazes e donzellas, prepararam a geração que, vinte annos mais tarde, faria a Abolição. Joaquim Serra, Ferreira de Menezes, Patrocínio...

3) “A lei dos nascituros foi a expressão da *generosidade* da Corôa, o seu grande rasgo de *philantrophia*”. RUY BARBOSA — *Discorso* na Bahia, 1874. Embora ironicas as expressões, porque achava apoucada a dádiva, não é menos incisiva a attribuição della.

na imprensa, Antonio Bento, João Clapp, José Mariano... nas ruas, Dantas, Nabuco, Ruy Barbosa... no parlamento, a Princesa Redemptora e o Ministerio Libertador... no governo, foram sequazes e collaboradores de Castro Alves, cujos versos heroicos e commovidos, das "Vozes d'Africa", do "Navio Negreiro", d'"O Seculo", do "Adeus, meu canto", da "A Cachoeira de Paulo Affonso", mudaram a alma nacional nesses vinte annos, dando-lhes a sympathia para serem ouvidos, persuadirem e levarem o País até a victoria da liberdade, em 1888. Ferreira Vianna, um dos libertadores, dez annos depois da sua morte, dizia d'elle: "a lyra emmudeceu, mas os sons por ella vibrados ainda rebôam cheios de vigor, em nossos ouvidos." 4).

Por isso, pelos accentos possantes dessa voz, pelas idéas humanitarias e politicas que ella exprimia, a geração de seu tempo só viu nelle o poeta social. Nabuco, em 73 5), ainda sem as razões, bem humanas... de attribuir á Camara de 1879 6) (da qual foi figura primacial na campanha abolicionista) — o *fiat* creador da Abolição, dizia d'elle: "Castro Alves foi uma inspiração elevada e uma intelligencia nobre; seu maior titulo é o de ter posto seu talento ao serviço da causa da emancipação, da liberdade e da patria. As suas mais felizes idéas, seus versos mais melodiosos foram-lhe inspirados pela sorte dos captivos". "A idéa abolicionista foi a alma de seu melhor poema..." "Esse é o titulo serio á gratidão do país... Nunca o poeta subiu

4) FERREIRA VIANNA — *Castro Alves* — "Homenagem da Faculdade de S. Paulo", 20 de Julho de 1881.

5) JOAQUIM NABUCO — *Castro Alves*, I "A Reforma", Rio, 20 de Abril de 1873.

6) JOAQUIM NABUCO — *Minha formação* — ed. Carnier — Rio, Paris, 1900, p. 230.

tanto como nesses dias, em que... se apoderou resolutamente de uma grande idéa e se deixou dominar por um forte sentimento. E' esse o merito que antes de qualquer outro eu queria attribuir ao poeta..." Um de hoje, Amadeu Amaral, pôde repetir: "Elle foi o querido da mocidade e do povo, o mais amado, o mais fascinador, o mais comprehendido dos nossos poetas". Porque "não foi apenas um poeta... foi um apóstolo, um propagandista, um luctador, sciente e consciente dos frutos bons e dos frutos amargos de sua sementeira". 7).

A razão dessa investidura sagrada, que o genio de Castro Alves recebera de sua terra e de seu povo, nesse momento historico, dera-a, desde 68, José de Alencar: "Palpita em sua obra o poderoso sentimento da nacionalidade, essa alma da patria que faz os grandes poetas, como os grandes cidadãos"8). Muito mais tarde, José Verissimo diria a mesma coisa: "A sua influencia foi enorme..." "as cousas sociaes e humanas as viu e entendeu e as cantou como poeta", "poeta nacional, se não mais, nacionalista, poeta social, humano e humanitario... 9).

Por isso, mereceu o nome que lhe deram, por consagração, de "Poeta dos Escravos". E' que, disse Ruy Barbosa, em 1881: "Castro Alves escreveu o poema da nossa grande questão social e da profunda aspiração nacional que a tem de resolver". 10).

Aspiração nacional que previu, no movimento irresistivel das ruas, da imprensa, das camaras, do go-

7) AMADEU AMARAL — *Letras floridas* — Rio, 1920, p. 145.

8) JOSÉ DE ALENCAR — *Um poeta*, "Correio Mercantil", de 22 Fevereiro, 1868.

9) JOSÉ VERISSIMO — *Historia da Literatura Brasileira*, ed. Alves, Rio, 1916, p. 337.

10) RUY BARBOSA — *Elogio a Castro Alves*, cit. p. 46.

verno, que a haviam de realizar um dia, tão longe entretanto delle... “A sua grandeza está nisto, diz Euclides da Cunha: elle os viu antes e melhor do que seus contemporaneos”, chegando entretanto a tempo para o prever, como vidente: “apparecimento... certo, opportuno, como o de todo grande homem...” 11). Aspiração nacional que ajudou ou começou a realizar, podemos hoje insistir, e é ainda por isso que o nome delle “ha de ligar-se indelevelmente a uma das phases mais decisivas da historia nacional”. 12).

*

Mas os trovões que prenunciavam os cataclysmos cosmicos e sociaes, do outro lado do oceano, com Hugo, esmoreceram, e se pôde com o tempo ouvir os accordes lyricos e apaixonados da voz desse mesmo immenso e outro poeta, e, com ella, outras vozes tão sentidas e delicadas desse tempo, as de Lamartine e de Musset.

Aqui a campanha da Abolição teria o seu primeiro exito em 71, para conseguir todo e definitivo em 88; no anno immediato o Brasil alcançava a Republica. O “Poeta dos Escravos”, como o Brasil lhe chamava, o “poeta republicano” como lhe chamaria Nabuco 13), o poeta nacional que fôra Castro Alves, preencheria o seu destino, attingido esse ideal livre e democratico, exactamente quando a forma literaria desses seus poemas tornara á simplicidade lyrica, ou á perfeição parnasiana.

11) EUCLYDES DA CUNHA — *Castro Alves e seu tempo* — Rio, 1907, p. 9-10.

12) RUY BARBOA — *Op. cit* p. 46.

13) JOAQUIM NABUCO — *Minha Formação*, Rio, Paris, 1900, p. 7.

Foi então, que se começou também a ouvir o outro Castro Alves, o definitivo Castro Alves, lyrico e commovido, poeta ás vezes perfeito, sempre original, que cantou o amor e a natureza, com uma sinceridade e uma espontaneidade ainda não conseguidas no Brasil, e que abafara, na sua gloria ruidosa, o poeta social. Ao poeta épico, de cujos alguns poemas pôde Alberto de Oliveira dizer que "exceptas algumas estancias camoneanas não conheço em nossa lingua outros versos tão vibrantes" 14) substituiu-se o lyrico 15) delicioso e intimo, e este não passará, porque é eterno o sentimento humano e só os grandes poetas o sabem exprimir, para os outros que o sentem e soffrem sem expressão. Mudara Castro Alves de feição, sem deixar de ser o mesmo, e entretanto com aquella originalidade, já proclamada, mas que primeiro lhe viu o difficil juizo de Machado de Assis, quando, em 68, exclamava pelo "Correio Mercantil": "Achei um poeta original", "a musa do Sr. Castro Alves tem feição propria" 16). Com elle viria a concordar um moderno, José Oiticica, dizendo que criara essas tres coisas que não existiam na poetica nacional antes delle: a paisagem brasileira, o estylo brasileiro, o thema social brasileiro" 17). Para o louvar, ou fazer-lhe apenas justiça, não preciso palavras minhas.

Fez-lhe alguém, inconsideradamente, uma cen-

14) ALBERTO DE OLIVEIRA — *Prefacio ás "Espumas Fluctuantes"* ed. Garnier, 1913, p. 6-7.

15) JOSÉ VERISSIMO — *Castro Alves*, "Jornal do Commercio", Rio, 14 de Agosto 1899: "Não sei se não haverá quem prefira hoje a parte puramente lyrica dos seus cantos."

16) MACHADO DE ASSIS — *Resposta ao Cons. José de Alencar*, "Correio Mercantil", Rio, 1 Março, 1868.

17) JOSÉ OITICICA — *Um ponto de literatura brasileira*, "Jornal do Commercio", Rio, 25 de Dezembro, 1913, p. 21-23.

sura, que é o maior elogio que se pode attribuir a um artista: conseguir revelar-se. Seriam as confidencias intimas dos seus versos: “é certo que encobriu pouco ou antes nada, de sua alma, aos leitores mais extranhos e indifferentes” 18). A arte é o triumpho esthetico do individualismo; numa fórmula concisa, e persuasiva, alludindo ao que ha nella de pessoal e na sciencia de colectivo, Hugo definiu: — “L’art, c’est *moi*; la science, c’est *vous*...” Poesia, então, é essencialmente sentimento e o que podemos exprimir, com sinceridade, será apenas, e quando muito, o proprio. E foi com essa sinceridade de Castro Alves, que “ninguem desferiu ainda mais maviosamente as cordas mais santas do amor humano”, e só por isso é que “a natureza sorri, irradia e magôa-se nos seus versos”, como affirmou Ruy Barbosa 19). Aos propectos como este, contraponho os mais recentes, para provar a concordancia: um jovem critico, Ronald de Carvalho 20) diz de um dos seus poemas: “As admiraveis e perfeitas estrophes da poesia *Sub tegmine fagi*, que é uma das mais bellas de nossa lingua e onde ha qualquer coisa do melhor Hugo e do mais profundo Lamartine, na sua exaltação religiosa, da arte e da natureza...”

Essa perfeição de forma, aliás menos prezada no tempo, de romanticos sem disciplina, o que até forçaria á reacção parnasiana, não era rara nos poemas de Castro Alves, cheios de idéas, de imagens e de apuro no estylo. Escreveu José Verissimo das “Vozes d’Africa”: ha ahi “eloquencia da melhor especie, sentimento, emoção, e sobre tudo uma ele-

18) JOAQUIM NABUCO — *Castro Alves*, II, “A Reforma”, Rio, 24 Abril, 1873.

19) RUY BARBOSA — *Op. cit.*, p. 12.

20) RONALD DE CARVALHO — *Pequena Historia da Literatura Brasileira*, ed. Briguiet, Rio, 1919. p. 242.

vada idealização artistica da situação do Continente maldito e das reivindicações que o nosso ideal humano lhe attribue. E, com todas essas qualidades, uma perfeição rara de forma” 21). Continúa ainda assim, exaltado no louvor, que muitos annos depois será tambem o de Luís Murat 22) :“Vozes d’Africa” são um primor de forma; não se póde exigir mais, do gosto e da mestria de um artista”. Na sua obra, muitos poemas, e numerosas estrophes, de outros muitos, merecem destes gabos. A prova é que a affirmativa de José Verissimo, que nas *Miniaturas*, de Gonçalves Crespo, vira “a primeira manifestação da poesia parnasiana no Brasil”, oppõe-se Alberto de Oliveira, o maior dos nossos parnasianos, lembrando que as *Espumas Fluctuantes*, em 1870, antecedem de um anno áquelle livro e ahí, nos sonetos d’“Os anjos da meia noite” ia Castro Alves em evolução “para as novas formas de cunho artistico mais leve e delicado da poesia parnasiana”. O critico compara dois sonetos, do Castro e do Crespo, e não lhes acha differença no accento da emoção e no lavor da fórma. O grande romantico attingia, pois, a perfeição parnasiana, pela primeira vez conseguida no Brasil 23). Que lhe faltou pois? Apenas tempo, mais idade para polir e aperfeiçoar, o que não sahiu perfeito de seu genio apenas mal transposta a adolescencia, nessa mocidade tonta em que a infinita maioria nem tem a consciencia da vida, quanto mais de uma obra a realizar. Emendaria erros, evitaria excessos, talvez repudiasse “as palavras a cavallo”, “os palavrões de pennacho”,

21) JOSÉ VERISSIMO — “Jornal do Commercio”, Rio, 14 Agosto, 1899.

22) LUIZ MURAT — “Jornal do Commercio”, Rio, 3 Outubro, 1920.

23) ALBERTO DE OLIVEIRA — *O soneto brasileiro* — “Revista de Lingua Portuguesa — Rio, 1920, n.º 8

como os que o ridiculo de Aristophanes denunciava no divino E'schylo; talvez, quando lhe fosse escasseando o genio, com a velhice, fizesse pacto com a grammatica, de não a offender nunca mais 24), com modidade que, ainda sem talento, confere no Brasil, nessa idade rhetorica que vamos vivendo, fóros de escriptor a quem escreva mal e sem idéas, mas segundo as taes regrinhas; seria tudo o que o genio desabrochado, fecundado, de vez, sazonado, pode dar de maturidade perfeita e feliz. O que foi, porém, esses poucos annos bastaram para mostrá-lo, como se a sua compleição extraordinaria não carecesse de mais. Guilherme de Castro Alves, seu irmão, teria inteira razão de o definir:

Elle era grande e bom: massa p'ra deuses!

*

Intencionalmente, deixei que dissessem delle outros, e os maiores, os mais doutos e mais justos: poeta humano e humanitario, faz-se arauto e defensor de uma grande causa, e torna-se o poeta nacional, senão nacionalista; a natureza do Brasil retrata-se em suas imagens, como num espelho encantado, e as nossas paisagens e as nossas aspirações cantam nos seus versos incomparaveis; nunca uma furia sonora foi tão sublime aqui, ou teve mais ternos accentos a lyra commovida do amor;

24) Aliás se alguma vez, inadvertidamente, a aggravou, poderia reclamar illustres precedentes. Accusa Horacio a Homero de haver alguma vez dormitado. Faguet apontou desses defeitos no mesmo Flaubert. Entre os nossos, não poupam os incontentaveis aos maiores, de Camões a Ruy Barbosa. Em compensação os grammaticos, que escrevem certo, escrevem mal. Um delles, que por acaso escrevia bem, Paulo Stapfer, pôde dizer: "La correction sans tâche ne brille que chez quelques écrivains secondaires..." (*Recréations grammaticales*, Paris, 1900, p. 205.) Castro Alves não o era: bem ao contrario, foi de primeira ordem.

como vate é vidente, e propheta, e annuncia a liberdade dos ingenuos em 71, a Abolição e a Republica mais tarde: — iria adiante, num appello aos “filhos do Novo-Mundo”, que viriam a salvar a Civilização, nos campos de França, assolados pelos Barbaros em 1914, para se não repetir o crime de 1870; romantico exaltado, tem o culto da idéa e da fôrma e avança literariamente, como idealmente, sobre o seu tempo, no apuro de escrever, como no de pensar...

Isto é o que vemos daqui. De além-mar conta-se que, ouvindo Eça de Queiroz ler, a Eduardo Prado, “As aves de Arribação”, aqui detivera o outro:

A's vezes quando o sol nas matas virgens
A fogueira das tardes accendia...

para exclamar: — “Ahi está, em dois versos, toda a poesia dos tropicos”. Nos outros, em muitos dos outros de Castro Alves, é que os nacionaes e os estrangeiros podem comprehender toda a poesia do Brasil. Um outro grande poeta, á altura de o julgar, Antonio Nobre, viria a dizer d'elle: “O maior poeta brasileiro...” 25).

A eleição, pelos sabios e doutos, pode engrandecer qualidades raras e de apreço difficil, por extravagantes, por isso nem sempre comprehensíveis; a nomeada, pelo vulgo, de ouvintes e leitores, mesmo quando não seja movida pela paixão do momento, pôde ser o indicio de uma subalternidade que ao nivel dos applausos ponha o applaudido. Se as

25) ANTONIO NOBRE — *Correspondencia*, publicada na revista “A Rajada”, Rio, Abril, 1920, p. 51: “Já os lestes de certo, (a varios poetas francêses e lusitanos, indicados) e lerias por ventura o maior poeta brasileiro (olá se é) Castro Alves, o autor das *Espumas Fluctuantes?*” (Carta a Baltar).

duas concordam, porém, não ha restricção para o merito devidamente denunciado por uns e justamente consagrado pelos outros. Castro Alves teve em vida as duas benemerencias; não desmereceu de uma dellas nesses cincoenta annos que decorrem de sua morte: e da outra? Tambem. E' a razão de ser desta introducção bibliographica. Dizia Verissimo, dos delle, que "poucos livros brasileiros e menos de versos tem sido tão lidos". E isso, porque lhe computava as das *Espumas Fluctuantes* em "oito ou dez edições" 26). Aqui trago um ról de quasi cincoenta, de todas as suas obras, e, só daquelle livro, "vinte e tres". Nenhum poeta, nenhum escriptor brasileiro, nesse tempo, alcançou sequer de longe approximar-se delle. Castro Alves, o grande poeta nacional que Alencar, Machado de Assis, Ruy Barbosa, Nabuco, Eucllydes da Cunha, José Verissimo, tantos e tantos mais... o escol da intelligencia brasileira exaltou á nossa admiração, foi tambem o eleito do Povo Brasileiro, da innumeravel multidão dos leitores que o prefere a todos os mais. O veredicto da Posteridade está apurado: é o primeiro poeta, o maior poeta brasileiro.

A. P.

26) JOSÉ VERISSIMO — *Historia da Literatura Brasileira*, cit. p. 334-6.

BIBLIOGRAPHIA DE CASTRO ALVES

(A' esquerda vae indicado, em algarismos arabicos, sem distincção de livros, o numero das edições, na ordem de successão; á direita em romano, o numero das edições de cada livro, especialmente. Em grypho indica-se a novidade bibliographica de cada edição).

I. *Espumas Fluctuantes*: 1870 I

ESPUMAS FLUCTUANTES | POESIAS | DE | CASTRO
ALVES | ESTUDANTE DO QUARTO ANNO DA FACULDADE
DE DIREITO DE S. PAULO | BAHIA | 1870.

No verso: Typ. de Camillo de Lellis Masson & C. um vol. in-8.º (15,7×7,8), 208 paginas; o indice tem o numero errado "204"; bem impresso, em bom papel, boa revisão; contém depois da pagina de guarda, a de rosto, a de offerta: "A memoria de meu Pae, de minha mãe e de meu Irmão O.D.C.", o "Prologo" (em prosa) e, em verso: "*Dedicatoria*" (I), "*O Livro e a America*" (II), "*Hebréa*" (III), "*Quem dá aos pobres empresta a Deus*" (IV), "*O laço de fita*" (V), "*Ahasverus e o genio*" (VI), "*Mocidade e morte*" (VII), "*Ao Dois de Julho*" (VIII), "*Os tres amores*" (IX), "*O Phantasma e a Canção*" (X), "*O Gondoleiro do amor*" (XI), "*Sub tegmine fagi*" (XII), "*As tres irmãs do poeta*" (XIII), "*O vôo do genio*" (XIV), "*O Adeus de Thereza*" (XV), "*A volta da primavera*" (XVI), "*A Maciel Pinheiro*" (XVII), "*A uma taça feita de um craneo humano*" (XVIII), "*Pedro Ivo*" (XIX), "*Oitavas a Napoleão*" (XX), "*Bôa Noite*" (XXI), "*Adormecida*" (XXII), "*Jesuitas*" (XXIII), "*Poesia e Mendicidade*" (XXIV), "*Hymno ao somno*" (XXV), "*No album do artista Luiz C. Amoedo*" (XXVI), "*Versos de um viajante*" (XXVII), "*Onde estás*" (XXVIII), "*A' Bôa-Vista*" (XXIX), "*A uma estrangeira*" (XXX), "*Perseverando*" (XXXI), "*O coração*" (XXXII), "*Murmurios da tarde*" (XXXIII), "*Pelas sombras*" (XXXIV), "*Ode ao Dous de Julho*" (XXXV), "*As duas flores*" (XXXVI), "*O tonel das Danaides*" (XXXVII), "*A Luiz*" (XXXVIII), "*Dalila*" (XXXIX), "*As duas ilhas*" (XL), "*Ao actor Joaquim Augusto*" (XLI), "*Os anjos da meia noite*" (XLII), "*O hospede*" (XLIII), "*As trevas*"

(XLIV), "*Aves de Arribação*" (XLV), "*Os Perfumes*" (XLVI), "*Immensis orbibus anguis*" (XLVII), "*A uma actriz*" (XLVIII), "*Canção do Bohemio*" (XLIX), "*E' tarde*" (L), "*A meu irmão Guilherme de Castro Alves*" (LI), "*Quando eu morrer*" (LII), "*Uma pagina da Escola Realista*" (LIII), "*Coup d'étrier*" (LIV). Notas.

São 54 poesias ou poemas, sendo 49 originaes e 5 traducções (XIII, XVIII, XX, XXXI e XLIV), Prefacio e "Notas".

2. *Espumas Fluctuantes*: 1875 II

ESPUMAS FLUCTUANTES | POESIAS | DE | CASTRO ALVES | SEGUNDA EDIÇÃO | BAHIA | FRANCISCO OLIVIERI, LIVREIRO PROPRIETARIO | RUA NOVA DO COMMERCCIO N.º 44 | 1875 (Sacramento Blake diz erradamente, 1878).

Um vol. in-8.º (15,8×8,8); 216 paginas, bem impresso, bom papel, boa revisão; contém as 49 poesias originaes da Edição original (I), omitidas as traducções, e a mais, intercaladas entre a penultima (LIII) e a ultima (LIV): "*Fé, Esperança e Caridade*" (49.ª, desta edição) e "*Deusa incruenta*" (50.ª, desta edição). Antes das "Notas", vêm duas poesias dedicadas a Castro Alves: "*A morte de Castro Alves*", de M.R.P.C. (*Manoel Rodrigues Pimenta da Cunha*) e "*A' margem da corrente*", de José Bonifacio.

3. *Gonzaga ou a Revolução de Minas*: 1876 I

GONZAGA | OU | A REVOLUÇÃO DE MINAS | DRAMA HISTORICO BRAZILEIRO | POR | A. DE CASTRO ALVES | PRECEDIDO DE UMA CARTA DO EXM. SR. CONSÉLHEIRO JOSÉ | DE ALENCAR E DE OUTRA DO ILLM. SR. MACHADO DE ASSIS | RIO DE JANEIRO | NA LIVRARIA DO EDITOR | A. A. DA CRUZ COUTINHO | 75 RUA DE S. JOSÉ 75 | 1875 (depois da pagina XX, na lista das personagens lê-se: Typ. de J. d'Aguiar, r. d'Ajuda n. 106 — Rio de Janeiro, 1876).

Um vol. in-8.º (14,1×8,5), 90 paginas e XX das cartas de José de Alencar e Machado de Assis e uma folha sem numero, com a lista das personagens, em seguida o drama *Gonzaga ou a Revolução de Minas*; impressão mediocre, papel e revisão bons.

4. *A Cachoeira de Paulo Affonso*: 1876 I

CASTRO ALVES | A CACHOEIRA | DE | PAULO AFFONSO
| POEMA | ORIGINAL BRASILEIRO | FRAGMENTO DOS —
ESCRAVOS —, SOB O TITULO DE | MANUSCRIPTOS DE
STENIO | BAHIA | IMPRENSA ECONOMICA | 22 — RUA
DOS ALGIBEBES — 22 | 1876.

Um vol. in-8.º (13,5×7,8), 123 pag. (a ultima, de errata não numerada), precedido de uma epigraphe, e terminado por uma nota; bem impresso, bom papel, boa revisão; contém as 32 poesias, que formam o poema — *A Cachoeira de Paulo-Affonso*.

5. *Gonzaga ou a Revolução de Minas*: 1876 II

BIBLIOTHECA THEATRAL | GONZAGA | OU | A RE-
VOLUÇÃO DE MINAS | DRAMA HISTORICO BRASILEIRO |
POR | A. DE CASTRO ALVES | RIO DE JANEIRO | TYP. da
— ESCOLA — DE SERAFIM JOSÉ ALVES — EDITOR |
83 — RUA SETE DE SETEMBRO — 83 (Sem data: pro-
vavelmente 1876 ou depois).

Um vol. (14,8×8,0), 88 paginas, impressão e papel mediocres, revisão boa; contém apenas o drama.

6. *Espumas Fluctuantes*: 1878 III

CASTRO ALVES | ESPUMAS | FLUCTUANTES | POESIAS
| TERCEIRA EDIÇÃO | CORRECTA E AUGMENTADA | BAHIA
| FRANCISCO OLIVIERI, LIVREIRO PROPRIETARIO | N.º 44
— RUA NOVA DO COMMERCIO N.º 44 | 1878.

Um vol. in-8.º: 242 paginas (15,3×8,7), bem impressas, bom papel, boa revisão; contém as 49 poesias originaes da I.ª Edição (foram omittidas as traducções), com alteração na ordem primitiva e intercaladas as se-

guintes, a mais: “*Saudação a Palmares*” (d’Os Escravos”) (depois de XXI) “*Horas de Saudade*” (depois de XXXVI) “Fé, Esperança e Caridade”, “Deusa incruenta”, “*No meeting du Comité du Pain*” (entre LIII e LIV). Antes das “Notas”, as poesias de M. R. P. C. e José Bonifacio.

7. *Espumas Fluctuantes*: 1880 IV

CASTRO ALVES | ESPUMAS | FLUCTUANTES | POESIAS | QUARTA EDIÇÃO CORRECTA | BAHIA | FRANCISCO OLIVIERI, LIVREIRO PROPRIETARIO | N.º 44 — RUA NOVA DO COMMERCIO — N.º 44 | 1880.

Um vol. in-8.º (15,4×8,7); 240 paginas, I e II indice; bem impresso, bom papel, boa revisão. Contém: as 49 poesias originaes da I.ª Edição (foram omitidas as traducções), com alteração na ordem primitiva, e, intercaladas, a mais, as seguintes: “*Se eu te dissesse*” (depois de XVII), “*Saudação a Palmares*” (depois de XXI), “*Horas de Saudade*” (depois de XXXVI), “Fé, Esperança e Caridade”, “Deusa incruenta”, “*No meeting du Comité du Pain*” (entre LIII e LIV). Antes das “Notas” as poesias de M. R. P. C. e José Bonifacio.

8. *Vozes d’Africa—Navio Negreiro*: 1880 I

CASTRO ALVES | VOZES D’AFRICA | NAVIO NEGREIRO | TRAGEDIA NO MAR | RIO DE JANEIRO | TYPOGRAPHIA DA — ESCOLA — DE SERAFIM JOSÉ ALVES | 83 — RUA SETE DE SETEMBRO — 83 | 1880.

Um vol. in-16 (13,0×6,4), 28 paginas, bôa impressão, papel mediocre, má revisão. Contém os dois poemas, d’“Os Escravos”: *Vozes d’Africa e Navio Negreiro*.

9. *Espumas Fluctuantes*: 1881 V

CASTRO ALVES | ESPUMAS FLUCTUANTES | POESIAS | QUINTA EDIÇÃO | LIVRARIA DE CRUZ COUTINHO | 75 — RUA DE S. JOSÉ — 75 | 1881.

Um vol. in-8.º (15,2×9,3) 224 paginas, impressão

mediocre, mau papel, revisão descuidada; contém as 49 poesias originaes da I.^a Edição (omittidas as traducções), com alteração na ordem primitiva, e, a mais, intercaladas no texto: "Saudação a Palmares" (depois de XXI), "Horas de Saudade" (depois de XXXVI), "Fé, Esperança e Caridade", "Deusa incruenta", No meeting du Comité du Pain" (entre LIII e LIV). Seguem-se as poesias de M. R. C. P. e José Bonifacio. Em "supplemento" vem publicadas as seguintes: "Vozes d'Africa" (d'"Os Escravos"); "Navio Negreiro" (idem); "Canto da Escrava" (do "Gonzaga"); "Agonia e Gloria" (final do "Gonzaga"); *Rezas, Fatalidade, Passaro viajante* (traducção); "Notas".

10. *Consuelo*: I

POEMA INEDITO | CONSUELO | DE | CASTRO ALVES |
SEGUIDO DE LINDAS CANÇONETAS | MONOLOGOS, LUN-
DÚS, RECITATIVOS, MODINHAS, ETC. | S. PAULO | TYP.
A VAPOR DA CASA ENDRIZZI — EDITORA | 74 — RUA DA
BÔA-VISTA — 74. Sem data.

Um folheto in-16 (13,0×8,0), 34 paginas não numeradas; impressão má, em mau papel, má revisão; contém, além de "*Consuelo*", e "*Fatalidade*", de Castro Alves, varias e heteroclitas producções, de diversos poetas.

11. *Espumas Fluctuantes*: 1881 VI

EDIÇÃO POPULAR | ESPUMAS | FLUCTUANTES |
| POESIAS | DE | CASTRO ALVES | QUINTA EDIÇÃO * |
CORRIGIDA POR UM DISTINCTO POETA ** E AUGMENTADA
DE | MUITAS POESIAS INEDITAS | RIO DE JANEIRO | TYP.
DE — SERAFIM JOSÉ ALVES — EDITOR | 83 — RUA
SETE DE SETEMBRO — 83 ***.

Um vol. in-8.^o (14,4×7,5), 160 paginas, má impressão, mau papel, má revisão; contém as 49 poesias originaes da I.^a Edição, as 5 traducções desta I.^a Edição (em "appendice") e a mais, intercaladas no texto: "Se eu te dissesse" (entre XVII e XIV), "Saudações a Palmares" (entre XXI e XXII), "Horas de Saudade" (entre XXXVI e XXXVII), "Fé, Esperança e Ca-

ridade”, “Deusa incruenta”, “No meeting du Comité du Pain” (entre LIII e LIV), No “Appendice” apparecem: “O meu segredo” “O derradeiro amor de Byron”, “Agonia e gloria”, “Rezas”, “Fatalidade”, “Passaro viajante”, “Adeus, meu canto”, “O vidente” (d’“Os Escravos”), “Estrophes do solitario” (d’“Os Escravos”), “****” (*Pensamento de amor*). da presente edição, “Consuelo”, “Remorsos”, “Aquella mão”, “Elegia” (traducção); as 5 traducções da I.ª Edição. Seguem-se as poesias—de José Bonifacio,—“Saudação”, de Mello Moraes Filho, — de M. R. P. C. e as “Notas”.

* Designação errada, pois a V.ª é a edição anterior, esta será a VI.ª, pois deve ser do fim de 1881, ou posterior a este anno: traz a poesia de Mello de Moraes Filho, ao decennario de Castro Alves, celebrado em 6 de Julho de 1881.

** Provavelmente Mello de Moraes Filho, amigo do Poeta.

*** Sem data; será de 1881 (fim do anno), ou posterior.

12. *A Cachoeira de Paulo Affonso*: 1882 II

CASTRO ALVES | A CACHOEIRA | DE | PAULO AFFONSO
| POEMA | ORIGINAL BRASILEIRO | FRAGMENTO DOS —
ESCRAVOS —, SOB O TITULO DE | MANUSCRIPTOS DE
STENIO | 2.ª EDIÇÃO AUGMENTADA | RIO DE JANEIRO |
A. A. DA CRUZ COUTINHO | LIVREIRO — EDITOR |
75 — RUA DE S. JOSÉ — 75 | 1882.

Um vol. in-8.º (14,2×7,8), 188 paginas, impressão, papel e revisão mediocres; contém as 31 poesias do poema: a VI “Lucas” foi desdobrada em — “Lucas” e “Tyranna”, 32 portanto. “Nota” e no “appendice”: “O vidente” (d’“Os Escravos”), “Volta da primavera” (“das “Espumas Fluctuantes”), “Recitativo” (“Se eu te dissesse”, de varias edições postumas das “Espumas Fluctuantes”), “Derradeiro amor de Byron”, “Anceios” (“***” de varias edições postumas das “Espumas Fluctuantes”, “Pensamento de amor”, da presente edição), “Adeus meu canto”. “Carta ás senhoras bahianas”, “O Meu Segredo”, “Estrophes do solitario”, “As tres irmãs

do poeta" (das "Espumas Fluctuantes") "Homenagens a Castro Alves: poesias de *Alfredo Leitão*, *Dr. Luiz Alvares dos Santos*, *Castro Rebello Junior*, *Dr. Silva e Almeida* (Morte de um poeta), *Dr. Victorino Pereira*, *Lellis Piedade*.

13. *Espumas Fluctuantes*: 1883 VII

CASTRO ALVES | ESPUMAS FLUCTUANTES | NOVA EDIÇÃO | RIO DE JANEIRO | LIVRARIA DE B. L. GARNIER | 71 — RUA DO OUVIDOR — 71 | 1883.

Um vol. in-8.º (13,0×8,2), 267 paginas, XI de Prefacio, e 1 e 2 de indice; bôa impressão, bom papel, revisão mediocre; contém: *Prefacio de Franklin Tavora*, datado de Março de "1884", as 49 poesias originaes da I.ª Edição, as 5 traducções desta mesma I.ª Edição, na ordem e distribuição primitivas e: "Se eu te dissesse" "Saudações a Palmares", "Horas de Saudade", "Fé, Esperança e Caridade", "Deusa incruenta", "No meeting du Comité du Pain"; "Notas" (Nessas notas ha uma, á pag. 266, relativa á poesia de José Bonifacio (de anteriores edições) que não figura no texto...

14. *Os Escravos*: 1883 I

I Cachoeira de Paulo Affonso; II Manuscriptos de Stenio

CASTRO ALVES | OS ESCRAVOS | POEMA BRAZILEIRO | DIVIDIDO EM DUAS PARTES | I | A CACHOEIRA DE PAULO AFFONSO | II | MANUSCRIPTOS DE STENIO | PRECEDIDO DA BIOGRAPHIA DO POETA | POR | MUCIO TEIXEIRA | EDIÇÃO POPULAR | RIO DE JANEIRO | TYP. DA — ESCOLA — DE SERAFIM JOSÉ ALVES — EDITOR | 83 — RUA SETE DE SETEMBRO — 83 | Sem data: o prefacio, pag. XLI, está datado S. Christovão, 7 de Setembro — 1883.

Um vol. in-8.º (14,0×8,0), 110 paginas, uma de errata não numerada, e LXXI, da "Biographia", e "Apotheose a Castro Alves; mal impresso, papel inferior, bôa revisão, contém: *Castro Alves* (biographia), por *Mucio Teixeira*, *Apotheose* (poesias consagradas á memoria de Castro Alves), por *Carlos Ferreira*, *Mucio*

Teixeira, Narciza Amalia, Ramos da Costa, Francisco de Castro, Julieta Monteiro, Antonio Figueira, Castro Rebello Junior, José Bonifacio, Luiz Guimarães, Antonio Camargo, Luiz Delfino; as 32 poesias da Cachoeira de Paulo Affonso (o "Dialogo dos Echos" não figura no indice, mas acha-se no texto); nos "Manuscriptos de Stenio": "O Seculo", "Visão dos mortos", "Vozes d'Africa", "Tragedia no lar", "O Navio Negro", "Adeus, meu canto", "Notas" (são as da "Cachoeira de Paulo Affonso", desviadas para aqui) "Carta ás Senhoras Bahianas".

15. *A Cachoeira de Paulo Affonso, Manuscriptos de Stenio, Gonzaga: 1884* I

CASTRO ALVES | A CACHOEIRA | DE | PAULO AFFONSO | POEMA | ORIGINAL BRASILEIRO | FRAGMENTO DOS — ESCRAVOS — SOB O TITULO DE | MANUSCRIPTOS DE STENIO | GONZAGA | OU | A REVOLUÇÃO DE MINAS | RIO DE JANEIRO | LIVRARIA DE B. L. GARNIER | 71 — RUA DO OUVIDOR — 71 | 1884.

Um vol. (13,3×8,4), 352 paginas, bem impresso, bom papel, má revisão; contém as 32 poesias da "Cachoeira de Paulo Affonso"; nos "Manuscriptos de Stenio": "O Seculo", "A visão dos mortos", "Vozes d'Africa", "Tragedia no lar", "Navio Negro", "Adeus, meu canto", "Nota" (é a da "Cachoeira de Paulo Affonso", aqui desviada); "Carta ás Senhoras Bahianas"; no "Gonzaga", o drama é precedido das cartas de José de Alencar e Machado de Assis.

16. *Espumas Fluctuantes: 1884* VIII

CASTRO ALVES | ESPUMAS FLUCTUANTES | PREFACIO | DE | FRANKLIM TAVORA | NOVA EDIÇÃO | RIO DE JANEIRO | B. L. GARNIER, LIVREIRO EDITOR | 71 — RUA DO OUVIDOR — 71 | PARIS — E. MELLIER, RUE SÉGUIER, — 17 (Sem data. Na subscrição, ao fim do volume, p. 259, lê-se: "Havre — Imprimerie du commerce, 3 rue de la Bourse 1884).

Um vol. in-8.º (13,8×8,2), 259 paginas e XV de Prefacio e Prologo; boa impressão, bom papel, má revisão,

contém além do "Prefacio", do "Prologo", as 49 paginas originaes da I.^a Edição, as 5 traducções desta I.^a Edição na ordem e distribuição primitivas, e a mais "Se eu te dissesse", "Saudações a Palmares", "Horas de Saudade", "Fé, Esperança e Caridade", "Deusa incruenta", "No meeting du Comité du Pain", "Notas" (com a que se refere á poesia de José Bonifacio, que não vem no texto).

17. *Os Escravos*: 1884 II

OS ESCRAVOS — POESIAS POR CASTRO ALVES, LISBÔA, 1884.

(Desta edição que deve ser reproducção da anterior, só possuo noticia pelo Catalogo da Livraria Avelar Machado, Rua do Poço dos Negros (19-21). Lisbôa, julho de 1916, onde, sob o numero 4.087 vem anunciado por \$200 (moeda portuguesa.)

18. *Espumas Fluctuantes*: 1888 IX

CASTRO ALVES | ESPUMAS FLUCTUANTES | NOVA EDIÇÃO | LIVREIROS EDITORES | CARLOS PINTO & C., SUCCESSORES | LIVRARIA AMERICANA | PELOTAS, PORTO ALEGRE e RIO GRANDE (sem data: no verso do rosto: "Pelotas, Typ. da — Livraria Americana — 82-5-88. Será o 82.^o livro impresso, em maio, de 1888).

Um vol. in-16 (13,2×7,8), 301 paginas; má impressão, máo papel, revisão bôa; contém: as 49 poesias originaes da I.^a Edição; as 5 traducções desta I.^a Edição, na ordem e disposição primitivas, e mais: "Se eu te dissesse", "Menina e Moça", "O derradeiro amor de Byron", "Rezas", "Fatalidade", "Passaro viajante", "Consuelo", "Remorsos", "Elegia (traducção)", "Saudação a Palmares", "Horas de Saudade", "Fé, Esperança e Caridade", "Deusa incruenta". "No meeting du Comité du Pain", "Meu segredo", "Adeus, meu canto", "Estrophes do solitario", "****" ("Pensamento de amor", da presente edição), "Aquella mão", "O vidente", "*Lucia*", "*A cruz da estrada*", "Notas".

19. *A Cachoeira de Paulo Affonso — Manuscriptos de Stenio — Gonzaga: 1888* II

CASTRO ALVES | A CACHOEIRA | DE | PAULO AFFONSO | POEMA | ORIGINAL BRASILEIRO | FRAGMENTO DOS — ESCRAVOS — SOB O TITULO DE | MANUSCRITO DE STENIO | GONZAGA | OU | A REVOLUÇÃO DE MINAS | RIO DE JANEIRO | LIVRARIA DE B. L. GARNIER | 71 — RUA DO OUVIDOR — 71 | 1888.

Um vol. (13,3×8,4), 352 paginas, bem impresso, bom papel, má revisão; reproduz exactamente a anterior.

20. *Espumas Fluctuantes: 1889* X

CASTRO ALVES | ESPUMAS FLUCTUANTES | NOVA EDIÇÃO REVISTA E MELHORADA | S. PAULO | TEIXEIRA & IRMÃO — EDITORES | 65 — RUA DE S. BENTO — 65 | 1889.

Um vol. in-8.º (14,4×8,4), 267 paginas, IX do Prologo e, I e II do indice; bôa impressão, excellente papel, bôa revisão, contém as 49 poesias originaes da I.ª Edição, as 5 traducções desta I.ª Edição, na ordem e disposição primitivas e “Se eu te dissesse”, “Saudações a Palmares”, “Horas de saudade”, “Fé, Esperança e Caridade”, “Deusa incruenta”, “No meeting du Comité du Pain”; “Notas” (nestas ha uma referente á poesia de José Bonifacio, “A margem da corrente”, que não figura no texto.

21. *A Cachoeira de Paulo Affonso Manuscriptos de Stenio, Gonzaga: 1895* III

CASTRO ALVES | A CACHOEIRA | DE | PAULO AFFONSO | POEMA | ORIGINAL BRASILEIRO | FRAGMENTO DOS — ESCRAVOS — SOB O TITULO DE | MANUSCRIPTOS DE STENIO | GONZAGA | OU | A REVOLUÇÃO DE MINAS | RIO DE JANEIRO | H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR | 71 — RUA DO OUVIDOR — 71 | e | 6 — RUE DOS SAINTS PERES — 6 | PARIS (sem data): na ultima pagina 352, ha a subscripção: Paris — Typographia Garnier & Irmãos 463-9-95, isto é, impresso em Setembro de 1895.

Um vol. in-8.º (13,3×8,4), 352 paginas, bem impresso, papel bom, má revisão; reproduz exactamente as edições anteriores.

22. *Espumas Fluctuantes*: 1895 XI

CASTRO ALVES | ESPUMAS FLUCTUANTES | PREFACIO
| DE | FRANKLIM TAVORA | NOVA EDIÇÃO | RIO DE JA-
NEIRO | B. L. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR | H. GAR-
NIER, SUCCESSOR | — 71 RUA DO OUVIDOR — 71 (sem
data; na subscrição, ao fim do volume, p. 259, ha:
Paris — Typographia Garnier Irmãos 414-5-95, isto é,
impressa em Maio de 1895).

Um vol. in-8.º (13,8×8,2), 259 paginas, XV de Pre-
facio e Prologo; bem impresso, bom papel, má revisão,
contém: as 49 poesias originaes da I.ª Edição, as 5 tra-
ducções desta I.ª Edição, na ordem e disposição pri-
mitivas e “Se eu te dissesse”, “Saudações a Palmares”,
“Horas de Saudade”, “Fé, Esperança e Caridade”,
“Deusa incruenta”, “No meeting du Comité du Pain”,
“Notas” (nestas existe a referente á poesia de José
Bonifacio, “A’ margem da corrente”, que não figura no
texto).

23. *Espumas Fluctuantes*: 1897 XII

CASTRO ALVES | ESPUMAS FLUCTUANTES | PREFACIO
| DE FRANKLIM TAVORA | NOVA EDIÇÃO | RIO DE JA-
NEIRO | H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR | 71 — RUA
MOREIRA CESAR — 71 | e | 6 — RUE DES SAINTS
PERES — 6 | PARIS. Sem data; na subscrição ultima
pagina, pag. 259, lê-se: “Paris — Typographia Gar-
nier Irmão 351-7-97, isto é, impressa em Julho de 1897.

Um vol. in-8.º (13,8×8,2), 259 paginas e XV de
“Prefacio” e “Prologo”, boa impressão, bom papel, me-
diocre revisão; contém as 49 poesias originaes da I.ª
Edição, as 5 traducções da mesma I.ª Edição, na ordem
e disposição primitivas e “Se eu te dissesse”, “Sauda-
ção a Palmares”, “Horas de Saudade”, “Fé, Espe-
rança e Caridade”, “Deusa incruenta”, “No meeting
du Comité du Pain”; “Notas” (entre esta a allusiva

á poesia “A’ margem da Corrente”, de José Bonifacio, que não figura no texto.

24. *Espumas Fluctuantes*: 1898 XIII

OBRAS COMPLETAS | DE | CASTRO ALVES | NOVÍSSIMA EDIÇÃO | PRECEDIDA DE UMA NOTICIA SOBRE O AUTOR | POR | SAID ALI | LENTE DO GYMNASIO NACIONAL e PROFESSOR DA ESCOLA MILITAR | TOMO I (*) | — RIO DE JANEIRO — S. PAULO — RECIFE | LAEMMERT & C. | EDITORES-PROPRIETARIOS | 1898.

Um vol. in-8.º (13,5×8,1), 203 paginas, bem impresso, bom papel, má revisão; contém as 49 poesias originaes da I.ª Edição, as 5 traducções da mesma I.ª Edição, na ordem e disposição primitivas, e “Se eu te dissesse”, “Saudações a Palmares”, “Horas de Saudade”, “Fé, Esperança e Caridade”, “Deusa incruenta”, “No meeting du Comité du Pain”; “Notas”.

(*) Contém apenas as “Espumas Fluctuantes”.

25. *A Cachoeira de Paulo Affonso*, IV
Manuscriptos de Stenio, Gonzaga: 1898

OBRAS COMPLETAS | DE | CASTRO ALVES | NOVÍSSIMA EDIÇÃO | PRECEDIDA DE UMA NOTICIA SOBRE O AUTOR | POR | M. SAID ALI | LENTE DO GYMNASIO NACIONAL e PROFESSOR DA ESCOLA MILITAR | TOMO II (*) | RIO DE JANEIRO — S. PAULO — RECIFE | LAEMMERT & C. | EDITORES-PROPRIETARIOS | 1898.

Um vol. in-8 (13,5×8,1), 278 paginas, bem impressas, bom papel, má revisão; contém as 32 poesias da “Cachoeira de Paulo Affonso”; nos “Manuscriptos de Stenio”: “O Seculo”, “A visão dos mortos”, “Vozes d’Africa”, “Tragedia no lar”, “O Navio Negreiro”, “Adeus, meu canto!”; “Nota” (a da Cachoeira de Paulo Affonso, aqui desviada); “Carta de Castro Alves” (a “Carta ás Senhoras Bahianas”); “Gonzaga ou a Revolução de Minas”.

(*) Contém as outras obras publicadas, além das “Espumas Fluctuantes”.

26. *Espumas Fluctuantes: 1901* XIV

CASTRO ALVES | ESPUMAS FLUCTUANTES | PREFACIO
 | DE | FRANKLIM TAVORA | NOVA EDIÇÃO | H. GAR-
 NIER, LIVREIRO-EDITOR | 71 — RUA DO OUVIDOR — 73
 | RIO DE JANEIRO | 6 — RUE DES SAINTS PÈRES — 6
 | PARIS | 1901.

Um vol. in-8.º (13,8×8,2), 259 paginas, XV de “Prefacio” e “Prologo”, bem impresso, bom papel, mediocre revisão; contém as 49 poesias originaes da I.ª Edição; as 5 traducções desta mesma I.ª Edição, na ordem e disposição primitivas, e “Se eu te dissesse”, “Saudação a Palmares”, “Horas de Saudade”, “Fé, Esperança e Caridade”, “Deusa incruenta”, “No meeting du Comité du Pain”, “Notas” (nestas ha a referente á poesia de José Bonifacio “A’ margem da Corrente”, que não figura no texto).

27. *A Cachoeira de Paulo Affonso, V*
Manuscriptos de Stenio, Gonzaga: 1902

CASTRO ALVES | A CACHOEIRA | DE | PAULO AF-
 FONSO | POEMA | ORIGINAL BRASILEIRO | FRAGMENTO
 DOS — ESCRAVOS — SOB O TITULO DE | MANUSCRIPTOS
 DE STENIO | GONZAGA | OU | A REVOLUÇÃO DE MINAS
 | H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR | 71 — RUA DO OU-
 VIDOR — 73 | RIO DE JANEIRO | 6 — RUE DES SAINTS
 PÈRES — 6 | PARIS | 1902.

Um vol. in-8.º (13,3×8,4), 352 paginas, bem impresso, papel bom, má revisão; reproduz exactamente as edições anteriores desta especie.

28. *Espumas Fluctuantes: 1904* XV

CASTRO ALVES | ESPUMAS FLUCTUANTES | PREFACIO
 | DE | FRANKLIM TAVORA | NOVA EDIÇÃO | H. GARNIER,
 LIVREIRO-EDITOR | 71 — RUA DO OUVIDOR 73 | RIO
 DE JANEIRO | 6 — RUE DES SAINTS PÈRES — 6 |
 PARIS | 1904.

Um vol. in-8.º (13,8×8,2), 259 paginas, XV de “Pre-
 facio” e “Prologo”, bem impresso, bom papel, mediocre

revisão; contém as 49 poesias originaes da I.^a Edição; as 5 traducções desta mesma I.^a Edição, na ordem e disposição primitivas e “Se eu te d’ssesse”, “Saudação a Palmares”, “Horas de Saudade”, “Fé, Esperança e Caridade”, “Deusa incruenta”, “No meeting du Comité du Pain”; “Notas” (nestas ha a referente á poesia “A’ margem da Corrente”, de José Bonifacio, que não figura no texto).

29. *Vozes d’Africa — O Navio Negreiro*: 1905 II

CASTRO ALVES | VOZES D’AFRICA | O | NAVIO NEGREIRO | TRAGEDIA NO MAR | NOVISSIMA EDIÇÃO | LAEMMERT & C. | LIVREIROS-EDITORES | RIO DE JANEIRO — S. PAULO | 1905.

Um folheto (17,0×11,0), 12 paginas; impressão, papel e revisão mediocres; contém os dois poemas, dos “Os Escravos”.

30. *A Cachoeira de Paulo Affonso, Manuscriptos de Stenio, Gonzaga*: 1906 VI

CASTRO ALVES | A CACHOEIRA | DE | PAULO AFFONSO | POEMA | ORIGINAL BRASILEIRO | FRAGMENTO DOS — ESCRAVOS — SOB O TITULO DE | MANUSCRIPTOS DE STENIO | GONZAGA | OU | A REVOLUÇÃO DE MINAS | H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR | 71 — RUA DO OUVIDOR — 73 | RIO DE JANEIRO | 6 — RUE DE SAINTS PERES — 6 | PARIS. Sem data: na subscrição, ultima pagina, 352, lê-se: Paris — Typographia Garnier Irmão, 313-2-06, isto é, impresso em Fevereiro de 1906.

Um vol. in-8.^o (13,3×8,4), 352 paginas, bem impresso, papel bom, má revisão; reproduz exactamente as edições anteriores desta especie.

31. *Espumas Fluctuantes*: 1909 XVI

CASTRO ALVES | ESPUMAS FLUCTUANTES | NOVA EDIÇÃO | 1909 | CARLOS ECHENIQUE, EDITOR, LIVRARIA UNIVERSAL | PORTO ALEGRE, RUA DOS ANDRADAS, 445.

Um vol. in-8.º (14,5×8,5), 216 paginas, V de "Prologo", mal impresso, mau papel, revisão mediocre, contém as 49 poesias originaes da I.ª Edição; as 5 traducções desta mesma I.ª Edição, na ordem e disposição primitivas, e "Se eu te dissesse", "Saudações a Palmares", "Horas de Saudade", "Fé, Esperança e Caridade", "Deusa incruenta", "No meeting du Comité du Pain", e d'"Os Escravos": "O Seculo", "A visão dos mortos", "Adeus meu canto"; "Notas" (entre estas ha a allusiva á poesia de José Bonifacio "A margem da Corrente", que não figura no texto.

32. *A Cachoeira de Paulo Affonso,* VII
Manuscriptos de Stenio, Gonzaga: 1910

CASTRO ALVES | A CACHOEIRA | DE | PAULO AF-
FONSO | POEMA | ORIGINAL BRASILEIRO | FRAGMENTO
DOS — ESCRAVOS — SOB O TITULO DE | MANUSCRIPTOS DE
STENIO | GONZAGA | OU | A REVOLUÇÃO DE MINAS |
LIVRARIA GARNIER, 109 — RUA DO OUVIDOR — 109 |
RIO DE JANEIRO | 6 — RUE DES SAINTS PÈRES — 6 |
PARIS. Sem data: na subscripção, á ultima pagina, lê-se:
Paris Typ. H. Garnier, 6, rue des Saints Pères 302-1-910,
isto é, impresso em 1910.

Um vol. in-8.º (13,3×8,4), 352 paginas, bem impresso, papel bom, má revisão, reproduz exactamente edições anteriores desta especie.

33. *Correspondencia* I

XAVIER MARQUES | VIDA DE CASTRO ALVES | EX-
CERPTO DA HOMENAGEM | DO INSTITUTO GEOGRAPHICO |
E HISTORICO DA BAHIA | BAHIA | TYP. BAHIANA DE
CINCINATO MELCHIADES | 25, RUA DO ARSENAL DE MA-
RINHA, 25 | 1911. | O X Capitulo, de pags. 137 a 157,
publica varias cartas do Poeta e outras a elle dirigidas,
ineditas algumas; a saber:

"Castro Alves a Regueira Costa" (I, II, III, anteriormente publicadas por Alfredo de Carvalho, "Castro Alves em Pernambuco", Recife, 1905, p. 16 etc.);

“Castro Alves a Augusto Guimarães” (I, II, III, anteriormente publicadas incompletamente, por Mucio Teixeira, “Vida e obras de Castro Alves”, Bahia, 1896, p. 83 etc.); “Castro Alves a seu irmão Guilherme”; “Augusto Guimarães a Castro Alves” (I, II, III); “Castro Alves aos amigos em S. Paulo”; “Castro Alves a Eugenia Camara” (é a poesia “Adeus”), e “Eugenia Camara a Castro Alves” (resposta em verso a esta poesia); “Castro Alves a sua irmã D. Adelaide de Castro Alves”, “Castro Alves a Augusto Guimarães” (IV); “Castro Alves ao Dr. Dutra”, e “Castro Alves a Euphrosino de Aguiar”.

34.

Espumas Fluctuantes: 1913

XVII

CASTRO ALVES | ESPUMAS FLUCTUANTES | NOVA
 EDIÇÃO CORRECTA E AUGMENTADA | COM UM JUÍZO CRÍ-
 TICO | DE | ALBERTO DE OLIVEIRA | LIVRARIA GARNIER |
 109 — RUA DO OUVIDOR — 109 | RIO DE JANEIRO | 6 —
 RUE DES SAINTS PÈRES — 6 | PARIS. Sem data; na sub-
 scripção, p. 327, lê-se: Paris. — Typ. H. Garnier, 6 —
 rue des Saints Pères, 301-6-13 P.D., isto é, impressa
 em Junho de 1913.

Um vol. in-8.º (13,8×8,2) com um retrato do autor, 327 paginas, inclusive as “ao publico” dos Editores, “Castro Alves”, *prefacio de Alberto de Oliveira*; bem impresso, bom papel, excellente revisão, contém as 49 poesias originaes da I.ª Edição, segundo o texto primitivo, as 5 traducções desta mesma I.ª Edição, na ordem e disposição iniciaes; “Notas”, as da edição original. No “Supplemento”: “*Durante um temporal*”, “Se eu te dissesse”, “Saudações a Palmares”, “Horas de saudade”, “Fé, Esperança e Caridade”, “Deusa incruenta”, “No meeting du Comité du Pain”, “Menina e Moça”, “O derradeiro amor de Byron”, “Rezas”, “Fatalidade”, “Passaro viajante”, “Consuelo”, “Remorsos”, “***”, (“Pensamento de amor” da presente edição), “Elegia”, “Meu segredo”, “A Cruz da Estrada”, “Estrophes do solitario”, “Aquella mão”, “Lucia”; A Castro Alves (“A’ margem da corrente”, de José Bonifacio; “A

grande sombra”, de Luiz Delfino; *No decennario de Castro Alves*, de Raymundo Corrêa; soneto, de Luiz Guimarães Junior; “Nota” á “A margem da Corrente”).

35.

Poesias: 1913

I

CASTRO ALVES | POESIAS | ATÉ AGORA NÃO REUNIDAS EM VOLUME | LIVRARIA CATILINA | DE | ROMUALDO DOS SANTOS | LIVREIRO-EDITOR | RUA SANTOS DUMONT — 6 | BAHIA. Sem data: o prefacio é datado de Agosto de 1913.

Um vol. (14,1×8,7), 192 paginas, XIII de “Prefacio; bem impresso, bom papel, em geral bôa revisão; contém “*Prefacio*” de Homero Pires, onde é feita certa restricção ao sub-titulo do livro, sem duvida inexacto, porque, das 55 poesias, que contém, 20 já haviam sido publicadas, anteriormente, em volume; “No decennario de Castro Alves”: Soneto de Raymundo Corrêa; “*Destruição de Jerusalém*”, “*A canção do Africano*”, “*O Pesadelo*”, “*O cansaço*”, “*Ao Romper d'alva*”, “*A Adelaide Amaral*”, “*Canção do Violeiro*”, “*Aos estudantes voluntarios*”, “*O sybarita romano*”, “*Improviso*”, “*Pesadelo de Humaytá*”, “*Lucia*”, “*Sonho*”, “*Prometheu*”, “*Adeus*”, “*Passaro viajante*”, “*O junco e o cypreste*”, “*Triplice diadema*”, Fé, Esperança e Caridade”, “*A capella do Almeida*”, “*Madrid*”, “*Veneza*”, “*Se eu te dissesse*”, “*Chanson*”, “*O derradeiro amor de Byron*”, “*Depois da leitura de um poema*”, “*Deusa incruenta*”, “*A cestinha de costura*”, “*Epitaphio*”, “*Menina e Moça*”, “*Octavio*”, “*Saudação a Palmares*”, “*No meeting du Comité du Pain*”, “*Diabo mundo*”, “*Durante um temporal*”, “*Consuelo*”, “*No camarote*”, “*Noite de Maio*”, “*A virgem dos ultimos amores*”, “*A minha irmã Adelaide*”, “*Remorsos*”, “*Em que pensas*”, “*Aquella mão*”, “*Devaneios*” (é **** da VI Ed. das “*Espumas Fluctuantes*”, “*Anceios*” da II Ed. da “*Cachoeira*”, appendice, “*Pensamento de amor*”, da presente edição), “*Longe de ti*”, “*Rezas*”, “*Gesso e bronze*”, “*A cruz da estrada*”, “*Canção de Gounod*”, “*Fatalidade*”, “*Elegia*”, “*Meu segredo*”, “*Confidencia*”, “*Estrophes do solitario*”.

36. *Espumas Fluctuantes*: 1915 XVIII

CASTRO ALVES | ESPUMAS FLUCTUANTES | NOVA EDIÇÃO | EDITORA: LIVRARIA MAGALHÃES | S. PAULO e RIO DE JANEIRO. Sem data no rosto: na capa lê-se: "SÃO PAULO" | EDITORA: LIVRARIA MAGALHÃES | 1915.

Um vol. in-8.º (14,5×8,2), 256 paginas, mal impresso, má revisão, em papel inferior; contém as 49 poesias originaes da I.ª Edição, as 5 traducções desta mesma I.ª Edição, na ordem e disposição primitivas, e "Se eu te dissesse", "Saudação a Palmares", "Horas de Saudade", "Fé, Esperança e Caridade", "Deusa incruenta", "No meeting du Comité du Pain"; d'"Os Escravos": "O Seculo", "A visão dos mortos", "Adeus, meu canto"; "Notas" (nesta ha a referente "A' margem da Corrente" poesia de José Bonifacio, que não figura no texto).

37. *Espumas Fluctuantes*: 1917 XIX

COLLECÇÃO DE AUTORES CELEBRES | DA | LITTERATURA BRASILEIRA | CASTRO ALVES | ESPUMAS | FLUCTUANTES NOVA EDIÇÃO, CORRECTA E AUGMENTADA | COM UM JUIZO CRITICO | DE | ALBERTO OLIVEIRA | LIVRARIA GARNIER | 109 — RUA DO OUVIDOR — 109 | RIO DE JANEIRO | 6 — RUE DES SAINTS PERES 6 | PARIS. Sem data; na subscripção, á pag. 327, lê-se: Schm. — Paris — Typ. H. Garnier, 6 — Rue des Saints Pères — 5-17, isto é, impressa em 1917.

Um vol. in-8.º (13,8×8,2), com um retrato do autor, 327 paginas bem impressas, papel mediocre, excellente revisão, que reproduzem exactamente a XVII Edição.

38. *Espumas Fluctuantes*: 1918 XX

CASTRO ALVES | ESPUMAS FLUCTUANTES | NOVA EDIÇÃO COMPLETA E AUGMENTADA | COM UM BREVE PREFACIO | DE AMADOR SANTELMO | H. ANTUNES | LIVRARIA EDITORA | RUA BUENOS AYRES, 145 | RIO DE JANEIRO | TRAVESSA DA ESPERA, II | LISBÔA. Sem data: o prefacio vem datado, "Rio, Setembro de 1918.

Um vol. in-8.º (16,0×9,2), 140 paginas, mal impresso, má revisão, em papel inferior; contém as 49 poesias originaes da I.ª Edição, as 5 traducções desta mesma I.ª Edição, na ordem e disposição primitivas.

39. *Espumas Fluctuantes*: 1918 XXI

CASTRO ALVES | ESPUMAS FLUCTUANTES | NOVA EDIÇÃO | EDITORA: | LIVRARIA MAGALHÃES | S. PAULO e RIO DE JANEIRO. (Sem data no rosto; lê-se na capa: 1918) | LIVRARIA e OFFICINAS MAGALHÃES | AVENIDA D. PEDRO I, 33, YPIRANGA | S. PAULO. |

Um vol. in-8.º (14,5×8,2), 256 paginas, mal impressas, em papel inferior, má revisão; reproduz exactamente a XVII.ª Edição.

40. *Espumas Fluctuantes* XXII

COLLECÇÃO DE AUTORES CELEBRES | DA | LITTERATURA BRASILEIRA | CASTRO ALVES | ESPUMAS FLUCTUANTES | NOVA EDIÇÃO, CORRECTA E AUGMENTADA | COM UM JUIZO CRITICO | DE | ALBERTO OLIVEIRA | LIVRARIA GARNIER | 109, RUA DO OUVIDOR, 109 | RIO DE JANEIRO | 6, RUE DES SAINTS PERES, 6 | PARIS. Sem data; na subscripção, á pag. 327, lê-se: "Paris — Imp. Paul Dupont (Cl.) 99-6-19", isto é, impressa em 1919.

Um vol. in-8.º (13,8×8,2), com um retrato do autor, 327 paginas bem impressas, em papel mediocre, excellente revisão, que reproduzem exactamente a XVII Edição.

41. *A Cachoeira de Paulo Affonso*: 1920 III

CASTRO ALVES | A CACHOEIRA | DE | PAULO AFFONSO | POEMA | ORIGINAL BRASILEIRO | COM PREFACIO DE | AMADOR SANTELMO | H. ANTUNES & C.ª | LIVRARIA EDITORA | RIO DE JANEIRO | Sem data: appareceu em 1920, e tem esta data o deploravel prefacio.

Um vol. in-8.º (13,5×8,3), 69 paginas mal impressas, em mau papel, mal revistas; contém as 32 poesias, do poema.

42. *Gonzaga ou a Revolução de Minas*: 1920 III

OBRAS COMPLETAS DE CASTRO ALVES | GONZAGA | OU | A REVOLUÇÃO DE MINAS | DRAMA HISTORICO BRASILEIRO | PRECEDIDO DE UM PREFACIO DE AMADOR SANTELMO | H. ANTUNES & C.^a | LIVRARIA EDITORA | R. BUENOS AYRES, 135 | TELEPHONE NORTE 6668 | RIO DE JANEIRO. Sem data; appareceu em 1920; tem esta data o deploravel prefacio, intercalado entre a lista das personagens e o texto do drama.

Um vol. in-8.^o (13,5×8,3), 144 paginas, mal impresso, em mau papel, mal revisto, contém o drama.

43. *Espumas Fluctuantes*: 1920 XXIII

OBRAS COMPLETAS DE | CASTRO ALVES | ESPUMAS | FLUCTUANTES | NOVA EDIÇÃO CORRECTA | H. ANTUNES & C. | LIVRARIA EDITORA | R. BUENOS AYRES, 135 | TELEPHONE NORTE 6668) | RIO DE JANEIRO. Sem data, appareceu em 1920, sendo datado deste anno o deploravel prefacio.

Um vol. in-8.^o (13,5×8,3), 144 paginas, mal impressas, em máo papel, mal revistas, contém as 49 poesias originaes da 1.^a Edição e as 5 traducções desta mesma I.^a Edição, o indice foi suppresso.

44. *Os Escravos*: 1920 III

OBRAS COMPLETAS DE CASTRO ALVES | OS ESCRAVOS | FRAGMENTOS SOB O TITULO DO MANUSCRIPTO DE STENIO | CARTA DE CASTRO ALVES | A'S SENHORAS BAHIANAS, SEGUIDA DE UM SUPPLEMENTO | COM UMA CARTA-PREFACIO DE AMADOR SANTELMO | H. ANTUNES & C. | LIVRARIA EDITORA | RUA BUENOS AYRES, 135 | RIO DE JANEIRO | TELEPH. N. 6668. Sem data; appareceu em 1920, de quando é datada a deploravel carta-prefacio.

Um vol. in-8.^o (13,5×8,3), 94 paginas, mal impressas, em mau papel, má revisão; contém os seis poemas que nas edições anteriores vêm chamados "manuscripto de Stenio": a nota da "Cachoeira de Paulo Af-

fonso”; a “Carta ás Senhoras Bahianas”; e, no “Supplemento”: varias poesias do supplemento das “Espumas Fluctuantes”, das ultimas edições Garnier.

45.

Correspondencia: 1920

II

OBRAS COMPLETAS DE CASTRO ALVES | CORRÊSPONDÊNCIA | E CRÍTICA | PREFACIO e COORDENAÇÃO DE ALFREDO MARIANO DE OLIVEIRA | (SECRETARIO DA BIBLIOTHECA NACIONAL) | COM UM ESTUDO DO CONSELHEIRO RUY BARBOSA E A CONFERENCIA DO DR. AFRANIO PEIXOTO, REALISADA | EM 6 DE NOVEMBRO DE 1917, NA BIBLIOTHECA NACIONAL | ALÉM DE OUTROS TRABALHOS | LIVRARIA EDITORA | H. ANTUNES & C. | 135, RUA BUENOS AYRES, 135 | RIO DE JANEIRO. Sem data; appareceu em 1920, de quando é datado o prefacio.

Um vol. in-8.º (13,8×8,2), 206 paginas bem impressas, bom papel, revisão mediocre; contém — algumas gravuras: — um retrato do Poeta, reproducção de um quadro a oleo, de Castro Alves, “A Magdalena”, tumulo actual, e projecto de tumulo monumental; prefacio; traços biographicos; “Elogio a Castro Alves”, de Ruy Barbosa; “Paixão e Gloria de Castro Alves”, conferencia de Afranio Peixoto; “Correspondencia”: as cartas publicadas na edição de Xavier Marques e apenas uma, inedita, de *Castro Alves ao Actor Joaquim Augusto* (do archivo do Dr. Afranio Peixoto); “Castro Alves”, de Luiz Guimarães Junior; “No decenario de Castro Alves”, de Raymundo Corrêa; “Um tumulo para Castro Alves”, de Alipio Bandeira.

46.

Obras completas: 1921

I

Espumas Fluctuantes — Hymnos do Equador — Os Escravos — Gonzaga — Varios Ineditos
— *Correspondencia*

OBRAS COMPLETAS | DE | CASTRO ALVES | ESPUMAS FLUCTUANTES | REPRODUCÇÃO FIEL DA EDIÇÃO ORIGINAL DE 1870 | HYMNOS DO EQUADOR | PUBLICAÇÕES POS-

THUMAS E POESIAS INEDITAS | OS ESCRAVOS | TEXTO INTEGRAL, PARTE INEDITA, COM | A CACHOEIRA DE PAULO AFFONSO | GONZAGA, OU A REVOLUÇÃO DE MINAS | DRAMA EM 4 ACTOS, SEGUNDO A EDIÇÃO ORIGINAL | VARIOS INEDITOS — CORRESPONDENCIA | CONFORME AUTOGRAFOS E MANUSCRIPTOS AUTHENTICOS | EDIÇÃO CRITICA | COMMEMORATIVA DO CINCOENTENARIO DO POETA | DE TODAS AS SUAS PRODUÇÕES PUBLICADAS; DE TODOS OS SEUS INEDITOS; | NA FORMA DEFINITIVA, RESTITUIDOS Á VERSÃO AUTHENTICA; | DE ACCORDO COM AS EDIÇÕES ORIGINAES, OS SEUS AUTOGRAFOS | E OS MANUSCRIPTOS DE SUA FAMILIA; | COM UM RETRATO, INTRODUÇÃO BIBLIOGRAPHICA E ANOTAÇÕES DE | AFRANIO PEIXOTO | LIVRARIA FRANCISCO ALVES | RIO DE JANEIRO — S. PAULO — BELLO HORIZONTE | 1921.

Um vol. in-4.º (17,3×9,2), ... paginas; contém:

Retrato do Poeta aos 24 annos. Introdução bibliographica. Autographo de Castrô Alves. Frontespicio das edições originaes das “Espumas Fluctuantes”, do “Gonzaga”, da “Cachoeira de Paulo Affonso”.

ESPUMAS FLUCTUANTES

Compostas do “Prologo”, as 54 poesias (originaes e traduzidas) da I.ª Edição, as “Notas” do Autor (após cada poesia), reproduzido o texto fielmente, apenas uniformizada a orthographia e a disposição typographica, admittidas emendas autographas de Castro Alves e variantes do proprio Poeta, indicadas no texto das annotações.

Hymnos do Equador

Este titulo destinava-o Castro Alves a outro volume de seus versos depois das “Espumas Fluctuantes”: cumpre-se agora a vontade do Poeta. Compõe-se de: Poesias lyricas: “Meu segredo”, “Pensamento de amor”, “A Eugenia Camara”, “Sonho da Bohemia”, “Horas de martyrio”, “Amar e ser amado”, “Amemos”, “Tri-

plice diadema”, “Fatalidade”, “*Poeta*”, “*Penso em ti*”, “Adeus”, “Horas de Saudade”, “A capella do Almeida”, “*Numa pagina de album de desenhos do autor*”, “*A D. Joanna*”, “Fé, Esperança e Caridade”, “Se eu te dissesse”, “Depois da leitura de um poema”, “A cestinha de costura”, “Epitaphio”, “Menina e moça”, “*A Violeta*”, “Canção de Gounod”, “Durante um temporal”, “Consuelo”, “A um coração”, “Versos para musica”, “No camarote”, “Noite de maio”, “Longe de ti”, “A virgem dos ultimos amores”, “A minha irmã Adelaide”, “Remorsos”, “Em que pensas”, “Aquella mão”, “Rezas”, “Gesso e Bronze”. Poesias épicas: “Aos estudantes voluntarios”, “Pesadelo de Humaytá”, “Deusa incruenta”, “No meeting du Comité du Pain”. Traducções: “Elegia”, “*Palavras de um conservador*”, “*A Olympio*”, “*Ballada do desesperado*”, “Passaro viajante”, “O Junco e o Cypreste”, “Madrid”, “Venezza”, “Chanson”, “Octavio”, “Diabo mundo”. Juvenilia: “*Ao natalicio do Dr. Abilio Borges*”, “*Ao dia 7 de Setembro*”, “*Poesia recitada no Gymnasio Bahiano*”, “Destruição de Jerusalém”, “*Ao Sr. Furtado Coelho*”, “Pesadelo”, “Noite de amor”, “Cansaço”, “Fragmento”, “*Ao Dois de Julho*”, “Ao violinista Moniz Barreto”, “Improviso”, “A Adelaide Amaral”, “Capricho”, “Exhortação”, “Martyrio”, “*Não Sabes*”.

OS ESCRAVOS

Texto integral, com os impropriamente chamados “Manuscriptos de Stenio”, varias poesias publicadas alhures, numerosos ineditos, e “A Cachoeira de Paulo Affonso”, de accordo com o plano do Poeta: edição, portanto, nova, inteiramente diversa das que anteriormente trouxeram este nome; compõe-se de:

“O Seculo”, “Ao romper d’Alva”, “A Visão dos Mortos”, “A Canção do Africano”, “*Matez dolorosa*”, “Confidencia”, “O Sol e o Povo”, “Tragedia no lar”, “O sybarita romano”, “*A creança*”, “A cruz da estrada”, “*Bandido Negro*”, “*A America*”, “O Remorso”, “*Canto de Bug-Jargal*”, “*A orphã na sepultura*”, “*Antithese*”, “Canção do violeiro”, “*Supplica*”, “O vidente”, “*A mãe do captivo*”, “*Manuela*”, “*Fabula*: a flor e o passaro”, “Estrophes do solitario”, “Tragedia no mar”:

“Navio Negreiro”, “Lucia”, “Prometheu”, “Vozes d’Africa”, “Palmares”, “*O voluntario do sertão*”, “*A Bainha do Punhal*”, “O derradeiro amor de Lord Byron”, “Adeus, meu canto”, “A Cachoeira de Paulo Afonso”.

GONZAGA OU A REVOLUÇÃO DE MINAS

Drama em 4 actos, segundo o texto da edição original, de 1876.

Varios Ineditos

Esboços, artigos de critica ou de polemica, reliquias que se não deviam perder; compõem-se de:

“*D. Juan ou a prole dos Saturnos*” (I.º Acto de um drama inacabado), “*A Poesia*”, “*Impressões de leitura*”, “*Chronica jornalística*”, “*Impressões de theatro*”, “*Adriana*”, “*O Echo*”, “*Introducção*” ao jornal “*A Luz*”, “*Polemica*”, “*Critica humoristica*”.

CORRESPONDENCIA

Cartas de Castro Alves, e a Castro Alves; compõe-se de: “*A Marcolino de Moura*”, “Aos seus irmãos Guilherme, Elisa, Sinhá e Amelia”, “A Regueira Costa”, I, II e III; “A Augusto Guimarães” I e II, “A Guilherme de Castro Alves”, “*A Luiz Cornelio dos Santos*” (I, II e III), “A Augusto Guimarães”, III, “*A Luiz Cornelio*” (IV e V) “*Ao Actor Joaquim Augusto*”, “*A Luiz Cornelio*” (VI e VII) “Aos amigos de S. Paulo”, “*A Luiz Cornelio*” (VIII), “A’ D. Adelaide de Castro Alves”, “A Augusto Guimarães”, IV, “A’ Sr.ª *Luiz Cornelio dos Santos*” (I) “*A Luiz Cornelio*” (IX), “Ao Dr. Dutra”, “*A Luiz Cornelio*” (X), A “*José de Alencar*”, A “Eunapio Deiró”, “A’s Senhoras Bahianas”.

INDICE SYNTHETICO

INDICE ANALYTICO.

As notas e commentarios seguem cada poesia.

Usam-se no texto as seguintes abreviações:

cf. = “conferido” ou “collacionado”; “confira”.

cm. = “communicado”; ou “communicação”.

pbl = “publicado”; ou “publicação”.

ESPUMAS FLUCTUANTES.

POESIAS

DE

CASTRO ALVES,

ESTUDANTE DO QUARTO ANNO DA FACULDADE DE DIREITO DE S. PAULO.

BAHIA

1870

Reprodução do frontespicio da edição original
das *Espumas Fluctuantes*.

A' MEMORIA

DE

MEU PAE,

DE

MINHA MÃE

E DE

MEU IRMÃO

O. D. C.

PROLOGO

Era por uma d'essas tardes em que o azul do céu oriental — é pallido e saudoso, em que o rumor do vento nas vergas — é monotonico e cadente, e o quebro da vaga na amurada do navio — é queixoso e tetrico.

Das bandas do occidente o sol se atufava nos mares “como um brigue em chammas”... e d'aquelle vasto incendio do crepusculo alastrava-se a cabeça loura das ondas.

Além... os cerros de granito d'essa formosa terra de Guanabara, vacillantes, á luctarem com a onda invasora de azul, que descia das alturas... recortavam-se indecisos na penumbra do horisonte.

Longe, inda mais longe... os cimos phantasticos da serra dos Orgãos embebiam-se na distancia, sumiam-se, abysmavam-se n'uma especie de naufragio celeste.

Só e triste, encostado á borda do navio, eu seguia com os olhos aquelle esvaecimento indefinido e minha alma apegava-se á forma vacillante das mon-

tanhas — derradeiras atalaias dos meus arraiaes da mocidade.

E' que lá d'essas terras do sul, para onde eu levava o fogo de todos os enthusiasmos, o viço de todas as illusões, os meus vinte annos de seiva e de mocidade, as minhas esperanças de gloria e de futuro;... é que d'essas terras do sul, onde eu penetrara "como o moço Raphael subindo as escadas do Vaticano;"... volvia agora silencioso e alquebrado... trazendo por unica ambição — a esperança de repouso em minha patria.

Foi então que, em face d'estas duas tristezas — a noite que descia dos céus, — a solidão que subia do oceano —, recordei-me de vós, ó meus amigos!

E tive pena de lembrar que em breve nada restaria do peregrino na terra hospitaleira, onde vagara; nem se quer a lembrança d'esta alma, que comvosco e por vós vivera e sentira, gemera e cantara...

O' espiritos errantes sobre a terra! O' velas enfunadas sobre os mares!... Vós bem sabeis quanto sois ephemerous... — passageiros que vos absorveis no espaço escuro, ou no escuro esquecimento.

E quando — comediantes do infinito — vos obumbraes nos bastidores do abysmo, o que resta de vós?

— Uma esteira de espumas... — flores perdidas na vasta indifferença do oceano. — Um punhado de versos... — espumas fluctuantes no dorso fero da vida!...

E o que são na verdade estes meus cantos?...

Como as espumas, que nascem do mar e do céu, da vaga e do vento, elles são filhos da musa — este sopro do alto; do coração — este pelago da alma.

E como as espumas são, ás vezes, a flora sombria da tempestade, elles por vezes rebentaram ao estalar fatidico do latego da desgraça.

E como tambem o aljofre dourado das espumas reflecte as opalas, rutilantes do arco-iris, elles por acaso reflectiram o prisma phantastico da ventura ou do enthusiasmo — estes signos brilhantes da alliança de Deus com a juventude!

Mas, como as espumas fluctuantes levam, boiando nas solidões marinhas, a lagrima saudosa do marujo... possam elles, ó meus amigos! — ephemeros filhos de minh'alma — levar uma lembrança de mim ás vossas plagas!...

S. Salvador — Fevereiro de 1870.

CASTRO ALVES.

Espumas Fluctuantes, Edição original: Prologo.

Nota do Poeta, á pagina 203, dessa edição:

“PROLOGO”.

Era por uma dessas noite vagarosas do inverno, em que o brilho de um céu sem lua, é vivo e tremulo; em que o gemer das selvas é profundo e longo; em que a soledade das praias e relvas fragosas do oceano é absoluto e tetrico.

(*Eurico* — Cap. 4.º)”

DEDICATORIA

A pomba d'alliança o vôo espraia
Na superficie azul do mar immenso,
Rente... rente da espuma já desmaia
Medindo a curva do horizonte extenso...
Mas um disco se avista ao longe... A praia
Rasga nitente o nevoeiro denso!...
O' pouso! ó monte! ó ramo de oliveira!
Ninho amigo da pomba forasteira!...

Assim, meu pobre livro as asas larga
N'este oceano sem fim, sombrio, eterno...
O mar atira-lhe a saliva amarga,
O céu lhe atira o temporal de inverno...
O triste verga á tão pesada carga!
Quem abre ao triste um coração paterno?...
E' tão bom ter por arvore — uns carinhos!
E' tão bom de uns affectos — fazer ninhos!

Pobre orphão! Vagando nos espaços
Embalde ás solidões mandas um grito!
Que importa? De uma cruz ao longe os braços
Vejo abrirem-se ao misero precito...
Os tumulos dos teus dão-te regaços!
Ama-te a sombra do salgueiro afflicto...
Vai, pois, meu livro! e como louro agreste
Traz'-me no bico um ramo de... cypreste!

Bahia, Janeiro de 1870.

Espumas Fluctuantes, Edição original, I.

POESIAS LYRICAS

MEU SEGREDO

Á SENHORA D. ***

I

Eu tenho dentro d'alma o meu segredo
Guardado como a perola do mar,
Occulto ao mundo como a flor silvestre
Escondida no valle a vicejar.

Eu guardo-o no meu peito... E' meu thesouro,
Meu unico thesouro desta vida,
— Sonho de phantasia — flor ephemera,
Uma nuvem, talvez, no céo perdida...

Mas que importa? E' uma crença de minh'alma
— Gotta do orvalho d'alva da existencia,
Ultima flor, que vive aos raios mornos
Do sol de amor na quadra da innocencia.

Só, quando a terra dorme solitaria
E ergue-se á meia noite, branca, a lua,
E a brisa geme cantos de tristeza
Na rama do pinheiro que fluctúa;

E quando o orvalho pende do arvoredos,
Que se debruça p'ra beijar o rio,
E as estrellas no céo scintillam languidas
— Perolas soltas de um collar sem fio;

Então eu vou sentar-me sobre a relva,
Eu vou sonhar meus sonhos ao relento,
E só conto o segredo de minh'alma
Das horas mortas ao tristonho vento.

II

Eu sei como este mundo ri de escarneo,
Deste aereo sonhar da phantasia.
Eu sei... P'ra cada crença de noss'alma,
Elle tem uma phrase de ironia...
Ah! deixai-me guardar o meu segredo!
Deste riso cruel eu tenho medo...

Meu segredo? E' o canto de poesia
Que suspirou saudoso o gondoleiro,
Que vae morrer gemente sobre as praias;
— Da despedida pranto derradeiro,
Mais aereo que as vozes da sereia,
Alta noite sentada sobre a areia.

Meu segredo? E' o soluço d'alma triste
Que conta sua dor á brisa errante;
E' o pulsar tresloucado de meu peito
A repetir um nome delirante;
Indeciso anhelar de edeneo gozo,
Castello que eu creei vertiginoso.

Creei-o numa noite não dormida,
Após vel-a entre todas — a rainha;
Creei-o nestas horas de delirio,
Em que sentira em fogo a fronte minha
E o sangue galopava-me nas veias,
E o cerebro doia-me de idéas...

E quem na vida não amara um dia?
E nunca despertara ao som de um beijo?
Quem nunca na vigília empallecera,
Ao seguir com o pensar louco desejo?
Quem não sonhara ao collo voluptuoso
Da sultana louçã morrer de gozo?

Uma noite tentei fechar as palpebras,
Debalde revolvi-me sobre o leito...
A alma adejava em phantasias d'ouro,
Arfava ardente o coração no peito.
A imagem que eu seguia? E' meu segredo!
Seu nome? Não o digo... tenho medo.

Ai! dóe muito calar dentro em noss'alma
Este anhelar fremente de desejos!
Ai! dóe muito calar o roseo sonho
Que sonhamos: — dormir entre mil beijos
Num seio que de amor todo estremece,
Quando o olhar de volupias esmorece...

Dóe muito.. mas dóe mais uma ironia,
Quando adeja o pensar no firmamento.
Dóe muito... mas dóe mais um desengano,
Quando se vive só de um sentimento,
Quando o peito cifrou sua esperança
Em beijar da mulher a negra trança.

Que loucura! Aos teus languidos olhares,
Beber, louco de amor, seiva de vida...
Sorver perfume em teus cabellos negros,
Sentir a alma de si mesma esquecida...
E, de gozo de amar louco, sedento,
Viver a eternidade num momento!

Que ventura! Sorver co'os labios tremulos
Em teus labios — de amor o nome santo...
Que ventura! Fitar-te os negros olhos
Desmaiados de amor e de quebranto...
E, reclinada a frente no teu seio,
Sentir languido arfar em doce enleio...

Mas que louco sonhar... O' minha amante,
Que nunca nos meus braços desmaiaste,
Que nem sequer de amor uma palavra
Dos meus labios em fogo inda escutaste,
Perdoa este sonhar vertiginoso!
Foi um sonho do peito delirioso!

E, se um dia, entre as scismas de tu'alma,
Minha imagem passar um só momento,
Fita meus olhos, vê como elles falam
Do amor que eu te votei no esquecimento:
Recorda-te do moço que em segredo
Fez-te a fada gentil de um sonho ledoo...

Recorda-te do pobre que em silencio
De ti fez o seu anjo de poesia,
Que tresnoita scismando em tuas graças,
Que por ti, só por ti, é que vivia,
Que tremia aó roçar de teu vestido,
E que por ti de amor era perdido...

Sagra ao menos uma hora em tua vida
Ao pobre que sagrou-te a vida inteira,
Que em teus olhos, febril e delirante,
Bebeu de amor a inspiração primeira,
Mas que de um desengano teve medo,
E guardou dentro d'alma o seu segredo!

Recife, Junho de 1863.

Cf. com a primeira publicação em livro, na "5ª"
(VI) Edição das *Espumas Fluctuantes*, de Seraphim
José Alves, Rio de Janeiro (1881), "appendice": I.

MOCIDADE E MORTE

E perto avisto o porto
Immenso, nebuloso e sempre noite
Chamado — Eternidade. —

LAURINDO.

Lasciate ogni speranza, voi ch'entrate.

DANTE.

Oh! eu quero viver, beber perfumes
Na flor silvestre, que embalsama os ares;
Ver minh'alma adejar pelo infinito,
Qual branca vela n'amplidão dos mares.
No seio da mulher ha tanto aroma...
Nos seus beijos de fogo ha tanta vida...
— Arabe errante, vou dormir á tarde
A' sombra fresca da palmeira erguida.

Mas uma voz responde-me sombria:
Terás o somno sob a lagea fria.

Morrer... quando este mundo é um paraíso,
E a alma um cysne de douradas plumas:
Não! o seio da amante é um lago virgem...
Quero boiar á tona das espumas.

Vem! formosa mulher — camelia pallida,
Que banharam de pranto as alvoradas,
Minh'alma é a borboleta, que espaneja
O pó das asas lucidas, douradas..

E a mesma voz repete-me terrível,
Com gargalhar sarcástico: — impossível!

Eu sinto em mim o borbulhar do genio.
Vejó além um futuro radiante:
Avante! — brada-me o talento n'alma
E o echo ao longe me repete — avante! —
O futuro... o futuro... no seu seio...
Entre louros e benções dorme a gloria!
Após — um nome do universo n'alma,
Um nome escripto no Pantheon da historia.

E a mesma voz repete funeraria:
Teu Pantheon — a pedra mortuaria!

Morrer — é ver extincto dentre as nevoas
O phanal, que nos guia na tormenta:
Condemnado. — escutar dobres de sino,
— Voz da morte, que a morte lhe lamenta —
Ai! morrer — é trocar astros por cirios,
Leito macio por esquife immundo,
Trocar os beijos da mulher — no visco
Da larva errante no sepulcro fundo.

Ver tudo findo... só na lousa um nome,
Que o viandante a perpassar consome.

E eu sei que vou morrer... dentro em meu peito
Um mal terrível me devora a vida:
Triste Ahasverus, que no fim da estrada,
Só tem por braços uma cruz erguida.

Sou o cypreste, qu'inda mesmo flórido,
Sombra de morte no ramal encerra!
Vivo — que vaga sobre o chão da morte,
Morto — entre os vivos a vagar na terra.

Do sepulcro escutando triste grito
Sempre, sempre bradando-me: maldito! —

E eu morro, ó Deus! na aurora da existencia,
Quando a sêde e o desejo em nós palpita...
Levei aos labios o dourado pomo,
Mordi no fruto pôdre do Asphaltita.
No triclinio da vida — novo Tantaló —
O vinho do viver ante mim passa...
Sou dos convivas da legenda Hebraica,
O stylete de Deus quebra-me a taça.

E' que até minha sombra é inexoravel,
Morrer ! morrer! soluça-me implacavel.

Adeus, pallida amante dos meus sonhos!
Adeus, vida! Adeus, gloria! amor! anhelos!
Escuta, minha irmã, cuidosa enxuga
Os prantos de meu pae nos teus cabellos.
Fôra louco esperar! fria rajada
Sinto que do viver me extingue a lampa...
Resta-me agora por futuro — a terra,
Por gloria — nada, por amor — a campa.

Adeus!... arrasta-me uma voz sombria
Já me foge a razão na noite fria!...

1864.

Espumas Fluctuantes, Edição original: VII.
Pbl. em S. Paulo, por volta de 1868-69, sob o titulo
"O Phtysico" (titulo que encontrei no indice das poe-

sias que deviam formar os *Dramas d'alma* — Poesias de Castro Alves — Bahia — e que depois se chamaram *Espumas Fluctuantes*, manuscrito do Poeta cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães) apenas com uma alteração no texto, na 7ª estancia, v. 6, que diz:

“Já da tremula vida extingue a lampa...”

Isto consta de um livro manuscrito de poesias de Castro Alves, que colleccionou Joaquim Polycarpo Aranha Junior, contemporaneo e admirador do Poeta, e que as transcrevia á medida que eram publicadas nos jornaes do tempo, segundo me informa Alberto Faria. Alem desta, ahi se encontram “As tres irmãs do Poeta”; “Ode ao 2 de julho”; “Quem dá aos pobres empresta a Deus”; “Gonzaga” (Epilogo de um drama); “A Maciel Pinheiro”; “Um dia Pygmalião o estatuario...” (Ao actor Joaquim Augusto); “Vozes d’Africa”; “Hebréa (a uma judia)”; “Perseverando”; “Pedro Ivo”; “Dalila”; “O laço de fita”; “E’ tarde”; “Adeus”; “As duas ilhas”; “Bôa-noite”; “Basta de covardia! A hora sôa” (Adeus meu canto); “A Bôa-Vista”; “A Ballada do Desesperado”; “Fatalidade”, o “Phantasma e a Canção”, “O derradeiro amor de Byron”; “Rezas”; “Anceios” (Devaneios, ou ****, ou, definitivamente, “Pensamento de Amor”); “O Seculo”; “O Navio Negreiro”. A proposito de cada uma indicarei as raras variantes. Esse titulo “O Phtysico”, depois felizmente substituido, denuncia, já em 1864, senão a certeza, as apprehensões de Castro Alves, sobre a doença que o ameaçava.

1) *Mordi no fruto podre do Asphaltita* (estancia 6ª v. 4). Nas margens do Lago Asphaltita ou Mar Morto ha duas especies vegetaes, cujos frutos receberam o nome de *pomos de Sodoma*: uma asclepiadacea, *Calotropis procera*, dá frutos amarellos, do tamanho de uma pequena laranja, cheios de uma paina sedosa, que se pode tecer; a outra, solanacea, *Solaneum sodomeum*, o limão de Lot, dos Arabes, fruto enganador, de conteúdo escuro e granuloso, como areia, acre, como cinza. Talvez seja este o da tradição, que chamou Castro Alves — o fruto podre do Asphaltita.

DALILA

Fair defect of nature
MILTON (*Paradise lost*).

Foi desgraça, meu Deus!... Não!... Foi loucura
Pedir seiva de vida — á sepultura,
 Em gelo — me abrasar,
Pedir amores — a Marcô sem brio,
E a reboicar-me em leito immundo e frio
 — A ventura buscar.

Errado viajor — sentei-me á alfombra
E adormeci da mancenilha á sombra
 Em berço de setim...
Embalava-me a brisa no meu leito...
Tinha o veneno a lacerar-me o peito
 — A morte dentro em mim...

Foi loucura!... No occaso — tomba o astro;
A estatua branca e pura de alabastro
 — Se mancha em lodo vil...
Quem rouba a estrella — á tumba do occidente?
Que Jordão lava na lustral corrente
 O marmoreo perfil?...

.

Talvez!... Foi sonho!... Em noite nevoenta
Ella passou sósinha, macilenta
Tremendo a soluçar...
Chorava — nenhum echo respondia...
Sorria — a tempestade além bramia...
E ella sempre a marchar.

E eu disse-lhe: Tens frio? — arde minha alma.
Tens os pés a sangrar? — podes em calma
Dormir no peito meu.
Pomba errante — é meu peito um ninho vago!
Estrella — tens minha alma — immenso lago —
Reflecte o rosto teu!...

E amamos... Este amor foi um delirio...
Foi ella minha crença, foi meu lirio,
Minha estrella sem véu...
Seu nome era o meu canto de poesia,
Que com o sol — penna de ouro — eu escrevia
Nas laminas do céu.

Em seu seio escondi-me... como á noite
Incauto colibri, temendo o açoite
Das iras do tufão,
A cabecinha esconde sob as asas,
Faz seu leito gentil por entre as gazas
Da rosa do Japão.

E depois... embalei-a com meus cantos
Seu passado esqueci... lavei com prantos
Seu lodo e maldição...
... Mas um dia acordei... E mal desperto
Olhei em torno a mim... — Tudo deserto...
Deserto o coração...

Ao vento, que gemia pelas franças
Por ella perguntei... de suas tranças
 A' flor que ella deixou...
Debalde... Seu lugar era vazio...
E meu labio queimado e o peito frio,
 Foi ella que o queimou...

Minha alma nodoou no osculo immundo,
Bem como Satanaz — beijando o mundo —
 Manchou a criação,
Simoun — crestou-me da esperança as flores...
Tormenta — ella afogou nos seus negros
 A luz da inspiração...

Vai, Dalila!... E' bem longa tua estrada...
E' suave a descida — terminada
 Em barathro cruel.
Tua vida — é um banho de ambrosia...
Mais tarde a morte e a lampada sombria
 Pendente do bordel.

Hoje flores... A musica soando...
As perlas do Champagne gottejando
 Em taças de crystal.
A volupia a escaldar na louca insomnia...
Mas suffoca os festins de Babylonia
 A legenda fatal.

Tens o seio de fogo e a alma fria.
O sceptro empunhas lubrico da orgia
 Em que reinas tu só!...
Mas que finda o ranger de uma mortalha,
A enxada do coveiro que trabalha
 A revolver o pó.

Não te maldigo, não!... Em vasto campo
Julguei-te — estrella, — e eras — pyrilampo
Em meio á cerração...
Prometheu — quis dar luz á fria argilla...
Não pude... Pede a Deus, louca Dalila,
A luz da redempção!...

Recife, 1864.

Espumas Fluctuantes, Edição original: XXXIX.

Pbl. na "Imprensa Academica", de S. Paulo, n.º 7, de 5 de Julho de 1868, quasi sem alteração: apenas, na 9.ª estancia, ultimo verso: "Foi ella que *gelou*". A importancia desta versão é, porem, a data: "Recife — Setembro de 1864".

1) *Dalila* (titulo). Não é a personagem biblica, como se poderia immediatamente pensar, mas a da ficção de Octavio Feuillet, heroina symbolica que dá o nome a um drama, em 3 actos e 6 quadros, representado em Paris em 1857 pela primeira vez e, depois, por toda a parte. No Brasil foi levado á scena muitas vezes e Castro Alves o applaudiu, representado por Furtado Coelho e Eugenia Camara, a qual encarnava Leonora, princeza Falconieri, a Dalila que rende os Sansões, cortezã de excelsa formosura e coração insensivel, que immola perversamente as affeições que desperta e provoca, até as vidas que lhe consagram. O nosso Poeta vingou no seu canto os artistas, como o desgraçado André Roswein, o "cysne dalmata", que se degrada e morre por ella, traiçoeira Dalila.

2) *Marcô* (estancia 1.ª, v. 4). Na versão da "Imprensa Academica" vem accentuada assim a palavra, que é como se lê o original francês: "Marco". Personagem principal do drama *Les Filles de Marbre*, de Theodore Barrière et Lambert Thiboust, em 5 actos, representando em 1853 em Paris e depois tambem por toda a parte. No Brasil constava do repertorio de Furtado Coelho e Eugenia Camara. *As Mulheres de Marmore* têm uma dupla celebridade: foram a refutação

da these de Alexandre Dumas Filho na *Dama das Camelias*, tentativa de reabilitação das cortezãs, pelo amor, e imitação quasi plagiaria, pela *Dalila*, de Octavio Feuillet. Marcô é uma Dalila, como foi depois a Leonora, a hetaira que devora os patrimonios e degrada os talentos, insensível a tudo, excepto ao oiro, como as “mulheres de marmore”, do prefacio, que é o começo symbolico do drama. Em Athenas, rico amator encomenda a Phidias tres estatuas de mulher, Phryné, Laïs, Aspasia, as quaes tão bellas saem do cinzel que ao proprio criador apaixonam. Por isso, não quer o artista entregá-las ao dono, mas apenas restituir-lhe o dinheiro recebido antecipadamente, ao que não convem este. Diogenes intervem: as proprias estatuas o decidirão: “Qual preferem dos dois — um, pobre artista, de genio e de coração, ou o outro, velho idiota, rico de oiro?” As mulheres de marmore sorriem a este. O philosopho exclama: “Eu bem vos reconheço, ó mulheres de marmore, cortezãs do presente, cortezãs do futuro!” Marcô, uma destas, em Paris e na epoca contemporanea, é como as outras, e o drama doloroso e commovido anda em torno della.

Na poesia de Castro Alves ha allusões claras a situações do drama: Raphael, o moço escultor, de genio e sensibilidade, quando se desenlça da traçoeira que o empobreceu e degradou, não tem mais genio nem entusiasmo. O “labio queimado”, o “peito frio”, crestadas “as flores da esperanza”, afogada “a luz da inspiração”, nada mais lhe resta, senão morrer. Não creio que em 1864, quando a escreveu Castro Alves, houvesse allusão pessoal: a poesia traduz apenas, em verso, uma impressão de teatro.

O CORAÇÃO

O coração é o colibri dourado
Das veigas puras do jardim do céu.
Um — tem o mel da granadilha agreste,
Bebe os perfumes, que a bonina deu.

O outro — vôa em mais virentes balsas,
Pousa de um riso na rubente flor.
Vive do mel — a que se chama — crenças —,
Vive do aroma — que se diz — amor. —

Recife, 1865.

Espumas Fluctuantes, Edição original: XXXII.

PENSAMENTO DE AMOR

Quero viver de esperança
Quero tremer e sentir!
Na tua trança cheirosa
Quero sonhar e dormir.

A. DE AZEVEDO.

O' pallida madona de meus sonhos,
Doce filha dos serros de Engadi!
Vem inspirar os sonhos do poeta,
Rosa branca da lyra de David.

Todo o amor que em meu peito repousava,
Como o orvalho das noites ao relento,
A teu seio elevou-se, como as nevoas,
Que se perdem no azul do firmamento.

Aqui... além... mais longe, em toda a parte,
Meu pensamento segue o passo teu.
Tu és a minha luz, — sou tua sombra,
Eu sou teu lago, — se tu és meu céu.

Lá, no theatro, ao som das harmonias,
Vendo-te a fronte altiva e peregrina...
Eu apertava o seio murmurando:
"Oh! mata-me de amor, mulher divina!"

A' tarde, quando chegas á janella,
A trança solta, onde suspira o vento,
Minha alma te contempla de joelhos...
A teus pés vae gemer meu pensamento.

Inda hontem, á noite, no piano
Os dedos teus corriam no teclado;
Que, ás caricias destas mãos formosas,
Gemia e suspirava apaixonado.

Depois cantaste... e a aria suspirosa
Veio n'alma accender-me mais desejos;
Dir-se-ia que essas notas eram doces
Como sussurro de amorosos beijos.

Oh! diz'-me, diz'-me, que ainda posso um dia
De teus labios beber o mel dos céus;
Que eu te direi, mulher dos meus amores:
— Amar-te ainda é melhor do que ser Deus!

Bahia, 1865.

Cf. com um manuscripto de Augusto Alvares Guimarães, num livro de versos do Poeta, cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães. Em baixo da pagina havia esta nota, relativa á derradeira estancia: “esta ultima estrophe está riscada”. Pbl. sob o titulo “*****” na “5ª” (VIª) Edição das *Espumas Fluctuantes*, de Seraphim José Alves, Rio de Janeiro (1881): “appendice”: X. Sob o titulo “Anceios” vem na edição da *A Cachoeira de Paulo Affonso*, de Cruz Coutinho, Rio, 1882, “appendice”: V. Nas *Poesias*, Bahia (1913): XLV, tem o titulo “Devaneios”. O adoptado aqui é o authenticico, que lhe deu o Poeta.

Segundo me referiu D. Simy Carvalho, a Amzack destinatária da “Hebréa”, foi esta poesia dirigida a sua linda irmã Esther, depois sra. José Henschel. As reminiscencias “do theatro”, “ao piano”, “á janella”, da “trança solta onde suspira o vento”, “cantando...” são confirmadas por outros testemunhos deste namôro. A confissão é tão explicita, que não ousou o Poeta escrever o nome da amada: vae declarado nos “Anjos da meia noite”, soneto “Esther”.

HEBRÉA

Flos campi et liliu[m] convalium.

Cant. dos Canticos.

Pomba d'esp'rança sobre um mar d'escolhos!
Lirio do valle oriental, brilhante!
Estrella vesper do pastor errante!
Ramo de murta a rescender cheirosa!...

Tu és, ó filha de Israel formosa...
Tu és, ó linda, seductora Hebréa...
Pallida rosa da infeliz Judéa
Sem ter o orvalho, que do ceu deriva!

Porque descoras, quando a tarde esquiva
Mira-se triste sobre o azul das vagas?
Serão saudades das infindas plagas,
Onde a oliveira no Jordão se inclina?

Sonhas acaso, quando o sol declina,
A terra santa do oriente immenso?
E as caravanas no deserto extenso?
E os pegureiros da palmeira á sombra?!...

Sim, fôra bello na relvosa alfombra,
Juncto da fonte, onde Rachel gemêra,
Viver comtigo qual Jacob vivêra
Guiando escravo teu feliz rebanho...

Depois nas aguas de cheiroso banho
 — Como Suzanna a estremecer de frio —
 Fitar-te, ó flor do Babylonio rio,
 Fitar-te a medo no salgueiro occulto...

Vem pois!... Comtigo no deserto inculto
 Fugindo ás iras de Saul embora,
 Se Michol fosses, teu David eu fôra,
 Vibrando na harpa do propheta o canto...

Não vês?... Do seio me gotteja o pranto
 Qual da torrente do Cedron deserto!...
 Como luctara o patriarcha incerto
 Luctei, meu anjo, mas cahi vencido.

Eu sou o Lothus para o chão pendido,
 Vem ser o orvalho oriental, brilhante!
 Ai! guia o passo ao viajor perdido,
 Estrella vesper do pastor errante!...

Bahia, 1866.

Espumas Fluctuantes, Edição original: III.

Pbl. na "Imprensa Academica" de S. Paulo, n.º. 2, de 28 de Maio de 1868, onde vem com o sub-titulo: "a uma Judia"; sem a epigraphe; apenas com uma variante na 7.ª estancia, 3.º verso que adoptei em vez do verso que o substituii nas *Espumas Fluctuantes*, edição original e seguintes:

David eu fora, se Michol tu fôras.

O verso é perfeito, e de Castro Alves; já não ficará nesta poesia a jaça de uma rima impropria.

A mesma data: "Bahia 1866", repetida na Edição original.

1) *Hebréa* (titulo). Foi de facto "a uma bella judia", Simy Amzalack, depois sra. Alberto Henschel, depois ainda sra. Almirante José Carlos de Carvalho, dedicada esta poesia. O Poeta enviara-a com o distico "á mais bella", travando-se entre a "definitiva" des-

tinataria e a talvez "intencional", sua formosa irmã Esther, lucta pela posse de um tropheu de tanto valor. Apesar de m'a haver confirmado D. Simy Carvalho esta lendaria dedicatoria, sua irmã mais moça, D. Mary Mesquita, suppõe que a "Hebréa" foi, como o "Pensamento de Amor", dedicada tambem á linda irmã de ambas, D. Esther, que era a predilecta de Castro Alves.

Tobias Barreto ouviu a "Hebréa" cantada em uma das egrejas do Norte do Brasil, mudada a intenção pelos crentes, que se dirigiam á Virgem Maria, tambem hebréa (*Estudos allemães*, Recife, 1882, pag. 101, nota).

2) A data da "Hebréa": "Bahia 1866", foi leviamente contestada, dizendo-se que tal não podia ser, pois nesse anno não estivera Castro Alves na sua terra; seria antes a data exacta "1871" (!). Em primeiro logar um autographo do Poeta, que me communicou D. Adelaide de Castro Alves Guimarães, traz esta data "Bahia, 1866". Nesse anno de 1866, na Bahia, falleceu o Dr. Antonio José Alves, e seu Filho, que o viera visitar, por gravemente enfermo, assistiu-lhe ao trespassse. Como se não bastasse ha um testemunho; conta Alfredo de Carvalho, referindo palavras de Regueira Costa, o amigo fiel de Castro Alves no Recife: "o mais precioso, porem dos autographos do Poeta, que possúo, diz-me, mostrando-o, é este da lindissima poesia "Hebréa" que elle a principio intitidou "A uma judia" e onde se observa apenas uma variante, comparando-a com a que está nas *Espumas Fluctuantes*: "Guiando escravo teu gentil rebanho". Esta poesia deu-m'a elle ao voltar da Bahia em 1866, declarando-me havê-la dedicado a uma judia de nome Simy Amzalack (?)" (*Castro Alves em Pernambuco*, Recife, 1905, p. 27.) Castro Alves não tornou ao Recife depois de 1867 e só podia, ahi, ter dado um dos seus originaes a seu collega Regueira Costa, antes desta data. Outro depoimento: na "Imprensa Academica", citada acima, que publicou a poesia em 1868, vem a data "1866". Finalmente, na Edição original das *Espumas Fluctuantes*, preparada e publicada por Castro Alves em 1870, essa mesma data de "1866" se repete. Como pois, senão leviamente, e sem uma só prova, attribui-la a 1871?! Assim se faz critica historica e literaria no Brasil...

O VÔO DO GENIO

A' ACTRIZ EUGENIA CAMARA.

Um dia, em que na terra a sós vagava
Pela estrada sombria da existencia,
Sem rosas — nos vergeis da adolescencia,
Sem luz d'estrella — pelo céu do amor;
Senti as asas de um archanjo errante
Roçar-me brandamente pela fronte,
Como o cysne, que adeja sobre a fonte,
A's vezes toca a solitaria flôr.

E disse então: “Quem és, pallido archanjo!
Tu, que o poeta vens erguer do pego?
Eras acaso tu, que Milton cego
Ouvia em sua noite erma de sol?
Quem és tu? Quem és tu? — “Eu sou o genio”,
Disse-me o anjo, “vem seguir-me o passo,
Quero comtigo me arrojjar no espaço,
Onde tenho por c'roas o arrebol.”

“Onde me levas, pois?...” — “Longe te levo
 Ao país do ideal, terra das flores,
 Onde a brisa do céu tem mais amores
 E a phantasia — lagos mais azues...”
 E fui... e fui... ergui-me no infinito,
 Lá onde o vôo d’aguia não se eleva...
 Abaixo — via a terra — abysmo em treva!
 Acima — o firmamento — abysmo em luz!

“Archanjo! archanjo! que ridente sonho!”
 —“Não, poeta, é o vedado paraíso,
 Onde os lírios mimosos do sorriso
 Eu abro em todo o seio, que chorou,
 Onde a loura comedia canta alegre,
 Onde eu tenho o condão de um genio infindo,
 Que a sombra de Molière vem sorrindo
 Beijar na frente, que o Senhor beijou...”

“Onde me levas mais, anjo divino?”
 —“Vem ouvir, sobre as harpas inspiradas,
 O canto das esferas namoradas,
 Quando eu encho de amor o azul do céu.
 Quero levar-te das paixões nos mares.
 Quero levar-te a dedalos profundos,
 Onde refervem sóes... e céus... e mundos...
 Mais sóes... mais mundos, e onde tudo é meu...”

“Mulher! mulher! Aqui tudo é volúpia:
 A brisa morna, a sombra do arvoredado,
 A lympha clara, que murmura a medo,
 A luz que abraça a flor e o céu ao mar.
 O’ *princeza*, a razão já se me perde,
 E’s a sereia da encantada Scylla,
 Anjo, que transformaste-te em Dalila,
 Sansão de novo te quisera amar!

“Porém não páras n’este vôo errante!
A que outros mundos elevar-me tentas?
Já não sinto o soprar de auras sedentas,
Nem bebo a taça de um fogo amor.
Sinto que rólo em barathros profundos...
Já não tens asas, aguia da Thessalia,
Maldição sobre ti... tu és Omphalia,
Ninguém te ergue das trevas e do horror.

“Porém silencio! No maldicto abysmo,
Onde cahi contigo criminosa,
Canta uma voz, sentida e maviosa,
Que arrependida sobe a Jehovah!
Perdão! Perdão! Senhor, p’ra quem soluça,
Talvez seja algum anjo peregrino...
... Mas não! inda eras tu, genio divino,
Tambem sabes chorar, como Eloah!

“Não mais, ó seraphim! suspende as asas!
Que, através das estrellas arrastado,
Meu ser arqueja louco, deslumbrado,
Sobre as constellações e os céus azues.
Archanjo! Archanjo! basta... Já contigo
Mergulhei das paixões nas vagas cerulas...
Mas nos meus dedos — já não cabem — perolas —
Mas na minh’alma — já não cabe — luz!...”

Recife, Maio de 1866.

Espumas Fluctuantes, Edição original: XIV.

1) *Molière* (4.^a estancia, v. 7) João Baptista Poquelin Molière (1622-1673), genial comediographo e comico francês. O *e* mudo final do nome sôa aqui, para inteireza do verso.

2) *Oh Princeza, a razão já se me perde...* (6.^a estancia, v. 5). Palavras que André Roswein, o apai-

xonado poeta e compositor, diz á Princesa Leonora Falconieri, traduzidas do original: "Madame... vous jouez avec ma raison". (*Dalila*, de Octavio Feuillet, Acto II, quadro II, sc. VI, Paris, 1857). Eugenia Camara representava no palco essa Dalila moderna, e já então amava-a o Poeta, transpondo em realidade a ficção daquellas palavras.

3) *Tambem sabes chorar, como Eloah!* (8.ª estancia, v. 8). *Eloa*, nascida de uma lagrima de Christo, do poema homonymo de Alfredo de Vigny (1824), é a mulher-anjo que se commove ao pranto de Satan

La Vierge dans le ciel n'avait pas vu des larmes

.

Eloa vient et pleure...

Eloa, chant. III, 214-20.

A EUGENIA CAMARA

Ainda uma vez tu brilhas sobre o palco,
Ainda uma vez eu venho te saudar...
Tambem o povo vem rolando applausos
A's tuas plantas mil trophéus lançar...

Após a noite, que passou sombria,
A estrella d'alva pelo céu rasgou...
Errante estrella, se luctaste um dia,
Vê como o povo o teu soffrer pagou...

Luctar!... que importa, se afinal venceste?
Chorar!... que importa, se afinal sorris?
A tempestade se não rompe a estatua
Lava-lhe os pés e a triumphal cerviz.

Ouves o applauso deste povo immenso,
Lava, que irrompe do popular vulcão?
E' o bronze *rubro*, que ao fundir dos bustos
Referve ardente do porvir na mão.

O povo... o povo... é um juiz severo,
Maldiz as trevas, abençôa a luz...
Sentiu teu genio e rebramiu soberbo:
— P'ra ti altares, não do poste a cruz.

Que queres? Ouve! — são mil palmas fervidas,
Olha! — é o delirio, que prorompe audaz.
Pisa! — são flores, que tu tens ás plantas
Toca na fronte — coroada estás.

Descansa, pois, como o condor nos Andes,
Pairando altivo sobre terra e mar
Pousa nas nuvens p'ra arrogante em breve
Distante... longe... mais além voar.

Recife, 1866.

Inedita. Cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães, de um manuscrito do Dr. Augusto Alvares Guimarães, em um livro de versos do Poeta.

SONHO DA BOHEMIA

DAMA NEGRA

I

Vamos, meu anjo, fugindo,
A todos sempre sorrindo,
Bem longe nos occultar,
Como Bohemios errantes
Alegres e delirantes
Por toda a parte a vagar.

II

Ha tanto canto na terra
Que uma vida inteira... encerra...
E que vida!... Um céu de amor!
Seremos dois passarinhos...
Faremos os nossos ninhos
Lá onde ninguem mais fôr.

III

Uma casinha bonita,
Lá na matta que se agita

Do vento ao molle soprar,
Com as folhas seccas da selva
Com o lençol verde da relva
Oh! quanto havemos de amar!...

IV

De manhã, inda bem cedo,
Has de acordar, anjo ledô,
Junto do meu coração...
Ao canto alegre das aves
As nossas canções suaves,
Quaes preces se ajuntarão.

V

Passeiaremos á sésta
Sonharemos na floresta,
Sempre felizes, meu Deus!...
N'alguma languida esteira
Quanta cantiga faceira
Ouvirei dos labios teus...

VI

E á noite no mesmo leito
Reclinada no meu peito
Hei de ouvir os cantos teus...
Por cada estrophe bonita
No teu seio, que palpita,
Terás cem beijos... Por Deus!

VII

Farei poesias ou versos
Aos teus olhinhos perversos,

Aos teus pésinhos, meu bem!
Tu cantarás, ó Manola,
Aquella moda hespanhola
Que tantos requebros tem!

VIII

Depois... que lindas viagens...
Veremos novas paysagens,
No sul, no norte, onde fôr...
Voando sempre, querida,
Co'a primavera da vida,
Co'a primavera do amor...

IX

Vamos, meu anjo, fugindo,
A todos sempre sorrindo
Bem longe nos occultar.
Como Bohemios, errantes
Que repetem delirantes
"P'ra ser feliz basta amar!"

Recife, 1866.

Cf. com um manuscripto de Augusto Alvares Guimarães, em livro de versos do Poeta, cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães. Pbl. nas *Poesias*, Bahia (1913): XIII, sob o titulo "Sonho".

1) *Dama negra*. Pela data, por essa inscripção — Dama negra —, e ainda pelo assumpto, trata-se de Eugenia Camara. Os namorados fugiram da cidade e se abrigaram num arrabalde do Recife, na casinha do Barro, onde foram viver os seus "sonhos da bohemia".

HORAS DE MARTYRIO

DAMA NEGRA

De dia na solidão seguir-te os passos,
De noite vigiar-te á luz da alampada,
Ser quem amas, e a sombra com quem sombas
Eis minha eternidade!

MACIEL MONTEIRO.

Quando longe de ti eu vegeto
Nestas horas de largos instantes,
O ponteiro, que passa os quadrantes
Marca sec'los, s'esquece de andar.
Fito o céu — é uma nave sem lampada.
Fito a terra — é uma varzea sem flores.
O universo é um deserto de dores
A madonna não brilha no altar.

Então lembro os momentos passados,
Então lembro tuas phrases queridas,
Como o infante que as pedras luzidas,
Uma a uma desfia na mão.
Como a virgem, que as joias de noiva,
Conta alegre a sorrir de alegria,
Conto os risos, que déste-me um dia.
Que rolaram no meu coração.

Me recordo o logar onde estavas...
O rugir de teu lindo vestido,
Como as asas de um anjo cahido
Quando roçam nas flores do val...
Vejo ainda os teus olhos quebrados
Este olhar de tão fulgidos raios,
Este olhar que me mata em desmaios
Doce, terno, amoroso, fatal...

Tuas phrases... são garças, que voam,
E' meu peito — o seu candido ninho...
Teus amores — a flor do caminho,
Que eu apanho, viajante do amor.
Quer os cardos me firam as plantas,
Quer os ventos me açoitem a fronte,
Dou-lhe orvalho — do pranto na fonte,
Dou-lhe sol — do meu peito no ardor.

Oh! se Deus algum dia orgulhoso
O seu livro infinito volvesse,
E nas letras de estrellas relesse
Não teria o orgulho que tenho,
Quando o abysmo dest'alma sondando,
No infinito de amor me abysmando
Eu me engolpho num pégo de luz...

Teu amor... teu amor me engrandece,
Dá-me forças nos transes da vida,
E a borrasca fatal, insoffrida,
Faz-me dó, faz-me rir de desdem...
Se eu cair, — rolarei no teu seio...
Se eu soffrer, — ouvirei o teu canto!
Sentirei nos meus dias de pranto
Que inda longe de mim — vela alguém!

Meu amor... Meu amor é um delírio...
E' volúpia, que abrasa e consome
Meu amor é uma mescla sem nome,
E's um anjo, e minh'alma — um altar.
Oh! meu Deus! manda ao tempo, que fuja,
Que deslisem em fio os instantes,
E o ponteiro, que passa os quadrantes,
Marque a hora em que a possa beijar.

Convento de S. Francisco no Recife, Julho de 1866.

Inedita. Cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães, de um manuscrito do Dr. Augusto Alvares Guimarães, em livro de versos do Poeta. Em outro manuscrito da mesma penna, a 5.^a estrophe — talvez por conter a mais formosa impiedade que já se escreveu — está riscada, para ser suppressa; num terceiro ainda da mesma origem, já não figura: adoptei a primeira versão, a original, de Castro Alves.

Confronte-se, adiante, com a poesia "Longe de ti", e a nota respectiva.

AMAR E SER AMADO

(FRAGMENTO)

Amar e ser amado! Com que anelo
Com quanto ardor este adorado sonho
Acalentei em meu delirio ardente
Por essas doces noites de desvelo!
Ser amado por ti, o teu alento
A bafejar-me a abrasadora frente!
Em teus olhos mirar meu pensamento,
Sentir em mim tu'alma, ter só vida
P'ra tão puro e celeste sentimento:
Ver nossa vida quaes dous mansos rios,
Juntos, juntos perderem-se no oceano —,
Beijar teus dedos em delirio insano,
Nossas almas unidas, nosso alento,
Confundido tambem, amante — amado —
Como um anjo feliz... que pensamento!?

Inedita. Cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães, de um manuscrito de Augusto Alvares Guimarães, num livro de versos do Poeta.

Não traz data. *Por ti* (v. 5) será ainda Eugenia Camara? Por esta possibilidade é aqui disposta a poesia.

AMEMOS !

DAMA NEGRA

A cette terre, où l'on ploie
Sa tente au déclin du jour,
Ne demande pas la joie;
Contente-toi de l'amour!

Dans ce monde de mensonges,
Moi, j'aimerai mes douleurs,
Si mes rêves sont tes songes
Si mes larmes sont tes pleurs.

V. Huco.

Porque tardas, meu anjo! oh! vem commigo.
Serei teu, serás minha... E' um doce abrigo
A tenda dos amores!
Longe a tormenta agita as penedias...
Aqui, ao som de errantes harmonias,
Se adormece entre flores.

Quando a chuva atravessa o peregrino,
Quando a rajada a galopar sem tino
Açoita-lhe na face,
E em meia noite, em cima dos rochedos,
Rasga-se o coração, ferem-se os dedos,
E a dor cresce e renasce...

A porta dos amores entreaberta
E' a cabana erguida em plaga incerta,
Que ampara do tufão...

O labio apaixonado é um lar em chammas,
E os cabellos, rolando em espadanas,
São mantos de paixão.

Oh! amar é viver... Deste amor santo
— Taça de risos, beijos e de prantos
Longos sorvos beber...
No mesmo leito adormecer cantando...
Num longo beijo despertar sonhando...
Num abraço morrer.

Oh! amar é ser Deus!... Olhar ufano
O céu azul, os astros, o oceano
E dizer-lhes: sois meus!
Fazer que o mundo se transforme em lyra,
Dizer ao tempo: não... tu és mentira,
Espera que eu sou Deus!

Amemos! pois. Se soffres terei prantos,
Que hão de rolar por terra tantos, tantos,
Como chora um irmão.
Hei de enxugar teus olhos com meus beijos,
Escutarás os doces rumorejos
D'ave do coração.

Depois... hei de encostar-te no meu peito,
Velar por ti — dormida sobre o leito,
Bem como a luz no altar.
Te embalarei com uma canção sentida,
Que minha mãe cantava enternecida
Quando ia me embalar.

Amemos, pois! P'ra ti eu tenho n'alma
Beijos, prantos, sorrisos, cantos, palmas...
Um abysmo de amor...

Sorrisos de uma irmã, prantos maternos,
Beijos de amante, canticos eternos,
E as palmas do cantor.

Ah! fôra bello unidos em segredo,
Juntos, bem juntos... tremulos de medo,
De quem entra no céu;
Desmanchar teus cabellos delirante,
Beijar teu collo... Oh! vamos minha amante,
Abre-me o seio teu.

Eu quero teu olhar, de aureos fulgores,
Ver desmaiar na febre dos amores,
Fitos... fitos em mim.
Eu quero ver teu peito entumescido,
Ao sopro da volupia arfar erguido...
O oceano de setim...

Não tardes tanto assim... Esquece tudo...
Amemos, porque amar é um santo escudo
Amar é não soffrer.
Eu não posso ser de outra... Tu és minha
Almas que Deus uniu na balsa edinea
Hão de unidas viver.

Meu Deus!... Só eu compr'endo as harmonias,
De tua alma sublime... As melodias
Que tens no coração.
Vem! Serei teu poeta, teu amante...
Vamos sonhar no leito delirante
No templo da paixão.

Recife, Julho de 1866.

Inedita. Cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães, de um manuscripto de Augusto Alvares Guimarães, em livro de versos do Poeta.

TRIPLICE DIADEMA

NO ALBUM DE EUGENIA CAMARA

O eterno estatuário do infinito
Pega um dia do marmore... e sacode
 Qual Phidias o cinzél,
Cava o buril abysmos de belleza...
Surge a fórma subtil como de Haydéa
 — Deus se fez Raphael.

Contempla o Eterno sua obra e pasma...
Pensa e medita... após mergulha os dedos
 Em abysmos de luz...
— Pega uma estrella, pousa-te na fronte
Deu-te o poder de devassar os orbes
 E os páramos azues...

O que é mais do que a estrella e o genio?... O anjo!
Ouve-se além da terra se levanta
 Um gemido de dor.
Qual de Pygmaléão, de Deus um pranto
Rolou no seio da Madoma pallida...
 Foi a gotta do amor...

Tens a belleza de uma Venus grega!
Tens o genio de Sapho, ardente, mystica!
 De um anjo o coração!

Só tu cingés o *triplice diadema*,
 — A belleza nas formas, — n'alma o genio
 — E no seio a paixão.

Recife, Agosto de 1866.

De um autographo, truncado, do Poeta, que continha a 2.^a, 3.^a e 4.^a estrophes, cf. com um manuscripto de Augusto Alvares Guimarães, num livro de versos de Castro Alves, que reproduzia completa a poesia, com a dedicatória e a data: cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães. Pbl. nas *Poesias*, Bahia (1913): XVIII, com varias laterações: a 4.^a estrophe foi suppressa, e, entretanto, é ella que resume o assumpto e justifica o titulo; entre a 1.^a e a 2.^a, estrophes, vem esta,

Então, canta no céu a estrella d'alva,
 Na terra a flor do val:
 Salve, estatua! Deus fez-te um diadema:
 De belleza ideal.

Entre a 2.^a e a 3.^a:

Então canta no céu a estrella d'alva,
 Na terra a flor do val:
 Salve! Deus te fez um diadema:
 O genio sideral.

Finalmente, depois da 3.^a estrophe, como remate:

Então, canta no céu a estrella d'alva,
 Na terra a flor do val:
 Salve genio! tens outro diadema:
 O amor maternal.

1) *No album de Eugenia Camara*. Sem mesmo a indicação deste destino, pela data e pelo assumpto, era facil saber a quem pertenciam taes diademas — belleza, pela qual estava o Poeta apaixonado, — genio, que applaudia no theatro, — coração, que elle sentia de perto, e que, ao tempo, amava tambem a uma interessante criaturinha de sete annos, Mimi, a filha que houvera de Furtado Coelho. Possuia, pois, a amada, o triplice diadema que lhe via seu apaixonado Poeta.

OS TRES AMORES

I.

Minh'alma é como a fronte sonhadora
Do louco bardo, que Ferrara chora...
Sou Tasso!... a primavera de teus risos
De minha vida as solidões enflora...
Longe de ti eu bebo os teus perfumes,
Sigo na terra de teu passo os lumes...
— Tu és Eleonora...

II.

Meu coração desmaia pensativo,
Scismando em tua rosa predilecta.
Sou teu pallido amante vaporoso,
Sou teu Romeu... teu languido poeta!...
Sonho-te ás vezes virgem... seminúa...
Roubo-te um casto beijo á luz da lua...
— E tu és Julieta...

III.

Na volupia das noites andaluzas
O sangue ardente em minhas veias rola...
Sou D. Juan!... Donzellas amorosas,
Vós conheceis-me os threnos na viola!
Sobre o leito do amor teu seio brilha...
Eu morro, se desfaço-te a mantilha...
Tu és — Julia a Hespanhola!...

Recife, Setembro de 1866.

Espumas Fluctuantes, Edição original: IX.

Pbl. na "Imprensa Academica", de S. Paulo, n.º 4, de 11 de junho de 1868 sob o titulo "Triplíce Amor"; datada de "Pernambuco".

1) *Os tres amores*. Era ainda Eugenia Camara que os resumia: o amor grave e distante, como a Eleonora, o Tasso; o amor casto, "sonho-te ás vezes virgem"... como a Julieta, Romeu; finalmente, o amor, de seducção e de prazer, de um D. Juan poeta que, numa só mulher, iberica como a Julia do poema de Byron, resumia todos os amores.

A UMA ACTRIZ

(NO SEU BENEFICIO)

Branco cysne, que vogavas
Das harmonias no mar,
Pomba errante de outros climas,
Vieste aos cerros pousar.
Inda bem. Sob os palmares
Na voz do condor, dos mares,
Das cerranias, dos céus...
Sente o homem, — que é poeta,
Sente o vate — que é propheta,
Sente o propheta — que é Deus.

Ha alguma cousa de grande
Deste mundo na amplidão,
Como que a face do Eterno
Palpita na criação...
E o homem que olha o deserto,
Diz comsigo: “Deus ’stá perto
Que a grandeza é o Creador.”
E, sob as paternas vistas,
Larga redeas ás conquistas,
Pede as asas ao condor.

Inda bem. A gloria é isto...
E' ser tudo... é ser qual Deus...
Agitar as selvas d'alma
Ao sopro dos labios teus...
Dizer ao peito — suspira!
Dizer á mente — delira!
A gloria inda é mais: E' ver
Homens, que tremem — se tremes!
Homens, que gemem — se gemes!
Que morrem — se vás morrer!

A gloria é ter com o tridente
Refreada a multidão,
— Oceano de pensamentos
Que tu agitas co'a mão!
— Montanha feita de idéas,
Que sustenta as epopéas
Que é do genio pedestal!
— Harpa immensa feita de almas,
Que rompe em hymnos e palmas,
Ao teu toque divinal.

Mas esqueceste... Não basta
“Chegar, olhar e vencer”
Do genio a maior grandeza
O ser divino é soffrer.
Diz'!... Quando ouves a torrente
Do entusiasmo na enchente
Vir espumar-te laureis;
N'est'hora grande não sentes
Longe os silvos das serpentes,
Que tentam morder-te os pés?

Inda é a gloria — rainha
 Que jámais caminha só.
 Ai! Quem sobe ao Capitolio
 Vai precedido de pó.
 Porém tu zombas da inveja...
 Se á noite o raio lampeja
 Tu fazes delle um clarão!
 Pela tormenta embalada
 Ao som da orchestra arroubada
 Vaes te perder n'amplidão.

Recife, 27 de Setembro de 1866.

Espumas Fluctuantes, Edição original: XLVIII.

- 1) *A uma actriz*. E' ainda Eugenia Camara.
- 2) *... Os silvos das serpentes*
Que tentam morder-te os pés (estancia 5.^a,
 v. 9 e 10)

Allusão á lucta, de enthusiasmo e invectivas, entre os parciaes de Eugenia Camara e de Adelaide Amaral, admirações exclusivas, uma ou outra, de dois grupos de rapazes do Recife, em 1866. Os partidarios desta negavam talento e graças, se não chegavam ao insulto, áquella. Castro Alves consolava a sua dama, lembrando-lhe:

“... quem sobe ao Capitolio
Vai precedido de pó (estancia 6.^a, v. 3 e 4).

FATALIDADE

DAMA NEGRA

Que fatalidade, meu Pae!
ALVARES DE AZEVEDO.

Adeus! adeus! ó meu extremo abrigo!
Adeus! eu digo-te a chorar de dor!
E' o derradeiro suspirar das crenças
Que se despedem das visões do amor.

Pallido e triste atravessei a vida
Sempre orgulhoso, concentrado e só!...
E' que eu sentia que um fadario extranho
Meus sonhos todos reduzia a pó.

Mas tu vieste... E acreditei na vida...
Abri os braços... caminhei p'ra luz...
E a borboleta da fatal chrysallida
Soltou as asas pelos céus azues.

O tronco morto — refloriu de novo
Ergueu-se vivo, perfumado, em flor.
Abençoando a primavera amiga...
Ai! primavera de meu santo amor!

Porém que importa, se ha fadarios — negros,
 Frontes — voltadas do sepulcro ao chão...
 Pedras colladas de um abysmo á beira...
 Astros sem norte, de um cruel clarão...

Quem mostra o trilho ao viajor das sombras?
 Quem ergue o morto que esfriou no pó?
 Quem diz á pedra que não desça o pégo?
 Quem segue a estrella desgraçada e só?

Ninguem!... Na terra tudo vae... gravita
 Lá para o ponto que lhe marca Deus.
 Os raios tombam — as estrellas sobem!...
 Luctar co'a sorte — é combater os céus!

“Vae! pois, ó rosa, que em meu seio, outr'ora
 Acalentava a suspirar e a rir...
 Deixas minh'alma como um chão deserto,
 Vae! flor virente! mais além florir...

“Vae! flor virente! no rumor das festas,
 Entre esplendores, como o sol, viver
 Enquanto eu subo — tropeçando incerto —
 Pelo patib'lo — que se diz soffrer!...

Que resta ao triste, sem amor, sem crenças?
 — Seguir a sina... se occultar no chão...
 ... Mas, quando, estrella! pelo céu voares,
 Banha-me a lousa de feral clarão!...

Recife, Outubro de 1866.

Cf. com um autographo do Poeta, cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães.

Pbl. na "Imprensa Academica "de S. Paulo, n.º 16, de 22 de Setembro de 1870, e depois na 5ª Edição das *Espumas Fluctuantes*, de Cruz Coutinho, Rio de Janeiro, 1881, "supplemento": VI.

Esta poesia é devida á inspiração de Eugenia Camara; dizem-no: a inscripção — Dama Negra —, apellido romantico que lhe deu, nas poesias que lhe consagrou, e a data. Depois dos amores na casinha do Barro, "o extremo abrigo", a actriz ia seguir o seu caminho, com a companhia Furtado Coelho, que se dirigia á Bahia. Dahi o desespero do Poeta:

Vae! flor virente! mais alem florir..."

.....
 Enquanto eu subo — tropeçando incerto
 Pelo patib'lo — que se diz soffrer!...

Mas Eugenia amava-o tambem, rompeu os seus contractos, deixou o seu empresario, ficou com o Poeta, e, só em começo de 1867, veiu com elle á Bahia.

O GONDOLEIRO DO AMOR

BARCAROLA

DAMA NEGRA

Teus olhos são negros, negros,
Como as noites sem luar...
São ardentes, são profundos,
Como o negrume do mar ;

Sobre o barco dos amores,
Da vida boiando á flor,
Douram teus olhos a fronte
Do Gondoleiro do amor.

Tua voz é a cavatina
Dos palacios de Sorrento,
Quando a praia beija a vaga,
Quando a vaga beija o vento ;

E como em noites de Italia,
Ama um canto o pescador,
Bebe a harmonia em teus cantos
O Gondoleiro do amor.

Teu sorriso é uma aurora,
Que o horizonte enrubesceu,
— Rosa aberta com o biquinho
Das aves rubras do céu;

Nas tempestades da vida
Das rajadas no furor,
Foi-se a noite, tem auroras
O Gondoleiro do amor.

Teu seio é vaga dourada
Ao tibio clarão da lua,
Que, ao murmurio das volupias,
Arqueja, palpita nua;

Como é doce, em pensamento,
Do teu collo no languor
Vogar, naufragar, perder-se
O Gondoleiro do amor!?!..

Teu amor na treva é — um astro,
No silencio uma canção,
E' brisa — nas calmarias,
E' abrigo — no tufão;

Por isso eu te amó, querida,
Quer no prazer, quer na dor,...
Rosa! Canto! Sombra! Estrella!
Do Gondoleiro do amor.

Recife, Janeiro de 1867.

Espumas Fluctuantes, Edição original: XI.
O "Gondoleiro do Amor" foi escripto ainda sob a
inspiração de Eugenia Camara, a — Dama Negra.

SUB TEGMINE FAGI

A MELLO MORAES.

Dieu parle dans le calme plus haut que dans la tempête.

Deus nobis hec otia fecit.

MICKIEWICZ.

VIRGILIO.

Amigo! O campo é o ninho do poeta...
Deus fala, quando a turba está quieta,
A's campinas em flor.
— Noivo — Elle espera que os convivas saíam...
E n'alcova onde as lampadas desmaiam
Então murmura — amor —

Vem commigo scismar risonho e grave...
A poesia — é uma luz... e a alma — uma ave...
Querem — trevas e ar.
A andorinha, que é a alma — pede o campo
A poesia quer sombra — é o pyrilampo...
P'ra voar... p'ra brilhar.

Meu Deus! Quanta belleza nessas trilhas...
Que perfume nas doces maravilhas,
Onde o vento gemeu!...
Que flores d'ouro pelas veigas bellas!
... Foi um anjo co'a mão cheia de estrellas
Que na terra as perdeu.

Aqui o ether puro se adelgaça...
Não sóbe esta blasphemia de fumaça
 Das cidades p'ra o céu.
E a Terra é como o insecto friorento
Dentro da flor azul do firmamento,
 Cujo calix pendeu!...

Qual no fluxo e refluxo, o mar em vagas
Leva a concha dourada... e traz das plagas
 Coraes em turbilhão,
A mente leva a prece a Deus —por perolas
E traz, volvendo após das praias cerulas,
 — Um brilhante — o perdão!

A alma fica melhor no descampado...
O pensamento indomito, arrojado
 Galopa no sertão,
Qual nos estepes o corsel fogoso
Relincha e parte turbulento, estoso,
 Sôlta a crina ao tufão.

Vem! Nós iremos na floresta densa,
Onde na arcada gothica e suspensa
 Reza o vento feral.
Enorme sombra cõe de enorme rama...
E' o *Pagode* phantastico de Brahma
 Ou velha cathedral.

Irei contigo pelos ermos — lento —
Scismando, ao pôr do sol, n'um pensamento
 Do nosso velho Hugo.
— Mestre do mundo! Sol da eternidade!...
Para ter por planeta a humanidade,
 Deus n'um *cerro* o *fixou*.

Ao longe, na quebrada da collina,
Enlaça a trepadeira purpurina
 O negro mangueiral...
Como no *Dante* a pallida *Francesca*,
Mostra o sorriso rubro e a face fresca
 Na estrophe sepulcral.

O povo das formosas amaryllis
Embala-se nas balsas, como as Willis
 Que o *Norte* imaginou.
O antro — fala... o ninho s'estremece...
A dryade entre as folhas apparece...
 Pan na flauta soprou!...

Mundo estranho e bizarro da chimera,
A phantasia desvairada gera
 Um paganismo aqui.
Melhor eu comprehendo então Virgilio...
E vendo os faunos lhe dançar no idyllio,
 Murmuro crente: — eu vi! —

Quando penetro na floresta triste,
Qual pela ogiva gothica o anthiste,
 Que procura o Senhor,
Como bebem as aves peregrinas
Nas amphoras de orvalho das boninas,
 Eu bebo crença e amor!...

E á tarde, quando o sol — condor sangrento —,
No occidente se aninha somnolento,
 Como a abelha na flor...
E a luz da estrella tremula se irmana
Co'a fogueira nocturna da cabana,
 Que accendera o pastor,

A lua — traz um raio para os mares...
 A abelha — traz o mel... um threno ao lares
 Traz a rola a carpir...
 Tambem deixa o poeta a selva escura
 E traz alguma estrophe, que fulgura,
 P'ra legar ao porvir!...

Vem!.Do mundo leremos o problema
 Nas folhas da floresta, ou do poema,
 Nas trevas ou na luz...
 Não vê?... Do céu a cupola azulada,
 Como uma taça sobre nós voltada,
 Lança a poesia á flux!...

Boa-Vista — 1867.

Espumas Fluctuantes, Edição original: XII.

Pbl. no "Archivo Juridico e Literario", de S. Paulo, 1868, 2.^a série, ns. 2 e 3, ps. 137-9, com as seguintes alterações: a dedicatoria é "ao meu amigo o poeta Mello Moraes"; sem a epigraphe de Mickiewicz; a epigraphe de Virgilio contém mais um verso: "Fortunatus est illi Deus qui novit agrestes"; a data diz: "Bahia (Bôa-Vista), 26 de Novembro de 1867".

Ronald de Carvalho no seu formoso livro, *Pequena Historia da Literatura Brasileira* (que só é pequena no titulo), Rio, 1919, p. 242, diz, transcrevendo "as admiraveis e perfeitas estrophes de poesia *Sub tegmine fagi*, que é uma das mais bellas da nossa lingua, e onde ha qualquer cousa do melhor Hugo, e do mais profundo Lamartine, na sua exaltação religiosa da arte e da natureza". Neste critico justo, ha tambem um poeta, capaz de comprehender a sublimidade do outro.

1) *Sub tegmine fagi*... (titulo), á sombra da faia, por extensão, á sombra das arvores. Trecho de dois

versos de Virgílio, o primeiro das *Bucólicas*: “Tityre, tu patulae recumbans sub tegmine fagi” (Ecl. I) e o último das *Georgicas*: “Tityre, te patule cecini sub tegmine fagi” (Lib. IV, 566).

2) *A pallida Francesca* (estancia 9.^a, v. 4). Nota do Poeta, á pagina 205 da Edição original das *Espumas Fluctuantes*:

SUB TEGMINE FAGI

“Como no Dante a pallida Francesca”

Francesca da Rimini é deveras a rosa pallida das estrophes do Inferno dantesco”.

Como no Dante a pallida Francesca

Mostra o sorriso rubro e a face fresca (estancia 9.^a, v. 4 e 5)

Na *Divina Comedia*, Canto V, v. 73 — 142 não se allude á pallidez de Francesca da Rimini, e dahi a justificativa da nota de Castro Alves, mas, insistentemente, á pena e piedade que inspira o seu “mal perverso”, devido ao crime “e ’l modo ancor m’offende”, que os puniu, aos dois amantes

“Amor condusse noi ad una morte...

O poeta commovido diz-lhe:

“... Francesca, i tuoi martiri”

“A lagrimar mi fanno tristo e pio.”

Inquirida sobre o passado, ella responde-lhe:

“... Nessun maggior dolore”

“Che ricordarsi del tempo felice”

“Nella miseria...”

Emquanto narrava a sua paixão, ao lado, Paolo

“L’altro piangeva sí, che di pietade”

“I’ venni men così com’io morisse;

“E caddi, como corpo morto cade.”

Castro Alves não leu, pois, o Alighieri neste passo, ou o esqueceu, ou foi pela rima levado ao contrasenso

daquelle segundo versc. que se refere ao “sorriso rubro” e a “face fresca” da “pallida Francesca”...

4) *O povo das formosas amaryllis...* (estancia 10ª, v, 1). Amaryllis é uma pastora de Virgílio nas *Bucolicas* (Ecl. I). Por extensão, as amaryllis são pastoras ou camponesas. O qualificativo do nosso Poeta é o mesmo virgiliano: “Formosam resonares doces Amaryllida sylvas...” I, 5.

5) ... *Como as Willis*

Que o Norte imaginou (estancia 10ª v. 2 e 3).

As Willis seriam phantasmas de raparigas condemnadas, que, todas as noites, saíriam de seus tumulos, a dansar, até a luz do dia. A superstição é do Norte, da Bohemia, hoje Tchéco-Slovaquia.

A BOA-VISTA

Sonha, poeta, sonha! Aqui sentado
No tosco assento da janella antiga,
Apoias sobre a mão a face pallida,
Sorrindo — dos amores á cantiga.

ALVARES DE AZEVEDO.

Era uma tarde triste, mas limpida e suave...
Eu — pallido poeta — seguia triste e grave
A estrada, que conduz ao campo solitario,
Como um filho, que volta ao paternal sacrario,
E ao longe abandonando o murmur da cidade
— Som vago, que gagueja em meio á immensidade—,
No drama do crepusculo eu escutava attento
A *surdina* da tarde ao sol, que morre lento.

A poeira da estrada meu passo levantava,
Porém minh'alma ardente no céu azul marchava
E os astros sacudia no vôo violento
— Poeira, que dormia no chão do firmamento.

A pávida andorinha, que o vendaval fustiga,
Procura os coruchéus da cathedral antiga.

Eu — andorinha entregue aos vendavaes do inverno,
Ia seguindo triste p'ra o velho lar paterno.

Como a aguia, que do ninho talhado no rochedo
Ergue o pescoço calvo por cima do fraguedo,
— P'ra ver no céu a nuvem, que espuma o firmamento,
E o mar,—corcel, que espuma ao latego do vento...)
Longe o feudal castello levanta a antiga torre,
Que aos raios do poente brilhante sol escorre!
Eil-o soberbo e calmo o abutre de granito
Mergulhando o pescoço no seio do infinito,
E lá de cima olhando com seus clarões vermelhos
Os tectos, que a seus pés parecem de joelhos!...

—

Não! minha velha torre! Oh! atalaia antiga,
Tu olhas esperando alguma face amiga,
E perguntas talvez ao vento, que em ti chora:
“Porque não volta mais o meu senhor d'outr'ora?
Porque não vem sentar-se no banco do terreiro
Ouvir das creancinhas o riso feiticeiro,
E pensando no lar, na sciencia, nos pobres
Abrigar n'esta sombra seus pensamentos nobres?

.

Onde estão as creanças — grupo alegre e risonho
— Que escondiam-se atraz do cypreste tristonho...
Ou que enforcaram rindo um feio *Pulchinello*.
Emquanto a doce Mãe, que toda amor, desvelo
Ralha com um rir divino o grupo folgazão,
Que vem correndo alegre beijar-lhe a branca mão?...

.

E' nisto que tu scismas, ó torre abandonada,
Vendo deserto o parque e solitaria a estrada.
No emtanto eu—estrangeiro, que tu já não conheces—
No limiar de joelhos só tenho pranto e preces.

Oh! deixem-me chorar!... Meu lar... meu doce ninho!
Abre a vetusta grade ao filho teu mesquinho!
Passado—mar immenso!... inunda-me em fragrancia!
Eu não quero laureis, quero as rosas da infancia.

Ai! Minha triste fronte, aonde as multidões
Lançaram misturadas glorias e maldições...
Acalenta em teu seio, ó solidão sagrada!
Deixa est'alma chorar em teu hombro encostada!

Meu lar está deserto... Um velho cão de guarda
Veio saltando á custo roçar-me a testa parda
Lamber-me após os dedos, porém a sós comsigo
Rusgando com o direito, que tem um velho amigo...

Como tudo mudou-se!... O jardim 'stá inculto
As roseiras morreram do vento ao rijo insulto...

A herva inunda a terra; o musgo trepa os muros
A ortiga silvestre enrola em nós impuros
Uma estatua cahida, em cuja mão nevada
A aranha estende ao sol a teia delicada!...
Mergulho os pés nas plantas selvagens, espalmadas,
As borboletas fogem-me em lucidas manadas...
E ouvindo-me as passadas tristonhas, taciturnas,
Os grillos, que cantavam, calam-se nas furnas...

Oh! jardim solitario! Reliquia do passado!
Minh'alma, como tu, é um parque arruinado!

Morreram-me no seio as rosas em fragancia,
Veste o pesar os muros dos meus vergeis da infancia.

A estatua do talento, que pura em mim s'erguia,
Jaz hoje — e nella a turba enlaça uma ironia!...
Ao menos como tu, lá d'alma n'um recanto
Da casta poesia ainda escuto o canto,
— Voz do céu, que consola, se o mundo nos insulta,
E na gruta do seio murmura um threno occulta.

Entremos!... Quantos echos na vasta escadaria,
Nos longos corredores respondem-me á porfia!...

Oh! casa de meus pais!... A um craneo já vasio,
Que o hospede largando deixou calado e frio,
Compara-te o estrangeiro — caminhando indiscreto
Nestes salões immensos, que abriga o vasto tecto.
Mas eu no teu vasio — vejo uma multidão
Fala-me o teu silencio — ouço-te a solidão!...
Povoam-se estas salas...

E eu vejo lentamente
No sólo resvalarem falando tenuemente
D'est'alma e d'este seio as sombras venerandas
Phantasmas adorados — visões subtis e brandas...

Aqui... além... mais longe... por onde eu movo o passo,
Como aves, que espantadas arrojam-se ao espaço,
Saudades e lembranças s'erguendo — bando alado —
Roçam por mim as asas voando p'ra o passado.

Bôa-Vista, 18 de Novembro de 1867.

Espumas Fluctuantes, Edição original: XXIX.
Pbl. na "Imprensa Academica", de S. Paulo, n.º 9,
de 16 de julho de 1868, com as seguintes alterações:

depois do titulo, a indicação: (Fragmento); sem a epigraphe de Alvares de Azevedo e com esta:

“Il chercha le jardin, la maison isolée
La grille d’où l’œil plonge en une oblique allée,
Le verger en talus,
Pâle il marchait. Au bruit de son pas grave e sombre
il voyait à chaque arbre hélas! se dresser l’ombre
Des jours qui ne sont plus...”

V. HUGO.

em vez dos versos 35-40, estes:

O’ mãe, o mãe sublime em cuja fronte pura
O amor como uma aureola esplendida fulgura
Porque não ralhas rindo o grupo folgazão
Que vem correndo alegre beijar-te a branca mão?

depois do verso 42, estes:

Ai sem saber que ao longe... na asylo derradeiro
Descansam teus senhores á sombra do salgueiro
E eu pobre estrangeiro, que tu já não conheces...

em logar do verso 55, este:

A mão lamber-me uivando! Talvez assim comigo
na data, depois de Bôa-Vista”: “(Bahia) 10” de Novembro etc.

Apesar do exemplo de Bocage e Castilho, além-mar, ainda no Brasil, ao tempo de Castro Alves, não era corrente o habito do alexandrino classico. á francesa. Accusado de os fazer errados, respondeu o nosso Poeta, certa occasião, que assim procedia Espronceda; de facto, o alexandrino archaico ainda é de moda espanhola. Varella, Castro Alves, etc., misturavam uns e outros, na mesma composição: nesta poesia existem de ambas as modas. Só com Machado de Assis, segundo Mario de Alencar, com Teixeira de Mello, segundo Alberto de Oliveira, predominou aqui o alexandrino classico.

A LUIZ

(NO DIA DE SEU NATALICIO)

A imaginação, com o vôo ousado, aspira a principio á eternidade... Depois um pequeno espaço basta em breve para os destroços de nossas esperanças illudidas!...

GOETHE.

Como um perfume de longinquas plagas
Traz o vento da patria ao peregrino,
O' meu amigo! que saudade infinda
Tu me trazes dos tempos de menino!

E' o ledo enchame de subtis abelhas
Que vem lembrar á flor o mel d'aurora...
Acres perfumes de uma idade ardente
Quando o labio sorri... mas nunca chora!

Que tempos idos! que esperanças louras!
Que scismas de poesia e de futuro!
Nas paginas do triste Lamartine
Quanto sonho de amor pousava puro!...

E tu falavas de um amor celeste,
De um anjo, que depois se fez esposa...
— Moça, que troca os risos de creança
Pelo meigo scismar de mãe formosa.

Oh! meu amigo! n'este doce instante
O vento do passado em mim suspira,
E minh'alma estremece de alegria,
Como ao beijo da noite geme a lyra.

Tu paraste na tenda, ó peregrino!
Eu vou seguindo do deserto a trilha;
Pois bem... que a lyra do poeta errante
Seja a benção do lar e da familia.

Rio, Fevereiro de 1868.

Espumas Fluctuantes, Edição original: XXXVIII.

1) *A Luiz...* (dedicatoria). E' Luiz Cornelio dos Santos, antigo condiscipulo no Recife, e intimo amigo do Poeta, que o acolheu e hospedou no Rio de Janeiro á rua Silva Manoel n.º 3, (predio hoje desapparecido), antes de ir, e depois de voltar de S. Paulo.

POETA

Meditar é trabalhar. Pensar é obrar.
O olhar fito no céu é uma obra.

V. HUGO.

L'univers est le temple, et la terre l'aûtel.
Les cieux en sont le dôme; est les astres sans nombre
Sont les sacrés flambeaux pour ce temps allumés.

LAMARTINE.

Poeta, ás horas mortas que o calice azulado
— Da etherea flor—á noite—debruça-se p'ra o mar,
E a pallida somnambula, cumprindo o eterno fado,
As gazas transparentes espalha do luar,

Eu vi-te ao clarão tremulo dos astros lá n'altura
Pela janella aberta ás virações azues,
— A amante sobre o peito sedento de ternura,
A mente no infinito sedenta só de luz.

Perto do candelabro teu Lamartine terno
A' tua espera abria as folhas de setim;
Mas tu lias no livro, onde escrevera o Eterno
Lettras—que são estrellas—no céu—folha sem fim—

Scismavas... de astro em astro teu pensamento errava
Rasgando o reposteiro da seda azul dos céus;
E teu ouvido attento... em extase escutava
Nas virações da noite o respirar de Deus.

O oceano de tua alma, do craneo transbordando,
Enchia a natureza de sentimento e amor,
As noites eram ninhos de amantes s'occultando,
O monte — um braço erguido em busca do Senhor.

Nas selvas, nas neblinas o olhar visionario
Via s'erguer phantasmas aqui... alli... além,
P'ra ti era o cypreste — o dedo mortuario
Com que o sepulcro aponta no espaço ao longe... alguém.

No cedro pensativo, que a sós no descampado
Geme e gotteja orvalhos ao sopro do tufão,
Vias um triste velho — sósinho, desprezado
Molhando a barba em prantos co'a fronte para o chão.

Aqui — ondina louca — vogavas sobre os mares —
Alli — sylpho ligeiro — na murta ias dormir,
Anjo — de algum cometa, que vaga pelos ares,
Na cabelleira fulgida brincavas a sorrir.

Sublime pantheista, que amor em ti resumes,
Sentes a alma de Deus na criação brilhar!
Perfume — tu subias, de um anjo entre os perfumes,
Ave do céu — nas nuvens teu ninho ias buscar.

Canta, poeta, os hymnos, com que o silencio acordas,
A natureza — é uma harpa presa nas mãos de Deus.
O mundo passa... e mira o brilho dessas cordas...
E o hymno?... O hymno apenas chega aos ouvidos teus.

Todo o universo é um templo—o céu a cupola immensa,
Os astros—lampas de ouro no espaço a scintillar,
A ventania—é o orgão que enche a nave extensa,
Tu és o sacerdote da terra—immenso altar.

Rio de Janeiro, Fevereiro de 1868.

Inedita. Cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães, de um manuscrito de Augusto Alvares Guimarães, em livro de versos do Poeta.

NO ALBUM DO ARTISTA LUIZ C. AMOEDO

Nos tempos idos... O alabastro, o marmore
Reveste as fórmas desnudadas, medidas
De Venus ou Phryné.
Nem um véu p'ra occultar o seio tremulo,
Nem um tyrso a velar a coxa pallida...
O olhar não sonha... vê!

Um dia o artista, n'um momento lucido,
Entre *gizas de pedra* a loura Aspasia
Amoroso envolveu.
Depois, surpreso!... viu-a inda mais languida...
Sonhou mais doudo aquellas fórmas lubricas...
Mais *núas* sob um *véu*.

E' o mysterio do espirito... A modestia
E' dos talentos reis a santa purpura...

Artista, és bello assim...
Este *santo pudor* é só dos genios! —
Tambem o espaço esconde-se entre nevoas...
E no emtanto é... sem fim!

S. Paulo, Abril de 1868.

Espumas Fluctuantes, Edição original: XXV.

1) *Luiz C. Amoedo* (dedicatoria). E' o artista dramatico Luis Carlos Amoedo, português de nascimento, (1826-1910), festejado nos theatros de todo o Brasil, que aqui precedeu a Furtado Coelho e Joaquim Augusto na representação dos dramas modernos: seu filho é o pintor Rodolpho Amoedo.

CANÇÃO DO BOHEMIO

RECITATIVO DA “MEIA HORA DE CYNISMO”

COMEDIA DE COSTUMES ACADEMICOS

Musica de Emilio Lago.

Que noite fria! Na deserta rua
Tremem de medo os lampeões sombrios.
Densa *garôa* faz fumar a lua
Ladram de tédio vinte cães vadios.

Nini formosa! porque assim fugiste?
Em balde o tempo á tua espera conto.
Não vês, não vês?... Meu coração é triste
Como um calouro quando leva *ponto*.

A passos largos eu percorro a sala
Fumo um cigarro, que filei na *escola*...
Tudo no quarto de Nini me fala
Em balde fumo... tudo aqui me *amola*.

Diz-me o relógio *cynicando* a um canto:
“Onde está ella que não veiu ainda?”
Diz-me a poltrona: “porque tardas tanto?
Quero esquecer-te, rapariga linda.”

Em vão a luz da crepitante vela
De Hugo clarêa uma canção ardente ;
Tens um idyllio — em tua fronte bella...
Um dithyrambo — no teu seio quente...

Pego o compendio... inspiração sublime
P'ra adormecer... inquietações tamanhas...
Violei á noite o domicilio, ó crime!
Onde dormia uma nação... de aranhas...

Morrer de frio quando o peito é brasa...
Quando a paixão no coração se aninha!?...
Vós todos, todos, que dormis em casa,
Dizei se ha dor, que se compare á minha!...

Nini! o horror d'este soffrer pungente
Só teu sorriso neste mundo acalma...
Vem aquecer-me em teu olhar ardente...
Nini! tu és o *cache-nez* d'est'alma.

Deus do Bohemio!... São da mesma raça
As andorinhas e o meu anjo louro...
Fogem de mim se a *primavera* passa
Se já nos campos não ha flores de *ouro*...

E tu fugiste, presentindo o inverno,
Mensal inverno do viver bohemio...
Sem te lembrar que por um riso terno
Mesmo eu tomara a *primavera a premio*...

No emtanto ainda do Xerez fogoso
Duas garrafas guardo ali... *Que minas!*
Além de um lado o violão saudoso
Guarda no seio inspirações divinas..

Se tu viesses... de meus labios tristes
 Rompera o canto... Que esperança ingloria!...
 Ella esqueceu o que jurar-lhe vistes
 O' Paulicéa, ó Ponte-grande, ó Gloria!...

Batem!.. Que vejo! Eil-a afinal commigo..
 Foram-se as trevas... fabricou-se a luz...
 Nini! pequei... dá-me exemplar castigo!
 Sejam teus braços... do martyrio a cruz!..

S. Paulo, Junho de 1868.

Espumas Fluctuantes, Edição original: XLIX.

Pbl. na "Imprensa Academica", de S. Paulo, n. "15" de 27 de Agosto de 1868, com as seguintes alterações: depois do titulo, apenas a indicação: (Recitativo); ordem mudada nas estrophes 4 e 5 que, nesta versão, estão trocadas; 9ª. estrophe, o v. 1 é:

Meu Deus, meu Deus, são de uma mesma raça

A 12ª. estrophe, v. 2 assim começa:

Rompem um canto..."

1) *Meia hora de cynismo...* *Comedia de costumes academicos* (explicação após o titulo). Esqueceu a Castro Alves dizer que a *Meia hora de cynismo* era de França Junior (Joaquim José da), 1838-1890, escripta em 1861, quando o autor estudava em S. Paulo, e, muitas vezes, ahi representada. Ao tempo do nosso Poeta era do repertorio da empresa Eugenia Camara, no Theatro de S. José. Este recitativo, para o qual o Professor Emilio do Lago escreveu a musica (poesia e musica impressas no Rio, em 1868) ajuntou-se á graça da comedia de França Junior.

2) *Nini...* estancia 2ª., 8ª., 13ª. Embora a indiscrição é ainda um dos nomes de intimidade, ou transparente allusão a Eugenia Camara, então com o Poeta em S. Paulo, mas já erradia, e quasi ao esquecer... aliás, tambem reminiscencia, do Poeta, da *Vie de Bo-*

hème, Henri Murger, de cujo livro *Les nuits d'hiver*, traduziu por esta epocha "A ballada do desesperado": neste volume a terceira poesia refere-se a Ninon, NINETTE, NINI...

3) *Cynismo* (indicação após o titulo), *cynicando* (4.^a estancia, v. 1), como outras expressões *filei na escola* (3.^a estancia, v. 2) *tudo aqui me amola* (id). v. 4) desta deliciosa poesia humoristica, são brasileirismos, ou expressões peculiares ao Brasil, usadas por nós em certas epochas "Cynismo", "cynicando", ao tempo de Castro Alves, não equivalia ao que se pode deprender do sentido actual das palavras, mas "tedio", "aborrecimento"; "enfadando", aborrecendo", em accepção semelhante e emprego insistente que tivera o forasteiro "spleen", na epocha de Alvares de Azevedo.

4) Estancia 7.^a v. 3-4. Como a jocosa recordação da garantia legal da inviolabilidade do domicilio, na estancia 6.^a v. 3, aqui a graça se refere áquella "Lamentação" de Jeremias: *O vos omnes qui transitis per viam, attendite, et videti si est dolor sicut dolor meus.* (c. I, 12).

PENSO EM TI

Eu penso em ti nas horas de tristeza
Quando rola a esperança emmurhecida
Nas horas de saudade e morbidez
Ai! Só tu és minha illusão querida
Eu penso em ti nas horas de tristeza.

Vê quanta sombra me escurece o seio!
Que pallidez sombria no meu rosto!
Tu és a unica luz da treva em meio
Tu és a minha estrella do sol posto...
Comtigo a sombra não me tolda o seio.

Quando a teus pés o meu viver s'escôa,
Esqueço a minha sorte, o meu martyrio,
Minh'alma como a pomba em sangue vôa
Para ir se abrigar á tua, ó lyrio,
Quando a teus pés o meu viver s'escôa...

Bendito o riso desses labios tímidos!
Bendito o meigo olhar tão peregrino!
Como o sol abre a flor nos campos húmidos
Crenças desperta o teu divino olhar...
E o riso, o riso desses labios tímidos.

Ai! volve! volve peregrina estrella...
Minh'alma é o templo de um amor suave
A' tua espera o lampadario vela...
A' tua espera perfumou-se a nave...
Ai volve! volve peregrina estrella!

Inedita. De um esboço autographo do Poeta, ainda imperfeito, e talvez a refazer, cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães. Sem titulo e sem data. Entre os papeis de Castro Alves ha uma referencia a "Requerdo", titulo de uma poesia não encontrada: será esta? Na duvida, pois que pode apparecer, o titulo adoptado aqui foi colhido no primeiro verso, o qual é uma reminiscencia de Fagundes Varella, naquelles que o proprio Poeta cita, como epigraphe das "Aves de Arribação":

"Pensava em ti nas horas de tristeza
Quando estes versos pallidos compús..."

A data, se é licito presumir uma, é a de 1868, em S. Paulo, quando, abandonado quasi por Eugenia Camara, o Poeta suspira por ella. Veja-se a "Canção do Bohemio", o "Hymno ao somno" e, confirmações posteriores, no "Adeus".

HYMNO AO SOMNO

O' somno! ó noivo pallido
Das noites perfumosas,
Que um chão de *nebulosas*
Trilhas pela amplidão!
Em vez de verdes pampanos,
Na branca fronte enrolas
As languidas papoulas,
Que agita a viração.

Nas horas solitarias,
Em que vagueia a lua,
E lava a planta núa
Na onda azul do mar,
Com um dedo sobre os labios
No vôo silencioso;
Vejo-te cauteloso
No espaço viajar!

Deus do infeliz, do misero!
Consolação do afflicto!
Descanço do precito,
Que sonha a vida em ti!
Quando a cidade tetrica
De angustias e dôr não geme...
E' tua mão que espreme
A dormideira alli.

Em tua branca tunica
Envolves meio mundo...
E' teu seio fecundo.
De sonhos e visões,
Dos templos aos prostibulos,
Desde o tugurio ao Paço,
Tu lanças lá no espaço
Punhados de illusões!...

Da vide o summo rúbido,
Do *hatchiz* a essencia,
O opio, que a indolencia
Derrama em nosso ser,
Não valem, gemio magico,
Teu seio, onde repousa
A placidez da lousa
E o gozo do viver...

O' somno! Unge-me as palpebras...
Entorna o esquecimento
Na luz do pensamento,
Que abrasa o craneo meu,
Como o pastor da Arcadia,
Que uma ave errante aninha...
Minh'alma é uma andorinha...
Abre-lhe o seio teu.

Tu, que fechaste as petalas
Do lirio, que pendia,
Chorando a luz do dia
E os raios do arrebol,
Tambem fecha-me as palpebras...
Sem *Ella* o que é a vida?...
Eu sou a flor pendida
Que espera a luz do sol.

O leite das euphorbias
P'ra mim não é veneno...
Ouve-me, ó Deus sereno!
O' Deus consolador!
Com teu divino balsamo
Cala-me a ansiedade!
Mata-me esta saudade,
Apaga-me esta dor.

Mas quando, ao brilho rutilo
Do dia deslumbrante,
Vires a minha amante
Que volve para mim,
Então ergue-me subito...
E' minha aurora linda...
Meu anjo... mais ainda...
E' minha amante emfim!

O' somno! O' Deus noctivago!
Doce influencia amiga!
Genio que a Grecia antiga
Chamava de Morpheu.
Ouve!... E se minhas supplicas
Em breve realizares...
Voto nos teus altares
Minha lyra de Orpheu!...

S. Paulo, 12 de Julho de 1868.

Espumas Fluctuantes, Edição original: XXV.

1) Ainda uma inspiração devida a Eugenia Camara, que já não provocava a amorosa insomnia do Poeta, mas essa, afflicta e saudosa, contra a qual invoca o somno, o "divino balsamo". E' dos mais formosos poemas de Castro Alves, tanto foi sentido e vivido. Constancio Alves affirma que honraria a qualquer antologia classica. Lucio de Mendonça era deste parecer.

O LAÇO DE FITA

Não sabes, creança? 'Stou louco de amores...
Prendi meus affectos, formosa Pepita.
Mas onde? No templo, no espaço, nas nevoas?!
Não rias, prendi-me

N'um laço de fita.

Na selva sombria de tuas madeixas,
Nos negros cabellos de moça bonita,
Fingindo serpente qu'enlaça a folhagem,
Formoso enroscava-se

O laço de fita.

Meu ser, que voava nas luzes da festa,
Qual passaro bravo, que os ares agita,
Eu vi de repente captivo, submisso
Rolar prisioneiro

N'um laço de fita.

E agora enleuada na tenue cadeia
Debalde minh'alma se embate, se irrita...
O braço, que rompe cadeias de ferro,
Não quebra teus élos,

O' laço de fita!

Meu Deus! As phalenas têm asas de opala,
Os astros se libram na plaga infinita.
Os anjos repousam nas pennas brilhantes...
Mas tu... tens por asas
Um laço de fita.

Hã pouco voavas na célere walsa
Na walsa que anseia, que estúa e palpita.
Porque é que tremeste? Não eram meus labios...
Beijava-te apenas...
Teu laço de fita.

Mas ai! findo o baile, despindo os adornos
N'alcova onde vela ciosa... crepita,
Talvez da cadeia libertes as tranças
Mas eu... fico preso
No laço de fita.

Pois bem! Quando um dia na sombra do valle
Abrirem-me a cova..., formosa Pepita!
Ao menos arranca meus louros da fronte,
E dá-me por c'rôa...
Teu laço de fita.

S. Paulo, Julho de 1868.

Espumas Fluctuantes, Edição original: V.

1) *Formosa Pepita* (estancia 2^a. v. 2). Esta Pepita seria Maria Carolina de Almeida Torres, linda e travessa menina, enteada de uma irmã de Alvares de Azevedo, ou Sinhá Lopes dos Anjos, filha de um medico bahiano, de S. Paulo, correspondente e amigo de Castro Alves... Seriam outras...

BOA NOITE

Veux-tu donc partir? Le jour est encore éloigné;
C'était le rossignol et non pas l'alouette,
Dont le chant a frappé ton oreille inquiète;
Il chante la nuit sur les branches de ce grenadier,
Crois-moi, cher ami, c'était le rossignol.

SHAKESPEARE.

Bôa-noite, Maria! Eu vou-me embora.
A lua nas janellas bate em cheio.
Bôa-noite, Maria! E' tarde... é tarde...
Não me apertes assim contra teu seio.

Bôa-noite!... E tu dizes — Bôa-noite.
Mas não digas assim por entre beijos...
Mas não m'o digas descobrindo o peito,
— Mar de amor onde vagam meus desejos.

Julieta do céu! Ouve... a *calhandra*
Já rumoreja o canto da matina.
Tu dizes que eu menti?... pois foi mentira...
... Quem cantou foi teu halito, divina!

Se a estrella d'alva os derradeiros raios
Derrama *nos jardins do Capuleto*,
Eu direi, me esquecendo d'alvorada:
“E' noite ainda em teu cabelo preto...”

E' noite ainda! Brilha na cambraia
— Desmanchado o roupão, a espadua núa —
O globo de teu peito entre os arminhos
Como entre as nevoas se balouça a lua...

E' noite, pois! Durmamos, Julieta!
Rescende a alcova ao trescallar das flores.
Fechemos sobre nós estas cortinas...
— São as asas do archanjo dos amores.

A frouxa luz da alabastrina lampada
Lambe voluptuosa os teus contornos...
Oh! Deixa-me aquecer teus pés divinos
Ao doudo afago de meus labios mornos.

Mulher do meu amor! Quando aos meus beijos
Treme tua alma, como a lyra ao vento,
Das teclas de teu seio que harmonias,
Que escalas de suspiros, bebo attento!

Ai! Canta a cavatina do delirio
Ri, suspira, soluça, anseia e chora...
Marion! Marion!... E' noite ainda.
Que importa os raios de uma nova aurora?!...

Como um negro e sombrio firmamento,
Sobre mim desenrola teu cabelo...
E deixa-me dormir balbuciando:
— Bôa-noite! —, formosa Consuelo!...

S. Paulo, 27 de Agosto de 1868.

Espumas Fluctuantes, Edição original: XXI.
Pbl. n' "O Academico", de S. Paulo, n. 14, de 24 de
Outubro de 1868.

1) *Maria, Julieta, Marion, Consuelo...* são, nesta

mesma poesia, nomes de carícia a Eugenia Camara, uma e a mesma "mulher de meu amor", diz-lhe o Poeta.

2) *Mas não digas assim por entre beijos* (estancia 2.^a v. 2). E não como está na Edição original, e em todas as outras, das *Espumas Fluctuantes*: "Mas não m'ó digas assim... etc. Castro Alves corrigiu-o no exemplar da 1.^a Edição, offerecido a José de Alencar, que pude conferir, cm. por Mario de Alencar.

3) *Capuleto...* (estancia 4.^a v. 2) era a familia nobre de Julieta, na lenda, ou na historia, dos Amantes de Verona. A allusão aos jardins, onde se deveram encontrar os namorados, é trazida pela comparação da amada de Castro Alves com a de Romeu, na estrophe anterior e na segunda subsequente.

4) *Consuelo...* (estancia 10.^a v. 4) é a personagem principal, homonyma, do romance de George Sand (1842).

5) Desta formosa poesia "Bôa-Noite", viriam a Olavo Bilac inspirações e reminiscencias nos seus "Ter-cetos", *Poesias*, p. 67, Rio, 1909. Foi como o "lyrico" das *Espumas Fluctuantes* se vingou, trinta annos antes, do "lyrico" da *Alma inquieta*, que um dia haveria de blasphemar do outro, aliás confundidos hoje em nossa admiração.

O "ADEUS" DE THEREZA

A vez primeira que eu fitei Thereza,
Como as plantas que arrasta a correnteza,
A walsa nos levou nos gyros seus...
E amámos juntos... E depois na sala
"Adeus" eu disse-lhe a tremer co'a fala...

E ella, córando, murmurou-me: "adeus."

Uma noite... entreabriu-se um reposteiro...
E da alcova sahia um cavalleiro
Inda beijando uma mulher sem véus...
Era eu... Era a pallida Thereza!
"Adeus" lhe disse conservando-a presa...

E ella entre beijos murmurou-me: "adeus."

Passaram tempos... sec'los de delirio
Prazeres divinaes... gozos do Empyrio...
... Mas um dia volvi ao lares meus.
Partindo eu disse — "Voltarei!... descança!..."
Ella, chorando mais que uma creança,

Ella em soluços murmurou-me: "adeus."

Quando voltei... era o palacio em festa!...
E a voz d'*Ella* e de um homem lá na orchestra
Preenchiam de amor o azul dos céus.
Entrei!... *Ella* me olhou branca... surpresa!
Foi a ultima vez que eu vi Thereza!...

E ella arquejando murmurou-me: “adeus!”

S. Paulo, 28 de Agosto de 1868.

Espumas Fluctuantes, Edição original: XV.

AHASVERUS E O GENIO

AO POETA E AMIGO J. FELIZARDO JUNIOR

Sabes quem foi Ahasverus?... — o precito,
O misero Judeu, que tinha escripto
 Na fronte o sello atroz!
Eterno viajor de eterna senda...
Espantado a fugir de tenda em tenda
Fugindo em balde á *vingadora voz!*

Miserrimo! Correu o mundo inteiro,
E no mundo tão grande... o forasteiro
 Não teve onde... pousar.
Co'a mão vazia — viu a terra cheia.
O deserto negou-lhe — o grão de areia,
A gotta d'agua — rejeitou-lhe o mar.

D'Asia as florestas — lhe negaram sombra
A savana sem fim — negou-lhe alfombra,
 O chão negou-lhe o pó!...
Tabas, serralhos, tendas e solares...
Ninguem lhe abriu a porta de seus lares
 E o triste seguiu só.

Viu povos de mil climas, viu mil raças,
E não poudes entre tantas populações
 Beijar uma só mão...
Desde a virgem do norte á de Sevilhas
Desde a ingleza á crioula das Antilhas
 Não teve um coração!...

E caminhou!... E as tribus se afastavam
E as mulheres tremendo murmuravam
 Com respeito e pavor.
Ai! Fazia tremer do valle á serra...
Elle que só pedia sobre a terra
 — Silencio, paz e amor! —

No emtanto, á noite, se o Hebreu passava,
Um murmurio de inveja se elevava,
Desde a flor da campina ao colibri.
“Elle não morre” a multidão dizia...
E o precito consigo respondia:
 — “Ai! mas nunca vivi!” —

O Genio é como Ahasverus... solitario
A marchar, a marchar no itinerario
 Sem termo do existir.
Invejado! a invejar os invejosos.
Vendo a sombra dos alamos frondosos...
E sempre a caminhar... sempre a seguir...

Pede u'a mão de amigo — dão-lhe palmas:
Pede um beijo de amor — e as outras almas
 Fogem pasmas de si.

E o misero de gloria em gloria corre...
Mas quando a terra diz: — “Elle não morre”
Responde o desgraçado: “Eu não vivi!...”

S. Paulo, Outubro de 1868.

Espumas Fluctuantes, Edição original: VI.

1) *J. Felizardo Junior* (dedicatoria)... é José Felizardo Junior, rapaz rio-grandense, collega e amigo de Castro Alves, também poeta e dramaturgo. Por volta de 1868, 69 escreveu, de colaboração com Carlos Augusto Ferreira (outro amigo de Castro Alves, e, como Felizardo, seu companheiro de casa) varios dramas: *Demonio do lar, Magdalena, Lucia, Martyres do coração, os Grotescos, Calumnia, Opinião Publica...* etc. Esqueceu a Sacramento Blake: delle falam os jornaes academicos do tempo, e Carlos Ferreira — *Feituras e Feições*, Campinas, 1905, p. 230 etc.

ADORMECIDA

Ses longs cheveux épars la couvrent toute entière
La croix de son collier répose dans sa main,
Comme pour témoigner qu'elle a fait sa prière.
Et qu'elle va la faire en s'éveillant demain.

A. DE MUSSËT.

Uma noite, eu me lembro... Ella dormia
N'uma rêde encostada mollemente...
Quasi aberto o roupão... solto o cabelo
E o pé descalço do tapete rente.

'Stava aberta a janella. Um cheiro agreste
Exhalavam as silvas da campina...
E ao longe, n'um pedaço do horizonte,
Via-se a noite placida e divina.

De um jasmineiro os galhos encurvados,
Indiscretos entravam pela sala,
E de leve oscillando ao tom das auras,
Iam na face tremulos — beijal-a.

Era um quadro celeste!... A cada afago
Mesmo em sonhos a moça estremecia...
Quando ella serenava... a flor beijava-a...
Quando ella ia beijar-lhe... a flor fugia...

Dir-se-ia que n'aquelle doce instante
 Brincavam duas candidas creanças...
 A brisa, que agitava as folhas verdes,
 Fazia-lhe ondear as negras tranças!

E o ramo ora chegava ora afastava-se...
 Mas quando a via despeitada a meio,
 P'ra não zangal-a... sacudia alegre
 Uma chuva de petalas no seio...

Eu, fitando esta scena, repetia
 N'aquella noite languida e sentida:
 "O' flor! — tu és a virgem das campinas!
 "Virgem! — tu és a flor de minha vida!..."

S. Paulo, Novembro de 1868.

Espumas Fluctuantes, Edição original: XXII.

Pbl. na "Imprensa Academica" de S. Paulo n.º 3.º,
 de 19 de junho de 1870, jornal então dirigido por Af-
 fonso Penna e Rodrigues Alves, condiscipulos do nosso
 Poeta, cm. á redacção José Felizardo Junior, seu amigo
 e collega (a quem offereceu "Ahasverus e o Genio"),
 sob o titulo "A flor e a virgem", com as seguintes alte-
 rações:

"Encostada na rede mollemente" (estancia 1ª v. 2)
 "De um jasmineiro os ramos encurvados" (e. 3ª v. 1)
 "E de leve impellidos pelo vento" (e. 3ª v. 3)
 "Era um quadro mimoso!... A cada afago" (e. 4ª v. 1)
 "Dir-se-ia que naquelle mago instante" (e. 5ª v. 1)
 "E a folhagem volvia a procural-a
 Mas logo vendo-a despeitada a meio" (e. 6ª v. 1 e 2)
 "Eu, fitava esta scena, graciosa
 E murmurava com a voz sentida" (e. 7ª v. 1 e 2)

Transcripta pelo "Jornal da Tarde", do Rio de Ja-
 neiro, n.º 205, de 28 de Junho de 1870, nos mesmos
 termos.

QUANDO EU MORRER...

Eu morro, eu morro. A matutina brisa
Já não me arranca um riso. A fresca tarde
Já não me doura as descoradas faces
Que gelidas se escovão.

JUNQUEIRA FREIRE.

Quando eu morrer... não lancem meu cadaver
No fosso de um sombrio cemiterio..
Odeio o mausoléu que espera o morto
Como o viajante d'esse hotel funereo.

Corre nas veias negras d'esse marmore
Não sei que sangue vil de messalina,
A cova, n'um bocejo indiferente,
Abre ao primeiro a bocca libertina.

Eil-a a náu do sepulcro — o cemiterio..
Que o povo estranho no porão profundo!
Emigrantes sombrios que se embarcam
Para as plagas sem fim do outro mundo.

Tem os fogos — errantes — por santelmo.
Tem por velame — os pannos do sudario..
Por mastro — o vulto esguio do cypreste,
Por gaivotas — o mocho funerario...

Ali ninguem se firma a um braço amigo
Do inverno pelas lugubres noitadas...
No tombadilho indifferentes chocam-se
E nas trevas esbarram-se as ossadas...

Como deve custar ao pobre morto
Ver as plagas da vida além perdidas,
Sem ver o branco fumo de seus lares
Levantar-se por entre as avenidas!...

Oh! perguntai aos frios esqueletos
Porque não têm o coração no peito...
E um d'elles vos dirá: "Deixei-o ha pouco
De minha amante no lascivo leito."

Outro: "Dei-o a meu pai." Outro: "Esqueci-o
Nas innocentes mãos de meu filhinho"...
... Meus amigos! Notai... bem como um passaro
O coração do morto volta ao ninho!...

S. Paulo, Março de 1869.

Espumas Fluctuantes, Edição original: LII.
Nota do autor á p. 205, da Edição original das *Espumas Fluctuantes*:

"QUANDO EU MORRER

Estes versos foram escriptos quando julgava o autor repousar em terra estranha.

A febre e o soffrimento fizeram que elles ficassem truncados. Completal-os mais tarde seria de alguma sorte tirar-lhes o unico merecimento, que por acaso têm."

A VOLTA DA PRIMAVERA

Aime, et tu renaitras; fais-toi fleur pour éclore,
Après avoir souffert, il faut souffrir encore,
Il faut aimer sans cesse, après avoir aimé.

A. DE MUSSÉT.

Ai não maldigas minha fronte pallida,
E o peito gasto ao refter de amores.
Vegetam louros — na caveira esqualida
E a sepultura se reveste em flores.

Bem sei que um dia o vendaval da sorte
Do mar lançou-me na gelada areia.
Serei... que importa? o D. Juan da morte
Dá-me o teu seio — e tu serás Haydeia!

Pousa esta mão — nos meus cabellos humidos!...
Ensina á brisa ondulações suaves!
Dá-me um abrigo nos teus seios tumidos!
Fala!... que eu ouço o pipilar das aves!

Já viste ás vezes, quando o sol de Maio
Inunda o valle, o matagal e a veiga?
Murmura a relva: “Que suave raio!”
Responde o ramo: “Como a luz é meiga!”

E, ao doce influxo do clarão do dia,
O junco exausto, que cedera á enchente,
Levanta a fronte da lagoa fria...
Mergulha a fronte na lagoa ardente...

Se a natureza apaixonada acorda
Ao quente afago do celeste amante,
Diz'!... Quando em fogo o teu olhar transborda,
Não vês minh'alma reviver ovante?

E' que teu riso me penetra n'alma —
Como a harmonia de uma orchestra santa —
E' que teu riso tanta dôr acalma...
Tanta descrença!... Tanta angustia!... Tanta!

Que eu digo ao ver tua celeste fronte:
"O céo consola toda dôr que existe."
"Deus fez a neve — para o negro monte!"
"Deus fez a virgem — para o bardo triste!"

Rio de Janeiro, Junho de 1869.

Espumas Fluctuantes, Edição original: XVI.

1) Haydéa é uma linda menina, objecto de amor do erradio e inconstante D. Juan, do poema homonymo de Byron, que o recolhe naufrago numa ilha da Grecia, dá-se-lhe de corpo e alma, e, pouco depois, abandonada, por elle morre de paixão (canto II).

2) Descobri que a inspiradora destes versos foi Candida de Campos, a linda Dendém, que o Poeta conheceu na convivencia do lar de Luís Cornelio dos Santos e pela qual se apaixonou, revivendo, "ao seu olhar que transbordava em fogo"...

MURMURIOS DA TARDE

E'coute! tout se tait; songe à ta bien aimée,
Ce soir, sous les tilleuls, à la sombre ramée,
Le rayon du couchant laisse un adieu plus doux;
Ce soir, tout va fleurir: l'immortelle nature
Se remplit de parfums, d'amour et de murmure,
Comme le lit joyeux de deux jeunes époux.

A. DE MUSSET.

Rosa! Rosa de amor purpurea e bella!

GARRETT.

Hontem á tarde, quando o sol morria,
A natureza era um poema santo.
De cada moita a escuridão sahia,
De cada gruta rebentava um canto,
Hontem, á tarde, quando o sol morria.

Do céu azul na profundeza escura
Brilhava a estrella, como um fruto louro,
E qual a foice, que no chão fulgura,
Mostrava a lua o semicirc'lo d'ouro,
Do céu azul na profundeza escura.

Larga harmonia embalsamava os ares!
Cantava o ninho — suspirava o lago...
E a verde pluma dos subtis palmares
Tinha das ondas o murmurio vago...
Larga harmonia embalsamava os ares.

Era dos seres a harmonia immensa
Vago concerto de saudade infinda!
“Sol — não me deixes” diz a vaga extensa.
“Aura — não fujas” diz a flor mais linda;
Era dos seres a harmónia immensa!

“Leva-me! leva-me em teu seio amigo”
Dizia ás nuvens o choroso orvalho,
“Rola que foges” diz o ninho antigo,
“Leva-me ainda para um novo galho...
“Leva-me! leva-me em teu seio amigo.”

“Dá-me inda um beijo, antes que a noite venha!”
“Inda um calor, antes que chegue o frio...”
E mais o musgo se conchega á penha
E mais á penha se conchega o rio...
“Dá-me inda um beijo, antes que a noite venha!”

E tu no entanto no jardim vagavas,
Rosa de amor, celestial Maria...
Ai! como esquivava sobre o chão pisavas,
Ai! como alegre a tua bocca ria...
E tu no entanto no jardim vagavas.

Eras a estrella transformada em virgem!
Eras um anjo, que se fez menina!
Tinhas das aves a celeste origem.
Tinhas da lua a pallidez divina,
Eras a estrella transformada em virgem!

Flor! Tu chegaste de outra flor mais perto.
Que bella rosa! que fragrancia meiga!
Dir-se-ia um riso no jardim aberto,
Dir-se-ia um beijo, que nasceu na veiga...
Flor! Tu chegaste de outra flor mais perto!...

E eu, que escutava o conversar das flores,
 Ouvi, que a rosa murmurava ardente:
 “Colhe-me, ó virgem, — não terei mais dores,
 “Guarda-me, ó bella, no teu seio quente...”
 E eu escutava o conversar das flores.

“Leva-me! leva-me, ó gentil Maria!”
 Também então eu murmurei scismando...
 “Minh’alma é rosa, que a geada esfria...
 “Dá-lhe em teus seios um asylo brando...
 “Leva-me! leva-me, ó gentil Maria!...”

Rio de Janeiro, 12 de Outubro de 1869.

Espumas Fluctuantes, Edição original: XXXIII.

Pbl. no “Jornal da Tarde”, do Rio de Janeiro, numero 132, de 1 de Abril de 1870, com as seguintes variantes: — dedicatória: “A Maria Candinha”; — sem a epigraphe de A. de Musset; — dividida em “I” parte, com sete estancias, e “II”, as ultimas cinco; — da primeira parte foi depois suppressa a 4.ª estancia, que dizia:

Eu prescrutava a solidão e as sombras
 Ouvindo... attento um revoar de phrases
 Do verme — á flor, do reptil — á alfombra
 Da hera — aos ninhos e do ninho ás aves...
 E eu prescrutava a solidão e as sombras

Na 7.ª estancia houve as alterações: “Mas tu”, no 1.º verso; “Formosa moça divinal Maria”, no 2.º; “linda”, no 3.º; “linda”, no 4.º; “Mas tu”, no 5.º; na 8.ª estancia: “Eras o anjo”, no 2.º verso; na 9.ª estancia: “Era uma rosa tão suave e meiga”, no 2.º verso; — a data é ahí — 11 de outubro de 1869.

Nem o tempo nem a distancia dissiparam o encanto dessa Maria Candinha, “Celestial/ Maria”, no animo do Poeta. Numa folha achada entre seus papeis,

debaixo do seu nome "A Maria Candinha" vem esta quadra:

Quando leio teu nome embalsamado
Das magnolias do sul sinto o perfume,
Ouço a harmonia do violão maguado
Vejo a luz singular do vagalume!

Nota do autor á p. 204 da Edição original das *Espumas Fluctuantes*:

"MURMURIOS DA TARDE

"E como a foice que no chão fulgura
Mostrava a lua um semi-circulo d'ouro, etc".

"Creio ter visto nas "Orientaes" ou algures uma
imagem semelhante".

Não, não foi nas *Orientaes*, como acreditou o Poeta, mas na "*Legende des siècles*", do mesmo Hugo:

"Les astres émailaient le ciel profond et sombre;
Le croissant fin et clair parmi ces fleurs de l'ombre
Brillait à l'occident, et Ruth se demandait,
Immobile, ouvrant l'oeil à moitié sous ses voiles,
Quel dieu, quel moissonneur de l'éternel été
Avait, en s'en allant, négligemment jeté
Cette faucille d'or dans le champs des étoiles".

(Booz endormi)

Celestial Maria... (estancia 7ª. verso 2). Esta Maria... foi Maria Candida Garcez, formosa moça que o Poeta conheceu em casa do seu amigo Luís Cornelio dos Santos, com algumas outras, ás quaes não foi insensível Castro Alves, e que o distraíram em 1869, com o seu encanto, do martyrio da enfermidade.

IMMENSIS ORBIBUS ANGUIS

Sibila lambebant linguis vibrantibus ora.

VIRGILIO.

I

Resvala em fogo o sol dos montes sobre a espalda,
E lustra o dorso nú da índia americana...
Na selva zumbe emtanto o insecto de esmeralda,
E pousa o colibri nas flores da liana.

Ali — a luz cruel, a calmaria intensa!
Aqui — a sombra, a paz, os ventos, a cascata...
E a pluma dos bambús a tremular immensa...
E o canto de aves mil... e a solidão... e a matta...

E á hora em que, fugindo aos raios da esplanada,
A Indigena, a gentil matrona do deserto
Amarra aos palmeiraes a rêde mosqueada,
Que, leve como um berço, embala o vento incerto...

Então ella adandona-lhe ao beijo apaixonado
A perna mais formosa — o corpo mais macio,
E, as palpebras cerrando, ao filho bronzeado
Entrega um seio nú, moreno, luzidio.

Porém dentre os espatos esguios do coqueiro,
Do verde gravatá nos cachos reluzentes,
Enrosca-se e deslisa um corpo sorrateiro
E desce devagar pelos cipós pendentes.

E desce... e desce mais... á rêde já se chega...
Da india nos cabellos a longa cauda some...
Horror! aquelle horror ao peito eis que se apega!
A baba — quer o leite! — A chaga — sente fome!

O veneno — quer mel! — a escama quer a pelle!
Quer o almiscar perfume! O immundo quer o bello!
A lingua do reptil — lambendo o seio imbelle!...
Uma *cobra* — por filho... Horrivel pesadelo!...

II

Assim, minh'alma, assim um dia adormeceste
Na floresta ideal da ardente mocidade...
Abria a phantasia — a petala celeste...
Zumbia o sonho d'ouro em doce obscuridade...

Assim, minh'alma déste o seio (ó dor immensa!)
Onde a paixão corria indomita e fremente!
Assim bebeu-te a vida, a mocidade e a crença
Não bocca de mulher... mas de fatal serpente!...

Rio de Janeiro, 13 de Outubro de 1869.

Espumas Fluctuantes, Edição original: XLVII.

Pbl. no "Jornal da Tarde" do Rio de Janeiro, numero 94, de 16 de Fevereiro de 1870, sem a data e com uma variante, aqui adoptada.

1) *Immensis orbibus anguis...* (título) Como as do sacerdote troyano descriptas por Virgílio:

(Horresco referens) immensis orbibus angue...

Encida (Lib. II, 204)

2) Estancia 4.^a, v. 2. Preferi a versão do “Jornal da Tarde”, ao envez da edição original e das outras, onde se lê este verso:

A perna a mais formosa, o corpo o mais macio

3) Esse pesadello (estancias 6.^a e 7.^a), o seio dado a uma serpente, é lenda popular brasileira, cuja poesia aproveitou a Castro Alves. Em realidade, não tem viso de verdade: a bocca dos ophidios não lhes permite sugarem o leite, como os mammiferos.

4) A “serpente fatal” (estancia 9.^a v. 4) destes versos, que dissipou “a vida, a mocidade, a crença” de Castro Alves, foi Eugenia Camara, depois da ruptura em S. Paulo, trahido, abandonado, mas, já no Rio, ainda não esquecido, tanto que se lembra e odeia, o que é ainda maneira de amar.

Castro Alves imaginou tambem uma, serpente de immensos anneis, que elle cuidara um mimo de mulher, e lhe foi como aquellas de Laocoonte.

1 TONEL DAS DANAIDES

DIALOGO

Na torrente caudal de seus cabellos negros
Alegre eu embarquei da vida a rubra flor.

— Poeta! Eras o Doge o anel lançando ás ondas...
Ao fundo de um abysmo... arremeçaste o amor.

Depois minh'alma ao som da Lyra de cem vozes
Sublimes phantasias em notas desfolhou.

— Cleopatra tambem p'ra erguer no Tibre a espuma
As per'las do collar nas vagas desfiou!

Depois fiz de meu verso a purpura escarlata
Por onde ella pisasse em marcha triumphal!

Como Hercules, volveste aos pés da insana Omphalia
O fuso feminino de uma paixão fatal.

Um dia ella me disse: "Eu sou uma exilada!"
Ergui-me... e abandonei meu lar e meu país...

— Assim o filho prodigo atira as vestes quentes
E treme no caminho aos pés da meretriz.

E quando debrucei-me á beira d'aquella alma
P'ra vêr toda riqueza e affectos que lhe dei!...

— Ai! nada mais achaste! o abysmo os devorara...
O pégo se esqueceu da dadiva do Rei!

Na gruta do chagal ao menos restam ossos...
Mas tudo sepultou-me aquelle amor cruel!

— Poeta! O coração da fria Messalina
E' das fataes Danaides o perfido *Tonel!*

14 de Outubro de 1869.

Espumas Fluctuantes, Edição original: XXXVII.

1) E' ainda Eugenia Camara que inspira estas acerbas invectivas: todos os versos dessa "paixão" têm um tom tão sentido, que estas poesias vivem, e viverão, sempre commoventes.

E' TARDE!

Olha-me, ó virgem, a fronte
Olha-me os olhos sem luz,
A pallidez do infortunio
Por minhas faces transluz;
Olha, ó virgem — não te illudas —
Eu só tenho a lyra e a cruz.

JUNQUEIRA FREIRE.

E' tarde! E' muito tarde!

MONT'ALVERNE.

E' tarde! E' muito tarde! O templo é negro..
O fogo — santo já no altar não arde.
Vestal! não venhas tropeçar nas pyras..
E' tarde! E' muito tarde!

Treda noite! E minh'alma era o sacrario,
A lampada do amor velava emtanto,
Virgem flor enfeitava a borda virgem
Do vaso sacrosanto;

Quando Ella veiu — a negra feiticeira —
A libertina, lugubre bacchante,
Lascivo olhar, a trança desgrenhada,
A roupa gottejante.

Foi minha crença — o vinho dessa orgia,
Foi minha vida — a chamma que apagou-se,
Foi minha mocidade — o toro lubrico.

Minh'alma — o tredo alcouce.

E tu, visão do céu! Vens tacteando
O abysmo onde uma luz sequer não arde?
Ai! não vás resvalar no chão lodoso...

E' tarde! E' muito tarde!

Ai! não queiras os restos do banquete!
Não queiras esse leito conspurcado!
Sabes? meu beijo te manchara os labios

N'um beijo profanado.

A flor do lirio de celeste alvura
Quer da luciola o pudico afago...
O cysne branco no arrufar das plumas

Quer o aljofar do lago.

E' tarde! A rôla meiga do deserto
Faz o ninho na moita perfumada...
Rôla de amor! não vás ferir as asas

Na ruina gretada.

Como o templo, que o crime encheu de espanto,
Ermo e fechado ao fustigar do norte,
Nas ruinas d'esta alma a raiva geme...

E cresce o cardo — a morte —.

Ciume! dor! sarcasmo! — Aves da noite!
Vós povoais-me a solidão sombria,
Quando nas trevas a tormenta ulula

Um uivo de agonia!...

.

E' tarde! Estrella d'alva! o lago é turvo.
 Dançam fogos no pantano sombrio.
 Pede a Deus que dos céus as cataractas
 Façam do brejo — um rio!

Mas não!... Sómente as vagas do sepulcro
 Hão de apagar o fogo que em mim arde...
 Perdoa-me, Senhora!... Eu sei que morro...
 E' tarde! E' muito tarde!...

Rio de Janeiro, 3 de Novembro de 1869.

Espumas Fluctuantes, Edição original: L.

Pbl. no "Jornal da Tarde" do Rio de Janeiro, numero 106, de 2 de Março de 1870, sem epigraphes e com as seguintes variantes:

Virgem flor enrolava a borda virgem (estancia 2.^a, v. 3)

A voluptuosa, a lugubre bacchante (e. 3.^a, v. 2).

E a roupa gottejante (e. 3.^a v. 4).

1) Nesta poesia ha o contraste do antigo amor, que desolou o coração do Poeta, por Eugenia Camara, "a serpente fatal" do "Immensis orbibus anguis", "a fria Messalina" do "Tonel das Danaides", e do novo amor que elle sente alvorecer no coração de uma das suas admiradoras, Eulalia Filgueiras, linda irmã da sra. Luis Cornelio dos Santos, em cujo lar se acolhera o Poeta, em 1869, no Rio de Janeiro, martyrisado pela doença:

Vestal! não venhas tropeçar nas lyras...

Ai não queiras os restos do banquete

E' tarde! E' muito tarde!

ADEUS

Je te bannis de ma memoire,
Reste d'un amour insensé,
Mysterieuse et sombre histoire,
Qui dormiras dans le passé.
Et toi qui, jadis d'une amie,
Portas la forme et le doux nom,
L'instant suprême où je t'oublie,
Doit être celui du pardon.

A. DE MUSSET.

Adeus! P'ra sempre adeus! A voz dos ventos
Chama por mim batendo contra as fragas.
Eu vou partir... em breve o oceano
Vae lançar entre nós milhões de vagas...

Recomeço de novo o meu caminho
Do lar deserto vou seguindo o trilho...
Já que nada me resta sobre a terra
Dar-lhe-ei meu cadaver... sou bom filho!...

Eu vim cantando a mocidade e os sonhos,
Eu vim sonhando a felicidade e a gloria!
Ai! primavera que fugiu p'ra sempre,
Amor-escarneo!... lutulenta historia!

Bem vês! Eu volto. Como vou tão rico...
Que risos n'alma! que laureis na frente...
Tenho por c'roa a pallidez da morte,
Fez-se um cadaver — o poeta ardente!

Adeus! P'ra sempre adeus! Quando alta noite,
Encostado á amurada do navio...
As vagas tristes... que nos viram juntos
Perguntarem por ti num beijo frio,

Eu lhes hei de contar a minha historia.
Talvez me entenda este soffrer do inferno
O oceano! O oceano immenso e triste,
O gigante da dor! o Job eterno!

Fazia um anno. Era o dia
Do fatal anniversario...
Ergui-me da cova escura,
Sacudi o meu sudario...
Em meio aos risos e á festa
E ás gargalhadas da orchestra,
Que eu tinha esquecido emfim,
Tomei logar!... Solitario
Quiz rever o meu Calvario
Deserto, tredo, sem fim!...

Sabes o que é sepultar-se
Um anno inteiro na dor...
Esquecido, abandonado,
Sem crença, ambição e amor...
Vêr cahir dia... após dia,
Sem um riso d'alegria...

Sem nada... nada... Jesus!
Vêr cahir noite após noite,
Sem ninguem que nos acoite...
Ninguem, que nos tome a Cruz?!...

Ai! não sabes! nunca o saibas!...
Pois bem; imagina-o só...
E então talvez comprehendas
A lenda escura de Job.

II

Mon cœur encore plein d'elle, errait sur son visage
Et ne la trouvait plus.

MUSSET.

Porém de subito acordou do ergastulo
O precito, que ali jazia ha pouco...
E o pensamento habituado ás trevas
Atirado na luz... — passaro louco!

Vi de repente o passado
Erguer-se em face de mim...
A rir... a rir, como espectro,
De uma ironia sem fim.

A orchestra, as luzes, o theatro, as flores
Tu no meio da festa que fulgura
Tu! sempre a mesma! a mesma! Tu! meus Deus!
Não morri neste instante de loucura...

Quebra-te penna maldita
Que não podes escrever
O horror de angustias e maguas
Que então me viste soffrer.

A mesma fronte que amei outr'ora!
O mesmo riso que me vira um dia!
O mesmo olhar que me perdera a vida!
A mesma, a mesma, por quem eu morria!

Que saudades que eu tenho do passado,
Da nossa mocidade ardente e amante!
Meu Deus! Eu dera o resto de existencia
Por um momento assim... por um instante.

Mas não! entre nós o abysmo
Se estende negro e fatal...
— Jámais! — é palavra escripta
No céu, na terra, no val.

Eu — já não tenho mais vida!
Tu — já não tens mais amor!
Tu — só vives para os risos.
Eu — só vivo para a dôr.

Tu vaes em busca da aurora!
Eu em busca do poente!
Queres o leito brilhante!
Eu peço a cova silente!

Não te illudas! O passado
P'ra sempre quebrado está!
Desce a corrente do rio...
E deixa-o sepulto lá!

Viste-me... E creste um momento
Qu'inda me tinhas amor!...
Pobre amiga! Era lembrança,
Era saudade... era dôr!

Obrigado! Mas na terra
Tudo entre nós se acabou!
Adeus!... E' o adeus extremo...
A hora extrema soou.

Quiz te odiar, não pude. — Quiz na terra
Encontrar outro amor. — Foi-me impossivel.
Então bem disse a Deus que no meu peito
Pôs o germen cruel de um mal terrivel.

Sinto que vou morrer! Posso, portanto
A verdade dizer-te santa e núa:
Não quero mais teu amor!! Porém minh'alma
Aqui, além, mais longe, é sempre tua.

Rio de Janeiro, 17 de Novembro de 1869.

Cf. um manuscrito de Augusto Alvares Guimarães, em livro de versos do Poeta, cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães com a primeira publicação no "Jornal da Tarde" do Rio de Janeiro, n. 59, de 26 de Novembro de 1869 e outra muito depois no n.º 1, de 11 de Novembro de 1888, do jornal "A Instrucção", órgão do Gremio Litterario Pedro Luiz, do Bananal, São Paulo, cm. por Constancio Alves; a esta pertencem a 3.ª, 4.ª e 5.ª estrophes, bem como as duas ultimas da II parte, que não figuram em nenhuma das outras versões desta poesia: já não terão razão de ser as reticencias que substituem os versos suppressos; falta-lhe porém a 4.ª estancia, da I parte, que temos das

outras versões. Na versão do “Jornal da Tarde”, a epigraphe de Musset não existe, e está substituída pela seguinte estrophe, assignada por duas enigmaticas estrellinhas, talvez um disfarce do proprio Poeta:

O' noite! ó negro abysmo, ó unica verdade!
 Que a tudo como fim só me é dado encontrar!
 O' cova! unica porta exposta á claridade
 Do bem!... abre-te, pois, e deixa-me passar!

Pbl. sem aquellas estrophes, por Xavier Marques — *Homenagem do Instituto Geographico e Historico da Bahia ao grande poeta brasileiro Antonio de Castro Alves*, vol. I, Bahia 1910, ps. 178-80, e, da mesma fórmula, nas *Poesias*, Bahia (1913): XV.

1) São ainda versos, agora directos, a Eugenia Camara, e não serão os ultimos, que esse amor inspiraria ao Poeta. Relembra a sua paixão, quisera revivê-la, apesar do termo sombrio e desgraçado; quando, ao partir em busca do lar, lhe diz adeus, para sempre... Ahi estão todas as notas da paixão humana, toda a melancolia desesperada da saudade de amor, que ainda doe mais que as outras.

2) Parece esteve esta poesia para ser incluída na Edição original das *Espumas Fluctuantes*, porque entre os autographos do Poeta, que me communicou D. Adelaide de Castro Alves Guimarães, ha uma pagina, de emendas a fazer, e que foram feitas nas poesias “Ao autor Joaquim Augusto” (XLI) e “Sub-tegmine fagi” (XII): como a estas, Castro Alves corrige tambem “Adeus”, propondo, no fim de uma das ultimas estrophes

Ai, senhora! Era lembrança...

em vez de

Pobre amiga! Era lembrança

Naturalmente, melhor reflexão, á indiscrição dos seus amores, evitou a inclusão da poesia, á ultima hora. O texto, condemnado então, o que foi mandado a Eugenia, agora que não ha mais resguardo, é o que deve ficar.

3) Esta é a resposta de Eugenia Camara ao “Adeus” do Poeta. Publicou-a Xavier Marques: *Op.*

cit. vol. I, Bahia, 1910, p. 180-2,—cf. com o original autographo, que temos na presença, cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães:

Adeos, irmão desta alma, digo-te Adeos!
Mas deixa que eu evite esse — jámais! —
Que o céu se compadeça aos rogos meus
E um dia cessarão teus e meus ais!

Sim que Deus illuminou a tua fronte
Com um raio divinal de Genio! e Gloria!...
Vive, sonha, canta, este horizonte!...
O Brasil quer teu nome em sua historia.

A Familia, esse Lar augusto e Santo!
Cercará teu soffrer de muito amor.
Em regaços de irmans irá teu pranto
Salvar-te junto ao throno do Senhor.

Falas-me em risos! a mim?
De affeições descrente e nua!...
Pode-se encontrar outra alma
Depois de reinar na tua?!!!

Da perdida creatura
O corpo da terra é,
Mas a alma vôa ao céu
Levando a crença e a fé.

E eu levo na hora extrema
A tua pallida imagem
Gravada dentro em minh'alma
Como celeste miragem!

O *Germen* de que me falas
Crença! e Fé! não é mortal,
Deus olha piedoso o Martyr
Triumpharás desse mal.

Eu não me illudo. Eu te amo!
Quer na vida quer na morte;
A um só dos teus olhares
Será tua a minha sorte.

Aquella noute!... oh Silencio
Noute de fél e de amor
Em que dentro em duas almas
Houve um poema de dor!...

A multidão me sorria
E o meu ser estava contigo,
Nesse olhar bello e sereno
Minh'alma encontrou abrigo.

Erás o anjo d'outra hora
E eu cahiria a teus pés
Se inda mesmo moribundo
Tu me disseses — Talvez!... —

Sahi d'ali alquebrada
Sem forças para lutar,
Com desejos de morrer,
Com vida p'ra te adorar.

Foi minha filha entre nós
O Anjo da redempção.
Falei-lhe de ti! Chorou!...
Foi seu pranto meu — Perdão!...

Adeos!! Se um dia o Destino
Nos fizer ainda encontrar
Como irman ou como amante
Sempre! Sempre! me has de achar.

Cattete 17, (Novembro de 1869).
2 horas da noite. Adeus!!!

ONDE ESTÁS?

E' meia noite... e rugindo
Passa triste a ventania,
Como um verbo de desgraça,
Como um grito de agonia.
E eu digo ao vento, que passa
Por meus cabellos fugaz :
“Vento frio do deserto,
Onde ella está? Longe ou perto?”
Mas, como um halito incerto,
Responde-me o echo ao longe:
“Oh! minh'amante, onde estás?...”

Vem! E' tarde! Porque tardas?
São horas de brando somno,
Vem reclinar-te em meu peito
Com teu languido abandono!...
'Stá vazio nosso leito...
'Stá vazio o mundo inteiro;
E tu não queres qu'eu fique
Solitario n'esta vida....
Mas porque tardas, querida?...
Já tenho esperado assás...
Vem depressa, que eu deliro
Oh! minh'amante, onde estás?...

Estrella — na tempestade,
Rosa — nos ermos da vida;
Iris — do naufrago errante,
Illusão — d'alma descrida,
Tu foste, mulher formosa!
Tu foste, ó filha do céu!...
... E hoje que o meu passado
Para sempre morto jaz...
Vendo finda a minha sorte,
Pergunto aos ventos do norte...
“Oh! minh'amante, onde estás?...”

Bahia.

Espumas Fluctuantes, Edição original: XXVIII.

1) E' ainda ella, Eugenia Camara, redimida de culpas pela ausencia, pela distancia, pelo tempo, pela saudade... Onde estará, a esta hora?... Que faz? Lembrar-se-ha ainda do seu amor? “O minha amante, onde estás?”

O PHANTASMA E A CANÇÃO

Orgulho! desce os olhos dos céus
sobre ti mesmo; e vê como os nomes
mais poderosos vão se refugiar n'uma
canção.

BYRON.

— Quem bate? — “A noite é sombria!”
— Quem bate? — “E’ rijo o tufão!...
Não ouvis? a ventania
Ladra á lua como um cão.”
— Quem bate? — “O nome qu’importa
Chamo-me dor... abre a porta!
Chamo-me frio... abre o lar!
Dá-me pão... chamo-me fome!
Necessidade é o meu nome!”
— Mendigo! podes passar!

“Mulher, se eu falar, promettes
A porta abrir-me?” — Talvez.
— “Olha... nas cans d’este velho
Verás fanados laureis.
Ha no meu craneo enrugado
O fundo sulco traçado
Pela c’roa imperial.
Foragido, errante espectro,
Meu cajado — já foi sceptro!
Meus trapos — manto real!”

— Senhor, minha casa é pobre...
Ide bater a um solar!
— “De lá venho... O Rei-phantasma
Baniram do proprio lar.
Nas largas escadarias,
Nas vetustas galerias,
Os pagens e as cortezans
Cantavam!... Reinava a orgia!...
Festa! Festa! E ninguem via
O Rei coberto de cans!”

— Phantasma! Aos grandes, que tombam,
E’ palacio o mausoleu!
— “Silencio! De longe eu venho...
Tambem meu tumulo morreu.
O sec’lo — traça que medra
Nos livros feitos de pedra —
Róe o marmôre, cruel.
O tempo — Attila terrivel
Quebra co’a pata invisivel
Sarcophago e capitel.

“Desgraça então para o espectro,
Quer seja Homero ou Solon,
Se, medindo a treva immensa
Vai bater ao Pantheon...
O motim — Nero profano —
No ventre da cova insano
Mergulha os dedos crueis.
Da guerra nos paroxismos
Se abysmam mesmo os abysmos
E o morto morre outra vez!

“Então, nas sombras infindas,
S’esbarram em confusão

Os phantasmas sem abrigo
Nem no espaço, nem no chão...
As almas angustiadas,
Como aguias desaninhadas,
Gemendo voam no ar.
E enchem de vagos lamentos
As vagas negras dos ventos.
Os ventos do negro mar!

“Bati a todas portas
Nem uma só me acolheu!...”
— Entra! —: Uma voz argentina
Dentro do lar respondeu.
— “Entra, pois! Sombra exilada,
Entra! O verso — é uma pousada
Aos reis que perdidos vão.
A estrophe — é a purpura extrema,
Ultimo throno — é o poema!
Ultimo asylo — a *Canção!*...”

Bahia, 13 de Dezembro de 1869.

Espumas Fluctuantes, Edição original: X.

1) O soffrimento ditou esta soberba poesia, depois de achar o consôlo da arte. “*De minhas penas fiz canções aladas!*” disse Henrique Heine: o ultimo refugio para Castro Alves foi “*ultimo asylo — a Canção!*” Ha ahi reminiscencias de forma com a de Henrique Murger, na “*Ballada do desesperado*”, que o Poeta traduziu em 1868, em S. Paulo.

POESIA E MENDICIDADE

NO ALBUM DA EX.^{ma} SNR.^a D. MARIA JUSTINA
PROENÇA PEREIRA PEIXOTO

I

Senhora! A Poesia out'ora era a Estrangeira,
Pallida, aventureira, errante a viajar,
Batendo em duas portas — ao grito das procellas —
Ao céu — pedindo estrellas, á terra — um pobre lar!

Visão—de aureos laureis—porém de manto esqualido,
Mulher—de labio pallido—e olhar—cheio de luz.
Seus passos nos espinhos em sangue se assignalam...
E os astros lhe resvalam—á flor dos hombros nós...

II

Olhai! O sol descamba... A tarde harmoniosa
Envolve luminosa a Grecia em frouxo véu.
Na estrada ao som da vaga, ao suspirar do vento,
De um marco poeirento um velho então se ergueu.

Ergueu-se tacteando... é cégo... o cégo anseia...
Porém o que tacteia aquella Augusta mão?...
Talvez busca pegar o sol, que lento expira!...
Fado cruel..., mentira!... Homero pede pão!

III

Mas ai! volvei, Senhora, os vossos bellos olhos
D'aquelle mar de abrolhos, a um novo quadro! olhai!
Do vasto salão gothico eu ergo o reposteiro...
O lar é hospitaleiro... Entrai, Senhora, entrai!

Estamos na media idade. Arnez, gladio, armadura
Servem de compostura á sala vasta e chã.
A um lado um galgo esvelto ameiga e acaricia
A mão suave, esguia — á loura castellã.

Vai o banquete em meio... O bardo se alevanta
Pega da lyra... canta... uma canção de amor...
Ouvi-o! Para ouvil-o a estrella pensativa
Alonga pela ogiva um raio de languor!

Dos ramos do carvalho a brisa se debruça...
Na sala alguém soluça... (amor, ou languidez?)
Subito a nota extrema anseia, treme, róla...
Alguem pede uma esmola... Senhora, não olheis!...

Assim nos tempos idos a musa canta e pede...
Genio e mendigo... vêde... o abysmo de irrisões!
Tasso implora um olhar! Vai Ossian mendicante...
Caminha roto o Dante! e pede pão Camões.

IV

Bem sei, Senhora, que ao talento agora
Surgiu a aurora de uma luz amena.
Hoje ha salario p'ra qualquer trabalho,
Cinzel, ou malho, ferramenta ou penna!

Melhor que o Rei sabe pagar o pobre
Melhor que o nobre — protector verdugo —!
Foi surdo um *throno...* á maior gloria vossa...
Abre-se a choça aos “Miseraveis” de Hugo.

Porém não sei se é por costume antigo,
Que inda é mendigo do cantor o genio.
Mudem-se os pannos do scenario a esmo
O vulto é o mesmo... n’um melhor proscenio...

V

Hoje o Poeta — caminheiro errante,
Que tem saudades de um país melhor
Pede uma perola — á maré montante,
Do seio ás vagas — pede — um outro amor.

Alma sedenta de ideal na terra
Busca apagar aquella sêde atroz!
Pede a harmonia divinal, que encerra
Do ninho o chilro... da tormenta a voz!

E o rir da folha, o sussurrar da fala,
Threnos da estrella no amoroso estio,
Voz que dos póros o Universo exhala
Do céu, da gruta, do alcantil, do rio!

Pede aos pequenos, desde o verme ao tojo,
Ao fraco, ao forte... — preces, gritos, uivos...
Pede das aguias o possante arrojo,
Para encontrar os meteoros ruivos.

Pede á mulher que seja bôa e linda
— Vestal de um typo que o *ideal* revela...
Pois ser formosa é ser melhor ainda...
Se és bôa—és luz...—mas se és formosa—estrella...

E pede á sombra, p'ra aljofrar de orvalhos
 A fronte azul da solidão nocturna.
 E pede ás auras, p'ra affagar os galhos
 E pede ao lirio, p'ra enfeitar a furna.

Pede ao olhar a maciez suave
 Que tem o arminho e o edredon macio,
 O avelludado da pennugem d'ave,
 Que affaga as plumas no palmar sombrio.

.
 E quando encontra sobre a terra ingrata
 Um reverbéro do clarão celeste,
 — Alma formada de uma essencia grata,
 Que a lua — doura, e que um perfume veste;

Um rir, que nasce como o broto em maio;
 Mostrando seivas de bondade infinda,
 Fronte que guarda — a claridade e o raio,
 — Virtude e graça — o ser bondosa e linda...

Então, Senhora, sob tanto encanto
Pede o Poeta (que não tem renome)
 — Versos — á brisa p'ra vos dar um canto..
 Raios ao sol — p'ra vos traçar o nome!..

Bahia. 26 de Janeiro de 1870.

Espumas Fluctuantes, Edição original: XXIV.

1) A destinatária deste poema era uma estrangeira, consulesa de Portugal na Bahia, linda senhora, admiradora do Poeta, a quem o mandou pedir, e que elle respeitosa e lh'o dedicou.

2) "*Foi surdo um throno... a maior gloria vossa*". (estancia II.^a, v. 3). Refere-se a Camões, pois que se dirige a uma portuguesa.

VERSOS DE UM VIAJANTE

Ai! nenhum Mago da Chaldeia sábia.
A dor abrandará que me devora.

F. VARELLA.

Tenho saudade das cidades vastas,
Dos invios cerros, do ambiente azul...
Tenho saudade dos ceruleos mares,
Das bellas filhas do país do sul!

Tenho saudade de meus dias idos
— Pet'las perdidas em fatal paul —
Pet'las, que outr'ora desfolhamos juntos,
Morenas filhas do país do sul!

Lá onde as vagas nas areias rólam,
Bem como aos pés da Oriental Stambul...
E da Tijuca na nitente espuma
Banham-se as filhas do país do sul.

Onde ao sereno a magnolia esconde
Os pyrilampos “de lanterna azul”,
Os pyrilampos, que trazeis nas coifas,
Morenas filhas do país do sul.

Tenho saudades... ai! de ti, São Paulo.
— Rosa de Hespanha no hibernal Friul —
Quando o estudante e a serenata acordam
As bellas filhas do país do sul.

Das varzeas longas, das manhãs brumosas,
Noites de nevoa, ao rugitar do sul,
Quando eu sonhava nos morenos seios,
Das bellas filhas do país do sul.

Em caminho, Fevereiro de 1870.

Espumas Fluctuantes, Edição original: XXVII.
Nota do autor, á p. 204 da Edição original das *Espu-
mas Fluctuantes*:

“VERSOS DE UM VIAJANTE

“Os pyrilampos que trazeis nas coifas” etc.
E’ uma graciosa invenção dos “Trabalhadores do
mar”, onde se lê que “as moças do Rio de Janeiro
assim, á noite, parecem trazer estrelles no toucado”,

A DUAS FLORES

São duas flores unidas,
São duas rosas nascidas
Talvez-no mesmo arrebol,
Vivendo no mesmo galho,
Da mesma gotta de orvalho,
Do mesmo raio de sol.

Unidas, bem como as pennas
Das duas asas pequenas
De um passarinho do céu...
Como um casal de rolinhas,
Como a tribu de andorinhas
Da tarde no frouxo véu.

Unidas, bem como os prantos,
Que em parelha descem tantos
Das profundezas do olhar...
Como o suspiro e o desgosto,
Como as covinhas do rosto,
Como as estrellas do mar.

Unidas... Ai quem podera
N'uma eterna primavera
Viver, qual vive esta flor.
Juntar as rosas da vida
Na rama verde e florida,
Na verde rama do amor!

Currallinho, Março de 1870.

Espumas Fluctuantes, Edição original: XXXVI.

Esta poesia, como o "Gondoleiro do Amor", a "Hebréa"... , foi popularizada pela musica, e é cantada na Bahia, como modinha.

HORAS DE SAUDADE

Tudo vem me lembrar que tu fugiste,
Tudo, que me rodeia, de ti fala.
Inda a almofada, em que pousaste a fronte,
O teu perfume predilecto exhala.

No piano saudoso, á tua espera,
Dormem somno de morte as harmonias:
E a walsa entreaberta mostra a phrase,
A doce phrase que inda ha pouco lias.

As horas passam longas, somnolentas...
Desce a tarde no carro vaporoso....
D'Ave-Maria o sino, que soluça,
E' por ti que soluça mais queixoso.

E não vens te sentar perto, bem perto,
Nem derramas, ao vento da tardinha,
A caçoula de notas rutilantes
Que tua alma entornava sobre a minha.

E, quando uma tristeza irresistivel
Mais fundo cava-me um abysmo n'alma,
Como a harpa de David, teu riso santo
Meu acerbo soffrer já não acalma.

E' que tudo me lembra que fugiste,
Tudo que me rodeia, de ti fala,
Como o crystal da essencia do Oriente
Mesmo vazio a sandalo trescala...

No ramo curvo o ninho abandonado
Relembra o pipilar do passarinho.
Foi-se a festa de amores e de afagos...
Eras — ave do céu... minh'alma — o ninho!

Por onde trilhas — um perfume expande-se
Ha rythmo e cadencia no teu passo!
E's como a estrella, que transpondo as sombras,
Deixa um rastro de luz no azul do espaço...

E teu rastro de amor guarda minh'alma,
Estrella, que fugiste aos meus anhelos,
Que levaste-me a vida entrelaçada
Na sombra sideral de teus cabellos!...

2 de Abril de 1870

Pbl. na 3.^a Edição das *Espumas Fluctuantes*, Bahia, 1878: XXXV.

1) Esta mesma poesia, com as variantes indicadas, sob o titulo "Recordações", e sub-titulo "(J. M. P.)", dedicatória talvez, talvez attribuição de uma mysteriosa autoria como suppõe D. Adelaide de Castro Alves Guimarães, occorre ás paginas 97-99 dos *Raios sem luz*, Bahia, 1875, de D'Alva Xavier, que foi Guilherme de Castro Alves, irmão mais moço de Castro Alves, e a quem elle dedica a poesia LI das *Espumas Fluctuantes* (edição original). Na 3.^a edição deste livro, de 1878, apparecem estas estrophes, no XXXV.º logar, como foi dito, e não mais abandonam as obras de nosso Poeta, nas suas successivas edições.

Se o estylo é o homem, a identificação do autor não soffrerá discussão: os versos são de Castro Alves —: todas as *Espumas Fluctuantes* nos seus accentos ternos, saudosos, commovidos, os reclamam; na obra de Guilherme, que tem outras bellezas, nada ha semelhante ou que se lhe compare. Como, porem, foram ahi ter? Mystério. Não o é, porém, para D. Adelaide de Castro Alves Guimarães, irmã dos dois Poetas, e que lhes ama ternamente as memorias, ainda meio seculo depois que elles passaram. Foi, ao que me disse, uma extravagancia de Guilherme de Castro Alves, e não foi a unica, nem a menor da sua vida, incluir, entre os seus, versos do irmão; dizia, para explicar-se, que, sem elles, os *Raios sem luz* ficariam livro sem valor. Como era pundonoroso, e não queria attribuir a si autoria dos versos de outrem, lá estavam aquellas enigmaticas iniciaes “(J. M. P.)”. Em todo o caso, todos o sabiam em casa que assim era, tanto que, em 1878, depois que, nesse anno, fallecera, foram os versos restituídos ao seu dono, na 3.^a Edição das *Espumas Fluctuantes*.

Confirmação nova, e tambem decisiva, é esta. Chamo-me a attenção Constancio Alves para outra poesia dos *Raios sem luz*, p. 33, ainda com a enigmatica inscripção, transpostas duas letras (J. P. M.); intitula-se: “Violeta”. Nos papeis de Castro Alves, que me communicou D. Adelaide de Castro Alves, encontrei uma poesia delle, das suas ineditas, “A Violeta (a uma incognita... advinhem...)” que é essa mesma, impressa no livro do outro... Fora por ella escripta, sob ditado do nosso Poeta, que a assignou, de seu punho. Alem disto, no verso, do papel de carta em que foi escripta, papel timbrado com o monogramma de que usava Castro Alves (um C atravessado por um A), ha uma estrophe “a Agnese”, autographa, que se pode ler adiante, em nota a essa poesia.

Na sua modestia, ou no seu desvario, Guilherme de Castro Alves entendeu adornar o seu livro com duas poesias do irmão, rico de mais para isso; com a ressalva, porem, daquellas iniciaes, que, no seu entender, diriam da sua probidade. O incidente das “Horas de saudade” deve, pois, considerar-se encerrado.

2) Nos *Raios sem luz*, de Guilherme de Castro

Alves (D'Alva Xavier), Bahia 1875, pag. 97-99, as "Horas de saudade", ahi "Recordações" (J. M. P.), tem mais estas alterações:

"A doce phrase qu'inda pouco lias" (estancia 2^a v. 4)

"E' por ti que soluça assim queixoso" (e. 3.^a v. 4)

"E não vens te aquecer mais aos meus beijos

Nem mais vertes as vento da tardinha" (e. 4.^a v. 1 e 2)

"Foi-se a festa orvalhada dos affagos" (e. 7.^a v. 3^o)

3) Estas "Horas de saudade", que na vida soffre-ria tantas vezes o Poeta, foram inspiradas pela evoca-ção dos tempos idos... Eugenia passara, e ainda não viera Agnese, ou outras, dignas de inspirarem essa sau-dade de amor. Constancio Alves aponta-me a conclu-são da *Fanny*, de Ernest Feydeau (1858), o celebre romance do tempo, cuja leitura talvez acordasse a sau-dade do nosso Poeta: o sentimento humano é o mesmo, e as palavras não são muito diversas, para dizê-lo Castro Alves as disse, magnificamente.

O HOSPEDE

Choro por ver que os dias passam breves
E te esqueces de mim quando te fores;
Como as brisas que passam doudas leves,
E não tornam atraz a ver as flores.

THEOPHILO BRAGA.

“Onde vaes estrangeiro! Porque deixas
O solitario albergue do deserto?
O que buscas além dos horizontes?
Porque transpor o pincaro dos montes,
Quando podes achar o amor tão perto?...”

“Pallido moço! Um dia tu chegaste
De outros climas, de terras bem distantes...
Era noite!... A tormenta além rugia...
Nos abetos da serra a ventania
Tinha gemidos longos, delirantes.

“Uma buzina restrugiu no valle
Junto aos barrancos onde geme o rio...
De teu cavallo o galopar soava,
E teu cão ululando replicava
Aos surdos roncões do trovão bravo.

“Entraste! A loura chamma do brasido
Lambia um velho cedro crepitante.
Eras tão triste ao lume da fogueira...
Que eu derramei a lagrima primeira
Quando enxuguei teu manto gottejante!

“Onde vaes, estrangeiro? Porque deixas
Esta infeliz, miserrima cabana?
Inda as aves te afagam do arvoredos...
Se quiseres... as flores do silvedo
Verás inda nas tranças da serrana.

“Queres voltar a este país maldito
Onde a alegria e o riso te deixaram?
Eu não sei tua historia... mas que importa?...
... Boia em teus olhos a esperança morta
Que as mulheres de lá te apunhalaram.

“Não partas, não! Aqui todos te querem!
Minhas aves amigas te conhecem.
Quando á tardinha volves da colina
Sem receio da longa carabina
De lagedo em lagedo as corças descem.

“Teu cavallo nitrindo na savana
Lambe as humidas grammas em meus dedos.
Quando a *fanfarra* tocas na montanha,
A matilha dos echos te acompanha
Ladrando pela ponta dos penedos.

“Onde vaes, bello moço? Se partires
Quem será teu amigo, irmão e pagem?
E quando a negra insomnia te devora,
Quem na guitarra que suspira e chora,
Ha de cantar-te seu amor selvagem?

“A choça do desterro é núa e fria!
O caminho do exilio é só de abrolhos!
Que familia melhor que meus desvelos?...
Que tenda mais subtil que meus cabellos
Estrellados nos prantos de teus olhos?..

“Estranho moço! Eu vejo em tua fronte
Esta amargura atroz que não tem cura.
Acaso fulge ao sol de outros países,
Por entre as balsas de cheirosos lises,
A esposa que tua alma assim procura?

“Talvez tenhas além servos e amantes,
Um palacio em lugar de uma choupana.
E aqui só tens uma guitarra e um beijo,
E o fogo ardente de ideal desejo
Nos seios virgens da infeliz serrana!...”

—
No emtanto *Elle* partiu!... Seu vulto ao longe
Escondeu-se onde a vista não alcança...
... Mas não penseis que o triste forasteiro
Foi procurar nos lares do estrangeiro
O phantasma sequer de uma esperança!...

Currallinho, 29 de Abril de 1870.

Espumas Fluctuantes, Edição original: XLIII.

1) Os accentos intimos e dolorosos desta poesia, que foi vivida, referem-se a Leonidia Fraga, a formosa sertaneja a quem dedicou os “Perfumes”, a “Marieta” de “Os anjos de meia noite”, a “Fé, Esperança e Caridade” — tres anjos e uma só mulher, que amara menina e moça e ainda uma vez revia agora, para deixá-la de

novo, partindo, mas nem sequer em busca de uma esperança.

2) Mucio Teixeira diz que "O Hospede" pode ser comparado á poesia de Victor Hugo — "A Filha de O-Taiti" (*Vida e obras de Castro Alves*, Bahia 1896, p. 330). Isto apenas, em uma nota. Talvez seja uma reminiscencia, que a realidade da situação semelhante impusesse ao estro de Castro Alves. Com effeito ha ahi a mesma desconfiança da partida, a interrogação sobre o ceu mais bello que elle vae buscar, alguma virgem que o espera, as lembranças do dia da chegada, o convite para ficar, pois falaria de coisas amadas, finalmente, a promessa: "a toi je m'abandonne", e que corresponderia aos deliciosos e desconsolados accents do nosso Poeta:

E aqui só tens uma guitarra e um beijo
E o fogo ardente do ideal desejo
Nos seios virgens da infeliz serrana

"A Filha de O-Taiti" foi traduzida em 1864, por Almeida Braga, e em 70 pelo amigo de Castro Alves Regueira Costa, cujas traducções figuram na collectanea de Mucio Teixeira: — *Hugonianas* — Poesias de Victor Hugo, traduzidas por poetas brasileiros. Rio de Janeiro, 1885."

A poesia de V. Hugo (*Odes et Ballades*, Odes liv. IV: VII) como verso e como emoção, forma e sentimento, é inferior a de Castro Alves, sem nenhuma duvida: estaria o nosso Poeta com o seu direito, e o de todos, de retomar um motivo de arte — que a vida tambem lhe impunha á sensação — para tratá-lo a sua feição e com a sua sensibilidade, mais sincera do que a de Hugo, que dessas coisas dizia por ouvir dizer. Um accento novo e original é o da ultima estrophe de Castro Alves, que não teve Hugo, e vale toda a poesia: "No entanto elle partiu..." mas, nem sequer, em busca de uma esperança. Esses amores exóticos, mais ephemeros e melancholicos que os outros, foram e são um logar commum do romantismo, desde os precursores, Chateaubriand ou Byron, aos retardados, Pierre Loti ou Claude Farrère: Hugo, sem experiencia, Castro Alves vivendo e sentindo, podem achar-se de permeio, na transposição poetica desta saudade.

COUP D'ÉTRIER

E' preciso partir! Já na calçada
Retinem as esporas do arrieiro;
Da mula a ferradura taxuada
Impaciente chama o cavalleiro;
A espaços ensaiando uma toada
Sincha as bestas o lepido tropeiro...
Sôa a celeuma alegre da partida,
O pagem firma o lóro e empunha a brida.

Já do largo deserto o sopro quente
Mergulha perfumado em meus cabellos.
Ouço das selvas a canção cadente
Segredando-me incognitos anhelos.
A voz dos servos pitoresca, ardente,
Fala de amores fervidos, singelos...
Adeus! Na folha rôta de meu fado
Traço ainda um — adeus — ao meu passado.

Um adeus! E depois morra no olvido
Minha historia de luto e de martyrio,
As horas que eu vaguei louco, perdido
Das cidades no tetrico delirio;

Onde em pantano turvo, apodrecido
 D'intimas flores não rebenta um lirio...
 E do drama das noites no prostíbulo
 E' martyr — alma... a saturnal! — patíbulo!

Onde o Genio succumbe na asphyxia
 Em meio a turba alvar e zombadora;
 Onde Musset suicida-se na orgia,
 E Chatterton na fome aterradora!
 Onde, á luz de uma lampada sombria,
 O Anjo-da-Guarda ajoelhado chora,
 Enquanto a cortezan lhe apanha os prantos
 P'ra realce dos lubricos encantos!...

Abre-me o seio, ó Madre Natureza!
 Regações da floresta americana,
 Acalenta-me a mádida tristeza
 Que da vaga das turbas espadana.
 Troca d'est'alma a fria morbidez
 N'essa uberrima seiva soberana!...
 O *Prodigo*... do lar procura o trilho...
 Natureza! Eu voltei... e eu sou teu filho!

—

Novo alento selvagem, grandioso
 Trema nas cordas d'esta frouxa lyra.
 Dá-me um plectro bizarro e magestoso,
 Alto como os ramaes da sicupira.
 Cante meu genio o dédalo assombroso
 Da floresta que ruge e que suspira,
 Onde a vibora lambe a parasita...
 E a onça fula o dorso pardo agita!

Onde em calix de flor imaginaria
A cobra de coral rola no orvalho,
E o vento leva a um tempo o canto vario
D'araponga e da serpe de chocalho...
Onde a soidão é o magno estradivario...
Onde ha musculos em furia em cada galho,
E as raizes se torcem quaes serpentes...
E os monstros jazem no hervaçal dormentes.

E se eu devo expirar... se a fibra morta
Reviver já não póde a tanto alento...
Companheiro! Uma cruz na selva corta
E planta-a no meu tosko monumento!...
Da chapada nos ermos... (o qu'importa!)
Melhor o inverno chora... e geme o vento,
E Deus para o poeta o céu desata
Semeado de lagrimas de prata!...

Curralinho, 1 de Junho de 1870.

Espumas Fluctuantes, Edição original: LIV, a ultima.

1) *Musset suicida-se na orgia... Chatterton na fome aterradora...* (estancia 4^a. v. 3 e 4) Alfredo de Musset, o poeta francês (1810-1857) teve de facto fim apressado, pelos seus excessos; Thomas Chatterton, (1752-1770), o poeta inglês, mystificador de velhos textos, este foi realmente, pela miseria, conduzido ao suicidio.

PELAS SOMBRAS

AO PADRE FRANCISCO DE PAULA

C'est que je suis frappé du doute
C'est que l'étoile de la foi
N'éclaire plus ma noire route:
Tout est abime autour de moi!

LA MORVONNAIS.

Senhor! A noite é brava... a praia é toda escolhos
Ladram na escuridão das *Circes as cadellas*...
As lividas marés atiram, a meus olhos,
Cadaveres, que riem á face das estrellas!

Da garça do oceano as ensopadas pennas
O morbido suor enxugam-me da testa.
Na aresta do rochedo o pé se firma apenas...
No entanto ouço do abysmo a rugidora festa!...

Nas orlas de meu manto o vendaval s'enrola...
Como invisível dextra açoita as faces minhas...
Emquanto que eu tropeço... um grito ao longe róla...
"Quem foi?" perguntam rindo as solidões marinhas.

Senhor! Um facho ao menos empresta ao caminhante.
A treva me assoberba... O' Deus! dá-me um clarão!

E uma Voz respondeu nas sombras triumphante:
“Accende, ó Viajor! — o facho da Razão!”

.

Senhor! Ao pé do lar, na quietação, na calma
Póde a flamma subir brilhante, loura, eterna;
Mas quando os vendavaes, rugindo, passam n'alma,
Quem póde resguardar a tremula lanterna?

Torcida... desgrenhada aos dedos da lufada
Bateu-me contra o rosto... e se abysmou na treva.
Eu vi-a vacillar... e minha mão queimada
A lampada sem luz embalde ao raio eleva.

Quem fez a gruta — escura, o pyrilampo cria!
Quem fez a noite — azul, inventa a estrella clara!
Na frente do oceano — accende uma ardentia!
Com o flóco do Santelmo — a tempestade aclara!

Mas ai! Que a treva interna — a duvida constante —
Deixaste assoberbar-me em funda escuridão!...

E uma Voz respondeu nas sombras triumphante:
“Accende, ó Viajor! a Fé no Coração!...”

Espumas Fluctuantes, Edição original: XXXIV.

1) *Ladram na escuridão das Circes as cadellas...* (estancia 1.^a v. 2). Estas “cadellas das Circes” são enigmáticas: o Poeta sentiu, griphando as tres ultimas palavras do verso, que ellas estavam a reclamar uma nota. Os animais que os companheiros de Ulysses acharam nos arredores do palacio encantado da maga (*Odisséa*, X Rapsodia), foram lobos e leões mansos, por sortilegio, como se foram “cães domesticos”; á sua varinha de condão, Circe mudava os seus adoradores em porcos, ou javalis. O symbolismo fez da feiticeira a mulher perversa e sem coração, que torna abjectos, por degradação sem limite, a seus amantes. Mas isto explicará por que “ladram na escuridão as cadellas das Circes”?...

A' CAPELLA DO ALMEIDA

Grato oasis do viajante,
Terra de lindos primores,
Tu és sultana das flores,
Bella filha do sertão.
Ahi no regaço ameno
O lasso e triste romeiro,
Se esquece do amor primeiro
Pois te dá seu coração.

Que importa por longes terras
Se ostentem mil maravilhas?
Paris, Napoles, Sevilha,
Não têm o attractivo teu.
Em vez de luxo — tens flores,
Em vez de sedas — perfumes,
Em vez de bailes — os lumes
Das estrelinhas do Céu.

1870.

Pbl. no *Almanach Popular Brasileiro, Pelotas.*, 1900 segundo o autographo do Poeta, por elle offerecido ao Capitão José Leandro Gesteira e sua familia, quando esteve em visita á Villa da Conceição do Almeida, e, depois nas *Poesias*, Bahia (1913): XX.

AVES DE ARRIBAÇÃO

Pensava em ti nas horas de tristeza
Quando estes versos pallidos compuz,
Cercavam-me planicies sem belleza,
Pesava-me na fronte um céu sem luz.

Ergue este ramo solto no caminho,
Sei que em teu seio asylo encontrará.
Só tu conheces o secreto espinho
Que dentro d'alma me pungindo está!

FAGUNDES VARELLA.

Aves, é primavera! á rosa! á rosa!

THOMAZ RIBEIRO.

I

Era o tempo em que as ageis andorinhas
Consultam-se na beira dos telhados,
E inquietas conversam, perscrutando
Os pardos horizontes carregados...

Em que as rolas e os verdes periquitos
Do fundo do sertão descem cantando...
Em que a tribu das aves peregrinas
Os *Zingaros* do céu formam-se em bando!

Viajar! viajar! A brisa morna
Traz de outro clima os cheiros provocantes.
A primavera desafia as asas,
Voam os passarinhos e os amantes!...

II

Um dia *Elles* chegaram. Sobre a estrada
Abriram á tardinha as persianas;
E mais festiva a habitação sorria
Sob os festões das tremulas lianas.

Quem eram? Donde vinham? — Pouco importa
Quem fossem da casinha os habitantes
— São noivos —: as mulheres murmuravam!
E os passaros diziam: — São amantes —!

Eram vozes — que uniam-se co'as brisas!
Eram risos — que abriam-se co'as flores!
Eram mais dous clarões — na primavera!
Na festa universal — mais dous amores!

Astros! Falai d'aquelles olhos brandos.
Trepadeiras! Falai-lhe dos cabellos!
Ninhos d'aves! dizei, n'aquelle seio,
Como era doce um pipilar d'anhelos.

Sei que ali se occultava a mocidade...
Que o idyllio cantava noite e dia...
E a casa branca á beira do caminho
Era o asylo do amor e da poesia.

Quando a noite enrolava os descampados,
O monte, a selva, a choça do serrano,
Ouviam-se, alongando a paz dos ermos,
Os sons doces, plangentes de um piano.

Depois suave, plena, harmoniosa
Uma voz de mulher se alevantava...
E o passaro inclinava-se das ramas
E a estrella do infinito se inclinava.

E a voz cantava o *tremolo* medroso
De uma ideal sentida *barcarola*...
Ou nos hombros da noite desfolhava
As notas petulantes da Hespanhola!

III

A's vezes, quando o sol nas mattas virgens
A fogueira das tardes accendia,
E como a ave ferida ensanguentava
Os pincaros da longa serraia,

Um grupo destacava-se amoroso,
Tendo por tela a opala do infinito,
Dupla estatua do amor e mocidade
N'um pedestal de musgos e granito.

E embaixo o valle a descantar saudoso
Na cantiga das moças lavadeiras!...
E o riacho a sonhar nas cannas bravas,
E o vento a s'embalar nas trepadeiras.

O' crepusculos mortos! Voz dos ermos!
Montes azues! Sussurros da floresta!
Quando mais vós tereis tantos affectos
Vicejando comvosco em vossa festa?...

E o sol poente inda lançava um raio
Do *caçador* na longa carabina...
E sobre a fronte d'*Ella* por diadema
Nascia ao longe a estrella vespertina.

IV

E' noite! Treme a lampada medrosa
Velando a longa noite do *poeta*...
Além, sob as cortinas transparentes
Ella dorme... formosa Julieta!

Entram pela janella quasi aberta
Da meia noite os preguiçosos ventos
E a lua beija o seio alvinitente
— Flor que abraira das noites aos relentos.

O Poeta trabalha!... A fronte pallida
Guarda talvez fatidica tristeza...
Que importa? A inspiração lhe accende o verso
Tendo por musa — o amor e a natureza!

E como o cactus desabrocha a medo
Das noites tropicaes na mansa calma,
A estrophe entreabre a petala mimosa
Perfumada da essencia de sua alma.

No emtanto *Ella* desperta... n'um sorriso
Ensaia um beijo que perfuma a brisa...
... A Casta-diva apaga-se nos montes...
Luar de amor! acorda-te, Adalgiza!

V

Hoje a casinha já não abre á tarde
Sobre a estrada as alegres persianas.
Os ninhos desabaram... no abandono
Murcharam-se as grinaldas de lianas.

Que é feito do viver d'aquelles tempos?
 Onde estão da casinha os habitantes?
 ... A Primavera, que arrebatava as asas...
 Levou-lhe os passarinhos e os amantes!...

Currallinho, 1870.

Espumas Fluctuantes, Edição original: XLV.

1) *Zingaros do céu...* (estancia 2ª v. 4) Zingaro é o nome italiano que designa o bohemio, ou cigano errante: os zingaros do céu, bem comparados, são as aves de arribação.

2) *A's vezes quando o sol nas matas virgens
 A fogueira das tardes accendia...*

(estancia 12.ª v. 1 e 2)

A Eduardo Prado, que lhe recitava esta poesia, dissera Eça de Queiroz, detendo-o, um instante, neste passo: — “Ahi está... em dois versos, toda a poesia dos tropicos!”

3) *A Casta Deva apaga-se nos montes...
 Luar de amor! acorda-te, Adalgiza!*

(estancia 21ª v. 3 e 4)

A “Casta Diva” é Diana, é a Lua. Ao Poeta lembrou a invocação da *Norma*, na scena IV do 2.º acto do poema de Romani e partitura de Bellini, (1831): “Casta Diva che inargenti...” “Adalgiza” é, nessa opera, a amada de Pollião, que por ella desdenha a infeliz Norma.

4) *Os amantes* (estancia 23ª v. 4). Eram o nosso Poeta e uma formosa rapariga, Idalina, abrigados numa casinha apartada na rua do Lima, no Recife, em 1865, onde e quando o viu Regueira Costa, a amar e preparar o poema d'*Os Escravos* e de onde o foi arrancar Augusto Alvares Guimarães, outro collega e amigo, para os exames, que tão doce companhia lhe fizera esquecer. Annos volvidos, é a saudade que inspira estes lindos versos, do mais formosos que compôs.

NUMA PAGINA

DO ALBUM DE DESENHO DO AUTOR

Horas de tédio ou de amorosa esp'rança,
— Meteoros da vida!... errantes astros!...
Fugi!... porém que fique uma lembrança!
Passae!... deixando os perfumosos rastros!...

Curralinho, 1870.

Inedito. Cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães, de um livro manuscripto de versos do Poeta.

Escrepta a lapis, numa folha de papel que servia de capa a varios escriptos, encontrei esta estrophe, do punho de Castro Alves, é que bem pode ficar junto a esta outra :

Aqui s'inscrevem mil nomes
E se apagam num momento!
Ai! porque assim não apagas
Das folhas do pensamento?

Talvez tambem thema, para alguma folha de album...

A D. JOANNA

NO DIA DO SEU ANNIVERSARIO

Senhora, eu vos dou versos, porque apanho
Das flores d'alma um ramalhete agreste
E são versos a flora perfumada,
Que de meu seio a solidão reveste.

E vós que amais a parasita ardente,
Que abre como um suspiro em pleno Maio,
E o aroma que anima o calix rubro
—Talvez de uma alma perfumoso ensaio,

E esse vago tremer de niveas petalas,
Que faz das flores meias borboletas,
O escarlata das malvas presumidas,
A modestia infantil das violetas,

E essa linguagem transparente e meiga
Que a natuzera falla nas campinas
Pelas vozes das brisas suspirosas,
Pela bocca rosada das boninas...

Hoje na vossa festa... em vosso dia,
Em meio aos vossos intimos amores...
Juntae aos ramalhetes estes versos,
Pois versos de affeição... tambem são flores!

Curralinho, 22 de Abril (1870)

Inedita. Cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães, de um autographo do Poeta.

1) A *D. Joanna* (dedicatoria). D. Joanna de Castro Tanajura, parenta de Castro Alves, era prima-irmã de sua mãe, e residia em Curralinho (hoje Cidade de Castro Alves).

FÉ, ESPERANÇA E CARIDADE

Eram tres anjos — e uma só mulher.

* * *

Quando a infancia corria alegre, á tóa,
Como a primeira flor que, na lagôa,
Sobre o crystal das aguas se revê,
Em minha infancia reflectiu-se a tua...
Beije-te as mãos suaves, pequeninas,
Tinhas um palpitar de asas divinas...
Eras — o Anjo da Fé!...

Depois eu te revi... na fronte branca,
Radiava entre perolas mais franca
A altiva c'roa que a belleza trança!...
Sob os passos da diva triumphante,
Ardente, humilde, arremessei minh'alma,
Por ti sonhei — triumphador — a palma,
O' — Anjo da Esperança!... —

Hoje é o terceiro marco dessa historia.
Calcinado aos relampagos da gloria,

Descri do amor, zombei da eternidade!...
Ai, não! — celeste e peregrina Déa,
Por ti em *rosas* mudam-se os martyrios!
Ha no teu seio a maciez dos lirios...
Anjo da Caridade!....

Currallinho, 20 de Junho de 1870.

Cf. com um manuscrito de Augusto Alvares Guimarães, num livro de versos do Poeta, cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães. Pbl. na 2ª Edição das *Espumas Fluctuantes*, Bahia, 1875: XLIX.

1) *Eram tres anjos e uma só mulher...* (epigraphe). Esta era Leonidia Fraga, linda criatura que o Poeta amara criança, revira depois entre menina e moça e, agora desabrochada em mulher, encontrava de novo quando, no seu declinio, já não tinha mais illuções: entretanto ella possuia o condão de transformar em “rosas” os “martyrios”. A’ sua influencia devem-se “Os Perfumes”, “O Hospede”, e o soneto “Marieta”, dos “Anjos da meia noite.”

OS PERFUMES

A L.

O sandalo é o perfume das mulheres
de Stamboul, e das houris do propheta;
como as borboletas, que se alimentam do
mel, a mulher do Oriente vive com as
gottas dessa essencia divina.

J. D'ALENCAR.

O perfume é o involucro invisivel,
Que encerra as fórmas da mulher bonita.
Bem como a salamandra em chammas vive,
Entre perfumes a sultana habita.

Escrinio avelludado onde se guarda
— Collar de pedras — a belleza esquivã,
Especie de chrysallida, onde mora
A borboleta dos salões — a Diva.

Almas das flores — quando as flores morrem,
Os perfumes emigram para as bellas,
Trocã labios de virgens — por boninas,
Trocã lirios — por seios de donzellas!

E ali — sylphos travessos, traiçoeiros,
Voam cantando em languido compasso,
Occultos nesses calices macios
Das covinhas de um rosto ou d'um regaço.

Vós, que não entendeis a lenda occulta,
A linguagem mimosa dos aromas,
De Magdalena a urna olhaes apenas
Como um primor de orientaes redomas;

E não vêdes que ali na myrrha e nardo
Vai toda a crença da Judia loura...
E que o oleo, que lava os pés do Christo,
E' uma reza tambem da peccadora.

Por mim eu sei que ha confidencias ternas,
Um poema saudoso, angustiado,
Se uma rosa de ha muito emmurhecida,
Rôla acaso de um livro abandonado.

O espirito talvez dos tempos idos
Desperta ali como invisivel nume...
E o poeta murmura suspirando:
"Bem me lembro... era este o *seu* perfume!"

E que segredo não revela acaso
De uma mulher a predilecta essencia?
Ora o cheiro é lascivo e provocante!
Ora casto, infantil, como a innocencia!

Ora propala os sensuaes anseios
D'alcova de Ninon ou Margarida,
Ora o mysterio divinal do leito,
Onde sonha Cecilia adormecida.

Aqui, na magnolia de Celuta,
Lambe a solta madeixa que se estira.
Unge o bronze do hombro da caboc'la,
E o marmore do corpo da Hetaira.

E' que o perfume denuncia o espirito
 Que sob as fórmas feminis palpita...
 Pois como a salamandra em chammas vive,
 Entre perfumes a mulher habita.

Curralinho, 21 de Junho de 1870.

Espumas Fluctuantes, Edição original: XLVI.

1) *A. L.* (dedicatoria): dirige-se a Leonidia Fraga, a que era "tres anjos numa só mulher", que o Poeta amou sempre e lhe correspondeu, até quando elle se finou, e ella veiu, mais tarde, a perder a razão, guardando comtudo no seu delirio as lembranças desse longo e casto amor. "Fé, Esperança e Caridade", "O Hospede", "Marieta" dos "Anjos da meia noite" tiveram a mesma Musa.

2) *A borboleta dos salões. — a Diva...* (estancia 2.^a v. 4). "Diva" nome allusivo á personagem principal do romance homonymo de José de Alencar (1864), propriamente Mila ou Emilia Duarte: "foi moça formosa que atravessou os salões, como a borboleta, atirando ás turbas o pó dourado de suas asas" (*Diva*, Cap. XII).

3) *Ninon... Margarida... Cecilia...* (estancia 10.^a v. 2 e 4). Reminiscencias literarias do Poeta. Ninon de Lenclos (1620-1705) foi a cortezá celebre, mestra de amor e de galanteria. Margarida foi a virgem seduzida por Fausto, do poema de Goethe (1808). Cecilia foi a linda menina e moça adorada n' *O Guarany*, de José de Alencar (1857).

4) *A magnolia de Celuta...* (estancia 11.^a v. 1). E' Celuta a virgem americana do poema em prosa de Chateaubriand, *Les Natchez* (1826). "Celuta entre en rougissant dans la cabane... Sa robe blanche d'écorce de múrier ondoyait légèrement derrière elle, et ses deux talons de rose relevaient le bord à chaque pas. L'air demeura embaumé sur les traces de l'Indienne, du parfum des fleurs du magnolia que couronnait sa tête..." (Liv. I).

A UMA ESTRANGEIRA

(LEMBRANÇA DE UMA NOITE NO MAR)

Sens-tu mon cœur, comme il palpite?
Le tien comme il battait gaiement!
Je m'en vais pourtant, ma petite,
Bien loin, bien vite,
Toujours t'aimant.

(Chanson).

Ignez! nas terras distantes,
Aonde vives talvez,
Inda lembram-te os instantes
D'aquella noite divina?...
Estrangeira peregrina,
Quem sabe? — Lembras-te, Ignez?

Branda noite! Á noite immensa
Não era um ninho? — Talvez!...
Do Atlantico a vaga extensa
Não era um berço? — Oh! Se o era...
Berço e ninho... ai, primavera!
O ninho, o berço de Ignez.

A's vezes estremecias...
Era de febre? Talvez!...
Eu pegava-te as mãos frias
P'ra aquental-as em meus beijos...
Oh! pallidez! Oh! desejos!
Oh! longos ciliós de Ignez.

Na prôa os nautas cantavam;
Eram saudades?... Talvez!
Nossos beijos estalavam
Como estala a castanhola...
Lembras-te acaso, hespanhola?
Acaso lembras-te, Ignez?

Meus olhos nos teus morriam...
Seria vida? — Talvez!
E meus prantos te diziam:
“Tu levas minh’alma, ó filha,
Nas rendas desta mantilha...
Na tua mantilha, Ignez!”

De Cadiz o aroma ainda
Tinhas no seio... — Talvez!
De Buenos Aires a linda,
Volvendo aos lares trazia
As rosas de Andaluzia
Nas lisas faces de Ignez!

E volvia a Americana
Do Plata ás vagas... Talvez?
E a brisa amorosa, insana,
Misturava os meus cabellos
Aos cachos escuros, bellos,
Aos negros cachos de Ignez!

As estrellas acordavam
Do fundo do mar... Talvez!
Na prôa as ondas cantavam.
E a serenata divina
Tu, com a ponta da botina,
Marcavas no chão... Ignez!

Não era cumplicidade
Do céu, dos mares? Talvez!
Dir-se-ia que a immensidade
— Conspiradora mimosa —
Dizia á vaga amorosa:
“Segreda amores a Ignez!”

E como um véu transparente,
Um véu de noiva... talvez,
Da lua o raio tremente
Te enchia de casto brilho...
E a rastos no tombadilho
Cahia a teus pés... Ignez!...

E essa noite delirante
Podeste esquecer? — Talvez...
Ou talvez que neste instante,
Lembrando-te inda saudosa,
Suspires, moça formosa!...
Talvez te lembres... Ignez!

Curralinho, 2 de Julho de 1870.

Espumas Fluctuantes, Edição original: XXX.

1) Dirige-se, pela lembrança, a uma companheira de viagem, idyllio de um instante, a bordo de um navio, mais uma “espuma fluctuante”, que fugia... nas reminiscencias amorosas do Poeta.

OS ANJOS DA MEIA NOITE

PHOTOGRAPHIAS

I

Quando a insomnia, qual livido vampiro,
Como o archanjo da guarda do Sepulcro,
Véla á noite por nós,
E banha-se em suor o travesseiro,
E além geme nas franças do pinheiro
Da brisa a longa voz...

Quando sangrenta a luz no alampadario
Estala, cresce, expira, após resurge,
Como uma alma a penar;
E canta aos guizos rubros da loucura
A febre — a meretriz da sepultura —
A rir e a soluçar...

Quando tudo vacilla e se evapora,
Muda e se anima, vive e se transforma,
Cambaleia e se esváe...
E da sala na magica penumbra
Um mundo em trevas rapido se obumbra...
E outro das trevas sáe...

.

Então... nos brancos mantos que arregaçam
 Da meia noite os Anjos alvos passam
 Em longa procissão!
 E eu murmuro ao fital-os assombrado:
 São os Anjos de amor de meu passado
 Que desfilando vão...

Almas, que um dia no meu peito ardente
 Derramastes dos sonhos a semente,
 Mulheres, que eu amei!
 Anjos louros do céu! virgens serenas!
 Madonas, Cherubins ou Magdalenas!
 Surgi! apparecei!

Vinde, phantasmas! Eu vos amo ainda;
 Acorde-se a harmonia á noite infinda
 Ao roto bandolim...

.
 E no ether, que em notas se perfuma,
 As visões s'alteando uma por uma...
 Vão desfilando assim!...

1.^a SOMBRA

MARIETTA

Como o genio da noite, que desata
 O véu de rendas sobre a espadua núa,
 Ella solta os cabellos... Bate a lua
 Nas alvas dobras de um lençol de prata...

O seio virginal que a mão recata,
 Embalde o prende a mão... cresce, fluctua...
 Sonha a moça ao relento... Além na rua
 Preludia um violão na serenata!...

... Furtivos passos morrem no lagedo...
 Resvala a escada do balcão discreta...
 Matam labios os beijos em segredo...

Afoga-me os suspiros, Marietta!
 Oh surpresa! oh pallor! oh pranto! oh medo!
 Ai! noites de Romeu e Julieta!...

2.^a SOMBRA

BARBORA

Erguendo o calix que o Xerez perfuma,
 Loura a trança alastrando-lhe os joelhos,
 Dentes niveos em labios tão vermelhos,
 Como boiando em purpurina escuma;

Um dorso de Walkiria... alvo de bruma,
 Pequenos pés sob infantis artelhos,
 Olhos vivos, tão vivos, como espelhos,
 Mas como elles tambem sem chamma alguma;

Garganta de um pallor alabastrino,
 Que harmonias e musicas respira...
 No labio — um beijo... no beijar — um hymno;

Harpa eolia a esperar que o vento a fira,
 — Um pedaço de marmore divino...
 — E' o retrato de Barbora — a Hetaira. —

3.^a SOMBRA

ESTHER

O nardo oriental melhor transpira!...
 Vem! no teu peito callido e brilhante

Enrola-te na longa cachemira,
Como as Judias molles do Levante,

Alva a clamyde aos ventos — roçagante...
Tumido o labio, onde o psalterio gira...
O' musa de Israel! pega da lyra...
Canta os martyrios de teu povo errante!

Mas não... brisa da patria além revôa,
E ao delamber-lhe o braço de alabastro,
Falou-lhe de partir... e parte... e vôa...

Qual nas algas marinhas desce um astro...
Linda Esther! teu perfil se esváe... s'escôa...
Só me resta um perfume... um canto... um rastro...

4ª. SOMBRA

FABIOLA

Como teu riso dóe... como na treva
Os lémures respondem no infinito:
Tens o aspecto do passaro maldito,
Que em sanie de cadaveres se ceva!

Filha da noite! A ventania leva
Um soluço de amor pungente, afflicto...
Fabiola! E' teu nome!... Escuta... é um grito,
Que lacerante para os céus s'eleva!...

E tu folgas, Bacchante dos amores,
E a orgia que a mantilha te arregaça,
Enche a noite de horror, de mais horrores...

E' sangue, que referve-te na taça!
E' sangue, que borrifa-te estas flores!
E este sangue é meu sangue... é meu... Desgraça!

5.^a e 6.^a SOMBRAS

CANDIDA E LAURA

Como no tanque de um palacio mago,
Dous alvos cysnes na bacia lisa,
Como nas aguas que o barqueiro frisa,
Dous nenuphares sobre o azul do lago,

Como nas hastes em balouço vago
Dous lirios roxos que acalenta a brisa,
Como um casal de juritys que pisa
O mesmo ramo no amoroso affago...,

Quaes dous planetas na cerulea esfera,
Como os primeiros pampanos das vinhas,
Como os renovos nos ramaes da hera,

Eu vos vejo passar nas noites minhas,
Crianças que trazeis-me a primavera...
Crianças que lembraes-me as andorinhas!...

7.^a SOMBRA

DULCE

Se houvesse ainda talisman bemdito
Que desse ao pantano — a corrente pura,

Musgo — ao rochedo, festa — á sepultura,
Das aguias negras — harmonia ao grito...,

Se alguém pudesse ao infeliz precito
Dar lugar no banquete da ventura...
E trocar-lhe o velar da insomnia escura
No poema dos beijos — infinito...,

Certo... serias tu, donzella casta,
Quem me tomasse em meio do Calvario
A cruz de angustias que o meu ser arrasta!...

Mas se tudo recusa-me o fadario,
Na hora de expirar, ó Dulce, basta
Morrer beijando a cruz de teu rosario!...

8.ª SOMBRA

ULTIMO PHANTASMA

Quem és tu, quem és tu, vulto gracioso,
Que te elevas da noite na orvalhada?
Tens a face nas sombras mergulhada...
Sobre as nevoas te libras vaporoso...

Baixas do céu n'um vôo harmonioso!...
Quem és tu, bella e branca desposada?
Da lorangeira em flor a flor nevada
Cerca-te a fronte, ó ser mysterioso!...

Onde nos vimos nós?... E's d'outra esfera?
E's o ser que eu busquei do sul ao norte...
Por quem meu peito em sonhos desespera?...

Quem és tu? Quem és tu?—E's minha sorte!
 E's talvez o ideal que est'alma espera!
 E's a gloria talvez! Talvez a morte!...

Santa Izabel — Agosto de 1870.

Espumas Fluctuantes, Edição original: XLII.

A idéa dessa theoria de sombras amadas que, no seu martyrio, curtido de saudades, evoca o Poeta, é de uma singular belleza, de uma intima emoção. Ella lhe veio suggerida por uma forma poetica que não existia na collecção de versos que preparara para as *Espumas Fluctuantes*, e que elle quís não lhe faltasse: — o soneto. Teria pois, “toute la lyre.”

As sombras são assim identificadas “madonas, cherubins ou magdalenas!”: “Marieta:” — foi Leonidia Fraga, a dos “Perfumes”, do “Hospede”, da “Fé, Esperança e Caridade”. “Barbara” seria menos que uma arrependida, representativa das que a mocidade errante do Poeta conhecera: — uma hetaira... “Esther”: — Esther Amzalack, a mesma do “Pensamento de Amor”. “Fabiola” — Eugenia Camara: o nome de uma personagem de romance christão, não allusivo ao caso passional de ambos, deve ser talvez de leitura que os impressionasse, ou a um dos amantes, para ser assim lembrado, como disfarce, pois que não queria ou não podia escrever o proprio. “Candida e Laura”: — descobri que foram Candida Campos e Maria Candida Garcez, duas bellas moças, pupillas do Commendador João Antonio Leite Junior, que no Rio, em casa do seu amigo Luis Cornelio dos Santos, em 1869, destrahiam com a sua graça o martyrio do Poeta. A uma, Maria Candinha, refere-se nos “Murmurios da tarde”; á outra, Dendem, de seu appellido, na “Volta da Primavera”. “Dulce”: — descobri tambem que foi Eulalia Filgueiras, outra linda criatura, irmã da sra. Luis Cornelio dos Santos, que amou talvez ao Poeta, que já lhe não podia retribuir: — elle o diz neste soneto e porque na poesia “E' tarde”, devida a sua influencia, em que ha a antithese deste casto amor e do outro, impuro, pelo qual soffria. O “Ultimo Fantasma”, a Gloria, certamente, foi o que mereceu Castro Alves.

UMA PAGINA DE ESCOLA REALISTA

DRAMA COMICO EM QUATRO PALAVRAS

A tragedia me faz rir; a comedia me faz chorar.
E o drama? Nem rir, nem chorar...

(Pensamento de CARNIOLI).

SCENARIO

A alcova é fria e pequena,
Abrindo sobre um jardim.
A tarde frouxa e serena
Já desmaia para o fim.
No centro um leito fechado
Deixa o longo cortinado
Sobre o tapete rolar...
Ha, nas jarras deslumbrantes,
Camelias frias, brilhantes,
Lembrando a neve polar.
Livros esparsos por terra,
Uma harpa cahida além;
E essa tristeza que encerra
O asylo onde soffre alguém.
Fitas, mascaras e flores,
Não sei que vagos odores

Falam de amor e prazer.
 Além da frouxa penumbra
 Um vulto incerto resumbra
 — O vulto de uma mulher.

Vous, qui volez, là-bas, légères hirondelles
 Dites-moi, dites-moi, pourquoi vais je mourir.

MUSSAT.

MARIO (no leito).

E' tarde! é tarde! Abri-me estas cortinas,
 Deixai que a luz me acaricie a fronte!...
 O' sol, ó noivo das regiões divinas,
 Suspende um pouco a luz neste horizonte!

SILVIA (abrindo a janella).

Da noite o frio vento te regela
 O morbido suor...

MARIO.

Oh! que me importa?
 A tarde doura-me o suor da fronte...
 — Ultimo louro desta vida morta!
 Crepusc'lo! mocidade! natureza!
 Inundai de fulgor meu dia extremo...
 Quero banhar-me em vagas de harmonia,
 Como no lago se mergulha o remo!

E que amores que sonham as espheras!
 A brisa é de volupia um calafrio.
 A estrella sai das folhas do infinito,
 Sai dos musgos o verme luzidio...

Tudo que vive, que palpita e sente,
Chama o par amoroso para a sombra.
O pombo arrula — preparando o ninho,
A abelha zumbe — preparando a alfombra.

As trevas rôlam como as tranças negras,
Que a Andaluza desmancha em mago enleio;
E entre rendas subtis surge medrosa
A lua plena, qual moreno seio.

Abre-se o ninho... o calice... o regaço...
Amphitrite, corando, aguarda o noivo...

(Longa pausa).

E tu também esperas teu esposo,
O' morte! ó moça, que engrinalda o goivo!

SILVIA (á meia voz, acompanhando-se na
guitarra).

Dizem as moças galantes
Que as rôlas são tão constantes...
Pois será?
Que morrendo-lhe os amantes,
Morrem de fome, arquejantes,
Quem dirá?
Dizem sabios arrogantes
Que nestas terras distantes,
Não por cá,
Sobre pyras fumegantes
Morrem viúvas constantes,
Pois será?

Não creio nos navegantes,
Nem nas historias galantes
Que ha por lá.
Fome e fogueiras brilhantes
Cá não ha...
Mas inda morrem amantes
De saudades lacerantes.
Quem dirá?

(aos ultimos harpejos cai-lhe uma lagrima).

MARIO (vendo-a chorar).

Silvia! Deixa rolar sobre a guitarra,
Da lagrima a harmonia peregrina!
Silvia! cantando — és a mulher formosa!
Silvia! chorando — és a mulher divina!

Oh! lagrimas e perolas! — aljofares
Que rebentais no interno cataclysmo,
Do oceano — este dédalo insondavel!
Do coração — este profundo abysmo!

Silvia! dá-me a beber a gotta d'agua,
Nessa palpebra roxa como o lirio...
Como lambe a gazella o brando orvalho
Nas largas folhas do deserto assyrio.

E quando est'alma desdobrando as asas
Entrar do céu na região serena,
Como uma estrella eu levarei nos dedos
Teu pranto sideral, ó Magdalena!...

SILVIA (tem-se ajoelhado aos pés do leito).

Meus prantos sirvam apenas
P'ra humedecer teus cabellos,
Como da corça nos vellos
Fresco orvalho a resvalar!
P'ra molhar a flor que aspíres
Rolem prantos de meus olhos,
P'ra atravessar os escolhos
Meus prantos manda rolar!...

Meus prantos sirvam apenas
P'ra a terra, em que tu pisares,
P'ra a sêde, em que te abrasares,
Terás meu sangue, Senhor!
Meus prantos são oleo humilde
Que eu derramo a tuas plantas...

(Mario estende-lhe os braços).

Mas se acaso me levantas
Meus prantos dizem-te amor!...

MARIO (tendo-a contra o seio).

Sentir que a vida vai fugindo aos poucos
Como a luz que desmaia no occidente...
E boiar sobre as ondas do sepulcro,
Como Ophelia nas aguas da corrente...

Sentir o sangue espadanar do peito,
— Licor de morte — sobre o bocca fria,
E meu labio enxugar nos teus cabellos,
Como Rolla nas tranças de Maria,

De teus braços fazer o diadema
De minha vida que desmaia insana,
Esquecer o passado em teu regaço,
Como Byron aos pés da Italiana;

Em teu labio, molhado e perfumoso,
O licor entornar de minha vida...
Escutar-te nas vascas da agonia,
Como Fausto as canções de Margarida!...

Eis como eu quero—na embriaguez da morte—
Do banquete no chão pender a fronte...
Inda a taça empunhando de teus beijos
Sob as rosas gentis de Anacreonte!...

(A noite tem descido pouco a pouco, o luar penetra-
ndo pela alcova alumia o grupo dos amantes).

SILVIA.

Que pallidez, meu poeta,
Se estende na face tua!...

MARIO.

São os raios descorados,
Os alvos raios da lua!

SILVIA.

Mas um suor de agonia
Teu peito ardente tressúa...

MARIO.

São os orvalhos, que descem
Ao frio clarão da lua.

SILVIA.

Que mancha é esta sangrenta,
Que no teu labio fluctúa?

São as sombras de uma nuvem
Que tolda a face da lua!

SILVIA.

Como teus dedos esfriam
Sobre minha espadua núa!...

MARIO (distrahido).

Não vês um anjo, que desce,
No frouxo clarão da lua?...

SILVIA.

Mario? Não vês quem te chama?...
Tua amante... Silvia... a tua...

MARIO (desmaiando).

E' a morte que me leva
N'um frio raio da lua!...

(O poeta cai semi-morto sobre o leito. No espasmo
sua mão contrahida prende uma
trança da moça).

SILVIA.

Teus brancos dedos fecharam
De meu cabelo a madeixa,
Tua amante não se queixa...
Bem vês... captiva ficou.
Mas não se prende o desejo
Que n'alma acaso se aninha!...
Nunca vistes a andorinha,
Que alegre o fio quebrou?

(Ouve-se um relógio dar horas).

Já! tão tarde! E embalde tento
Abrir-te os dedos fechados,
Como frios cadeados,
Que o teu amor me lançou.
Porém se aqui me captivas,
Minh'alma foge-te asinha...
Nunca vistes a andorinha,
Que alegre o fio quebrou!...

(Debruça-se a escrever n'uma carteira).

“Paulo! Vem á meia noite...
Mario morre! Mario expira!
Vem que minh'alma delira
E embalde captiva estou...”

MARIO (que tem lido por cima de seu hombro).

Silvia! a morte abre-me os dedos
E's livre, Silvia... caminha!

(morrendo).

Minh'alma é como a andorinha,
Que alegre o fio quebrou.

1870.

Espumas Fluctuantes, Edição original: LIII. Num autographo do Poeta, que me communicou D. Adelaide de Castro Alves Guimarães, está datada: "Currallinho, 13 de julho de 1870".

1) Ainda uma transposição poetica da realidade, por isso, "uma pagina de escola realista": — os seus amores atraíçoados, no leito de dor, por Eugenia Camara que o abandonara, em S. Paulo, — são descriptos nestes versos.

2) *Pensamento de Carnioli* (epigraphe). Carnioli é personagem de ficção, e não autor, senão o Poeta lhe citaria simplesmente o nome, sem o acompanhamento daquella expressão. E' da *Dalila*, drama de Octavio Feuillet (1857), muito representado no Brasil, ao tempo de Castro Alves, até por Eugenia Camara e Furtado Coelho. No original não se encontra o pensamento citado: seria um accrescimo, da tradução portuguesa, não impressa? Um engano? Ou uma invenção de Castro Alves? No autographo, a que me referi, a epigraphe é subscripta apenas por ** (duas estrellinhas).

3) *Meus prantos são oleo humilde* (estancia 17^a v. 5) e não *oleo humido*, como está na edição original e em todas as outras edições das *Espumas Fluctuantes*: a emenda foi feita por mão do proprio Poeta, no exemplar da 1^a Edição offerecido a José de Alencar, que

conferi, e me communicou Mario de Alencar. Aliás é como está no autographo do Poeta, tambem conferido.

4) *Ophelia*... (estancia 18.^a v. 4). Personagem commovente do *Hamlet* (1603) de Shakespeare.

5) *Como Rolla nas tranças de Maria* (estancia 19.^a v. 4). Allusão ao poema de Alfred Musset, *Rolla* (1836). Aliás a memoria, talvez o metro, levaram Castro Alves á infidelidade da imagem, pois exactamente ahi se fala nos “bellos cabellos soltos” da rapariga, o que não esquecia o Poeta, tanto que, da passagem, fez epigraphe á “Adormecida”:

“Ses longs cheveux épars la couvrent toute entière...
(*Rolla*, III, v. 17).

SE EU TE DISSESSE

Se eu te dissesse que scindindo os mares,
Triste, pendido sobre a vitrea vaga,
Eu desfolhava de teu nome as petalas
Ao salso vento, que as marés affaga...;

Se eu te dissesse que por ermos cimos,
Por invios trilhos de um país distante,
Teu casto riso, teu olhar celeste,
Ungia o labio ao viajor errante;

Se eu te dissesse que do albergue á ermida,
Do monte ao valle, da chapada á selva,
Junta commigo vagueou tua alma,
Junta commigo pernoitou na relva;

Se eu te dissesse que ao relento frio
Dei minha fronte á viração gemente,
E olhando o rumo de teu lar — saudoso
Molhei as trevas de meu pranto algente;

Se eu te dissesse, bella flor das salas!
Que eu dei teu nome dos sertões ás flôres!...,
E ousei, na trova em que os pastores gemem,
Por ti, senhora, improvisar de amor;

Se eu te dissesse que tu foste a concha
Que o peregrino traz da Terra-Santa,
Mago amuleto que no seio mora,
Doce reliquia... talisman que encanta!...;

Se eu te dissesse que tu foste a rosa
Que ornava a gorra ao menestrel divino;
Cruz que o Templario conchegava ao peito,
Quando nas naves reboava o hymno;

Se eu te dissesse que tu és, creança!
O anjo-da-guarda que me orvalha as preces...;
Se eu te dissesse... — Foi talvez mentira! —
Se eu te dissesse... Tu talvez disseses!...

Santa Izabel, 15 de Agosto de 1870.

Cf. com um autographo do Poeta cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães. Pbl. na 3ª Edição das *Espumas Fluctuantes*. Bahia, 1878: XV.

DEPOIS DA LEITURA DE UM POEMA

(*Em sessão literaria*)

(IMPROMPTU)

A's vezes o pastor subindo aos Alpes
Lança aos abysmos a canção tremente.
Responde em baixo — o precipicio enorme!
Responde em cima — o firmamento ingente!

Poeta! a voz do pegureiro errante
Em ti vibrando... se alteou!... cresceu!
Tua alma é funda — como é fundo o pégo!
Teu genio é alto — como é alto o céu!

Bahia, 2 de Outubro de 1870.

Cf. com um autographo do Poeta cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães. Num manuscripto de Augusto Alvares Guimarães, em livro de versos de Castro Alves, ha esta inscripção: “ao Dr. Luiz Alvares (em resposta)”. O Dr. Luiz Alvares dos Santos (1825-1886), alem de poeta, e orador eloquente, era notavel professor da Faculdade de Medicina da Bahia. Pbl. nas *Poesias*, Bahia (1913): XXVI.

1) O poema, a que se allude, foi a “Cachoeira de Paulo Affonso”, que o Poeta leu, num sarau literario,

ao escol da intelligencia da Bahia, nessa noite de 2 de Outubro de 1870. Enthusiasticamente applaudido, a Castro Alves pediu então um dos assistentes, o Dr. Luiz Alvares, um mote, para glosar de improviso. Foi dado este:

“O genio é o Antheu moderno
Que eleva aos céus um país!”

Fel-o immediatamente Luiz Alvares, referindo-se naturalmente ao Poeta. Depois, insistiu por um improviso d'elle. Não gostava Castro Alves desse genero de producções, mas, por comprazer, escreveu, immediatamente, essas duas quadras, calorosamente applaudidas. Isto me communica o Dezembargador José Joaquim da Palma, testemunha da scena inesquecivel.

Encontrei, entretanto, nos papeis de Augusto Alvares Guimarães sobre Castro Alves, cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães, esses “versos improvisados a 2 de Outubro de 1870”. A um mote do Dr. Antonio Franco da Costa Meirelles (tutor das irmãs do Poeta, seu amigo, a quem elle dedicou duas traducções de Byron):

“Ao ouvir-te deixa Apollo
Sua lyra de tanger”

glosou o Dr. Luiz Alvares dos Santos. O de Castro Alves: “O genio é o Antheu...” foi glosado por João de Brito. O mais seria como consta de reminiscencia do outro amigo do Poeta, o Dez. J. J. da Palma.

A CESTINHA DE COSTURA

PARA O LIVRINHO DE D. BRASÍLIA VIEIRA

Não quero Pantheons, não quero marmores,
Não sonho a Eternidade fria, escura...
Minha gloria idéal é o quente abrigo
De uma pequena cesta de costura.

A' sombra dos terraços florescentes
Entorna a violeta a essencia pura:
Flores d'alma rescendem mais fragrancia
Numa pequena cesta de costura.

Batida pelos corvos da procella,
A pomba a hera timida procura:
Pousa minh'alma foragida as asas
Nesta pequena cesta de costura.

Astros que amaes a espuma das cascatas!...
Orvalhos que adoraes do lirio a alvura!
Dizei se ha menos languidos arminhos
Nesta pequena cesta de costura.

Nesse ninho de fitas e de rendas...
No perfume subtil da formosura...
Vão meus versos viver de aroma e risos
Entre as flores da cesta de costura.

E quando descuidada mergulhares
Esta mão pequenina, santa e pura,
Possam elles beijar teus niveos dedos
Escondidos na cesta de costura.

S. Salvadór, Outubro de 1870.

Cf. com um autographo do Poeta cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães. Pbl. nas *Poesias*, Bahia (1913): XXVIII.

EPITAPHIO

PARA UM TUMULO DE MÃE

Como o orvalho das ramas do salgueiro
Resvala sobre a lapide do trilho,
Assim gottejam lagrimas de filho,
O' Minha Mãe! sobre o sepulcro teu...
Mas como o sol nascente a gotta enxuga
Que a noite derramou sobre os escolhos...
O Anjo da Crença nos enxuga os olhos
E faz do pranto uma oração... no céu!

15 de Novembro de 1870.

Cf. com um autographo do Poeta cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães. Pbl. nas *Poesias*, Bahia (1913): XXIX.

Esta estrophe foi feita a pedido do Dr. Dutra, a quem a enviou o Poeta, com uma carta, que se lê adiante, na "Correspondencia".

MENINA E MOÇA

(VERSOS PARA O ALBUM DE D. MARIA JOAQUINA
DA SILVA FREIRE)

Menina e Moça! Ha no volver das horas
Esta idade ideal e feiticeira;
E' quando a estrella expira e rompe a aurora
Um preludio nos leques da palmeira.

Menina e Moça! Ha no viver das flores
Este instante feliz... E' quando a rosa,
Ao relento das noites perfumadas,
Abre o calix, risonha e curiosa.

Menina e Moça! Ha no passar dos annos
Esta estação de amor... quando nas veigas
Fazem-se em flor as folhas sussurrantes,
Beijam-se as pombas, arrulando meigas.

Menina e Moça! Ha no sonhar da musica
Som que esta idade festival exprime...
Quando a voz do piano espalha aos ermos
Os suspiros saudosos de Bellini.

Menina e Moça! Se a poesia esquece
Agora o typo da creança bella,
Quem não te adora a limpida innocencia,
O' filha de Sorrento! ó Graziella!

Menina e Moça! Castidade e pejo!
Crença, frescura, divinal anseio!
Por quem tu scismas? — Se pergunta á fronte.
Por quem palpitas? — Se pergunta ao seio.

Menina e Moça! E' tão festivo o riso!
Chamma dourada sobre os olhos brilha!
Como estalam os beijos das amigas
A donzella tem asas... de escumilha!

Menina e Moça! Como é doudo o baile!
Como são varias da existencia as scenas!
Ama-se o canto. — Se ellas são as aves...
Ama-se a walsa. — Se ellas são phalenas...

Menina e Moça! Adormecida garça
Que o mar na riba do ideal balouça...
O bardo canta na tormenta ao longe...
Sonha o teu sonho de — menina e moça!...

S. Salvador, 19 de Novembro de 1870.

Cf. com um autographo do Poeta cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães. Pbl. na 9ª Edição das *Espumas Fluctuantes*, de Carlos Pinto & C.ª, Pelotas, Rio Grande, 1888: LVI.

A VIOLETA

(A UMA INCOGNITA...)

A rosa vermelha
Semelha
Belleza de moça vaidosa, indiscreta.
As rosas são virgens
Que em doudas vertigens
Palpitam,
Se agitam
E murcham das salas na febre inquieta.

*

Mas ai! Que não sonha num tremulo anseio
Prendel-as no seio
Saudoso o Poeta.

Camelias fulgentes,
Nitentes,
Bem como o alabastro de estatua quieta...
Primor... sem aroma!

Partida redoma!
Thesouro
Sem ouro!
Que valem sorrisos em bocca indiscreta?

*

Perdida! Não sonha num tremulo anseio
Prender-te no seio
Saudoso o poeta.

Bem longe da festa...,
Modesta
Prodigios de aroma guardando discreta...
Existe da sombra,
Na languida alfombra,
Medrosa,
Mimosa,
Dos anjos errantes a flor predilecta...

*

Silencio! Consintam que em tremulo anseio
Prendendo-a no seio
Suspire o Poeta.

O' Filha dos ermos
Sem termos!
O' casta, suave, serena *Violeta*
Tu és entre as flores

A flor dos amores
 Que em magos
 Affagos
 Acalma os martyrios de uma alma inquieta.

*

Por isso é que sonha num tremulo anseio
 Prender-te no seio
 Saudoso o Poeta!...

23 de Janeiro, ás cinco horas da tarde.

Inedita. Cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães. Copiada de um manuscripto seu, feito sob ditado do Poeta, escripto em papel de carta, timbrado C. A., (uma letra atravessada na outra) e, depois da dedicatória "a uma incognita", a palavra "advinhem"... naturalmente dirigida a ella mesma, ou aos intimos. Vem assignada por Castro Alves, como que para ser mostrada ou enviada a alguem. No verso do papel de carta, ha uma estrophe solta, que diz:

Agnese
 Raio d'estrella! Emanação divina...
 Luz peregrina de regiões do céu...
 Flor das lagôas em que Deus s'inspira...
 Cerula lyra... que de alem desceu.

Como a pessoa a quem dirige esta estrophe, trecho de uma poesia não acabada, será a "violeta" a mesma D. Agnese Trinei Murri? Era uma jovem e formosa florentina, cantora lyrica que ficára na Bahia e fora recebida na sociedade, onde ensinou musica e canto ás mais distinctas meninas do tempo. Assim foi na propria casa de Castro Alves, de cuja irmã, D. Adelaide, foi professora. Conhecendo-a, por ella se apaixonou. As poesias que seguem traçam a historia desses ultimos amores.

Sobre esta poesia, leia-se a nota relativa a uma anterior, "Horas de saudade".

CANÇÃO DE GOUNOD

I

Quando cantas pendida
Por sobre o peito meu,
Ouves tu minha vida
Falando-te do céu?

A indolente cantiga
Desmaia de languor.
Cantae, formosa amiga!
Cantae, cantae, amor!

II

Quando ris, nesta bocca
Rebenta amor á flux,
E minh'alma vae louca
Arder-se em tua luz.

Teu sorriso é quem briga
Em perfume co'a flor.
Cantae, formosa amiga,
Cantae, cantae, amor!

III

Quando dormes tão pura,
Dos astros ao clarão,
Teu alento murmura
Dos beijos a canção.

Manto ou véu não te abriga
O marmoreo pallor...
Cantae, formosa amiga!
Cantae, cantae, amor!

S. Salvador, 1871.

Cf. com um autographo do Poeta cm. por D. Adelaide de Castro Alves, Guimarães, que ajuntou em nota: "a D. Agnese Murri, imitação de Victor Hugo, para ella cantar". Pbl. nas *Poesias*, Bahia (1913): L.

DURANTE UM TEMPORAL

Vae funda a tempestade no infinito,
Ruge o cyclone tumido e feroz...
Uiva a jaula dos tigres da procella.
— Eu sonho tua voz —

Cruzam as nuvens refulgentes, negras,
Na mão do vento em desgrenhados élos...
Eu vejo sobre a seda do corpete
Teus lubricos cabellos...

Do relampago a luz rasga até o fundo
Os abysmos interminos do ar...
Eu sondo o firmamento de tua alma,
A' luz de teu olhar...

Sobre o peito das vagas arquejantes
Borrifa a espuma em osculos o espaço...
Eu — penso ver arfando, alvinitentes,
As rendas no regaço.

A terra treme... As folhas descaidas
Rangem ao choque rijo do graniso
Como acalenta um coração afflicto,
Como é bom teu sorriso!...

Que importa o vendaval, a noite, os euros,
 Os trovões predizendo o cataclysmo...
 Se em ti pensando some-se o universo,
 E em ti sómente eu scismo...

Tu és a minha vida... o ar que aspiro...
 Não ha tormentas quando estás em calma.
 Para mim só ha raios em teus olhos,
 Procellas em tua alma!

A's 7 horas da noite de 2 de Março de 1871.

Desta poesia tive em mãos 3 originaes autographos do Poeta: I — Num album de desenhos de Castro Alves, escriptos estes versos a lapis, com varias emendas, parecendo ter sido a versão primitiva: cm. por D. Amelia de Castro Alves Ribeiro da Cunha; foi pbl. n' *A Republica*, do Pará, em 1892, reproduzida no *Almanak Popular Brasileiro*, de Pelotas, para o anno de 1900, e sahiu em volume na 17.ª Edição das *Espumas Fluctuantes* da Livraria Garnier, Rio-Paris, 1913, "Supplemento": I, com pequenas alterações. II — Em uma tira de papel, de letra miuda e tinta esmaecida, do qual se perdeu um fragmento, ficando inutilizada a ultima estancia: cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães. III — Em livro manuscripto do Poeta, *Versos da Ave-Maria*, 1870-71, reduzida a seis estrophes e sob o titulo "Durante o temporal": cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães. Finalmente ainda uma versão, a IV, nas *Poesias*, Bahia (1913): XXXV, tambem reduzida a seis estrophes. Nesta ha uma epigraphe: "Oso amar, io!... Ma chil'vede, e non l'ama?..." ALFIERI. Na impossibilidade de determinar qual a preferida pelo Poeta, adoptei a I versão, a primitiva, hoje a unica completa — sete estancias, — pois que a ultima estancia

da II versão está mutilada e falta uma nas outras, III e IV.

As variantes, entre ellas, são numerosas.

1.^a *estancia*. Variante commum a II, III e IV:

Zune o vento ás golfadas do aguaceiro,
Muge o cyclone indomito e feroz,
Uiva a jaula dos tigres da procella,
... Eu sonho tua voz.

2.^a *estancia*. Variante commum, na maior parte, a II, III e IV:

As nuvens, como tranças de Desdemona,
Torce-as o vento no furor de Othello;
Cuido ver no teu collo de alabastro
Rolar-se teu cabelo.

Apenas no v. 3: “no velludo de teu peito” (III),
“no teu seio perfumado” (IV).

3.^a *estancia*. Não existe em III e IV. Na II está:

Do relampago a luz clareia instantes
Os alcáçares magicos do ar:
Eu sondo o firmamento de tua alma,
A' luz de teu olhar.

4.^a *estancia*. II e IV semelhantes, com variações:

Na petrina das vagas (ondas IV) palpitantes
A espuma treme (Alveja a espuma IV) ao delirar do
[espaço
Ai! mais alva delira (palpita IV) em mar de amores
A renda em teu regaço.

Diferente a III:

Nas petrinhas das vagas desgrenhadas
Corre a espuma que súa de cansaço...
Das rendas de Inglaterra a teia alvissima
E' bella em teu regaço.

CONSUELO

A D. AGNESE

I

Nunca leste — Consuelo —, a pagina fulgente
Que George Sand, a loura, encheu de encanto e luz?
Este sonho onde o céu, da terra passa rente...
Onde o amor, a harmonia e a graça brincam nós?...

Vem! dá-me tua mão... voemos a Sorrento!
Por barco — a phantasia! Por flammula — teu véu!
Seja o cabelo negro — a vela solta ao vento...
Vem commigo sonhar a Italia... a noite... o céu!...

A Italia! a Italia santa! a patria peregrina...
Do artista e do Poeta o magico paiz.
Onde na terra o amor chamou-se — Fornarina,
Lá onde o amor no céu chamou-se Beatriz!

Terra que deu á luz a cavatina e a dhalia.
A espadua de alabastro e o laranja em flor,
Onde o sopro da noite em pleno céu espalha
As lavas do Vesuvio e as explosões do amor.

.

Vem commigo, Formosa! A sombra vae profunda,
Dos astros o cardume a trecho aclara o mar
O tardo gondoleiro o remo n'agua afunda...
Veneza — o cysne eterno — engolpha-se a sonhar!

Do nicho da Madona o frouxo alampadario
Dos Doges alumia o lugubre frontal.
Silencio. Quebra a paz a voz do estradivario,
E uma gondola passa em aguas do canal...

Dentro o grupo do amor! Fusão de primaveras,
Dois risos soletrando o verbo do beijar.
Ventura que produz a inveja das espheras,
E que faz de ciume os anjos descorar.

O crente — ao pé da Santa! o riso — junto á bocca
Um anhelar — sem termo! um fulgurar — sem fim!
Ella?!... bella a fazer a terra inteira louca
Alma feita de um astro!... e o corpo de um jasmim.

O' divina Consuelo! a vaga do Adriatico
Fez-te talvez nascer dum beijo dado ao sol.
A espuma foi teu berço, Alcyone sympathico...
Tens por irmãos — o cysne, o amor e o rouxinol.

O amor, que açula o riso ao labio da Francêsa,
Que dá filtros fataes á filha de Madrid,
Que mais languida torna a pensativa Inglêsa,
A Grega mais audaz! mais indolente a Huri!

O amor na Italiana estala em harmonia...
Sobe ao labio tremente... espalha-se no céu!
Amor não é palavra, amor é melodia!
Não ha musica assim como dizer: "Sou teu!"

E o seio que palpita a rebentar a seda...
E a garganta, do cysne a desmaiar o alvor...
E a trança a descair... e a mão que a trança arreda...
Anzoleto a seu pés... as trevas em redor...

A divina Consuelo, em face á noite immensa,
No gesto dominando as fúrias do escarcéu.
Na voz clara, sonora, ardente, larga, extensa,
— Escada de Jacob — prendia a terra ao céu!...

II

Horas de amor, porque voais tão cedo?
Extasis santos, porque assim passais?
Plantam-se risos no fatal rochedo,
Vinga a seara dos sombrios ais.

Um dia a fronte já não surge vivida...
Aperta o seio em desespero a mão...
— Que foi? — pergunta-se á creança livida.
Ai! não respondas, Consuelo, não!

Apanha a essencia destas fundas maguas,
Concentra o fogo nos teus seios nús.
Na gruta — mudam-se em crystal as aguas,
No abysmo — a lava se transforma em luz.

Palor e pranto, desespero e choro!...
Como no genio esta coroa diz!...
Desta cicuta vaes fazer um louro!...
Caiste martyr! e te ergueste... actriz!

III

Passou pela terra, tão casta e nitente,
Qual raio de lua que bate no gelo,
O Sanzio invejara-lhe a fronte innocente,
Por isso chamavam-n'a:

A pura Consuelo!

E tinha nos olhos fulgor de meteoros,
Um céu de procella no escuro cabello,
Da aurora lavada nos pallidos raios,
A musa da Italia

Tu eras, Consuelo!

Cantava! Sua alma saia-lhe em notas...
Mysterio! Milagre... quem pôde sabel-o?
As nymphas outr'ora mudavam-se em flores,
Em lyra tornara-se

A triste Consuelo.

Cruzavam-lhe o canto sussurros de archanjo,
Suspiros de Laura, delirios de Othelo...
Se os raios da lua de sons se fizessem,
Talvez que lembrassem

A voz de Consuelo.

Mas, ai! que não acha na estrophe o poeta
Lampejos de um genio tão fulgido e bello.
Que versos espelham-te, ó flor de Veneza?
Quem pôde lembrar-te,

Divina Consuelo.

Só vós, bella diva! da musica aos threnos,
 Meu pallido sonho podeis aquecel-o.
 Afogue-se a musa nas arias brilhantes!...
 E, se inda tu queres...

Sonhar Consuelo...

Co'as mãos no piano, co'os olhos no espaço,
 Trementes os seios, revolto o cabello...
 Num mar de harmonia nos leva a Sorrento!...
 Desperta-me a Italia!

Revive Consuelo!

S. Salvador, 20 de Março de 1871.

Cf. com um autographo do Poeta cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães. Pbl. sem data, e a parte, num folheto, seguida de outras poesias brasileiras e portuguezas, com a inscripção: "Poema inedito. — Consuelo — de Castro Alves. — S. Paulo. — Casa Endrizzi, editora", e na "5.ª" (VI) Edição das *Espumas Fluctuantes*, de Seraphim José Alves, Rio (1881): "appendice" XI.

1) *Consuelo* — (titulo) é um romance de George Sand, publicado em 1842. A protagonista, deste nome, é uma pequena espanhola, furtada por ciganos, que a abandonam na Italia. Graças á sua bella voz, ás lições de um velho "maestro" e á protecção de um rico amante de musica, o conde Zustiniani, consegue apparecer no palco, para um triumpho. O protector por ella se apaixonou, mas Consuelo não lhe dá ouvidos, fiel á paixão que lhe inspirou Anzoletto, um camarada de infancia. Certa de que este ama a outra, para que lhe serve a gloria? Refugia-se Consuelo na solidão de um castello da Bohemia, em busca, se não de consolo, ao menos de esquecimento... para outro romance.

A Castro Alves este livro impressionou, tanto que outro vestigio delle se acha atrás, na poesia "Bôa

noite”, que se refere a Eugenia Camara. Consuelo, agora, é, mais propriamente, D. Agnese Trinei Murri.

2) *George Sand, a loura...* (estancia 1.ª, v. 2). Qualificação inexpressiva, e inverídica. George Sand era morena: de “teint olivâtre”, disse Balzac; “noire comme une taupe”, disse Merimée; de “épaisse et noire chevelure”. “peau brune”... disse Sandeau; “brune, avec des cheveux noirs luisants comme si elle les avait trempés dans de l’huile”, disse Barbey d’Aurevilly. Assim a representaram Delacroix, Charpentier, Julien, Blaize... E que não fosse, mereceria mais, sobretudo a um entusiasta de sua obra, como era Castro Alves. O interessante é que o sabia o Poeta, ou disse foi advertido, segundo nos conta D. Adelaide de Castro Alves Guimarães, mas não se quis corrigir. E’ que a opinião não era propria, mas reminiscencia de leitura, fixada como sugestão inconsciente: com effeito, está em Alvares de Azevedo: “Jorge Sand — a loura — com seu viver desvairado, etc.” (*Obras*, t. II, p. 67 — Rio, 1862).

3) (Estancia 12.ª v. 4). *Angioletto* em italiano, ou *Anzoletto* em dialecto, vêm respectivamente de “angelo”, ou “anzolo”; no romance tambem é chamado Zotto, diminutivo domestico do nome em dialecto.

4) A dedicatória é explicita. A paixão de Castro Alves attingiu ahí o seu cimo encantado: foi a poesia recitada num sarau, em casa do Dr. Salustiano Ferreira Souto, professor da Faculdade de Medicina, entre familias amigas, em frente d’Ella, Agnese Murri, que ouvia assim uma declaração publica da paixão que inspirava.

A UM CORAÇÃO

“CORAÇÃO DE FILIGRANA DE OIRO”

Ai! pobre coração! Assim vazio
E frio
Sem guardar a lembrança de um amor!
Nada em teu seio os dias hão deixado!...
E' fado?
Nem reliquias de um sonho encantador?

Não, frio coração! E' que na terra
Ninguém te abriu... Nada teu seio encerra!
O vacuo apenas queres tu conter!
Não te faltam suspiros delirantes,
Nem lagrimas de affecto verdadeiro...
E' que nem mesmo — o oceano inteiro —
Poderia te encher!...

Cf. com um autographo do Poeta cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães.

Pbl. nas *Poesias*, Bahia (1913): XLII.

1) Esse coração (titulo), frio e vazio, como o outro de filigrana de oiro, era o d'Ella, de Agnese Trinei Murri, cuja indiferença exprobra Castro Alves.

VERSOS PARA MUSICA

A D. AGNÊSE

Ingrata! E fazes milagres...
E não crês em ti sequer...
Vê, teu riso quebra as lousas,
Eu sou Lazaro, mulher.

Tu me perguntas, formosa,
Se a alma tem outra flor...
Se revive murcha a rosa...
Se renasce morto o amor...

Ingrata! pois tu duvidas?
Do influxo do teu poder!...
Minh'alma é planta aquecida
Nos teus sorrisos, mulher.

Ingrata! Tu que dás vida
Não vês sequer teu poder!...
Olha-me!... Eu vivo, querida!...
Eu sou Lazaro, mulher!...

Eu era a triste crysalida,
 Tu foste a luz do arrebol!...
 Minh'alma desperta válida
 Aos raios da luz do sol!...

Ingrata! Inda assim duvidas
 Do influxo de teu poder...
 Vês, minh'alma? E' borboleta
 Que tu salvaste, mulher.

Ingrata! E fazes prodigio
 E não crês em ti sequer!...
 Minha alma é lousa florida
 Aos teus affagos, mulher!

10 de Abril de 1871.

Inedita. Transcripta de um esboço, a lapis, autographo, que o Poeta não acabou, cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães. Além destas estrophes, ahí havia duas, ainda mais imperfeitas: uma para dispor-se talvez entre a 3ª e 4ª:

*Não vês minha fronte pallida
 Corando-se á luz do sol
 Não vês minha crença pallida
 Voando na luz do sol?*

outra, para termo da poesia:

*Cala a boca ó formusura
 Não sondes o coração!
 Por nascer na sepultura
 E' menos bello o chorão!...*

Numa carta, a que me venho referindo, de D. Agnese Trinei Murri, dirigida a antiga discipula sua na Bahia, cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães,

encontrou referencia esta poesia, com o titulo, a dedicatória, a ultima estrophe, e a data, que não constam do esboço a lapis, do Poeta. Completo assim, com esse testemunho fidedigno, da "ingrata", os versos de Castro Alves.

Como a idea é feliz e representa um estado de alma, não é demais que se recolha esta reliquia.

2) Esta ingrata seria ainda D. Agnese Trinei Murri, a paixão do Poeta, amor arrebatado nelle, que floriu em todos os extases lyricos, reservado e casto nella, que mais tarde o confessou... Recebida carinhosamente na sociedade da Bahia, na propria familia de Castro Alves, para não trahir a tanta confiança, impôs inviolavel silencio ao coração: dahi parecer ingrata ao seu cantor, de quem era a derradeira Musa commo-vida, capaz de lhe resuscitar o martyrisado coração.

NO CAMAROTE

(SOBRE MOTIVOS DE HESPAÑHOL)

No camarote gelida e quieta
Porque immovel assim cravas a vista?
És o sonho de neve de um poeta?
És a estatua de pedra de um artista?

Debalde cresce de harmonia o canto...
A Moça não o escuta, além perdida!
Que amuleto prendeu-a no quebranto?
Em que céu vae boiando aquella vida?

Onde se engolfa o cisne dessa mente?
Em que vagas azues desce cantando?
Que bafagem, meu Deus! frouxa, dormente,
Lhe acalenta o scismar no alento brando?

— Arcanjo, deusa ou pallida madona —
Quem é, surpresa, a multidão pergunta...
E ao vel-a mais gentil que Desdemona
Como para rezar as mãos ajunta.

Odalisca talvez de harens brilhantes,
Ella no labio as multidões algema.
Talvez d'est'alma nas visões errantes
Vôa a pura miragem de um poema.

Nem um riso, entretanto, a flux luzindo
Aos delirios que espalha a cavatina,
A bocca rubra de improviso abrindo,
Esta fronte fatidica illumina.

Pois naquella alma só se encontra neve?
Nada palpita nessa fórmula branca?
Pois não freme este marmore de leve?
Pois nem o canto esta friez lhe arranca?

Ai! Ninguem fie d'essa calma extranha,
— Extase santo de harmonias cheio.
— Guarda a lava a petrina da montanha,
Guarda Vesuvios o pallor de um seio.

Oh! ser a idéa dessa fronte pura,
Ser o desejo desse labio quente,
Fôra o meu sonho de ideal ventura
Fôra o delirio de minh'alma ardente.

Feliz quem possa na anciedade louca
Esta bella mulher prender nos braços...
Beber o mel na rosa d'esta bocca,
Beijar-lhe os pés... quando beijar-lhe os passos!

14 de Abril de 1871.

Cf. com um autographo do Poeta cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães. Uma estrophe, ine-

dita, aliás riscada no original, a penultima, é restituída, como versão primitiva. Castro Alves suprimiu-a, naturalmente por parecer declaração muito explicita: essa reserva se não justificaria agora. Numa carta de D. Agnese Trinei Murri, que tenho presente, e a que já me referi anteriormente, esta poesia é citada sob o título "No Theatro", feita menção a uma epigraphe de Alfieri:...

*Teco i pensieri
Teco il mio cuori, e l'alma mia, malgrado
Di me, sian teco.*

e confirmada a data: 14 de Abril de 1871.

1) E' ainda Agnese Trinei Murri esse "archanjo, deusa ou pallida madona", cuja mente distante o Poeta sente, e desejaria prender. Não só a mente...

NOITE DE MAIO

BARCAROLA
MUSICA DA "SANTA LUCIA"

I

No céu dos tropicos
P'ra sempre brilha,
O' noite esplendida,
Que as ondas trilha.

Do amor nas palpebras
Accende o raio.
O' noite cumplice!
Noite de Maio!

II

Vê... que astros lucidos
Na azul clareira:
São flores niveas
Da lorangeira.

De noiva chamam-te
Em cada raio.
Noiva purissima
Do mez de Maio.

III

Do vento os halitos
Erguem-te as tranças,
Nos seios rolam-te
Em loucas dansas.

São meus anhéritos,
E' meu desmaio.
O' noite cumplice!
Noite de Maio!

IV

Estrella pallida,
Moça divina!
Donzella timida
Sob a neblina!

Teu véo empresta-me,
Teu longo saio,
Para as espaduas
Da flor de Maio.

V

Nas praias nitidas
Têm voz as vagas...
São boccas tremulas
Lambendo as plagas.

O oceano lubrico
Beija-te o saio...
Meus versos canta-lhe,
Vaga de Maio.

VI

O *espelho* ethereo
Das nuvens nasce,
Reflecte em jubilos
A tua face.

Seu riso angelico
No céo guardae-o.
Espelho limpido
Da flor de Maio.

VII

Ha risos tepidos
Entre as palmeiras;
Beijam-se languidas
Fadas trigueiras.

Da selva o cantico
Além cantae-o,
O' genios cumplices
Do céu de Maio.

VIII

A lua immerge-se
Na etherea zona.
A fronte inveja-te,
Bella Amazona.

Fronte de marmore
Que empresta um raio
A' c'roa fulgida
Do mez de Maio.

IX

No azul dos tropicos
Suspende o passo.
As horas celeres
Prende ao regaço...

Os astros liga-me
Num loiro raio!
Sê nossa cumplice...
Noite de Maio!...

7 de Maio de 1871.

Cf. com um autographo do Poeta cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães, que lhe juntou esta nota: num "passeio a cavallo em esplendida noite de luar". "Noite cumplice" disse Castro Alves. Numa carta de D. Agnese Trinei Murri, que tenho presente, ha referencias a este passeio a cavallo, ao Pharol da Barra, na Bahia, sob o esplendido luar. Respondendo ao Poeta, D. Agnese comparara a lua a um espelho: dahi a referencia na VI parte da poesia.

1) Estancia 7 v. 3 e 4. Variante anotada em baixo de pagina do original, pelo Poeta:

As fadas beijam-se
Nas trepadeiras

LONGE DE TI

Quando longe de ti eu vegeto,
Nessas horas de largos instantes,
O ponteiro que passa os quadrantes,
Marca seculos, se esquece de andar.
Fito o céo — é uma nave sem lampada.
Fito a terra — é uma varzea sem flores.
O universo é um abysmo de dores,
Se a *madona* não brilha no altar.

Então lembro os momentos passados,
Lembro então tuas phrases queridas,
Como o infante que as pedras luzidas
Uma a uma desfia na mão.
Como a virgem que as joias da noiva
Conta alegre a sorrir de alegria,
Conto os risos que deste-me um dia
E que eu guardo no meu coração.

Lembro ainda o logar onde estavas...
Teu cabelo, teu rir, teu vestido...
De teu labio o fulgor incendiado...

Destas mãos a belleza ideal...
Lembro ainda em teus olhos, querida,
Este olhar de tão languidos raios,
Este olhar que me mata em desmaios
Doce, terno, amoroso, fatal!...

Quando a *estrella* serena da noite
Vem banhar minha fronte saudosa,
Julgo ver nessa luz misteriosa,
Doce amiga, um carinho dos teus!
E ao silencio da noite que anseia
De volupia, de anhelos, de vida,
Eu confio o teu nome, querida,
Para as brisas levarem-no aos céus.

De ti longe minh'alma vegeta,
Vive só de saudade e lembrança,
Respirando a suave esperança
De viver como escravo a teus pés,
De sonhar teus menores desejos,
De velar em teus sonhos dourados,
"Mais humilde que os servos curvados!
"Inda mais orgulhoso que os reis"!

.

O' meu Deus! manda as horas que fujam,
Que desfilem em fio os instantes...
E o ponteiro que passa os quadrantes
Marque a hora em que a possa fitar.
Como Tantaló á sêde morria,

Sem achar o conforto preciso...
Morro á mingua, meu Deus, de um sorriso!
Tenho sêde, Senhor, de um olhar.

Bahia, 1871

Pbl. nas *Poesias*, Bahia (1913): XLVI.

Entre os ineditos desta edição ha um, a poesia, — “Horas de martyrio” —, á “Dama Negra”, Eugenia Camara, portanto — da qual conferi tres manuscriptos de Augusto Alvares Guimarães. A data é do Recife, 1866. Esta, “Longe de ti”, datada da Bahia, 1871, deve referir-se a Agnese Murri.

Entretanto, estas poesias têm duas estrophes, a primeira e a segunda, inteiramente eguaes; a terceira e a ultima com ligeiras variantes, e as outras totalmente diversas, de sorte que o tom geral é differente nas duas: saudoso em ambas, mas saudade respeitosa e casta, na da Bahia, dirigida a Agnese, saudade desejosa e sensual, na do Recife, endereçada a Eugenia. Se uma hypothese é possível, é que o nosso Poeta, passadas as lembranças do antigo amor, corrigiu nas “Horas de martyrio” o que tinham de ardente e indiscreto e, com a mesma ansia de amor que inspira a ausencia querida, redigiu “Longe de ti”. Não será singular este “aproveitamento”: Hugo desafeiçoando-se a Vigny, fez num estudo sobre “Eloá”, correcções que o adaptaram ao “Paraiso Perdido”, de Milton. As poesias de Lamartine eram todas a Elvira, que o foram Graziela, Julie Charles, Mlle. Birch, Mlle. Lamartine. Tambem ha o opposto, poesias “circulares”, para muitos amores de um poeta...

A VIRGEM DOS ULTIMOS AMORES

SCENA UNICA

E' noite. A scena representa uma floresta americana. Longe os fogos sangrentos da tribu. Perto os guerreiros que rondam ao clarão do luar. O prisioneiro espera a noiva final.

Por detraz daquelle oiteiro
A morte espera a manhã!
E' a morte do guerreiro,
Do bravo que não recua!...
Geme ao longe a mãe-da-lua
Responde perto a cauan...

Nas sombras passa uma sombra!...
Balançaram nos cipós!...
Pé de moça pisa a alfombra...
Da cova enfeitam-lhe as flores...
Flôr dos ultimos amores!
Traz o beijo dos heróes!

Da lua a têia amarella
Estende as malhas de luz...
Na riba o caboclo vela

Ao rubro fogo da taba...
Aqui a murta desaba
Mulher! nos teus peitos nós!

A lagôa se debruça
P'ra cahir no ribeirão...
E' minha mãe quem soluça?
Não sabes, filha estrangeira,
Tens a trança da palmeira...
Palmeira do coração!

Foi de *jasmins amarellos*
Que trançaste o *kanitar!*...
Creança, eu morro de anhelos,
Dá-me beijo sobre beijo...
Tenho um seculo — por desejo!
E uma noite — por amar!

Amanhã todo este fogo
A morte vae apagar,
Arranca-me est'alma logo...
— Amai! — a noite nos clama
— Enquanto houver uma flamma!
Um grito, um sopro, um olhar!

Teu sangue ardente galopa
Na fronte morna a bater,
Teu labio meu labio ensopa...
Moça! que mel nestes labios...
São das abelhas resabios?
São resabios do morrer?

Pois eu já vi mil gentias
Chorar nestes braços meus,
Aquellas frutas bravias
Não são fructas que embriagam,
Teus dedos quando me afagam
Parecem dedos dos céus...

Existe uma flor na matta
Que apparece á noite só:
Abre as petalas de prata,
Se espanjeja, se colora...
Mas, aos fulgores da aurora
Murcha, expira, faz-se em pó.

Chama-se... o nome que importa?
Lembro agora um sonho meu:
... Uma aguia tombava morta
Das nuvens... na correnteza...
Nas garras tinha uma presa
Rolando viva... Era eu!

Porque derrubas as gottas
Do cacho do ouricuri?
São tuas missangas rôtas
Que rôlam na minha frente?
Teu collar estava quente...
As contas quentes senti!

Bem sabes! Se o filho expira,
A mãe, que triste o perdeu,
Na selva o berço lhe estira

Entre a flôr, a brisa, a palma...
Quando eu morrer, prende est'alma
Aqui, no cabelo teu!

Minha noiva derradeira,
E's bella e triste ao luar!
Eu fui a garça altaneira
Cruzando as tardes vermelhas...
Dos arcos das sobranceiras
Porque frechaste um olhar?

Cahi! Cahi nos teus braços,
Bella filha de Tupá!
São serpentes teus abraços,
Mas não serpentes que beijam!...
São lianas que festejam
Os galhos do piquiá.

Já, mais fria a serenada
Resvala pelos bambús...
Os ventos da madrugada
Vem da patria, vem do norte...
Não ouves, falando em morte?
... Eu amo os teus hombros nós!...

Teus hombros... Mas ficas branca
Vendo o céu embranquecer!?
E' a alvorada que espanca
Os mochos e d'entre as flores,
Aos pombos arruladores
Manda cantar... Vou morrer!

Vem! Os astros emmurhecem...
 Só resta um delles nos céus.
 Seus raios grandes parecem
 As petalas da magnolia...
 E' a estrella que se esfolha
 Quando a noite diz adeus.

Fita os olhos nella... um beijo...
 Um beijo... antes do arrebol!...
 Inda brilha... inda um desejo...
 Eia! Ao raio derradeiro!...

Adeus! noiva do guerreiro!
 Salve, ó morte! Salve, ó sol!!!

S. Salvador, 25 de Maio de 1871

Cf. com um autographo do Poeta cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães. Pbl. nas *Poesias*, Bahia (1913): XXXIX.

1) *A virgem dos ultimos amores...* (titulo) é ainda D. Agnese Trinei Murri. O Poeta bem sabia o seu fim proximo, mas talvez esperasse ainda a noiva final. Viria a ser a Morte... E' uma reminiscencia de Chateaubriand, em *Atala* (1800): "... la vierge des dernières amours, cette vierge qu'on envoie au prisonnier de guerre pour enchanter sa tombe" (Le recit. Les chasseurs) que desenvolveu Castro Alves na paisagem brasileira, a si mesmo refere, e á "sua" virgem, dos ultimos amores...

A MINHA IRMAN ADELAIDE

Quando sosinho e triste... em horas de amargura,
Tu sentes de meu seio a tempestade escura
As asas encurvar, no funebre oceano!...
Quando a esponja de fel embebe-me a lembrança!...
...Levantas-te de leve, ó limpida creança!...
E deixas tuas mãos correrem n'ò piano...

Tu'alma terna e meiga inclina-se inquieta
No abysmo funeral das maguas do poeta,
E sonda aquelle pégo, e rasga aquelle arcano!
Após, nesse arquejar da vida, que me pesa,
Ouço, longe, uma voz que no infinito reza!...
Na terra um soluçar choroso... E' teu piano!

Quando no desviver das horas de atonia,
Das noites tropicaes na morna calmaria,
Da mocidade o canto arrojado ao vento — insano,
E, perto de morrer, o amor anseio ainda!...
Que mulher me soletra essa harmonia infinda?
...E' tua mão qu'empresta um'alma ao teu piano...

E enquanto a flôr rebenta á face da lagôa...
E a lua vagabunda o céu percorre á tôa,

Mirando na corrente o seio leviano;...
 Inda a terra m'inspira um sonho de ternura!...
 ... O genio da desgraça, o genio da *loucura*,
 Tu sabes, qual *David*, curar no teu piano.

Creança! que não vês como é sublime e santo
 Fazer irmãos no amor e cúmplices no pranto
 Mozart, o homem do Norte, e Verdi, o Italiano!
 Despertar ao relento o idyllio de Bellini!
 Fazer dançar Sevilha, ao toque de Rossini. .
 E o bolero estalar... nas teclas do piano!

Ai! toca! No meu ser acorda ainda um estro
 A' voz de Gottchalck — o esplendido maestro —
 Aos lampejos da luz — do Moço Paulistano — !
 Ai!... toca! Enche de sons o derradeiro dia
 Daquelle que só tem... por sonho — uma harmonia!
 Por unica riqueza... a ti... e ao teu piano!

S. Salvador, 29 de Maio de 1871

Cf. com um autographo do Poeta, cm., por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães. Pbl. nas *Poesias*, Bahia (1913): XL.

1) *Dedicatória*. E' agora o amor sagrado, á mais dedicada das irmãs, a que elle amava sobre todas, em cujos grandes olhos se espelhava, "toda olhos" dizia elle, cujas mãos teciam accordes e melodias no piano para o adormentar, cuja voz o consolava nas suas tristezas e cujo coração forte e vigilante viveu alem de meio seculo depois d'elle, para lhe exaltar e propagar a querida memoria.

2) *David* (4.^a estancia, v. 6) Alusão á harpa de David, a cuja harmonia se dissipava a loucura de Saul, segundo conta a Biblia, no I Reis, XVI, 14-23.

3) *Mozart* (Wolfgang): 1756-1791; *Verdi* (Giuseppe): 1813-1901; *Bellini* (Vincenzo): 1802-1835; *Rossini* (Gioacchino): 1792-1868, autor do *Barbeiro de Sevilha*, famosos compositores (estancia 5.^a v. 3, 4 e 5).

4) *Gottschalk* (Louis Moreau): 1828-1869, compositor americano popular no Brasil, onde morreu, autor de composições afamadas *Bamboula*, *Banjo*, *Ojos criollos* etc. (estancia 6, v. 2).

5) O *moço paulistano* é Carlos Gomes, nascido em S. Paulo (1839-1896), cuja gloria alviçareira com *O Guarany* (1870), Castro Alves pôde applaudir.

REMORSOS

Em que pensa Carlota após a walsa,
No tapete
Atirando o bournou, quando descalça...
Ou melhor... quando rompe a luva, a fita,
Se a presilha, o colchete,
Em leve resistencia a mão lhe irrita...
Em que pensa Carlota após a walsa?

Em que sonha Carlota á madrugada,
Quando aberta
Ao travesseiro a bocca perfumada,
E afoga o seio sob a cruz de prata,
Pela camisa aberta,
Que um movimento languido desata...
Em que sonha Carlota á madrugada?

Com quem fala Carlota ao sol poente,
Na sombria alameda,
Quando os cysnes se arrufam na corrente...
E o vento, pelas grutas cochichando,
Uns noivos arremeda,
Que estão, como dois pombos, arrulando...
Com quem fala Carlota ao sol poente?

Porque chora Carlota ao meio dia,
 Quando nua de adorno,
Cobrindo os pés... co'a trança luzidia,
Entrega o corpo ao vacillar da rêde,
 E olhando o campo morno,
Os labios morde... p'ra matar a sêde.
Porque chora Carlota ao meio dia?

O que scisma, o que sente, por quem chora
 A soberba Carlota?
A rainha das salas já descora...
Foge o sceptro do leque aos dedos frouxos,
 E a turba alegre nota
O fundo circ'lo de seus olhos roxos.
Que não diz o que scisma e porque chora...

Quem te mata, Carlota, são remorsos
 De algum divino crime?
São ciumes que escondem teus esforços?
Tens vergonha talvez desse rosario
 Que tua mão comprime,
Porque um sopro roçou no relicario?
E desmaias, Carlota, de remorsos?!

Se é por isso, não pises tanto os olhos...
 Formosa creatura!
O mundo é um mar de perfidos escolhos.
Quem te pôde lançar primeiro a pedra?
 Amor! e formosura!
Deus não corta a roseira, porque medra...
Se é por isso, não pises tanto os olhos!

Mas não! Chora!! Teu mal é sem remedio...
Serás martyr sem palma,
Pregada numa cruz... na cruz do tédio!
Fria Carlota! cobre-te de pejo...
Mataste á sêde um'alma!
Fizeste o crime... de negar um beijo!
Chora! que este remorso é sem remedio!!...

S. Salvador, 31 de Maio de 1871

Cf. com um autographo do Poeta, cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães. Pbl. na "5ª" (VI). Edição das *Espumas Fluctuantes*, de Seraphim José Alves, Rio (1881) appendice: XII.

1) *Carlota...* (estancia 1ª v. 1 etc.) é Agnese Trinei Murri, a quem dera Castro Alves a ler na occasião o *Werther* de Goethe, segundo me informa D. Adelaide Guimarães: dahi o nome que lhe empresta o seu romantico apaixonado. Essa ironia, dos "Remorsos", veiu, de facto, por lhe ter negado um beijo.

EM QUE PENSAS ?

Oh! Pepita, charmante fille,
Mon amour, à quoi penses-tu?

ALF. DE MUSSET.

Tu pensas na flor que nasce
Menos bella do que tu!
Na borboleta vivace
Beijando teu collo nú!

No raio da lua algente
Que bebe no teu olhar...
Como um cysne alvinitente
No calice do nenuphar.

Nas orvalhadas cantigas
Destas selvagens manhans...
Nas flores — tuas amigas!
Nas pombas — tuas irmans!

Tu pensas, ó Fiorentina,
No genio de teu paiz...,
Que uma harpa soberba afina
Em cada seio de actriz.

Na esteira de luz que arrasta
A gloria no louco affan!
Nos diademas da Pasta...
Nas palmas da Malibran!

Pensas nos climas distantes
Que um sol vermelho queimou...
Nesses mares offegantes
Que o teu navio cortou!

Na bruma que lá s'escôa...
Na estrella que morre além...
Na Santa que te abençôa,
Na Santa que te quer bem!...

Tu pensas n'Arte-sagrada,
Nesta severa mulher...
Mais que Debora inspirada...
Mais rutilante que Esther.

Tu pensas em mil chimeras,
Nos orientes do amor.
No vacillar das espheras
Pelas noites de languor.

N'algum sonho peregrino
Que o teu ideal creou.
Na vassallagem, no hymno...
Que a multidão te atirou!

Neste condão que teus dedos
Tem de domar os leões...
No pipilar de uns segredos,
No musgo dos corações...

No livro que tens no collo!
Nos versos que tens aos pés!
Nos bellos gelos do pólo...
Como teus seios crueis.

Pensas em tudo que é bello,
Puro, brilhante, ideal...
No teu soberbo cabelo!
No teu dorso esculptural!

Nos thesouros de ventura
Que a um'alma podias dar;
No alepto da bocca pura...
Na graça do puro olhar...

Pensas em tudo que é nobre,
Que entorna luz e fulgor!
Nas minas, que o mar encobre!
Nas avarezas do amor!

Tu pensas tudo que invade
O seio de um Cherubim!...
Deus! Amor! Felicidade!...
... Só tu não pensas em mim!...

8. Salvador, 1 de Junho de 1871

Cf. com um autographo do Poeta, cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães. Pbl. nas *Poesias*, Bahia (1913): XLIII.

1) E' ainda D. Agnese Trinei Murri, a quem o Poeta dirige a eterna e deliciosa questão de todos os namorados: "chi pensi?"

2) *Fiorentina*... (estancia 4.^a, v. 1) é o italiano de

Florentina, de Florença, donde era Agnese Trinei Murri.

3) *Pasta...* (Giuditta Negri), (estancia 5.^a, v. 3), celebre cantora italiana (1798-1865) applaudida por toda a Europa, onde creou a "Niobe", "Anna Bolena", "Sonnambula", "Norma", "Beatrice di Tenda", etc.

4) *Malibran...* (Maria Felicité Garcia), (estancia 5.^a, v. 4), celebre cantora francesa (808-1836), de formosura, voz e dotes dramaticos raros, cuja morte precoce inspirou a Musset as "estancias a Malibran".

AQUELLA MÃO

Pallidos versos de um primor divino

* * *

Era um'a mão de luxo... era um brinquedo
Mão tão bonita que metteria medo
Se não fosse, meu Deus! tão meiga e franca!
Mão p'ra se encher de gemmas e brilhantes,
De suspiros, de anhelos palpitantes...
Mas p'ra estalar as joias e os amantes...
 Aquella mão tão branca!

Era um'a mão fidalga, exigua, escassa!
Mão de Duqueza! Era um'a mão de raça,
De sangue azul, em veios de Carrara!
Alva, tão alva que vencia a idéa
Das neblinas, dos gelos e da garça!...
Amaçada no leite de Amalthéa
 Aquella mão tão rara!

Tinha um gesto de musa! — Mão que vôa.
Que do piano na ideal lagôa,
As asas banha em rapidez não vista!...
Como a andorinha que se arroja á tôa,
Cruzando em beijos a extensão das teclas!
Accendendo no seio a luz dos Eclas...
 Aquella mão de artista!

Mão de creança! Era um'a mão de arminhos,
Tendo essas *covas*, esses alvos rinhos,
De aves que a terra desconhece ainda!
Lembrando as conchas dos parceis marinhos,
A polpa branca dos nascentes lírios...
Covas... porque se enterram mil delírios
Naquella mão tão linda!

No theatro, uma noite, casta, esquiva,
Na luva de pellica a mão captiva,
Recordava um eclipse de lua...
Mas um momento após, deixando o guante,
Vi salvar-se da espuma, rutilante,
Como Venus despida e palpitante,
Aquella mão tão nua!

Era uma régia mão! Que largas vezes
Sonhei torneios, morriões, arnezes,
Bravos ginetes de nevada crina,
Justas feridas entre mil revezes,
Da media idade a sanguinosa palma...
Só p'ra o louro atirar... e a lança e a alma...
Aquella mão tão fina!

Uma noite sonhei que, em minha vida,
Deus accendia a *estrella* promettida,
Que leva os *Reis* ao trilho da ventura;
Mas, quando, ao longo da poenta estrada,
O suor me escorria d'amargura...
Passava em meus cabellos perfumados
Aquella mão tão pura!

Era um'a mão que illuminara um sceptro...
Mão que ensinava d'*harmonia* o metro

A's *espheras* de luz que o dia encobre!...
Tão santa que uma perola indiscreta
Talvez toldasse esta nudez tão nobre...
Vazia... Era a riqueza do Poeta
 Aquella mão tão pobre!

Era um'a mão que provocava o roubo!
Era um'a mão para conter o globo!
Tinha a luz que arrebatava, a luz que encanta!
Fora o genio de Socrates o Grego!
Domara em Roma os consules e o lobo!
Mão que em trevas buscara Homero cégo
 Aquella mão tão santa!

S. Salvador, 2 de Junho de 1871

Cf. com um autographo do Poeta, incompleto por faltar a ultima estrophe, e com um manuscripto integral, de Augusto Alvares Guimarães: cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães. Pbl. na "5ª" (VI) Edição das *Espumas Fluctuantes*, Seraphim José Alves, Rio (1881), "appendice": XIII.

1) *Aquella mão é a d'Ella*, de D. Agnese Trinei Murri, que o Poeta trocava, cingindo-lhe a cabeça apaixonada, por todos os louros da Gloria.

REZAS

Na hora em que a terra dorme
Enrolada em frios véos,
Eu ouço uma reza enorme
Enchendo o abysmo dos céus.

Accendem-se os bentos cirios
Dos vagalumes subtis!
“Ave!” murmuram os lirios,
“Ave!” dizem os covis!

Nos boqueirões ha soluços...
Tem remorso o vendaval...
O mar se atira de bruços,
Co'as barbas pelo areial.

As nuvens ajoelhadas
Nos claustros, ermos e vãos,
Passam as contas doiradas
Das estrellas — pelas mãos.

A açucena, por creança,
Junta os dedos... reza e ri!
A palmeira larga a trança...
Reza nua como a houri.

Pelos cipós solitario
Gotta a gotta o orvalho cae,
Como as bagas do rosario
Da filha que chora o pae!

A ventania que embocca
Pela serra colossal,
E' organista que toca
Nos siphões da cathedral.

Que fanatismos divinos
Nas lapas do campo alvar!
Da onça os olhos felinos
Dizem rezas ao luar!

Ha luzes phosphorescentes
Accesas pelos marneis...
São as larvas penitentes
Rezando pelos fieis.

Monstro e anjo a noite grupa
No pedestal da oração...
Quem sabe se a catadupa
Bate nos peitos do chão?

Reza tudo que tem bocca
Cheio de graça ou terror...
O ninho — junto da toca!
A cratera ao pé da flor!

Só, enquanto a reza enorme
Rebôa pela amplidão,
Como Loth... o Homem dorme
No collo da criação!

S. Salvador, 5 de Junho de 1871.

Cf. com um autographo do Poeta, cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães. Pbl. na 5.^a Edição das *Espumas Fluctuantes*, de Cruz Coutinho, Rio, 1881, “supplemento”: V.

Sobre a data desta poesia, que o autographo, conferido, de Castro Alves, diz: “S. Salvador, 5 de Junho de 1871”, ha que discutir. Contou-me o Dr. Dydimio Agapito da Veiga, jurisconsulto, professor de direito, presidente do Tribunal de Contas, condiscipulo e amigo de Castro Alves — e tambem poeta, nesse tempo —, que alguém, mesquinho ou invejoso, escrevera, nas paredes da Faculdade, duas dessas quadras: — repetiu-me de cór a 3.^a e a 7.^a —, como chamando a attenção para o absurdo das imagens do Poeta. Olympico, o seu desdem á altura do seu genio, Castro Alves sacudira os hombros, respondendo: — Não tenho culpa que as grandes orelhas não permittam ouvir sons finos e delicados. Portanto, as “Rezas”, já eram conhecidas e publicadas em S. Paulo em 1868. De facto, entre as poesias copiadas por Polycarpo Aranha, e a que se refere a nota á “Mocidade e Morte”, lá vem ella, entre as desse tempo.

1) *Estancia 4*. Onde foi publicada, esta poesia traz assim a 4ª estancia:

As nuvens ajoelhadas
 Nos claustros ermos e vãos
 Passam quaes contas doiradas
 As estrellas — pelas mãos.

Não é uma variante, nem foi permittida pelo Poeta. Castro Alves escreveu — e vejo-o agora mesmo no seu autographo:

Passam as contas doiradas
 Das estrellas pelas mãos

Conta-me o Dez. José Joaquim da Palma, amigo e admirador de Castro Alves, que ouvira o poeta João de Britto, louvando aliás estes versos, objectar ao autor que, neste passo, havia ambiguidade: isto é, as estrellas tinham contas, ou as contas eram as estrellas? Castro Alves sorriu e lhe retorquira: “Quando eu digo o bôbo do Britto, quero affirmar que o Britto tem um bôbo, ou que o Britto é esse bôbo?”

Vingou entretanto a impertinencia, até agora, pois, ainda nas *Poesias*, p. 164, lá está Castro Alves reprimido como não quisera e não devêra.

2) *Estancia 7ª*. A collocação da estancia no logar obedece á publicação nas edições das *Espumas Fluctuantes*, onde vem a poesia; no autographo está anotada á margem e no fim, como que esquecida. Adoptei esta versão; a das publicações alludidas é:

Pelos cipós solitario
 Em fio o sereno cae,

GESSO E BRONZE

Foi Canova ou David... Um mestre, um escultor,
Duas estatuas fez symbolizando o amor...

Uma — pallida e fria, inda amaçada em gesso
No canto da officina ensaio sem apreço!...
Outro — prodigio d'arte, arrojo peregrino,
Encarnação de luz em *bronze* florentino!...

Uma noite, porém, um raio, o acaso... um nada
O incendio arremessando á tenda profanada,...
No vermelho estendal das cinzas do brazido
Viu-se o esboço de pé!... e o bronze derretido!...

Senhora, Deus tambem ás vezes é escultor,
E gosta de esculpir nos corações o amor...
De argilla ou de metal, de barro ou de alabastro
Com o limo com que faz a escuridão e o astro...

Mas quando o acaso... um gesto... um riso leviano
 Atéa a flamma vil de um zelo ardente, insano...
 Sabeis o que se dá?

— O amor de gesso medra...

De lodo que era ha pouco... enrija... faz-se pedra...

.....
 Mas da lava infernal o beijo libertino

Funde a estatua do amor de bronze florentino!!

15 de Junho de 1871.

Cf. com um autographo do Poeta, cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães. Pbl. nas *Poesias*, Bahia (1913): XLVIII.

1) Ainda dirigida a Agnese Trinei Murri: scena de ciúme, depois reconhecido sem razão, ajunta D. Adelaide de Castro Alves Guimarães. Além do gentilico "florentino" que identificava a amada, o Poeta sublinha o "bronze", como indicando que seria a materia de que era feita o seu coração. Nas suas ultimas confissões Agnese Murri depõe o contrario: era apenas um coração que a si havia imposto o silencio e, assim, pareceu indifferente ao seu Poeta.

2) *Canova...* (Antonio), (estancia 1.^a, v. 1), celebre esculptor italiano (1757-1822) de renome universal.

3) *David...* (Pierre Jean), (estancia 1.^a, v. 1), chamado David d'Angers (1788-1856) porque será este, esculptor, a quem se refere o Poeta, e não outro, Jacques Louis David, ou David simplesmente, que era pintor: autor famoso de tantas estatuas e medalhões celebres.

POESIAS ÉPICAS

AOS ESTUDANTES VOLUNTARIOS

Poesia recitada no theatro de Santa
Isabel na noite do offercimento da
Academia.

O céu é alma... O relampago
E' uma ideia de luz,
Que pelo craneo do espaço
Perpassa, brilha e reluz...
Depois o trovão — é o verbo.
Segue-o o raio — gladio acerbo,
Que se desdobra soberbo
Pelos paramos azues.

Acção e ideia — são gemeos.
Quem as poderá apartar?...
O facto — é a vaga agitada
Do pensamento — que é o mar...
Scisma o oceano curvado,
Mas da procella vibrado,
Solta as crinas indomado,
Parece o espaço escalar.

Assim sois vós!... Nem se pense
Que o livro enfraquece a mão.
Troca-se a penna com o sabre,
Hontem — Numa... Hoje — Catão...
E' o mesmo... Se a penna é espada
Por mão de Homero vibrada,
Com o gladio — epopéa ousada
Traça os mundos — Napoleão...

Que importa os raios trovejem
Nas florestas do existir.
Parti, pois! Homens do livro!
Podeis ousados partir!
Pois sereis..., vindo com gloria,
Ou morrendo na victoria,...
Homens do livro da Historia
Dessa Biblia do porvir!

Recife, 1865.

Cf. com um autographo do Poeta, cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães. Pbl. nas *Poesias*, Bahia (1913): VIII.

A MACIEL PINHEIRO

Dieu soit en aide au pieux pélerin.

BOUCHARD.

Partes, amigo, do teu antro de aguias,
Onde gerava um pensamento enorme,
Tingindo as asas no levante rubro,
Quando nos valles inda a sombra dorme...
Na fronte vasta, como um céu de idéas,
Aonde os astros surgem mais e mais...
Quiseste a luz das boreaes auroras...
Deus acompanhe o peregrino audaz.

Verás a terra da infeliz Moema,
Bem como a Venus se elevar das vagas;
Das serenatas ao luar dormida,
Que o mar murmura nas douradas plagas.
Terra de glorias, de canções e brios,
Sparta, Athenas, que não tem rivaes...
Que, á voz da patria, deixa a lyra e ruge...
Deus acompanhe o peregrino audaz.

E quando o barco atravessar os mares,
Quaes pandas asas, desfraldando a véla,
Ha de surgir-t'esse *gigante immenso*,
Que sobre os morros campeando vela...
Symb'lo de pedra, que o cinzel dos raios
Talhou nos montes, que se alteam mais...
Atlas com a forma do gigante povo...
Deus acompanhe o peregrino audaz.

Váe nas planicies dos infindos pampas
Erguer a tenda do soldado vate...
Livre... bem livre a Marselhesa aos echos
Soltar bramindo no feroz combate...
E após do fumo das batalhas tincto,
Canta essa terra, canta os seus *geraes*,
Onde os gaúchos sobre as egoas vôam...
Deus acompanhe o peregrino audaz.

E n'esse lago de poesia virgem,
Quando boiares nas subtis espumas,
Sacode estrophes, qual do rio a garça
Perolas sólta das brilhantes plumas.
Pallido moço — como o bardo errante —
Teu barco vôa na amplidão fugaz.
A nova Grecia quer um Byron novo...
Deus acompanhe o peregrino audaz.

E eu, cujo peito como u'a harpa homérica
Ruge estridente do que é grande ao sôpro,
Saúdo o artista que, ao talhar a gloria,
Pega da espada, sem deixar o escopro.

Da caravana guarda a areia a pegada:
No chão da historia o passo teu verás...
Deus, que o Maseppa nos steppes guia...
Deus acompanhe o peregrino audaz.

Recife, 1865.

Espumas Fluctuantes, Edição original: XVII.

Nota do Autor, á pagina 203, da Edição original das *Espumas Fluctuantes*:

“A MACIEL PINHEIRO.

Maciel Pinheiro é um destes moços que symbolizam o entusiasmo e a coragem, a independencia e o talento, nas academias. Poeta e jornalista, o moço estudante, aos reclamos da patria, improvisou-se soldado. Hoje, que o tempo e a distancia nos separam, é me grato falar de um dos mais nobres caracteres que tenho conhecido.”

1) (Dedicatoria) *Maciel Pinheiro* (Luiz Ferreira), (1839-1889), natural da Parahiba, interrompeu o curso de direito no Recife para servir na guerra do Paraguay; tornando, formou-se, seguiu com honra a carreira da magistratura, collaborou com brilho no “Jornal do Recife”, na “Provincia”, e fundou “O Norte”, órgão republicano, com Martins Junior: mereceu, pois, o encomio de seu condiscipulo, o nosso Poeta, que nelle viu “o peregrino audaz”.

2) (Estancia 6.^a v. 7), *Mazeppa*... (Ivan Stepanovitch), 1644-1709, personagem famosa, de quem se conta que, atado a um cavallo indomito, untado de pez, foi entretanto milagrosamente salvo, através das esteppes, conduzido à Ukrania, cujos cossacos o libertaram e lhe deram posto saliente entre elles. Serviu a Pedro o Grande contra Carlos XII, a este contra aquelle, envenenando-se, depois de Poltava, quando a sorte foi adversa aos seus ultimos parciaes. Lord Byron descreveu no seu poema *Mazeppa* (1818) as aventuras extraordinarias de sua vida e é da leitura do bardo inglês a reminiscencia de Castro Alves.

PEDRO IVO

Sonhava nesta geração bastarda
Glorias e liberdade!...

.
Era um leão sangrento, que rugia,
Da gloria nos clarins se embriagava,
E vossa gente pallida recuava,
Quando elle apparecia.

ALVARES DE AZEVEDO.

I.

Rebramam os ventos... Da negra tormenta
Nos montes de nuvens galopa o corsel...
Relincha — troveja... galgando no espaço
Mil raios desperta co'as patas revél.

E' noite de horrores... nas grunas celese,
Nas naves ethereas o vento gemeu...
E os astros fugiram, qual bando de garças
Das aguas revoltas do lago do céu.

E a terra é medonha... As arvores nuas
Espectros semelham fincados de pé,
Com os braços de mumias que os ventos retorcem,
Tremendo a esse grito que estranho lhes é.

o infinito... Co'a bocca entreaberta
 a borrasca do largo pulmão.
 e o oceano sacode as espaduas
 lado novo calcado no chão.

de horrores... Por invio caminho
 lto sombrio sósinho passou,
 ite no peito, co'a noite no busto
 elo monte, — nas cimas parou.

esparços ao sopro dos ventos,
 esvairado, sinistro, fatal,
 estatua roçando nas nuvens,
 al a montanha se fez pedestal.

procella — nem elle escutava!...
 os choviam — nem elle os fitou!
 dextra apontando bem longe a cidade,
 ngo tempo sombrio falou!...

.

II.

Dorme, cidade maldita,
 Meu somno de escravidão!...
 Dorme, vestal de pureza,
 sobre os cochins do *Sultão*!...
 Dorme, filha da Georgia,
 Prostituta em negra órgia
 lê hoje Lucrecia Borgia
 Da deshonra no balcão!...

Dormir?!... Não! Que a infame grita
Lá se levanta fatal...
Corre o champagne e a deshonra
Na orgia descommunal...
Na frente já tens um laço...
Cadeias de ouro no braço,
De perolas um barão,
— Adornos de saturnal!

Louca!... Nem sabe que as luzes,
Que accendeu p'ra as saturnaes,
São do enterro de seus brios
Tristes cirios funeraes...
Que o seu grito de alegria
E' o estertor da agonia,
A que responde a ironia
Do riso de Satanaz!...

Morreste... E ao teu sahimento
Dobra a procella no céu.
E os astros — olhar dos mortos —
A mão da noite escondeu.
Vê!... Do raio mostra a lampa
Mão de espectro que destampa
Com dedos de ossos a campa,
Onde a gloria adormeceu.

E erguem-se as lapidas frias,
Saltam bradando os heróes:
“Quem ousa da eternidade
Roubar-nos o somno a nós?”
Responde o espectro: “A desgraça!
Que a realeza que passa,
Com o sangue de vossa raça,
Cospe lodo sobre vós!...”

Fugi, phantasmas augustos!
Caveiras que coram mais,
Do que essas faces vermelhas
Dos infames pariás!...
Fugi do solo maldito...
Embuçai-vos no infinito!...
E eu por detraz do granito
Dos montes occidentaes...

Eu tambem fujo... Eu fugindo!!...
Mentira d'esses vilões!
Não foge a nuvem trevosa
Quando em asas de tufões,
Sobe dos céus á esplanada,
Para tomar emprestada
De raios uma outra espada,
A' luz das constellações!...

Como o tigre na caverna
Afia as garras no chão,
Como em Elba amola a espada
Nas pedras — Napoleão,
Tal eu — vaga encapellada,
Recuo de uma passada,
P'ra levar de derribada
Rochedos, reis, multidões...!

III.

“Pernambuco! Um dia eu vi-te
Dormido immenso ao luar,
Com os olhos quasi cerrados,
Com os labios — quasi a falar...

Do braço o clarim suspenso,
 — O punho no sabre extenso,
 De pedra — *recife* immenso,
 Que rasga o peito do mar...

E eu disse: Silencio, ventos!
 Cala a bocca, furacão!
 No sonho d'aquelle somno
 Perpassa a Revolução!
 Este olhar que não se move
 'Stá fito em — Oitenta e Nove —
 Lê Homero — escuta Jove...
 — Robespierre — Dantão.

N'aquelle craneo entra em ondas
 O verbo de Mirabeau...
 Pernambuco sonha a escada,
 Que tambem sonhou Jacob;
 Scisma a Republica alçada,
 E pega os copos da espada,
 Emquanto em su'alma brada:
 "Somos irmãos, Vergniaud."

Então repeti ao povo:
 — Desperta do somno teu!
 Sansão — derroca as columnas!
 Quebra os ferros — Prometheu!
 Vesuvio curvo — não pares,
 Ignea coma sólta aos ares,
 Em lavas inunda os mares,
 Mergulha o gladio no céu.

Republica!... Vôo ousado
 Do homem feito condor!
 Raio de aurora inda occulta,
 Que beija a frente ao Thabor!

Deus! Porqu'emquanto que o monte
Bebe a luz desse horizonte,
Deixas vagar tanta frente,
No valle envolto em negror?!...

Inda me lembro... Era, ha pouco,
A lucta!... Horror!... Confusão!...
A morte vôa rugindo
Da garganta do canhão!...
O bravo a fileira cerra!...
Em sangue ensopa-se a terra!...
E o fumo — o corvo da guerra —
Com as asas cobre a amplidão...

Ceguei!... Como nuvens tontas,
Ao bater no monte — além,
Topam, rasgam-se, recuam,...
Taes a meus pés vi tambem
Hostes mil na lucta ingloria...
...Da pyramide da gloria
São degráus... Marcha a victoria,
Porque este braço a sustém.

Foi uma lucta de bravos,
Como a lucta do jaguar.
De sangue enrubesce a terra,
— De fogo enrubesce o ar!...
... Oh!... mas quem faz que eu não vença?
— O acaso... — avalanche immensa,
Da mão do Eterno suspensa,
Que a idéa esmaga ao tombar!...

Não importa! A liberdade
E' como a hydra, o Antheu.
Se no chão rola sem forças,
Mais forte do chão se ergueu...

São os seus ossos sangrentos
Gladios terríveis, sedentos...
E da cinza solta aos ventos
Mais um Graccho appareceu!...

.....

Dorme, cidade maldita!
Teu somno de escravidão!
Porém no vasto sacrario
Do templo do coração,
Atêa o lume das lampas,
Talvez que um dia dos pampas
Eu surgindo quebre as campas,
Onde te collam no chão.

Adeus! Vou por ti maldito
Vagar nos ermos paúes.
Tu ficas morta, na sombra,
Sem vida, sem fé, sem luz!...
Mas quando o povo accordado
Te erguer do tredo vallado,
Virá livre, grande, ousado,
De pranto banhar-me a cruz!...

IV.

Assim falara o vulto errante e negro,
Como a estatua sombria do revés.
Uiva o tufão nas dobras de seu manto,
Como um cão do senhor ulula aos pés...

Inda um momento esteve solitario
Da tempestade semelhante ao deus,
Trocando phrases com os trovões no espaço
Raios com os astros nos sombrios céus...

Depois sumiu-se dentre as brumas densas
Da negra noite — de su'alma irmã...
E longe... longe... no horizonte immenso
Resomnava a cidade cortezã!...

Vai!... Do sertão esperam-te as Thermopylas
A liberdade inda pullula alli...
Lá não vão vermes perseguir as aguias,
Não vão escravos perseguir a ti!

Vai!... Que o teu manto de mil balas roto
E' uma bandeira que não tem rival.
— D'esse suor é que Deus faz os astros...
Tens uma espada que não foi punhal.

Vai, tu que vestes do bandido as roupas,
Mas não te cobres de uma vil libré
Se te renega teu país ingrato
O mundo, a gloria tua patria é!...

.

V.

E foi-se... E inda hoje nas horas errantes,
Que os cedros farfalham, que ruge o tufão,
E os labios da noite murmuram nas selvas
E a onça vagueia no vasto sertão.

Se passa o tropeiro nas ermas devêzas,
Caminha medroso, figura-lhe ouvir
O infrene galope d'*Espectro soberbo*,
Com um grito de gloria na bocca a rugir.

Que importa se o tum'lo ninguem lhe conhece?
 Nem tem epitaphio, nem leito, nem cruz?...
 Seu tumulo é o peito do vasto universo,
 Do espaço — por cupola — as conchas azúes!...

...Mas contam que um dia rolára o oceano
 Seu corpo na praia, que a vida lhe deu...
 Emquanto que a gloria rolava sua alma
 Nas margens da historia, na areia do céu!...

Recife, Maio de 1865.

Espumas Fluctuantes, Edição original: XIX.

Pbl. na "Imprensa Academica", de S. Paulo, nº 12, de 2 de Agosto de 1868 (fora recitada dias antes, a 22 de julho, na sessão magna do "Atheneu Paulistano", onde se consagrou o prestigio de Castro Alves na mocidade do tempo). Nesta publicação o poema é seguido de algumas notas, a saber:

* (Sem indicação no texto, provavelmente — cidade: estancia 7.^a v. 3 — ou cidade maldita: II, e I.^a v. 1). "Refiro-me á capital de Pernambuco".

** Recife immenso (III, estancia 1.^a v. 7). "O Recife que nas aguas daquella provincia se estende como uma espada pelos mares fora".

*** São os seus ossos sangrentos
 Gladios terriveis sedentos (III, estancia 9.^a
 v. 6 e 7)

"Estes dois versos lembram aquella estrophe assaz e justamente conhecida do Dr. José Bonifacio:

"Oh! armas talvez o povo
 De seus ossos faça um dia".

"Os outros que terminam a estancia são reflexos de uma phrase de Mirabeau."

**** Mas contam que um dia rolara o oceano (IV, estancia 4^a v. I). “A crença mais vulgar a respeito da morte de Pedro Ivo diz que elle foi na fuga para os Estados Unidos lançado traiçoeiramente ao mar. A lenda acrescenta que o seu cadaver foi encontrado nas praias de Pernambuco”.

1) (Titulo) *Pedro Ivo* (Velloso da Silveira), nascido em Olinda em 1811, foi um dos cabeças da revolução “Praieira”, de 1848, chefiada pelo deputado liberal desembargador Nuñez Machado. Quando no assalto ao Recife (1849) foram batidos os revolucionarios, conseguiu o capitão Pedro Ivo, depois brigadeiro e commandante de um troço de tropas, escapar com tresentos companheiros de armas. Acossado pelos contrarios, batido em Pau Amarello, abandonado pela deserção de muitos dos seus, internou-se pelos matos, com um punhado delles, os sobreviventes fieis, e fez-se bandido. Nada mais podendo esperar, fiado nas promessas de uma honrosa amnistia, escapando ao premio de oito contos de reis que lhe davam pela vida, ou metade, pela cabeça, mesmo sem a vida, atravessou Alagôas, a Bahia e entregou-se á prisão, sendo conduzido ao Rio de Janeiro. Esteve por um anno preso na fortaleza da Lage. A amnistia promettida obrigava-o a exilio, longos annos fora do Brasil: não a accitou. Fugiu então (1851), desembarcou no caes do Pharoux, esteve numa fazenda em Marambaia, depois no Pau d’Alho, até que, em um navio portuguez, embarcou para a Europa. Fallecendo em viagem, foi seu corpo atirado ao mar. Em torno de sua figura de soldado, de bravo, de bandido, de aventureiro, de fugitivo, a lenda se formou, exaltando as imaginações romanticas, e os animos patrioticos. Alvares de Azevedo foi tocado por ella. Castro Alves resumiu admiravelmente, neste poema, todos os lances e impressões dessa vida de epopéa.

2) *O’rgia* (II, estancia 1.^a, v. 6) rima, legitimamente, com “Géorgia”, e “Bórgia”: portanto, órgia. E’ exacto que o vulgo não diz assim: mas é assim no Grego, no Latim, e até no Portuguez, nada menos que de A. F. de Castilho: *As Georgicas de Virgilio trasladadas a portuguez*, Pariz, 1887, p. 127. Castro Alves,

num autographo que me communicou D. Adelaide de Castro Alves Guimarães, accentuou, explicitamente: *orgia*.

3) *Robespierre... Dantão... Mirabeau... Vergniaud...* (III, estancias 2.^a, v. 8 e 3.^a, vs. 2 e 8). Sobre Robespierre (1758-1794), Danton (1759-1794), Mirabeau (1749-1791), grandes vultos da Revolução Francesa, muito conhecidos, não ha necessidade de esclarecimento. Vergniaud (Pierre Victorien), 1753-1793, tambem patriota e revolucionario, filiado ao grupo dos Girondinos, na Convenção, padeceu, como estes, por suas idéas menos exaltadas, a morte na guilhotina.

AS DUAS ILHAS

SOBRE UMA PAGINA DA POESIA DE V. HUGO, COM
O MESMO TITULO

Quando á noite — ás horas mortas —
O silencio e a solidão
— Sob o docel do infinito —
Dormem do mar n'amplidão,
Vê-se, por cima dos mares,
Rasgando o tecto dos ares
Dous gigantescos perfis...
Olhando por sobre as vagas,
Attentos, longinquas plagas
Ao clarear dos fuzis.

Quem os vê, olha espantado
E a sós murmura: "O que é?
Ai! que atalaias gigantes,
São essas além de pé?!..."
Adamastor de granito
Co'a testa roça o infinito
E a barba molha no mar;
E de pedra a cabelleira
Sacudind'a onda ligeira
Faz de medo recuar...

São — dois marcos milliarios,
Que Deus nas ondas plantou.
Dous rochedos, onde o mundo
Dous Prometheus amarrou!...
— Acolá... (Não tenhas medo!...)
E' Santa Helena — o rochedo
D'esse Titan, que foi rei!...
— Alli... (Não feches os olhos!...)
Alli... aquelles abrolhos
São a ilha de Jersey!...

São elles — os dous gigantes
No seculo de pygmeus.
São elles — que a magestade
Arrancam da mão de Deus.
— Este concentra na fronte
Mais astros — que o horizonte,
Mais luz — do que o sol lançou!...
— Aquelle — na dextra alçada
Traz segura sua espada
— Cometa, que ao céu roubou!...

E olham os velhos rochedos
O Sena, que dorme além...
E a França, que entre a caligem
Dorme em sudario tambem...
E o mar pergunta espantado:
“Foi devéras desterrado
Buonaparte — meu irmão?...”
Diz o céu, astros chorando:
“E Hugo?...” E o mundo pasmando
Diz: “Hugo... Napoleão!...”

Como vasta reticencia
Se estende o silencio após...

E's muito pequena, ó França,
P'ra conter estes heróes...
Sim! que estes vultos augustos
Para o leito de Procustos
Muito grandes Deus traçou...
Basta os reis tremam de medo
Se a sombra de algum rochedo
Sobre elles se projectou!...

Dizem que, quando, alta noite,
Dorme a terra — e véla Deus,
As duas ilhas conversam
Sem temor perante os céus.
— Jersey curva sobre os mares
A' Santa Helena os pensares
Segreda do velho Hugo...
— E Santa Helena no emtanto
No *Salgueiro* enxuga o pranto
E conta o que *Elle* falou...

E olhando o presente infame
Clamam: “Da turba vulgar
Nós — infinitos de pedra —
Nós havemol-os vingar!...”
E do mar sobre as escumas,
E do céu por sobre as brumas,
Um ao outro dando a mão...
Encaram a immensidade
Bradando: “A Posteridade!...”
Deus ri-se e diz: “Inda não!...”

Recife, 1865.

Pbl. no "Diario do Rio de Janeiro" n.º 12 de 11 de Maio de 1868, com as seguintes variantes:
Com os seus olhos de fuzis (estancia 1ª v. 10)

Este no espaço da fronte
De astros urna e horizonte
A luz do sol encerrou (e. 4 v. 5, 6 e 7)

Nota do Autor, á pagina 204 da Edição original das *Espumas Fluctuantes*:

"AS DUAS ILHAS".

Victor Hugo escreveu — *As duas ilhas* — a Napoleão.

Ajaccio e Santa Helena — berço e tumulo do heroe —, justificam o titulo dessa ode sublime.

Os presentes versos têm por assumpto Jersey e Santa Helena, Hugo e Napoleão. — Duas enormes peanhas — para dois enormes vultos.

Ha não sei que semelhança nestes dois perfis (aliás tão distinctos), que o espirito do pensador os reune numa fraternidade logica.

Parece que, se Hugo tivesse sido guerreiro, chamar-se-ia Napoleão; e que o heroe de Austerlitz — poeta, escreveria *Lucrecia Borgia*. E, depois, serem genios não é serem irmãos? E, depois, não é predestinação esta confraternidade do exilio? estes dois postes? estes dois mares? estas duas solidões? A Europa os irmanou, arrojando-os do Continente... a estes dois leprosos... de divindade.

O autor quiz apenas denunciar a razão de ser destes versos, de cujo merito elle nem ousa falar depois de haver pronunciado taes nomes."

AO DOUS DE JULHO

(RECITADA NO THEATRO DE S. JOÃO)

E' a hora das epopéas,
Das Iliadas reaes.
Ruge o vento — do passado
Pelos mares sepulcraes.
E' a hora em que a Eternidade
Dialoga a Immortalidade...
Fala o heróe com Jehovah!...
E Deus — nas celestes plagas —
Colhe da gloria nas vagas
Os mórtos de Pirajá.

Ha destes dias augustos
Na tumba dos Briareus.
Como que Deus baixa á terra,
Sem mesmo descer dos céus.
E' que essas lousas rasteiras
São — gigantes cordilheiras
Do Senhor aos olhos nús.
E' que essas brancas ossadas
São — columnas arrojadas
Dos infinitos azues.

Sim! Quando o tempo entre os dedos
 Quebra um sec'lo, uma nação...
 Encontra nomes tão grandes
 Que não lhe cabem na mão!...
 Heróes! Como o cedro augusto
 Campêa rijo e vetusto
 Dos sec'los ao perpassar,
 Vós sois o cedro da historia,
 A cuja sombra de gloria
 Vai-se o Brasil abrigar.

E nós que somos faiscas
 Da luz d'esses arrebóes,
 Nós que somos borboletas
 — Das chrýsallidas de avós,
 Nós que entre as bagas dos cantos,
 Por entre as gottas dos prantos,
 Inda os sabemos chorar,
 Podemos dizer: “Das campas
 Sacudi as frias tampas!
 Vinde a Patria abençoar!...”

Erguei-vos, santos phantasmas!
 Vós não tendes que corar...
 (Porque eu sei que o filho torpe
 Faz o morto soluçar...)
 Gemem as sombras dos Gracchos,
 Dos Catões, dos Spartacos,
 Vendo seus filhos tão vis...
 Dize-o tu, soberbo Mario!
 Tu que ensopas o sudario
 Vendo Roma — meretriz!...

Ai! Que lagrimas candentes
 Choram orbitas sem luz! —

Que idéa terá Leonidas
Vendo Sparta nos paúes?!...
Alta noite; quando pena
Sobre Arcole, sobre Iena,
Bonaparte — o rei dos reis —,
Que dor d'alma lhe rebenta,
Ao ver su'aguia sangrenta
No sabre de Juarez!?!...

Porém aqui não ha grito,
Nem pranto, nem ai, nem dor...
O presente não desmente
Do seu ninho de condor...
Mãos, que, outr'ora, de creanças,
A rir — dentaram as lanças
Dos velhos de Pirajá...
De homens hoje, as empunhando,
Nas batalhas afiando,
Vão caminho de Humaitá!...

Basta!... Curvai-vos, ó povo!...
Eil-os os vultos sem par.
Só de joelhos podemos,
N'est'hora augusta, fitar
Riachuelo e Cabrito,
Que sobem para o infinito
Como jungidos leões,
Puxando os carros dourados
Dos meteóros largados
Sobre a noite das nações.

Bahia, 1867.

Espumas Fluctuantes, Edição original: VIII.
Pbl. n' *O Académico*, de S. Paulo, n. 13, de 10 de
Outubro de 1868: ahi traz a data — "1866" —

O LIVRO E A AMERICA

AO GREMIO LITTERARIO

Talhado para as grandezas,
P'ra crescer, crear, subir,
O novo mundo nos musculos
Sente a seiva do porvir.
— Estatuario de colossos —
Cançado d'outros esboços
Disse um dia Jehovah:
“Vai, Colombo, abre a cortina
“Da minha eterna officina...
“Tira a America de lá.”

Molhado inda do diluvio,
Qual Tritão descommunal,
O continente desperta
No concerto universal.
Dos oceanos em tropa
Um — traz-lhe as artes da Europa,
Outro — as bagas de Ceylão...
E os Andes petrificados,
Como braços levantados,
Lhe apontam para a amplidão.

Olhando em torno então brada:
“Tudo marcha!... O’ grande Deus!
“As cataractas — p’ra terra,
“As estrellas — para os céus
“Lá, do polo sobre as plagas,
“O seu rebanho de vagas
“Vai o mar apascentar...
“Eu quero marchar com os ventos,
“Com os mundos... co’os firmamentos!!!”
E Deus responde — “Marchar!”

“Marchar!... Mas como?... Da Grecia
Nos doricos Parthenons,
A mil deuses levantando
Mil marmoreos Pantheons?...
Marchar co’a espada de Roma
— Leôa de ruiva coma
De presa enorme no chão,
Saciando o odio profundo...
— Com as garras nas mãos do mundo,
— Com os dentes no coração?...

“Marchar!... Mas como a Allemanha
Na tyrannia feudal,
Levantando uma montanha
Em cada uma cathedral?...
Não!... Nem templos feitos de ossos,
Nem gladios a cavar fossos,
São degráus do progredir...
Lá brada Cesar morrendo:
“No pugilato tremendo
“Quem sempre vence é o porvir!”

Filhos do sec'lo das luzes!
Filhos da *Grande Nação!*
Quando ante Deus vos mostrardes,
Tereis um livro na mão:
O livro — esse audaz guerreiro
Que conquista o mundo inteiro
Sem nunca ter Waterloo...
Eólo de pensamentos,
Que abrija a gruta dos ventos
Donde a *Egualdade* voou!...

Por uma fatalidade
Dessas que descem de além,
O sec'lo que viu Colombo,
Viu Guttenberg tambem.
Quando no tosco estaleiro
Da Allemanha o velho obreiro
A ave da imprensa gerou...
O Genovês salta os mares...
Busca um ninho entre os palmares
E a *patria da imprensa* achou...

Por isso na impaciencia
D'esta sêde de saber,
Como as aves do deserto —
As almas buscam beber...
Oh! Bemdito o que semêa
Livros... livros á mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro cahindo n'alma
E' germen — que faz a palma,
E' chuva — que faz o mar.

Vós que o templo das ideas
Largo — abris ás multidões,
P'ra o baptismo luminoso
Das grandes revoluções,
Agora que o trem-de-ferro
Accorda o tigre no cerro
E espanta os caboc'los nús,
Fazei d'esse "rei dos ventos"
— Ginete dos pensamentos,
— Arauto da grande luz!...

Bravo! a quem salva o futuro
Fecundando a multidão!...
N'um poema amortalhada
Nunca morre uma nação.
Como Goëthe moribundo
Brada "Luz!" o Novo Mundo
N'um brado de Briareu...
Luz! pois, no valle e na serra...
Que se a luz rola na terra,
Deus colhe genios no céu!...

Bahia.

Espumas Fluctuantes, Edição original: II.

Pbl. no *Diario do Rio de Janeiro*, n. 45, de 16 de Fevereiro de 1868: ahi traz a data "Bahia — 67", que omittiu a edição original.

Esta poesia, foi recitada por Eugenia Camara no Theatro de S. João, na Bahia, numa festa em beneficio do Gremio Literario, a 3 de Agosto de 1867. Sirvam estas indicações para lhe dar exacta seriação na obra do Poeta.

QUEM DÁ AOS POBRES, EMPRESTA A DEUS *

Eu que a pobreza de meus pobres cantos
Dei aos heróes — aos miseraveis grandes —
Eu que sou cego, — mas só peço luzes...
Que sou pequeno, — mas só fito os Andes...
Canto nest'hora, como o bardo antigo
Das priscas eras que bem longe vão,
O grande NADA dos heróes que dormem
Do vasto pampa no funereo chão...

Duas grandezas n'este instante cruzam-se!
Duas realezas hoje aqui se abraçam!...
Uma — é um livro laureado em luzes...
Outra — uma espada, onde os laureis se enlaçam.
Nem cora o livro de hombrear co' o sabre...
Nem cora o sabre de chamal-o irmão...
Quando em loureiros se biparte o gladio
Do vasto pampa no funereo chão.

E foram grandes teus heróes, ó patria,
—Mulher fecunda que não crea escravos—,
Que ao trom da guerra soluçaste aos filhos:
“ Parti—soldados, mas voltae-me—bravos !”

* Ao Gabinete Portuguez de Leitura, por occasião de offerer o producto de um beneficio ás familias dos soldados mortos na guerra.

E qual Moema desgrenhada, altiva,
Eis tua prole que se arroja então,
De um mar de glorias apartando as vagas
Do vasto pampa no funereo chão.

E esses Leandros do Hellesponto novo
Se resvalaram — foi no chão da historia...
Se tropeçaram—foi na eternidade...
Se naufragaram—foi no mar da gloria...
E hoje o que resta dos heróes gigantes?...
Aqui — os filhos que vos pedem pão...
Alem—a ossada que branquêa a lua,
Do vasto pampa no funereo chão.

Ai! quantas vezes a creança loura
Seu pae procura pequenina e núa,
E vai, brincando co' o vetusto sabre,
Sentar-se á espera no portal da rua...
Misera mãe, sobre teu peito aquece
Esta avesinha que não tem mais pão!...
Seu pae descança—fulminado cedro—
Do vasto pampa no funereo chão.

Mas, já que as aguias lá no sul tombaram
E os filhos d'aguias o Poder esquece...
E' grande, é nobre, é gigantesco, é santo!...
Lançai — a esmola e colhereis — a prece!...
Oh! dai a esmola... que, do infante lindo
Por entre os dedos da pequena mão,
Ella transborda... e vai cahir nas tumbas
Do vasto pampa no funereo chão.

Ha duas cousas n'este mundo santas;
— O rir do infante, — o descansar do morto...
O berço — é a barca que encalhou na vida,
A cova — é a barca do sidereo porto...

E vós dissestes para o berço — Avante! —
 Em quanto os nautas que ao Eterno vão,
 Os ossos deixam, qual na praia as ancoras,
 Do vasto pampa no funereo chão.

E' santo o laço em qu'hoje aqui s'estreitam
 De heroicos troncos — os rebentos novos — !
 E' que são gemeos dos heróes os filhos
 Inda que filhos de diversos povos!
 Sim! me parece que n'est'hora Augusta
 Os mortos saltam da feral mansão...
 E um "bravo!" altivo de além-mar partindo
 Rola do pampa no funereo chão!...

S. Salvador, 31 de Outubro de 1867.

Espumas Fluctuantes, Edição original: IV.

Pbl. n' *O Academico*, de S. Paulo, n. 13, de 10 de Outubro de 1868, com a seguinte nota: "Esta poesia foi recitada no Theatro da Bahia num beneficio que a Sociedade (Literaria e Portugueza) Gabinete de Leitura — deu em proveito dos orphãos da Guerra do Paraguay." Nesta publicação são as seguintes as alterações:

"Quando em loureiros se espedaça o gladio (est. 2.^a v. 7)
 "De um mar de glorias bipartindo as vagas (e. 3.^a, v. 6)
 "E hoje o que resta dos heróes extinctos? (e. 4.^a, v. 6)
 "E grande o abraço em que hoje aqui s'estreitam (e. 8.^a,
 [v. 1).

1) *Quem dá aos pobres empresta a Deus* (titulo).
 Epigraphe de Victor Hugo, posta á sua poesia "Pour les pauvres", das *Les Feuilles d'Automne*: XXXII —
 "Qui donne au pauvre prête a Dieu. V. H."—,idéa que tomou emprestada aos *Proverbios*: "Fœneratur Domino qui miseretur pauperis (XIX,17).

PESADELO DE HUMAITA'

POESIA RECITADA NO RIO DE JANEIRO

I

Ao som dos rinchos dos cavallos bravos,
Que soltos passam nos sertões remotos,
Ao múrmur triste do captivo rio
Que solta gritos sepulcraes, ignotos;
Acorda um dia Humaitá sentindo
Que a morte vibra-lhe o pesado arnez.
Treme-lhe o manto dos *geraes* extensos,
E o vil tyranno se lhe agarra aos pés.

II

“Quem é que acorda a cidadella enorme
Que a testa cinge de fataes ameias?”
Brada arrogante do deserto a esposa,
Sentindo o sangue lhe correr nas veias.
“Dizei, condores, que voaes do norte!
Dizei, ó ventos, que do céu rompeis!
Porque é que a brisa em meu broquel soluça
E o vil tyranno se me agarra aos pés?”

III

"Silencio! Escuta! lhe responde tremulo.
 Silencio! diz-lhe do deserto a voz.
 Silencio! E' elle... — o Brasileiro Atlante,
 De um grande povo a legião feroz.
 Desceu dos Andes,.. da Bahia altiva...
 Do Guanabara — esta mansão de reis...
 Treme, ó cidade!... Se o Brasil caminha
 O vil tyranno se lhe agarra aos pés...

IV

Como o viajante da legenda Hebraica,
 Na terra imprime o gigantesco passo,
 D'Attila monta no ginete fero...
 São-lhe as batalhas do caminho o traço.
 Se pisa o Prata — Riachuelo brilha,
 Se estende o braço — Uruguayana fez.
 Oh! vibre o pulso o derradeiro golpe,
 E o vil tyranno se lhe agarra aos pés".

.

V

Eis já no fumo os batalhões s'eritestam,
 Solto o estandarte no combate novo...
 Trincheiras, fortes, baluartes quebram-se,
 Ao ferreo embate de um potente povo,
 E' um raio — a esquadra... As legiões retumbam,
 Ruge a refrega com seus mil tropeis...
 ...Bravo!... Victoria!... Viva o povo immenso,
 O vil tyranno ha de beijar-lhe os pés!

VI

Fere estes ares, estandarte invicto!
 Povo, abre o peito para nova vida!
 Talvez agora o pavilhão da patria
 Açoite altivo Humaitá rendida.
 Sim! pela campa dos soldados mortos;
 Sim! pelo throno dos heróes, dos reis;
 Sim! pelo berço dos futuros bravos,
 O vil tyranno ha de beijar-lhe os pés.

Rio, Março de 1868.

Cf., até a penultima estrophe, com um autographo do Poeta, e, integralmente, com um manuscripto de Augusto Alvares Guimarães, communicados ambos por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães, e a publicação original, no *Diario do Rio de Janeiro*, n. 68, de 5 de Março de 1868. Pbl., depois, nas *Poesias*, Bahia, (1913): XI.

A poesia foi recitada á passagem de manifestação patriotica, da janella daquelle diario carioca, na rua do Ouvidor 97, o qual a publicou no dia immediato com encomios aos versos "que tanto enthusiasmo despertaram ao povo".

Saiu, na publicação original, com as seguintes variantes da versão que adoptamos, segundo o autographo do Poeta:

Sentindo o sangue lhe ferver nas veias (est. 2.^a, v. 4)
 Treme a cidade... Se o Brasil caminha
 O vil tyranno hade beijar-lhe os pés (e. 3.^a, vs. 7 e 8)
 D'Attila monta no ginete fero
 São-lhe as victorias do caminho o traço (e. 4.^a, vs. 3 e 4)
 Se estende a dextra — Uruguayana fez (e. 4.^a, v. 6)
 E o vil tyranno ha de beijar-lhe os pés (e. 4.^a, v. 8)
 Eil-a a refrega! Os batalhões irrompem (e. 5.^a, v. 1)
 Sim! pelo throno deste Rei dos Reis (e. 6.^a, v. 6).

O original do Poeta traz á margem a indicação: "não se publica".

JESUITAS

(SECULO XVIII)

O' mes frères, je viens vous apporter mon Dieu,
Je viens vous apporter ma tête!

V. Hugo (*Châtiments*).

Quando o vento da Fé soprava Europa,
Como o tufão que impelle ao ar a tropa
Das aguias que pousavam no alcantil;
Do zimborio de Roma — a ventania
O bando dos Apost'los sacudia
Aos cerros do Brasil.

Tempos idos! Extinctos lusimentos!
O pó da catechese aos quatro ventos
Revoava nos céus...
Floria após na India, ou na Tartaria,
No Mississipi, no Perú, na Arabia
Uma palmeira — Deus! —

O navio Maltês, do Latio a véla,
A Lusa náu, as quinas de Castella,
Do Hollandês a galé
Levavam sem saber ao mundo inteiro
Os *vandalos* sublimes do cordeiro,
Os *atilas* da fé.

Onde ia aquella náu? — Ao Oriente.
A outra? — Ao Pólo. A outra? — Ao Occidente.
 Outra? — Ao Norte. Outra? — Ao Sul.
E o que buscava? A phoca além do pólo;
O ambar, o cravo no indiano sólo,
 Mulheres em Stambul.

Ouro — na Australia; pedras — em Misora!...
“Mentira!” respondia em voz canóra
 O filho de Jesus...
“Pescadores!... nós vamos no mar fundo
“Pescar almas p’ra o Christo em todo mundo,
 “Com um anzol — a cruz —!”

Homens de ferro! Mal na vaga fria
Colombo ou Gama um trilho descobria
 Do mar nos escarcéus,
Um padre atravessava os equadores,
Dizendo: “Genios!... sois os *batedores*
 Da *matilha* de Deus!”

Depois as solidões surpresas viam
Esses homens inermes, que surgiam
 Pela primeira vez.
E a onça recuando s’esgueirava
Julgando o crucifixo... alguma clava
 Invencível talvez!

O martyrio, o deserto, o cardo, o espinho,
A pedra, a serpe do sertão maninho,
 A fome, o frio, a dôr,
Os insectos, os rios, as lianas,
Chuvas, miasmas, settas e savanas,
 Horror e mais horror...

Nada turbava aquellas fronteS calmas,
 Nada curvava aquellas grandes almas
 Voltadas p'ra amplidão...
 No emtanto elles só tinham na jornada
 Por couraça — a sotaina esfarrapada...
 E uma cruz — por bordão.

Um dia a *taba* do Tupi selvagem
 Tocava alarma... embaixo da folhagem
 Rangera estranho pé...
 O caboc'lo da rêde ao chão saltava,
 A setta hervada o arco recurvava...
 Estrugia o *boré*.

E o tacape brandindo, a tribu féra
 De um tigre ou de um jaguar ficava á espera
 Com gesto ameaçador...
 Surgia então no meio do terreiro
 O padre calmo, santo, sobranceiro,
 O *Piaga* do amor.

Quantas vezes então sobre a fogueira,
 Aos estalos sombrios da madeira,
 Entre o fumo e a luz...
 A voz do martyr murmurava unvida
 "Irmãos! Eu vim trazer-vos — minha vida...
 Vim trazer-vos — Jesus!"

Grandes homens! Apostolos heroicos!...
 Elles diziam mais do que os estoicos:
 "Dor, — tu és um prazer!
 "Grelha, — és um leito! Brasa, — és uma *gemma*!
 "Cravo, — és um sceptro! Chamma, — um diadema!
 "O' morte, — és o viver!"

Outras vezes no eterno itinerario
O sol, que vira um dia no Calvario
Do Christo a santa cruz,
Enfiava de vir achar nos Andes
A mesma cruz, abrindo os braços grandes
Aos indios rubros, nós.

Eram elles que o verbo do Messias
Prégavam desde o valle ás serranias,
Do Pólo ao Equador...
E o Niagára ia contar aos mares...
E o Chimborazo arremessava aos ares
O nome do Senhor!...

S. Paulo — 1868.

Espumas Fluctuantes, Edição original: XXIII.

Nota do Autor, á pagina 204 da Edição original das
Espumas Fluctuantes:

“Os JESUITAS.

Esta poesia é o verso de uma medalha, cujo reverso
(*Os Frades*) sairá talvez em outro livro, que o autor
imagina publicar.

“Como quer que seja, talvez fosse mais proprio o
titulo de — *Apostolos*; estas palavras, porém, são ou
foram synonymos na America do Sul. Que o digam
Nobrega e Anchieta.”

Castro Alves demonstrou com este poema, da mais
alta inspiração épica, que a Fé pode exceder o valor
bellicoso.

ODE AO DOUS DE JULHO

(RECITADA NO THEATRO DE S. PAULO)

Era no dous de Julho. A pugna immensa
Travára-se nos cerros da Bahia...
O anjo da morte pallido cosia
Uma vasta mortalha em Pirajá.
“Neste lençól tão largo, tão extenso,
“Como um pedaço roto do infinito...
O mundo perguntava erguendo um grito:
“Qual dos gigantes morto rolará?!...”

Debruçados do céu... a noite e os astros
Seguiam da peleja o incerto fado...
Era a tocha — o fuzil avermelhado!
Era o Circo de Roma — o vasto chão!
Por palmas — o troar da artilharia!
Por féras — os canhões negros rugiam!
Por atletas — dous povos se batiam!
Enorme amphitheatro — era a amplidão!

Não! Não eram dous povos que abalavam
N'aquelle instante o solo ensanguentado...
Era o porvir — em frente do passado,

A liberdade — em frente á escravidão.
Era a lucta das aguias — e do abutre,
A revolta do pulso — contra os ferros,
O pugilato da razão — com os erros,
O duello da treva — e do clarão!...

No entanto a lucta recrescia indomita...
As bandeiras — como aguias erriçadas --
Se abysmavam com as asas desdobradas
Na selva escura da fumaça atroz...
Tonto de espanto, cégo de metralha
O archanjo do triumpho vacillava...
E a gloria desgrenhada acalentava
O cadaver sangrento dos heróes!...

.....
.....
Mas quando a branca estrella matutina
Surgiu do espaço... e as brisas forasteiras
No verde leque das gentis palmeiras
Foram cantar os hymnos do arrebol,
Lá do campo deserto da batalha
Uma voz se elevou clara e divina:
Eras tu — liberdade peregrina!
Esposa do porvir — noiva do sol!...

Eras tu que, com os dedos ensopados
No sangue dos avós mortos na guerra,
Livre sagravas a Columbia terra,

Sagravas livre a nova geração!
 Tu que erguias, subida na pyramide
 Formada pelos mortos do Cabrito,
 Um pedaço de gladio — no infinito...
 Um trapo de bandeira — n'amplidão!...

S. Paulo, Julho de 1868.

Espumas Fluctuantes, Edição original: XXXV.
 Nota do Autor á pagina 203 da Edição original da
Espumas Fluctuantes:

“Ao DOUS DE JULHO.

“Riachuelo e Cabrito... etc.

Destes nomes o primeiro (todos o sabem) recorda a mais gloriosa batalha ferida em nossas aguas da America do Sul: o segundo (menos conhecido talvez) lembra um glorioso feito d'armas dos tempos da Independencia.

A bravura é uma herança nesta nobre terra! E o passado pôde repetir ao presente como o D. Diègue de Corneille:

“*Montre toi digne fils d'un père tel que moi*”

Num autographo do Poeta cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães, encontro ainda uma estrophe, por fecho, suppressa na publicação da edição original:

Povo! No anniversario deste dia
 Que relembra os titães amortalhados
 Sejamos lisongeiros dos finados
 Sejamos cortezãos dos mausoléos.
 Lançae os louros — esta esmola enorme
 Na campa dos Heróes... na Eternidade!...
 Moços! cantae na terra a Liberdade!
 Povo! cantae os Martyres nos céos!

AO ACTOR JOAQUIM AUGUSTO

Um dia Pygmalião — o estatuário
Da officina no tosco santuario
 Pôs-se a pedra a talhar...
Surgem contornos languidos, amenos...
E dos *flocos de marmore* outra Venus
 Surge d'est'outro mar.

De orgulho o mestre ri... A estatua é bella!
Da Grecia as filhas por inveja d'ella
 Vão nas grutas gemer...
Mas o artista soluça: “O’ Grande Jove!
“Ella é bella... bem sei — mas não se move!
 “E’ sombra — e não mulher!”

Então do excelso Olympo o deus — tonante
Manda que desça um raio fulgurante
 A’ tenda do esculptor.
Vive a estatua! Nos olhos — treme o pejo,
Vive a estatua!... Na bocca — treme um beijo,
 Nos seios — treme amor.

O poeta é — o moderno estatuário
Que na vigilia crea solitario

Visões de seio nú!
 O marmore da Grecia — é o novo drama!
 Mas o raio vital quem lá derrama?...
 E' Jupiter!... E's tu!...

Como Gluck nas selvas aprendia
 Ao som do violoncello a melodia
 Da santa inspiração,
 Assim bebes attento a voz obscura
 Do vento das paixões na selva escura
 Chamada — multidão.

Gargalhadas, suspiros, beijos, gritos,
 Cantos de amor, blasphemias de precitos,
 Choro ou reza infantil,
 Tudo colhes... e voltas co'as mãos cheias,
 — O craneo largo a transbordar de ideias
 E de creações mil.

Então começa a lucta, a lucta enorme,
 Desta materia tosca, aspera, informe,
 Que na praça apanhou,
 Teu genio vai forjar novo thesouro...
 O *cobre escuro* vai mudar-se *em ouro*,
 Como Fausto o sonhou!

Gloria ao Mestre! Passando por seus dedos
 Dóe mais a dor... os risos são mais ledos...
 O amor é mais do céu...
 Rebenta o *ouro* d'esta fronte accesa!
 O artista corrigiu a natureza!
 O alchimista venceu!

Então surges, Actor! e do proscenio
 Atiras as moedas do teu genio

A's pasmas multidões.
 Prodigio enorme! a tua enorme esmola
 Cunhada pela effigie tua róla
 Nos nossos corações.

Por isso agora, no teu almo dia,
 Vieram dando as mãos a Poesia
 E o povo, bem o vês;
 Como nos tempos d'essa Roma antiga
 Aos pés d'esse outro Augusto a plebe amiga
 Atirava laureis...

Augusto! E o nome teu não se desmente...
 O diadema real na vasta frente
 Cinges... eu bem o sei!
 Mandas no povo d'este novo Latio...
 E os poetas repetem como Horacio:
 "Salve! Augusto! Rei!"

S. Paulo, Outubro de 1868.

Espumas Fluctuantes, Edição original: XLI.

(1) *Ao actor Joaquim Augusto* (Dedicatoria). — Joaquim Augusto Ribeiro de Souza (1825-1873) era, ao tempo, considerado o melhor actor brasileiro. Diz delle Souza Bastos (*Carteira do artista*, Lisboa, 1898, p. 250), que foi, depois de João Caetano, o actor mais querido do Brasil.

Veja-se adiante, na "Correspondencia", a carta que o Poeta lhe dirigiu sobre a representação de "Gonzaga".

Pbl. n' *O Ypiranga*, de S. Paulo, n. 49, de 15 de Outubro de 1868 (dia immediato ao espectáculo em beneficio do actor Joaquim Augusto), com as seguintes variantes:

"Treme no seio o amor" (est. 3.^a, v. 6)

"Desta moeda toçca, aspera, uniforme" (e. 7, v. 2)

"Teu genio vae forjar mago thesouro..." (e. 7, v. 4)

"Gloria ao Genio! Passando por teus dedos (e. 8.^a, v. 1)

A MEU IRMÃO GUILHERME DE CASTRO ALVES

Na cordilheira altissima dos Andes
Os Chimborazos solitarios, grandes,
Ardem n'aquellas hibernaes regiões.
Ruge embalde e fumega a solfatéra...
E' dos labios sangrentos da cratera
Que a avalanche vacilla aos furacões.

A escoria rubra com os geleiros brancos
Misturados resvalam pelos flancos
Dos hombros friorentos do vulcão...

.
Assim, Poeta, é tua vida immensa,
Cerca-te o gelo, a morte, a indiferença...
E são lavas lá dentro o coração.

Curralinho, Julho de 1870.

Espumas Fluctuantes, Edição original: LI.

Nota do Autor á pagina 205 da Edição original das
Espumas Fluctuantes.

"A MEU IRMÃO GUILHERME

"*Na cordilheira altissima do Andes...*"

Lê-se no *Cosmos*, de Humboldt:

"Les volcans qui s'élèvent au dessus de la limite des
et produisent des inondations rédoutables, des torrents,
neige qui les recouvrent fondent pendant les éruptions
présentent des phénomènes particuliers. Les masses de
neiges perpétuelles, comme ceux de la chaîne des Andes,
qui entraînent pêle-même des blocs de glace et des
scories fumantes, etc."

Quando Ella se alteou das brumas da Alemanha,
Alva, grande, ideal, lavada em luz estranha,
Na destra suspendendo a estrela da manhã...;
O espasmo de um fogiz correo nos horizontes...
Clareou-se o perfil dos alvacentos montes
Das cimas — do Peru... ás grimpas do Indostan!!

S. Salvador 14 de Jbr

1870

Castro Alves

DEUSA INCRUENTA

A IMPRENSA

AO GREMIO LITERARIO

ANTITHESE A "TERRIBILIS DEA"

Quando Ella se alteou das brumas da Allemanha,
Alva, grande, ideal, lavada em luz extranha,
Na dextra suspendendo a estrella da manhã...
O espasmo de um fusil correu nos horizontes...
Clareou-se o perfil dos alvacentos montes,
Das cimas do Perú — ás grimpas do Indostan.

Tinha na mão brilhante a tromba bronzeadada!
Vestia o longo véo da vestal inspirada!
Era Pallas talvez!... talvez um seraphim!...
O albor de Beatriz, no imaginar do Dante!...
O olhar da Pythonisa em tripode gigante!
Do mundo — Anjo da guarda! enorme cherubim!....

Ergueu-se! Olhou de roda os plainos do Universo...
No peito das Nações seu braço longo, immerso
Palpou-lhe o estrepitar do estoso coração!...
Genio e santa! a mulher um grito ergueu profundo,
Abriu braços de mãe p'ra acalentar o mundo,
Asas de Seraphim — abrigar a amplidão.

Rugiram de terror ao ver-lhe o rir sublime...
 O satrapa, o chacal, a tyrannia, o crime...
 O abutre, o antro, o mocho, o erro, a escravidão!
 Disse a gruta p'ra o céu: "Que deusa é esta ingente
 O espaço respondeu: "E' a diva do Occidente!...
 A consciencia do mundo! o Eu da criação!"

E quando Ella surgiu, — os polos se abraçaram!
 O Zenith e o Nadir, — surpresos, se escutaram!
 O Norte — ouviu, chorando, o soluçar — do Sul!
 O abafado estertor do servo miserando,
 Da deusa no clarim gigante reboando,
 Clamou da terra — verde ao firmamento — azul!...

Uma noite... no chão da Grecia — peregrina,
 A Deusa ajoelhou... da poeira divina
 O phantasma de Homero então viram surgir!
 "Ainda viajar" diz o velho em assombro...
 "Quem és?" "Eu sou teu guia... Encosta-te ao meu hombro
 "Então, levas-me longe?" "Eu levo-te ao porvir!"

No forum colossal da sempiterna Roma,
 De Cicero a figura apaixonada 'assoma
 E de novo retumba o verbo atroador...
 Tem hoje por tribuna immensa — a eternidade,
 Por Forum — o universo! é plebe a — humanidade!
 A seus pés — as nações! os seculos — em redor!

Quando a Bastilha vil tremia desraigada
 E da mole ao sopé soava a martelada,
 A catapulta humana, a voz de Mirabeau!...
 Quando aquelle ideal Quasimodo do abysmo
 Se agitava a ulular dos Reis no cataclysmo,
 — Sineiro que o rebate aos seculos tocou!...

Eriçado, feroz, suado, monstruoso,
Magnifico de horror, divino, procelloso...
A Deusa se atirou nos braços do Titão!!
Mas, sentindo que o Deus inteiriçado tomba...
Dos thronos co'a madeira—arvora-lhe a hecatomba!
Co'as purpuras dos reis — accende-lhe um clarão!

Seguiu do Childe errante o yacht aventureiro...
Beijou-lhe a pallidez ao Lord-Forasteiro,
De Veneza, a lasciva — á languida Stambul!
E, quando o Lara-Inglês expira, o *Pagem louro*
E' Ella!... E fala... e aponta o firmamento de ouro,
Gulnar lembra a Conrado o seu país de azul!...

Quando a Polonia casta, essa Lucrecia nova,
Para fugir — a um leito, arrojase a — uma cova...
E mata-se de nojo... aos beijos de um Czar...
Uma actriz funeral surge do negro palco,
Tira á chaga o *punhal*, descobre o catafalco...
E deixa sobre a Europa... o ferro gottejar!

— Amazona sombria — ella arrebatou o Goethe
Na garupa a fumar do tartaro ginete,
Pela noite hibernal dos seculos ao sabbat!...
Anjo, ás vezes, no céo fatidico revôa,
A buzina de cobre os longos ares trôa...
Ergue-se a meio o chã do escuro Josaphat!

Salve, Deusa incruenta! Immensa Divindade!
— Barqueira desse mar — chamado a Eternidade, —
Que ás margens do Cocyto embarcas os heróes...
Em prol da humanidade a Deus levas o grito.
Tens os olhos — na terra! a bocca — no infinito!
A meia-lua aos pés! Na cabelleira — os soes!!!

Quando Ella se alteou nas brumas da Allemanha,
 Alva, grande, ideal, lavada em luz extranha,
 Na dextra suspendendo a estrella da manhã...,
 O espasmo de um fuzil correu nos horizontes...
 Clareou-se o perfil dos alvacentos montes,
 Das cimas — do Perú... ás grimpas do Indostan!

.

S. Salvador, 14 de Outubro de 1870

Cf. com um autographo do Poeta, cm. por Dona Adelaide de Castro Alves Guimarães. A "Terribilis Dea" (Impressões de Riachuelo), foi pbl. n' "O Ypiranga", de S. Paulo, n. 168, de 14 de Março de 1869. Uma vez mais se manifesta, nesta antithese, pela imprensa contra a guerra, o animo generoso de Castro Alves.

Pbl. na 2.^a Edição das *Espumas Fluctuantes*, Bahia, 1875: L.

(1) Esta poesia foi recitada, no dia immediato ao de sua composição, no Theatro de S. João, por um joven amigo do Poeta, o Dr. José Joaquim da Palma. Contou-me este que se achava em casa de Castro Alves e, na companhia dos dois, D. Adelaide de Castro Alves, quando o Poeta rogou que se afastassem até a janella proxima, enquanto compunha essa antithese á — *Terribilis Dea* — de Pedro Luiz, que tinha em mão. A' medida que as estrophes candentes iam sendo forjadas, chamava-os, e lh'as recitava. Assim, até a ultima. Pediu, então, ao amigo, que lhe emprestasse a voz, pois que a propria já a doença velára, mas não impedia receber, como recebeu, mais uma victoriosa ovação do povo que enchia o theatro.

2) *Child errante*. E' Lord Byron, o poeta inglês que incarnava as suas personagens, e que traçou sua ansia de aventuras e de viagens na *Peregrinação de Childe Harold* (1812).

3) *Lara... o Pagem-louro...* personagens de *Lara*, o poema de Byron (1814), que lhe conta a misanthropia

orgulhosa e arrogante: quando Lara expira aos golpes de seus inimigos, junto a elle, Kaled, o pagem, morre de desgosto, e reconhecem então que é uma mulher: “é ella”, diz Castro Alves. O Lara-Inglês, Lord Byron, teria por pagem a Imprensa, que seria a sua fama.

Quanto á característica do Pagem, “Pagem-louro” é que ha discordancia, entre Byron e Castro Alves: essa qualidade não é expressa no poema inglês e até, duas vezes, ahi se fala dos cabellos de Kaled, “*raven hair*” (Canto II, XXI, v. 1154 e XXV, v. 1261), cabelo negro como penna de côrvo, o que é precisamente o opposto de loiro.

(4) *Gulnare... Conrado*, personagens do “Corsario”, (1814), o romance-poema de Byron, aquella a favorita do pachá que este, o corsario, salva de um incendio e que o salva depois da masmorra, para o amor e a liberdade.

NO MEETING DU COMITÉ DU PAIN

Já que a terra estacou n'órbita immensa,
Já que tudo mentiu — a gloria! a crença!
 A liberdade! a cruz!
E o Sysipho dos sec'los — assombrado —
Viu rolar-lhe do dorso ensanguentado
 O *rochedo* de luz...

Já que o amor transmudou-se em odio acerbo,
Que a eloquencia — é o canhão, a bala — o verbo,
 O ideal — o horror!
E nos fastos do seculo, os tyrannos
Traçam co'a ferradura dos hulanos
 O cyclo do terror,

Já que, igual ao florete de Gennaro,
Um sabre arranca do presente ignaro
 Este letreiro — Luz —.
Já que a Gloria recua (cousa horrenda),
E Attila vae de Washington na senda,
 E Siva após Jesus!

Já que a Rousseau succede Machiavelo,
Já que a Europa de altar fez-se escabello,
 Da guerra meretriz,
Já que o sonho de Canning era falso,
Já que após abolir-se o cadafalso,
 Crucificam Pariz.

Já que é mentira a voz da Humanidade,
 Já que riscam da Biblia a Caridade,
 E d'alma o coração...
 E a noite da descrença desce feia
 E, tropeçando em ossos, cambaleia
 Dos povos a razão!...

.

Filhos do Novo Mundo! ergamos nós um grito
 Que abafe dos canhões o horrisono rugir,
 Em frente do oceano! em frente do infinito
 Em nome do progresso! em nome do porvir.

Não deixemos, Hebreus, que a dextra dos tyrannos
 Manche a arca ideal das nossas illusões.
 A herança de suor, vertido em dois mil annos,
 Ha de intacta chegar ás novas gerações!

Nós que somos a raça eleita do futuro,
 O filho que o Senhor amou, qual Benjamin,
 Que faremos de nós... se é tudo falso, impuro,
 Se é mentira — o Progresso! e o Erro não tem fim?

Não; clamemos bem alto á Europa, ao globo inteiro!
 Gritemos liberdade em face da oppressão!
 Ao tyranno dizei: Tu és um carniceiro!
 E's o crime de bronze! — escreva-se ao canhão!

Falemos de Justiça — em frente á Mortandade!
 Falemos do Direito — ao gladio que reluz!
 Se elles dizem — Rancor, dizei — Fraternidade!
 Se erguem a Meia-luz, ergámos nós a Cruz!

Digamos á Criança: — O Mestre ama esta idade!
 Digamos á Velhice: — honra ás vossas cans! —
 Digamos á Miséria, á Fome e á Orphandade:
 E' vosso o nosso lar... vós sois nossas irmans.

Digamos a Strasburgo “Mereces do Universo!”
 Digamos... Não! Silencio em frente de Paris...
 O Amazonas que leve o nosso pranto immerso
 A' gloria das Vestaes! á herdeira das Judiths.

.

O' França! déste a luz que de teu ser jorrava!
 O' França! acolhe agora em recompensa... o pão.
 O Christo no deserto os pães multiplicava,
 Faça agora o milagre, ó França, o coração!

E, se acaso alta noite, em noite de invernada,
 Enquanto no horizonte a chamma lambe o ar,
 Uma debil creança, esqualida e gelada,
 Por ti, Patria, encontrar abrigo, pão e lar...

Quando aquelle innocente a sós no campo escuro,
 Abençoar de longe os brasileiros céus...
 Sabe que este menino — é o symbolo do futuro!
 E aquella fragil mão... occulta a mão de Deus!...

9 de Fevereiro de 1871.

Cf. com um autographo do Poeta, cm. por Dona Adelaide de Castro Alves Guimarães. Pbl. na *A Republica*, do Rio de Janeiro, n. 34, de 18 de Fevereiro de 1871 e depois na 3.^a Edição das *Espumas Fluctuantes*,

Bahia, 1878: LIV. Na publicação d'*A Republica* tem as seguintes alterações:

- “Não; clamemos bem alto á Europa, ao mundo inteiro
[e. 9, v. 1]
“Digamos ao tyranno:—Tu és um carniceiro! (e. 9, v. 3)
“Digamos á velhice:—Honra as sagradas cans! (e. 11,
[v. 2)

As estrophes 11 e 12 estão transpostas.

1) O “Comité du Pain”, bem como a “Souscription des secours pour les victimes Françaises de la Guerre” (Guerra Franco-Prussiana de 1870-71) promoviam, então, na Bahia, auxilios aos mutilados, orphãos e viuvas da guerra: foi a estes que generosamente concorreu Castro Alves.

2) *Gennaro*, personagem de *Lucrece Borgia*, drama de Victor Hugo (1833), o qual arranca, a punhal, (Castro Alves diz florete), de um escudo, na frontaria do palacio Borgia, a primeira letra do nome, deixando subsistirem as outras, como um labéu de infamia: “ORGIA” (Acto I, parte II, scena III).

3) *Siva*... ou *Civa*, divindade hindú, que preside ás destruições.

4) *Rousseau*... *Machiavelo*... J. J. Rousseau (1712-1778), escriptor e philosopho francês, cujos escriptos sociaes foram precursores e iniciadores do grande movimento democratico do fim do seculo XVIII. Nicolau Machiavel (1469-1529), historiador e estadista florentino, que teve por muitos seculos, e ainda hoje, a fama injusta de politico sem escriptulos, astucioso, duplice e cruel.

5) *Canning*... George Canning (1770-1827), parlamentar e estadista inglês de idéas avançadas e liberaes, contra a Santa Alliança, contra o trafico dos escravos, pelo livre cambio, pela liberdade da Grecia, pelo reconhecimento da independencia do Brasil...

6) *Filhos do Novo Mundo!* (estancia 6.ª, v. 1). Depois de traçar o quadro de destruição e morte da Civilização, de que era prenuncio a Guerra Franco-Prussiana, de 70-71, premeditação malvada para a hegemonia allemã no mundo, Castro Alves teve uma ver-

dadeira iluminação prophetica, appellando para os "Filhos do Novo Mundo", que deviam salvar o antigo... Quasi cincoenta annos depois, o ouviriam, a este grito da consciencia universal, levando a America do Norte e outros paises do nosso continente, até o Brasil, á intervenção no conflicto europeu, da Grande Guerra de 1914-1918, ainda premeditada pelo mesmo demonio do mal. Mas a exhortação e a clarividencia de Castro Alves se realizaram, e o mundo foi salvo. Ao seu genio não faltou, pois, nem esse dom divino da prophecia!

7) O Conde A. Varin d'Ainvelle trasladou para o Francês este hymno magnifico, dedicando-o a Ruy Barbosa, que lhe attestou a excellencia da versão, "pequena obra prima". Isto foi em novembro de 1916, em plena Grande Guerra, como para reconhecer não só a gratidão da França a Castro Alves, como a admiração pela sua prophecia de vidente!

TRADUCÇÕES

PERSEVERANDO

(TRADUCÇÃO DE VICTOR HUGO)

A REGUEIRA COSTA

A aguia é o genio... Da tormenta o passaro,
Que do monte arremette o altivo pincaro,
Qu'ergue um grito aos fulgores do arrebol,
Cuja garra jámais se pêa em lodo,
E cujo olhar de fogo troca raios
— Contra os raios do sol.

Não tem ninho de palhas... tem um antro
— Rocha talhada ao martellar do raio,
— Brecha em serra, ant'a qual o olhar tremeu...
No flanco da montanha — asylo tremulo,
Que sacode o tufão entre os abysmos
— O precipicio e o céu.

Nem pobre verme, nem dourada abelha,
 Nem azul borboleta... sua prole
 Faminta, boquiaberta, espera ter...
 Não! São aves da noite, são serpentes,
 São lagartos immundos que ella arroja
 Aos filhos p'ra viver.

Ninho de rei!... palacio tenebroso,
 Que a avalanche a saltar cerca tombando!...
 O genio ahi enseiva a geração...
 E ao céu lhe erguendo os olhos flammejantes
 Sob as asas de fogo aqueita as almas
 Que um dia voarão.

—
 Porque espantas-te, amigo, se tua fronte
 Já, de raios pejada, choca a nuvem?...
 Se o reptil em teu ninho se debate?...
 E' teu folgar primeiro... é tua festa!...
 Aguias! P'ra vós cad'hora é uma tormenta,
 Cada festa um combate!...

Radia!... E' tempo!... E se a lufada erguer-se
 Muda a noite feral em prisma fulgido!
 De teu alto pensar completa a lei!...
 Irmão! — Prende esta mão de irmão na minha!
 Toma a lyra — Poeta! Aguia! — esvoaça!
 Sobe, sobe, astro rei!...

De tua aurora a bruma vai fundir-se
 Aguia! faz-te mirar do sol, do raio;
 Arranca um nome no febril cantar.
 Vem! A gloria, que é o alvo de vis settas,
 E' bandeira arrogante que o combate
 Embelleza ao rasgar.

O meteoro real — de coma fulgida —
Róla e se engrossa ao devorar dos mundos...
Gigante! Cresces todo dia assim!...
Tal teu genio, arrastando em novos trilhos
No curso audaz cónstellações de idéas,
Marcha e recresce no marchar sem fim!...

Pernambuco, Santo Amaro — 1867.

Espumas Fluctuantes, Edição original: XX.

Pbl. na *Imprensa Academica*, de S. Paulo, n. 5, de 18 de Junho de 1868.

Esta poesia, sob o titulo "A mon ami S. B." e epigraphe — "Perseverando" devise des Ducie — acha-se nas *Odes et Ballades*, vol. I, liv. IV, ode: XVII.

Sobre a data, precisa Alfredo de Carvalho: "A ultima poesia que Castro Alves escreveu aqui em Pernambuco... foi a traducção da ode de Victor Hugo, — "Perseverando" — dedicada a Regueira Costa e feita em muito pouco tempo, a 19 de Maio de 1867" (*Castro Alves em Pernambuco*, Recife, 1905, p. 21).

OITAVAS A NAPOLEÃO

(TRADUÇÃO DO HESPANHOL DE LOZANO)

Agua das solidões!... Ninho atrevido
Foram-te as borrascosas tempestades,
Flammigero cometa suspendido
Sobre o céu infinito das edades.
Tu que, no lago intermino do olvido,
Lançaste tuas régias claridades...
Deus caído do throno dos mais deuses...
Quem recebeu teus ultimos adeuses?...

Não foram as Pyramides, que ouviram
De teus passos o som e se inclinaram...
Nem as aguas do Nilo, que te viram,
E co'as ondas teu nome murmuraram...
Não foram as cidades, que brandiram
As torres como facho... e te aclararam...
Quem foi? Silencio!... tremulo de medo
Vejo apenas — um mar... vejo — um rochedo .

A terra, o mar, os céus... espaço estreito
Eram p'ra tua planta de gigante.
Para tecto dos paços teus foi feito
O firmamento colossal, fluctuante

Como diadema — os sóes... E como leito
O antarctico pólo de diamante...
Teu feretro qual foi?... Titão do Sena,
O penhasco fatal de Santa-Helena...

Assassina do Encélado da guerra
Só tu foste, Albion... do mar senhora...
Porque? Porque um pedaço ahi de terra
Foi pedir-te o gigante em negra hora...
E lhe déste um penhasco... Oh! Lá s'encerra
Tua lenda mais horrida... Traidora!
Lá seu spectro envolto na mortalha
Aos quatro céus a maldição espalha...

Ao leão, que temias, enjaulaste;
E de longe escutando seu rugido,
Tu, senhora do mar... tu desmaiaste!
Pelo punhal traidor elle ferido
Caiu-te aos pés... Então tu respiraste,
Cobarde vencedora do vencido...
Nem mesmo todo o oceano poderia
Lavar este padrão de covardia...

Tu não és tão culpada!... Aonde estava
A França tão potente e tão temida?...
Oh! porque o não salvou?... se o contemplava
Lá dos gelos dos Alpes — soerguida!?...
E elle que a fez tão grande?... Ella folgava!...
Emquanto ao longe do colosso a vida
Como um vulcão antigo e moribundo
Lento expirava nesse mar profundo.

S. Paulo.

Pbl. no *Diario do Rio de Janeiro*, n. 124, de 7 de Maio de 1868, ahí declarado que era a "traducção verso a verso do hespanhol, de Lozano".

Lozano foi D. Abigail Lozano (1821-1866), natural de Venezuela, de quem diz Menéndez y Pelayo (*Historia de la poesia Hispano Americana*, t. I, pag. 409, Madrid, 1911): "(que era varon, a pesar de su nombre feminino) es, sin duba, uno de los mas huecos y desatinados poetas que en ninguna parte pueden encontrarse.. Sus composiciones son un conjunto de palabras sonoras, que halagan por un momento el oido y dejan vacio de toda forma el entendimiento".

ELEGIA

(LAMARTINE)

Colham-se as rosas na manhã da vida ;
Ao menos no fugir da primavera,
Das flores os perfumes se respirem.
O peito se franqueie aos castos gozos ;
Amemos sem medida, ó cara amante !

Quando o nauta, no meio da tormenta,
Vê o fragil baixel quasi a afundir-se,
A's praias que deixou dirige as vistas,
E tarde chora a paz que ali gozava.
Ah! quanto dera por volver o triste
Aos amigos da aldeia, ao lar paterno,
E de novo passar junto á que adora
Dias talvez sem gloria, mas tranquillos !

Assim um velho, curvo ao peso d'annos,
Da mocidade, em vão, os tempos chora ;
Diz: "Volvei-me essas horas profanadas
De que eu, ó céus, não soube aproveitar-me."
Só lhe responde a morte; os céus são surdos,
E inflexiveis o arrojam ao sepulcro,
Não consentindo que se abaixe ao menos,
A apanhar essas flores desprezadas.

Amemos, vida minha!
 E riamos do afan que os homens levam
 Atraz de um fumo vão que lhes consome
 Metade da existencia, espedaçada
 Em sonhos e chimeras.

Não invejemos seu orgulho esteril;
 Deixemos á ambição os seus castellos;
 Mas nós, da hora incertos,
 Tratemos de esgotar da vida a taça,
 Emquanto as mãos a empunham.

Quer os louros nos cinjam,
 E, nos fastos sangrentos de Bellona,
 Nosso nome se inscreva em bronze e marmore;
 Quer da singela flor que as bellas colhem
 Se entrance a humilde c'roa,
 Vamos todos saltar na mesma praia.

De que val, no momento do naufragio,
 Em pomposo galeão ir navegando,
 Ou num batel ligeiro,
 Solitario viajante,
 Ter só junto da margem bordejado?

Pbl. na "5.^a" (VI) Edição das *Espumas Fluctuantes* de Serafim José Alves, Rio (1881), "appendice": XIV. Esta versão appareceu, entretanto, primeiramente publicada na collectanea de A. J. de Macedo Soares — *Lamartineanas* — Poesias de Affonso de Lamartine, traduzidas por poetas Brasileiros — Rio de Janeiro, 1869 — p. 48 — segundo o exemplar que pude conferir na Bibliotheca Nacional (III, I, 30). Ahi a "Elegia" vem assignada por "Anonymo".

Em outro exemplar, deste mesmo livro, e da mesma

edição, que possúo, occorre ás mesmas paginas, a “Elegia”, sob outra forma, a seguinte, assignada “Castro Alves”:

Vamos colher a rosa ao despontar da vida;
Da primavera em flor bebamos o perfume
Casta volupia inteira a vida em si resume;
Amemos sem medida, amemos, ó querida!

Quando ao rugir do mar o nauta desvairado
Vê seu batel que vai a sossobrar na vaga,
Volta o olhar em pranto ao lar abandonado,
Tarde lamenta a paz que alem ficou na plaga.
Ai! como elle quizera então no lar dos seus,
Junto de tudo quanto occupa-lhe a memoria,
Esquecido viver sem p’rigo e já sem gloria,
Sem nunca ter deixado a casa, os patrios céus!

Assim curvado o homem ao peso dos estios
Lembra o tempo feliz que não pode voltar.
Ai! Dai-me, o triste diz, meus dias fugidios;
Quando era tempo, ó Deus! perdi-os sem gozar,
Diz! e a morte responde! e os genios qu’elle implora
O impellem para o chão, que é tempo de morrer!
Nem lhe permitem mais que abaixe-se nessa hora
Para apanhar a flor que não soube colher.

Amemos, dôce amada!
Zombemos da ambição que adormenta os mortaes,
Da fumaça subtil pela espiral doirada,
Metade de seus dias lá foi arrebatada
Longe dos bens reaes.

Deste esteril orgulho inveja não tenhamos,
Aos filhos da vaidade deixemos a ambição!
Quanto a nós, sempre incertos da hora da partida,
Tratemos de esgotar as amphoras da vida
Emquanto as temos na mão.

Quer nos corôe o loiro,
Quer nos fastos crueis da impavida Bellona
Bronze ou marmore guarda o nome nelle inscripto;
Quer da flor que a belleza apanhe na campina
O amor nos entrelace a corôa divina,
Vamos todos rolar d'encontro nos rochedos:
Qu'importa quando o naufrago embate-se aos penedos,
Ter no barco veloz fendido altivo os ares
 Ou no batel ligeiro
 Mesquinho passageiro
Ter apenas costeadado o litoral dos mares?

Esta versão adopta exactamente a forma do original; a outra lhe é mais fiel talvez ao sentimento poetico. Como explicar em dois exemplares do mesmo livro, da mesma edição, taes differenças? Parece houve, em parte della, mudança dos cadernos 4 e 5. Porque? Ignoro. Tambem não sei qual a traducção authentica de Castro Alves. Provavelmente as duas, uma corrigindo a outra.

Acha-se o original nas *Nouvelles Meditations Poétiques*, de Alphonse de Lamartine: XII.

AS TRES IRMÃS DO POETA

(TRADUZIDO DE E. BERTHOUD).

E' noite! as sombras correm nebulosas.
Vão tres pallidas virgens silenciosas
Atravez da procella irrequieta.
Vão tres pallidas virgens... vão sombrias
Vindo collar n'um beijo as boccas frias...

Na fronte scismadora do — Poeta —

“Saúde, irmão! Eu sou a *Indifferença*.
Sou eu quem te sepulta a idéa immensa,
Quem no teu nome a escuridão projecta...
Fui eu que te vesti do meu sudario...
Que vaes fazer tão triste e solitario?...”

—“Eu luctarei!” — responde-lhe o Poeta.

“Saúde, meu irmão! Eu sou a *Fome*.
Sou eu quem o teu negro pão consome...
O teu misero pão, misero athleta!
Hoje, amanhã, depois... depois (qu'importa?)
Virei sempre sentar-me á tua porta...”

—“Eu soffrerei!” — responde-lhe o Poeta.

“Saúde, meu irmão! Eu sou a *Morte*.
Suspende em meio o hymno augusto e forte.
Marquei-te a fronte, misero propheta!
Volve ao nada! Não sentes n’este enleio
Teu cantico gelar-se no meu seio?!...”

—“Eu cantarei no céu” — diz-lhe o Poeta!

S. Paulo, 25 de Agosto de 1868.

Espumas Fluctuantes, Edição original: XIII.

Pbl. na *Imprensa Academica*, de S. Paulo, n. 17, de
13 de Setembro de 1868, com algumas variantes:

“Saude, irmão! eu sou o *Esquecimento*
Sou eu quem te sepulta o pensamento” (e. 2.^a, v. 1 e 2)
“Fui eu que te envolvi no teu sudario... (e. 2.^a, v. 4)
“Solta a lyra! Não sentes neste enleio (e. 4.^a, v. 4)

PALAVRAS DE UM CONSERVADOR

A PROPOSITO DE UM PERTURBADOR

(PARAPHRASE DE V. HUGO)

Seria sonho ou não?... Depois vós me direis...
Um homem... era um grego, era um persa, um chinês,
Ou judeu?... Eu não sei... tão sómente me lembro
Que era um ente veridico e grave, que era membro
Do partido da ordem...

E elle dizia então:

“Esta morte juridica imposta a um charlatão,
Ferindo este anarchista é soberana e justa...
Faz-se mister que a ordem e a autoridade Augusta
Defendam-se... Taes cousas hoje ninguem discute.
Depois, se a lei existe é para que se execute...
Verdades santas ha de origem tão divina
Que devem sustentar-se até na guilhotina.

“Este innovador pré-gava a philosophia
Do amor e do progresso... historias... utopia!

Ria do nosso culto antigo e namorado.
Era um destes p'ra quem nada existe sagrado,
Nem respeitam jámais o que o mundo respeita...

“P'ra lhes inocular doutrina assás suspeita
Elle ia procurar nos bordeis crapulosos,
Boieiro e pescador, patifes biliosos,
Immundo povilhéu não tendo eira nem beira...
E entre canalha tal prégava de cadeira.
Jámais se dirigia aos homens de dinheiro,
Aos sabios, aos honrados, ao honesto banqueiro.

“Anarchizava as massas... e com dedos p'ra o ar
Enfermos e feridos entendia curar
Contra a letra da lei.

Não para ahi o horror...
Resuscitava os mortos... este vil impostor
Tomava nomes falsos e falsas qualidades
E errando ora nos campos, ora pelas cidades,
Ouviam-no dizer: “Podeis me acompanhar!

“Ora, falae, senhor? Não é mesmo excitar
Uma guerra civil entre os concidadãos?
Via-se ir ter com elle horrososos pagãos,
Que dormiam nos fossos a acompanhar-lhe o rastro:
Um coxo, outro com o olho escondido no emplastro
Outro surdo, outro envolto em pustulas tenazes.

Vendo este feiticeiro andar com taes sequazes
O homem de bem entrava em casa envergonhado...
“Um dia... eu já nem sei quando isto foi passado,

Numa festa... pegou de um chicote, imprudente!
E se pôs a expellir, mas muito brutalmente,

Gritando e declamando, honestos mercadores,
Que vendiam alli passaros, aves, flores,
E outras coisas, que mesmo o clero permittia,
E de cujo producto uma parte auferia.

“Uma mulher sem brio seguia-lhe na trilha.

“Elle ia perorando, abalando a familia,
A santa religião e a sociedade,
Decepando a moral e a propriedade.

“O povo o acompanhava, e o campo estava inculto.
Era ousado de mais... Chegava o seu insulto
Até ferir o rico!...

E revoltava o pobre
Sempre, sempre a dizer que todos que o céu cobre,
São irmãos, são eguaes... que não ha superiores,
Nem grandes, nem pequenos, ou servos, ou senhores,
E que o fruto é commum...

Té ao clero insultava!...
Bem vê, bem vê, senhor, que este homem blasphemava.
E tudo isto era dito assim em meio á rua,
A uma canalha vil, grosseira, immunda e nua.
Preciso era acabar, as leis eram formaes...
Foi, pois, crucificado...”

Ouvindo phrases taes

Ditas com tão singela e adocicada voz...

Eu sorpreso exclamei: "Senhor, mas quem sois vós?"

Elle me respondeu: "Preciso era um exemplo;

Eu me chamo Elisab, sou escriba do templo...

"Porém de quem falaes?... Dizei-me... de quem é?"

"Meu Deus! deste vadio... Jesus de Nazareth."

S. Paulo, 1 de Agosto de 1868.

Cf. a pbl. feita n" "A Independencia", de S. Paulo, n. 9, de 9 de Agosto de 1868, assignada C. A., com um manuscripto de Augusto Alvares Guimarães, em livro de versos do Poeta, cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães. A versão do pequeno jornal paulista, apresenta muitas variantes, ou melhor, correcções a esta forma, adoptada por definitiva.

A poesia "Paroles d'un conservateur à propos d'un perturbateur", acha-se nos *Les Chatiments*, liv. VII: XII.

A OLYMPIO

(DE V. HUGO)

O amigo que inda tens nos dias de amargura
Um dia contemplava os teus martyrios santos...
E enquanto elle falava o teu sorrir sublime
 Mesclava-se a seus prantos :

I

“Eis-te pois tu que outr’ora o povo admirava
 De virtudes vestido,
Fanado, sem raiz, tombado num declive,
 Como um cedro abatido.

“Eis-te pois, sob os pés de infindos invejosos,
 E de homens zombadores,
Tu, cuja fronte altiva acostumava á sombra
 As fronte superiores.

“Tua folha está no pó, tua raiz austera
 Exposta aos olhos seus.
Ah não tens nada mais — abrigado na terra,
 Desbrochado nos céus.

“Mancebo, conservaram-te o olhar austero, a fronte
Tão calma e radiante!
Teu nome era daquelles a quem se curvam todos
Mas hoje... neste instante

“Os máus, que haviam vindo estrafegar-te a vida,
Morderam-na em furor,
E as multidões então correram á porfia,
P’ra ver-te o inferior.

“Com grito de alegria, as chagas te contaram,
As dores e afflicções,
Como contam moedas em cima de uma pedra,
Num antro de ladrões.

“No teu renome casto, util de bons exemplos,
Já nada mais reluz,
Babado em traços mil pelos reptis nojentos,
Que evitam sempre a luz.

“A luz do nome teu — facho visível sempre
Que aclara a populaça
Junto á estrada real, tua vida é o alvo exposto
Ao primeiro que passa.

“Onde vão flechas mil morder uma após outra
Da noite no négror
Teu peito buscam todos. — Um visa tua gloria
O outro — teu amor.

“Tua reputação, que nós vimos esplendida,
Bem vês neste momento,
Dispersa-se e lá vae na voz do vulgo immundo,
Como uma folha ao vento.

“Tua alma, que tomavam ind’hontem p’ra o direito
E o dever arbitrar,
Hoje é como a taverna, onde quem quer á tarde
Vem no vidro espiar.

“P’ra ver na mesa vil a orgia enrouquecida
Que fala sem caminho,
Que derruba estridente almas cheias de brigas,
— Copos cheios de vinho.

“Tens inimigos vis tomaram teu destino
E quebraram-no em flor.
Fizeram-te da gloria ás tascas arrastada
A tua maior dor.

“Puseram-te pelo avesso a veste, cujo lustro
Enchia-os de furor.
Fizeram-te co’a purpura (a mesma) vil d’illustre
Galé — de Imperador.

“Ninguem mais te defende. E’-lhes mesmo uma gloria
Teu sombrio revez
Quando falam de ti, sacodem a cabeça
E dizem: “Vós sabeis!...”

“Todos os corações p’ra te odiar se ajuntam
E todos te hão largado
Teus amigos lá vão tristes, como quem mostra
Um templo arruinado.

II

“Mas ai! p’ra quem comprehender esta alma grave
Tu és inda maior.
Tua vida agora tem, vencendo mil tropeços
Da torrente o rumor.

“Todos que aos dias teus sublimes, tempestuosos
Se approximam sem medo,
Voltam dizendo após, que sobre ti pendidos
Viram abysmos tredos.

“Mas talvez que através das ondas deste peço
Deste peito profundo,
Podesse descobrir a perola — innocencia
Olhando para o fundo.

“Param nos nevoeiros, em que tua alma velas...
Mas eu que hei visto assás,
Eu sei que encontrariam um céu cheio de estrellas
Se caminhassem... mais.

“E que importa depois que o mundo te bloqueie
Com verbos turbulentos,
E mescle-se teu nome aos flocos de neblina
Soltos aos quatro ventos!

“Que sabem elles mais? Silencio! Que direito
Temos para julgar
Nós que não vemos alem ou cá na terra
Sem nos ajoelhar?

“A certeza! ai! insanos que nós somos!
Crendo em nosso razão...
Ella não para mais no espirito do homem
Que a onda em sua mão!...

“Ella molha um momento, após infiel s'escôa
E depois... maldição!
Ninguem póde saciar no resto que inda encontra
Labios, nem coração!

“A apparencia de tudo engana, e nos fascina...
O céu tem luz?... tem luto
Nada absoluto... O fruto encerra uma raiz
E a raiz... um fruto.

“O mesmo objecto faz no vosso rosto angustias
No meu serenidade
Toda coisa na terra é por um lado sombra,
Por outro claridade.

“A nuvem carregada, espanto do marujo,
Que a vela mal abriga,
Para o trabalhador, que vê crestado o campo,
E’ o sacco da espiga.

“P’ra julgar um destino, é força conhecer-lhe
O fundo mysterioso
O que hoje em lodo jaz talvez que tenha em breve
Asas no céu formoso.

“Est’alma se transforma... em breve desabrocha...
E rasteja e vegeta.
Agora larva informe... e amanhã desde a aurora
— Brillhante borboleta.

III

“Emtanto soffres tu... tu em quem a ironia
Esgota suas settas
Tu que vês que te segue e morde-te a calumnia
Nas chagas mais secretas.

“Tu foges a sangrar e penetrando á sombra
Por teu flanco rasgado,
Como um poço escuro a tristeza em tua alma
Gotta a gotta filtrado.

“Foges, leão ferido, ás solidões, mais ermas
P’ra ler no teu destino;
E a tarde vem te achar na posição que tinhas
Ao fulgor matutino.

“Lá procurando a sombra aonde esqueces
Estas guerras tacanhas
Pensando ás vezes só, da aurora ao pôr do sol
Na fórmula das montanhas;

“Attento olhando o rio, as moitas estrelladas,
O campo envolto em véus;
Das hervas não pisadas attento á virgindade,
E à belleza dos céus;

“Ou então contemplando, em uma praia austera,
O esquite entregue ás vagas;
Que foge espedaçando o fio que prende a alma
Do marinheiro ás plagas.

“Fitando a fronte verde e as tetricas narinas
Dos antros tenebrosos,
E a planta, que aos roer das virações marinhas
Torce os braços nodosos...

“E o oceano immenso, onde se inclina a vela,
Onde o sol vae tombando
O oceano a respirar, como respira um peito,
Se enchendo e se abaixando;

“Ou do alto mar, pejado de rumores,
Ou nos bosques profusos...
... Enlaças teu espirito ás grandes harmonias,
Cheias de sons confusos,

“Que vão o mundo inteiro abraçando, desde a aguia
A’ serpe que chocalha,
Que toda a voz engrossa e que no pensamento
A natureza espalha

IV

“Consola-te, poeta, um dia, talvez breve,
Elles t’hão de voltar.
E verão que apparece altiva exposta ao sol
Tua fronte a brilhar.

“Os pontos conspurcados em teus laureis manchados
Limpos, limpos, enfim
Como o soalho serão, que lavam com cuidado
Após largo festim.

“Em vão teus inimigos armaram todo o mundo
Com o rir caustico e tredo
Em vão no pó da estrada espalharam como agua
Do teu ser o segredo.

“Embalde lançaram sua humilhada raiva
Em teu nome mordido.
Como cão que inda apanha a carne já largada
De um osso já roído.

“Não, não hão de vencer os humens, que te cercam,
De laços tenebrosos;
Elles hão de passar, como os fogos, que passam
Nos juncos palludosos.

“Que importa te arremessem odios que os demonios
Atiram sempre a um Deus?
Um sopro, um sopro só lhes matará nos labios
A luz dos verbos seus.

“E hão de se esvaecer... e a multidão em jubilos
Verá, de olhar piedoso,
Surgir da mole vil, que amontoara a inveja,
Teu craneo magestoso.

“Entretanto olha em paz a multidão que esquece
Teu canto triumphal
E que por toda parte escôa e se derrama
Pela encosta do mal.

“Deixa a arrogancia ahi rojar no cahos tão negro
Que um raio jámais viu;
O orgulho, cuja voz ruge maior na raiva
Como na enchente o rio;

“A bella sem amor que perde nossos passos
Mulher de olhos mestrados,
Cujo vestido a rastros é o laço onde se prendem
Os pés dos descuidados.

“E o rhetorico fogo e palavroso e altisono
Se nos vê escutando...
E estes homens sem fé, sem crenças e sem bussola
Que vivem tacteando.

“E os lisongeiros curvos, amaveis, familiares,
Frontes baixas, rasteiras,
E os vis ambiciosos que trepam uns nos outros
Bem como as trepadeiras.

“Não! o laço vulgar que prende a turba ephemera
Não te enleia em redor.
E's grande. Elles são vis. Seu jugo é feito de odio
O teu feito de amor.

“Nada tens de commum com esse mundo infimo
De habito matador,
Porque p’ra todos é um quadro gigantesco
Quando a mão do Senhor

“Longe do banal trilho onde se apinha a turba
Sobre alguma illusão,
Emprega sobre o genio a sublime chamma
Que se chama — paixão.

—
“E quando elle acabou, tu, que o odio feriu,
Tu disseste com a voz estremecida um tanto
Voz semelhante á sua e mais alta entretanto
Como se o grande mar falasse após o rio:

—
“Não me consoles, não, e não te afflijas muito...
Eu stou calmo, impassivel.
Eu não olho jámais p’ra o mundo deste mundo
Mas p’ra o mundo invisivel.

“Os homens são melhores do que tu crês, amigo,
Mas é severo o fado.
Elle é que entorna fel ou vinho (como apraz-lhe)
No copo lapidado.

“Eu? Eu scismo escutando o salgueiral que geme,
Da cruz á superficie...
E o murmurar do rio, e o soluçar do sino
Num canto de planicie.

“Colhendo a surda voz do passado que foge...
E dos carros de messe,
E o lastimar do junco e o rugitar que soltam
As moitas numa prece.

“Prestando ouvido ao mar, que nunca dormir pode
A’ nevoa, ao canto alado...
Erro nas eminências, onde se ouve gemer
Tudo quanto ha creado.

“Como um vaso no altar contemplo acceso o tecto,
Cujos flocos ascendem.
E ao pôr do sol os fachos lá de cima
Todo o facho, que accendem

La, como uma ave solta a penna ao tom das brisas,
Eu solto minha idéa,
Lá penso na desgraça humana e melhor ouço
A voz desta colmea.

“Tudo que a vista alcança encaro commovido
Onda, terra é verdura
E o homem fito além — mago, mysterioso,
Que atravessa a natura.

“Porque me lastimar? Todos a todo instante
C’roam de dor a fronte
Eu, sobre quem é noite, eu guardo tão sómente
Em meu negro horizonte,

“Como um raio da tarde além na serra escura
Um raio santo — o amor.
O amor, que doura ainda o que minh’alma tem
De mais puro e melhor.

“E’ certo! em meu passado austero, jovem credulo,
Nada sabendo a fundo,
Castellos de ouro fiz... como todos que fazem
Castellos neste mundo.

“Eu vi da vida as flores em torno à minha fronte
Brilharem tão formosas...
Mas que... Julgas-me tu tão doudo que inda sonhe
Eternidade — em rosas?!...”

“As illusões que, infante, eu cri ter apanhado,
Agora estão ausentes.
E digo á felicidade o que o piloto diz
A's praias decrescentes.

“Que importa? Lastimando a mulher, eu me abrigo
Na mais funda das calmas,
E vivo olhando fito o céu, por onde sobem
As asas e as almas.

“Deus divide o destino equal, equal em todos nós...
Fraco, forte ou poltrão.
Como um senhor reparte o trabalho, desd'alva...
A cada um seu quinhão.

“Sejamos grandes nós... Um coração que é grande
Semelha mesmo a Deus.
Cruzem-se a nossos pés a luz do sol, o raio
Estes clarões dos céus.

“Deixemos lá em baixo a tempestade horrisona
Que nos prende num elo.
E guardemos em cima a sã tranquillidade
Como a montanha — o gelo.

“Vae! Que nenhum mortal co'a paixão quebrar pode
Obstinada, sem tino,
Esta invisível lei — chamada expiação
E esta outra — Destino.

“Ai! Como quer que a chame insano orgulho humano
 Que o eixo della immola...
 Roda immensa e fatal ella sobre Deus gyra
 E sobre o homem... rola!...

S. Paulo, Agosto de 1868.

Inedita. Cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães, de um manuscripto de Augusto Alvares Guimarães, em livro de versos do Poeta.

Esteve para ser incluída na Edição original da *Es-pumas Fluctuantes*, segundo carta de Augusto Guimarães a Castro Alves, dando-lhe conta da impressão que se fazia. Veja-se adiante na “Correspondencia”.

Esta longa, imperfeita e fastidiosa poesia (que no original merece o mesmo julgamento), só a mesma, ou possível, e semelhante disposição que a ditou a Victor Hugo, fez fosse traduzida por Castro Alves. Combatido ou discutido, principalmente invejado nos meios academicos e jornalisticos, coincidia o periodo de tensão amorosa, que trazia, nesse mesmo mês de Agosto, e, definitivamente, de Setembro de 68 em diante, o rompimento com Eugenia Camara. Nesses primeiros dias de crise, — de desalento, sem estro, traduziu esta e a poesia anterior, de reconciliação e, já outro, rimava as deliciosas estrophes de “Boa Noite”. Depois da ruptura, estagnação completa: não lia, nem escrevia, passeiava, fumava, e sahia á caça, sem disparar sequer, até o accidente desgraçado do tiro no pé em 11 de Novembro. Esta situação psychologica é lembrada aqui apenas para justificar a escolha desses versos duros e difficeis, que não mereciam certamente o tempo com elles perdido.

(1) “A Olympio” é um poema de V. Hugo, nas *Voix Interieurs*: XXX, datado de 1835.

A BALLADA DO DESESPERADO

(HENRY MURGER)

— Quem bate á porta a taes horas?
— Abre, sou eu. — Quem tu és?
Não se entra na minha casa
Tão tarde assim, bem o vês.

— Abre. — Teu nome? — Ha geada,
Abre. — Teu nome? — E's tardio!
— Qual é teu nome? — Ai, na cova
Um morto não tem mais frio.

Eu caminhei todo o dia
Do sul ao septentrião,
Ao pé da tua lareira
Quero sentar-me. — Inda não!

Diz' teu nome... — Eu sou a gloria
E aspiro á posteridade...
— Passa phantasma irrisorio...
— O' dá-me hospitalidade!

Eu sou o amor e a esperança
As duas porções de Deus...
— Segue a estrada... A minha amante
Ha muito me disse adeus!

— Eu sou a arte e a poesia,
Proscreveram-me... Abre! — Não!
Já não canto minha amante,
Nem sei que nome lhe dão!...

— Abre, que eu sou a riqueza,
E trago do ouro o fulgor,
Posso dar-te a tua amante...
— Pódes dar-me o seu amor?

— Sou o poder, tenho a purpura.
Abre a porta! — Anhelo vão!
Pódes trazer-me a existencia
Daquelles que já não são?!

— Se tu não abres teus lares
Senão a quem diz seu nome
Sou a Morte! trago alivio
P'ra cada dor que consome!

Pódes ver, trago na cinta
Ruidosas chaves fataes...
Abrigarei teu sepulcro
Do insulto dos animaes.

— Entra, estrangeira funerea...
Perdôa á mendicidade,
Porque é no lar da miseria
Que tens hospitalidade.

Entra; cansei-me da vida
Que nada tem que me dar...
Ha muito eu tinha desejos
(Não força) de me matar!

Entra no lar, bebe e come,
Dorme, e quando despertares,
Para pagar tua conta
Has de levar-me aos teus lares.

Eu te esperava, eu te sigo...
Vamos... arrasta-me... assim...
Mas deixa o meu cão na terra
P'ra eu ter quem chore por mim!

S. Paulo, 1868.

Inedita, em livro. Pbl. na *Imprensa Academica*, de
S. Paulo, n. 6, de 12 de Julho de 1870.

“La balade du désespéré” acha-se no livro de Henry
Murger, *Les nuits d’hiver*, “Petits poèmes”: VIII,
Paris, 1861.

PASSARO VIAJANTE

(DE D. GUILLERMO GANA)

Pelo infinito errante
Sem norte, sem roteiro,
Que buscas, pobre passaro viajeiro?

A terra está distante,
E o manto nebuloso
A noite expande pelo ar saudoso.

Que queres? Não deixaste
Teu ninho na ribeira?
Que buscas, pois, pela azulada esfera?

E vieste e cançaste...
Mas segue teu caminho,
E' sina tua vaguear sósinho?

{
Levas tantos pezares
E vaes só, a chorar,...
Ai! tambem vago longe de meu lar.

Errante pelos mares...
Sem norte, sem roteiro,
Como tu, pobre passaro viajero!

Cf. com um autographo do Poeta, cm. por Dona Adelaide de Castro Alves Guimarães. Pbl. na 5.^a Edição das *Espumas Fluctuantes*, Cruz Coutinho, Rio - 1881, "supplemento": VII.

"El pajaro viajero" é uma composição datada de 1848, do poeta chileno D. Guillermo Blest Gana (1829-1905), que veio a ser membro correspondente da Academia Brasileira, publicada nas suas *Poesias*, 2.^a ed. Paris, 1863: XXIX.

O JUNCO E O CYPRESTE

(D. GUILLERMO GANA)

Ao lugubre cypreste em voz plangente
O junco melancolico dizia:
— Que triste sorte a minha!
Ergui-me tão alegre e tão contente
Quando a alvorada vinha!

E já sem força e já sem energia
Curvo a cabeça... E languida e sósinha
Sinto que vou morrer. Ah! porque a sorte
Dando-te vida, só me guarda morte?

E o cypreste dizia:
— A dor foi sempre eterna,
Mas a fortuna só perdura um dia!

E o junco respondia:
Em ti symbolizaram a tristeza,
Em mim sómente o anhelos
Dos que no amor esperam.
Como é que nunca dobras a cabeça,
Nem a raiva das chuvas e dos ventos
A côr sequer te alteram?

Daquelles que de tudo desesperam
Para lembrar a lugubre afflicção,
Só existe uma côr, disse o cypreste...

E se jámais tu viste
Curvar minha folhagem para o chão..
E' que desprezo o mundo baixo e triste
E mergulho a cabeça n'ampidão.

Cf. com autographo do Poeta cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães. Pbl. nas *Poesias*, Bahia, (1913): XVII.

“El junco y el cipres”, datado de 1851, encontra-se nas *Poesias*, de Guillermo Blest Gana, 2.^a ed. Paris, 1863: III.

A UMA TAÇA FEITA DE CRANEO HUMANO

TRAD. DE BYRON

“Não recues! De mim não foi-se o espirito...
Em mim verás — pobre caveira fria —
Unico craneo que, ao envês dos vivos,
Só derrama alegria.

Vivi! amei! bebi qual tu: na morte
Arrancaram da terra os ossos meus.
Não me insultes! empina-me!... que a *larva*
Tem beijos mais sombrios do que os teus.

Mais val guardar o summo da parreira
Do que ao verme do chão ser pasto vil;
— Taça — levar dos Deuses a bebida,
Que o pasto do reptil.

Que este vaso, onde o espirito brilhava,
Vá nos outros o espirito accender.
Ai! Quando um craneo já não tem mais cerebro
... Podeis de vinho o encher!

Bebe, enquanto inda é tempo! Uma outra raça,
Quando tu e os teus fordes nos fóssos,
Póde do abraço te livrar da terra,
E ebria folgando profanar teus ossos.

E porque não? Se no correr da vida
Tanto mal, tanta dôr ahi repousa?
E' bom fugindo á podridão do lodo
Servir na morte emfim p'ra alguma cousa!...

Bahia, 15 de Dezembro de 1869.

Espumas Fluctuantes, Edição original: XVIII.

Nota (do Autor) na Edição original das *Espumas Fluctuantes*, p. 203:

“AS TREVAS E A TAÇA.

Offerecendo estas traducções ao Dr. Franco Meirelles, o autor junta a um tributo de amizade um preito de admiração ao mavioso e festejado traductor das “Melodias Hebraicas”, do poeta inglês.”

A poesia “Lines inscribed upon a cup formed from a skull” (1808), que appareceu primeiro na 7.^a edição do *Childe Harold*, faz agora seguimento às *Hours of idleness* nas *The Works of Lord Byron*, “Poetry”, volume. I, p. 276. London, 1901.

AS TREVAS

(Traduzido do Lord Byron)

A MEU AMIGO, O DR. FRANCO MEIRELLES, INSPIRADO
TRADUCTOR DAS MELODIAS HEBRAICAS

Tive um sonho que em tudo não foi sonho!...

O sol brilhante se apagara: e os astros,
Do eterno espaço na penumbra escura,
Sem raios, e sem trilhos, vagueavam.
A terra fria balouçava céga
E tetrica no espaço ermo de lua.
A manhã ia, vinha... e regressava...
Mas não trazia o dia! Os homens pasmos
Esqueciam no horror d'essas ruínas
Suas paixões: e as almas conglobadas
Gelavam-se n'um grito de egoísmo
Que demandava "luz". Junto ás fogueiras
Abrigavam-se... e os thronos e os palacios,
Os palacios dos reis, o albergue e a choça
Ardiam por fanaes. Tinham nas chammas
As cidades morrido. Em torno ás brasas

Dos seus lares os homens se grupavam,
P'ra a vez extrema se fitarem juntos.
Feliz de quem vivia junto ás lavas
Dos vulcões sob a tocha alcantilada!

Horrida esp'rança acalentava o mundo!
As florestas ardiam!... de hora em hora
Cahindo se apagavam; crepitando,
Lascado o tronco desabava em cinzas.
E tudo... tudo as trevas envolviam.
As fronteas ao clarão da luz doente
Tinham do inferno o aspecto... quando ás vezes
As faiscas das chammass borrifavam-n'as.
Uns, de bruços no chão, tapando os olhos
Choravam. Sobre as mãos cruzadas — outros —
Firmando a barba, desvairados riam.
Outros correndo á tôa procuravam
O ardente pasto p'ra funereas pyras.
Inquietos, no esgar do desvario,
Os olhos levantavam p'ra o céu torvo,
Vasto sudario do universo — espectro —,
E após em terra se atirando em raivas,
Rangendo os dentes, bláspemos, uivavam!

Lugubre grito os passaros selvagens
Soltavam, revoando espavoridos
N'um vôo tonto co'as inuteis asas!
As féras 'stavam mansas e medrosas!
As viboras rojando s'enroscavam
Pelos membros dos homens, sibilantes,
Mas sem veneno... a fome lhes matavam!
E a guerra, que um momento s'extinguira,
De novo se fartava. Só com sangue
Comprava-se o alimento, e após á parte
Cada um se sentava taciturno,

P'ra fartar-se nas trevas infinitas!
Já não havia amor!... O mundo inteiro
Era um só pensamento, e o pensamento
Era a morte sem gloria e sem detença!
O estertor da fome apascentava-se
Nas entranhas... Ossada ou carne putrida
Resupino, insepulto era o cadaver.

Mordiam-se entre si os moribundos:
Mesmo os cães se atiravam sobre os donos,
Todos excepto um só... que defendia
O cadaver do seu, contra os ataques
Dos passaros, das feras e dos homens,
Até que a fome os extinguisse, ou fossem
Os dentes frouxos saciar algures!
Elle mesmo alimento não buscava...
Mas, gemendo n'um uivo longo e triste,
Morreu lambendo a mão que, inanimada,
Já não podia lhe pagar o affecto.

Faminta a multidão morrera aos poucos.
Escaparam dous homens tão sómente
De uma grande cidade. E se odiavam.
... Foi junto dos tições quasi apagados
De um altar, sobre o qual se amontoaram
Sacros objectos p'ra um profano uso,
Que encontraram-se os dous... e, as cinzas mornas
Reunindo nas mãos frias de espectros,
De seus sopros exhaustos ao bafejo
Uma chamma irrisoria produziram!...
Ao clarão que tremia sobre as cinzas
Olharam-se e morreram dando um grito.
Mesmo da propria hediondez morreram,
Desconhecendo aquelle em cuja fronte
Traçara a fome o nome de Duende!

O mundo fez-se um vacuó. A terra esplendida,
Populosa, tornou-se n'uma massa
Sem estações, sem arvores, sem herva,
Sem verdura, sem homens e sem vida,
Cahos de morte, inanimada argila!
Calaram-se o Oceano, o rio, os lagos !
Nada turbava a solidão profunda!
Os navios no mar apodreciam
Sem marujos! os mastros desabando
Dormiam sobre o abysmo, sem que ao menos
Uma vaga na quéda alevantassem.
Tinham morrido as vagas! e jaziam
As marés no seu tumulto... antes d'ellas
A lua que as guiava era já morta!
No estagnado céu murchara o vento;
Esvairam-se as nuvens. E nas trevas
Era só trevas o universo inteiro.

Bahia, 23 de Dezembro.

Espumas Fluctuantes, Edição original: XLIV.

(1) A poesia "Darkness" (1816), que appareceu primeiro no *Prisoner of Chillon*, acha-se nas *The Works of Lord Byron* "Poetry", vol. IV, p. 42, London, 1901.

MADRID

(TRADUCÇÃO LIVRE DE MUSSET)

Madrid! O' flor das Hespanhas,
Correm nas tuas campanhas
Olhos escuros e azues.
Branca flor das serenatas,
Lavam-se em tuas cascatas
Pequerinos pés tafues.

Quando os touros mais se irritam,
Que brancas mãos que palpitam!
Que charpas voam no ar!
Em tuas noites doiradas,
As senhoritas veladas
Sabem descer de um solar.

Madrid! Madrid! Eu não minto...
Quem teve mais curto cinto
Ou mais estreito chapim?
Eu conheço uma pequena, /
Que jámais loura ou morena
Valeram-lhe... *tanto-assim!*

Mas, cautela!... A velha fria
Que a penteia... a gelosia
Só abre a mim... bem o sei!
Quem quiser bater-se ao certo
Na missa passe-lhe perto...
Seja o bispo, seja o Rei.

Porque ella é minha andaluza,
Minha amante, minha musa,
A dama do meu amor.
Mais que um anjo!... um demoninho...
Tem o ardor de um passarinho,
E de uma laranja a côr.

Na minha bocca profana
Quando ella s'espasma insana,
E' para ver e pasmar
Que corpo ligeiro, fragil,
Que uma serpente mais agil
Em meus braços s'enroscar!...

E tão soberba conquista,
Sabeis quem m'a deu? — A vista
Do meu corcel triumphal...,
Versos á sua mantilha...,
E uns confeitos de baunilha
Em noite de carnaval!...

S. Isabel, 27 de Julho de 1870.

Cf. com um autographo do Poeta, cm. por Dona Adelaide de Castro Alves Guimarães. Pbl. nas *Poesias*, Bahia (1913): XXI. A poesia "Madrid" é de 1829, e está a pags. 23 da edição das *Oeuvres d'Alfred de Musset*, 1 vol. *in-fl.*, Paris, 1883.

ENEZA

ECHOS DE ALFREDO DE MUSSET

Em Veneza, a vermelha,
Nem um barco s'esguelha...
Nem remador no mar
Se vê remar...

Na Greve acororado
Jaz o Leão dourado,
Que para o mar levanta
A bronzea planta.

Em torno se lhe agrupa
A gondola, a chalupa,
Quaes cysnes, se arrojando,
Em longo bando,

Dormem n'agua, que espuma...
E cruzam pela bruma,
Em leves turbilhões,
Seus pavilhões.

A lua que esvoaça
Esconde a testa e passa
Em nuvem estrellada
Meio enrolada.

Assim dama abbadessa
A capa faz que desça,
Pela sobrepelliz
Em véus subtis.

Os palacios vetustos,
Os porticos robustos,
Dos nobres as escadas
Arabescadas,

As ruas e as pontes,
Dos marmores as frontes,
E o golpho turbulento
Ao tom do vento,

São quedos!... Só os guardas
Co'as longas alabardas
Vigiam nos poiaes,
Nos arsenaes.

Ai! quanta moça núa
Agora, á luz da lua,
Espera chegue o amante,
— Toda arquejante!

Agora para o baile
Mais de uma larga o chaile,
E a mascara afivela,
Junto á janella.

Na cama embalsamada
A Vanina espasmada
O moço aperta ainda,
Dormindo linda.

Narcisa — a doida altiva —
Na gondola lasciva
Esquece-se na orgia
Até de dia!..

E quem na Italia um pouco
Não tem (meu Deus!) de louco?
Nem guarda para o amor
Da vida a flor?

Deixai que ao velho Doge
— Do tempo que lhe foge —
Conte o relógio a hora,
Que triste chora...

Cantemos nós, ó louca,
Nesta rebelde bocca
Beijos aos centos dados
Ou perdoados...

Cantemos teus encantos,
Cantemos estes prantos
Que orvalham-te em languor...
Meu doido amor.

S. Isabel, 27 de Julho de 1870.

Cf. com um autographo do Poeta, cm. por Dona Adelaide de Castro Alves Guimarães, Pbl. nas *Poesias*, Bahia (1913): XXII.

A poesia "Venise" é de 1828, e está nas *Oeuvres d'Alfred de Musset*, um vol. *in-fl.*, Paris, 1883, p. I.

CHANSON

(MUSSET)

Disse a meu peito, a meu pobre peito:
—Não te contestas co'uma só amante?
Pois tu não vês que este mudar constante
Gasta em desejos o prazer do amor?

Elle respondeu: — Não! não me contento;
Não me contento com uma só amante.
Pois tu não vês que este mudar constante
Empresta aos gozos um melhor sabor?

Disse a meu peito, a meu pobre peito:
—Não te contentas desta dôr errante?
Pois tu não vês que este mudar constante
A cada passo só nos traz a dôr?

Elle respondeu: — Não! Não me contento,
Não me contento desta dôr errante...
Pois tu não vês que este mudar constante
Empresta ás maguas um melhor sabor?

S. Isabel, 11 de Agosto de 1870.

Cf. com um autographo do Poeta, cm. por Dona Adelaide de Castro Alves Guimarães. Pbl. nas *Poesias*, Bahia 1913): XXIV.

A poesia "Chanson" é de 1834 e está nas *Ouvres d'Alfred de Musset*, 1 vol. *in-fl.*, Paris, 1883, p. 41.

OCTAVIO

(DE ALFRED DE MUSSET)

Nem este charlatão, nem este frade
Sabem por que Maria aos poucos morre.
Feriram-te no peito, ó bella fria,
Teu mal é todo amor!...

No emtanto é triste
Vêr nas mãos de um hypocrita e de um bruto
Morreres, cortezan soberba e moça!
Mas chegou tua vez!... Por mim não creio
No mal extranho que te apaga a vida!
...Não na vêdes sosinha sob as moitas
Buscando a noite e o marmore do banho
Lavar no frio os suarentos membros?!...
Palavra d'honra, o coração te sangra!...

Olhei! Foi mesmo ali nesta alameda,
Longe os raios do sol, que em seus abraços
Os mais nobres mancebos delirosos
Se esvairam de amor... Ali nas sombras
Um terrivel prazer se apascentava.
Ali, rapace, as pomas apertando
Seus debeis favoritos, que envelhecem
No amor á Messalina, em doudos beijos

A morte distillando... — ella bebia
Seus elementos caros — ouro e sangue!

Acabou-se, acabou-se, ó Marietta!
Eis-te agora calada e triste e muda!...
Miras n'agua o teu corpo... e em vão procuram
Olhos teus descobrir nas fórmas nuas
A lindeza fatal dos tempos idos...
Vae! corre agora aos publicos alcoices!
Pucha o manto aos fidalgos que te amaram!
Os que pagavam-te o palacio ha pouco...,
Aos lacaios teu nome ora perguntam...
O medico se afasta, erguendo os hombros,
Suspira e fala da impotencia d'arte!...

Quanto ao frade, (que — estúpido — somente
Dous papeis aprendeu... — um p'ra o culpado,
O outro par'o innocente...) vendo agora
A Peccadora que s'esvae silente,
Sem saber condemnar, nem lastimal-a,...
Recita os dous sermões ao mesmo tempo.
Marietta, ó soberba creatura!
Tu foste o caçador que um dia os deuses
Deram em pasto aos cães que elle nutria!
A' sombra das cidreiras florescentes
Adormenta a infeliz o mal que a mina.
E como á Magdalena sobre os peitos,
Rolam-lhe juntos o cabelo e o pranto.

Era um sabio, em materia de mulheres,
Quem disse que um sorriso á moça esconde

Prantos que ella chorou por noite infinda?
 Ah! Se o vivo fulgor de uns olhos fulgidos,
 Labios ridentes, petulantes phrases,
 Velam soluços e amargosos choros...,
 Ah! Se o comico o inferno tem no seio
 E a alegria na mascara estampada...;
 —Dizei-me o que será quando febrenta,
 Chumbada a face, embebem, transbordando,
 A propria mascara as caudaes do pranto?...

.....

Não sei se do prazer dilecto aos deuses
 Fez a eterna justiça um goso illicito;
 Mas se é dado dizer-me a qual supplicio
 Meu peor inimigo eu dar quizera,
 Seria a ti, ó pallido ciume.
 De um amor desprezado... é desespero
 Que occulto morres... morres miseravel,
 Seria tua lamina terrivel
 Que eu dentro d'alma lhe estalar quizera!
 Conheceis-lhe o supplicio solitario?

Que dôr, que esforço p'ra calar ao menos!
 Para que o mar de magoas e de angustias
 Não rebente do craneo os frageis ossos!...

—

Insensato! e quem ha que te lastime?
 Desprezado de um só, morre no olvido.
 Demais o orgulho, inexoravel sempre
 Eil-o ahi que se afasta aos olhos de outrem
 E no flanco a sangrar retém, qual Cesar,
 Mesmo sob o punhal co'as mãos que afrouxam,
 As debeis pregas do seu manto regio.

.....

Do preguiçoso mar na frouxa vaga,
 Ricamente adornado, Octavio, o mole,
 Baixa e levanta, aos sons das valsas leves,
 Seus bellos olhos que jámais choraram.
 ... E' um debil moço... que *apparece* apenas...
 Até hontem ninguem o havia olhado.
 Contam que um dia a bella Marietta
 O viu passar na gondola, por ella.

Uma velha esta noite o passo embarga-lhe;
 Diz-lhe a tremer: "Senhor! Ella quizera
 Ver-vos ao menos, pela vez extrema!..."
 Mas Octavio a taes phrases descobrindo
 O bello rosto... um raio de alegria
 Deixa doirar-lhe a peregrina fronte.
 — "Pois Marietta morre? E' certo? Morre?"
 — "Só lhe resta uma hora!"
 — "Então, bem podes
 Levar-lhe este bilhete!"

E sobre a perna
 Co'a ponta de um punhal rapido escreve:
 "Sou mulher, Marietta! E me offendeste!
 "Mas posso perdoar-te,, porque morres!
 "Vinguei-me. Adeus! Queres saber meu nome?
 "Eu sou a noiva de Petrucio Balbi,
 Que por ti se afogou!..."

S. Isabel, 30 de Agosto de 1870.

Cf. com um autographo do Poeta, cm. por Dona Adelaide de Castro Alves Guimarães. Pbl. nas *Poesias*, Bahia (1913): XXXI.

A poesia "Octave" é de 1831 e está nas *Ouvres d'Alfred de Musset*, 1 vol., *in-fl.*, Paris 1883, p. 39.

DIABO MUNDO

(ESPRONCEDA)

Côro dos Demonios

Voguemos! Lancemos
A barca a vogar!
Que rompam-se as nuvens,
Que rompam-se as nevoas,
As chammass, o ar...
As trevas profundas,
As vagas do mar!...

Voguemos! Cruzemos
Do mundo o confim!
Que hoje o triste abysmo quebram
Os Diabos livres emfim!
E em musico estrondo horrendo,
Os condemnados celebram,
Justos cantando e bebendo,
Um diabolico festim.

O POETA

Que rumor
Longe sôa,
Que em silencio
Vae... revôa...

Pela noite pejada de horror?
 E' de um ginete a desvairada fuga
 Estendido no arrojo voador?
 O aspero rugir de ávida féra,
 Ou dos ventos o silvo aterrador?

O echo rouco de trovão longinquo,
 Que nas fundas cavernas fundo deu?
 O mar que investe, de viseira erguida,
 — Novo Lusbel — contra o senhor do céu?

.

Densa bruma
 Pelo espaço
 Já se esfuma...
 E a garôa
 Se povôa
 De mil genios
 Vagarosos,
 Pelo vento
 Reunidos
 E impellidos
 Cento e cento.
 Aqui voltam,
 Ali gyram;
 Já se juntam,
 Se retiram...
 Já se occultam,
 J'apparecem;
 Vagam, voam,
 Passam, fogem...
 Se diluem,
 Volvem, crescem...
 Diminuem...
 Se evaporam,

Se coloram...
E das sombras
Pelo incerto
Longe e perto
Já se perdem,
Já se evitam
Com temor,
Já se agitam
Com furor.

Em dansa aerea, phantastica,
Do sombrio poeta em derredor!...

Vago enxame de tenues phantasmas
De fórmias diversas, de vario pallor,
Em cabras e em serpes montados, e em corvos
Em dansa macabra, com surdo estertor,
Lançam gritos e alaridos,
Silvos, relinchos perdidos...
E em desacordado estrepito
O phantastico esquadrão
Move horrenda algaravia
Com espantosa harmonia,
E horrisona confusão.

Do touro ardente ao mugido
Responde, em rouco grasnar,
Feia coruja agoureira.
E ao presago gargalhar
De uma velha feiticeira
Mia o gato negro e pula...
O lobo eriçado ullula,
Ladra furioso o mastim!

E ruidos, vozes, accentos
Mil se mesclam e confundem...
E pavor e medo infundem

Os fundos berros dos ventos :
“A’ morte”, gritando ao mundo
Na furia dos elementos!!...

Relampago rapido
Do céu as abobadas
Com luz, rasga, lugubre ;
E em cima descobre-se
Ginete phantastico,
Quiçá o genio indomito,
Que anima o tufão...

De cem trovões juntos retumba o fragor
Em bosques, montanhas, cavernas, torrentes...
Talvez são do panico os genios potentes,
Que o cantico entoam do espanto e terror.

Lançando bramidos horridos,
Lascando vetustas arvores,
Irresistivel num impeto,
Tingida de côres lividas,
Gigante fórma flammigera
Cavalga nos vendavaes...

E’ talvez da guerra o espirito,
Cuja fronte enróla rapido,
Em fulva indecisa aureola,
O relampago fugaz.

Aqui treme, trôa a terra...
O oceano geme acolá...
A catadupa alterosa
Rue despenhando-se lá.

Ali torrentes de lava
Golpha mugindo o vulcão,
Aqui temerosa a tromba
Torce o braço do tufão.

E agua, fogo, seixos, robles,
Avida sorve ao passar...
Além, desmaiada a lua
Com a face patibular,

Triste, fatidica, immovel,
Da escuridade no humbral,
Mais entristece, que aclara,
Qual lampada sepulcral.

Ali bramidos de guerra,
Dos ferros o re-tin-tim,
O bellico, ardente estrepito
Do bronzeado clarim.

Aqui relincham cavallos
Da refrega no vae-vem;
Os canhões ao longe estouram,
Gemidos ouvem-se além.

E alaridos, ais e vozes,
Queixas, preces e o chorar...
Ali desgarradas musicas
Em delirante cantar;

Rumòr de vultos que dansam...
Bulicio, harmonia aqui...
Risos, murmurios tão perto...
Gritos, delirios ali.

Lá se escuta o doudo estrondo
Da cidade — turbilhão.
Brindes, órgias, gargalhadas...
Junta á praga a maldição.

Aqui sussurra, entre flôres,
Zephiro ardente, vivaz,
Longe o echo interrompido
De algum suspiro fugaz.

Ora um beijo, uma palavra,
O resto de algum trovar.
Tudo em confusa desordem
Se ouve a um tempo resoar.

Breve compendio do mundo,
A tartarea bacchanal
Mescla, transforma, confunde
Gritos mil em confusão...
E aturde, turba, perturba
Tanto affan, tanta visão.

UM CÔRO

Além vae a nave...
Onde irá parar?
Triste de quem fia
Do vento e do mar!

Uma voz

Que importa? O destino
Seu rumo traçou.
Quem foge ao fadario?
Quem nunca o mudou?

Além vae a nave...
Que siga o roteiro!...
As auras já cantam!
Já silva o pampeiro!

SEGUNDO CÔRO

Vinde! que podemos,
Babel inda erguer.
O véu arranquemos
Que esconde o saber!...

Uma voz

Verdade! Na terra
Em vão te buscamos.
E ao céu, que te encerra,
Nas azas ousamos
Voar e subir...
Em nobre avareza,
E em rogo insoffrido,
P'ra vêr o que ha sido!...
Sonhar o porvir!...

TERCEIRO CÔRO

Tu és, ó mentira!
Luzente crystal.
Côr de ouro e saphira
Que encanta o mortal!

Uma voz

Feliz quem te escuta,
Mentira! — nos sonhos.
Prazeres risonhos

Só tu sabes dar.
A triste verdade
Ninguém vá buscar.
Verdade escondida,
Que podes mostrar?
Mostrar desenganos,
Trazer um pesar.

VARIAS VOZES

Primeira voz

Eu combato pela gloria,
São-lhe corôa os laureis.
Canta-me versos, Poeta!
Prostra-te, Mundo, a meu pés!

Segunda voz

Vou levantar um palacio,
Que o ouro cravejará.
Serão principes — meus servos!
Quanto ao povo... Deus dará.

Terceira voz

A mim! Vinde a mim, formosas!
Dae-me deleites e amor!
Delicias voluptuosas,
Beijos de mago sabor.
E entre perfumes e aromas
De um'harpa seguindo o tom,
Suba da espuma dos vinhos
De vossos cantos o som...

Quarta voz

Vinde! Levantae-me...
No cimo toquei...
Erguei-me... que, rapido,
A mão vos darei.

Quinta voz

Ai! Eu cahi de um comoro altanado
Na garganta que abriu-me um boqueirão.
E' larga minha dôr, minha agonia...
Quem me salva?... Piedade! Compaixão!

Sexta voz

Na calligem da noite, ermo e sósinho,
Vago arrastado por ignota lei.
Sempre marchando estou... e em meu caminho
Nem pousada, nem lar encontrarei!

Setima voz

Vivamos sem maguas!
Jámais um carpir,
Do goso nas aguas,
Cantando a sorrir.

Oitava voz

Quem me acalma a negra dôr?
Quem me enxuga o triste pranto?
Ninguem me ampara o quebranto?
Ninguem me escuta o clamor?...

O POETA

Onde estou? Talvez baixei
A' escura mansão do espanto.
Talvez eu mesmo criei
Tanta visão, sonho tanto,
Que onde estou nem mesmo sei.

Na tempestade, quiçá,
Horrida, torva cohorte,
Annunciar aos orbes vá
Estragos, ruínas, mortes...
Mensageiros de Jehovah!

Quem sois vós, Genios sombrios;
Que junto a mim revoaes?
Sois os vagos desvários
De minhas noites fataes?
Que quereis? Que procuraes?

Mas do celeste ambiente
Flammejante cataracta,
Em vagas de luz ardente,
Subito vejo saltar.
E de fogo, onda após onda,
Galga os ares, trepa, alcança.
Com cego furor estronda.
Como despenha-se o mar!

E em fundo pego em seguida
Se precipita e se perde
A' catadupa incendiada,
Que em arco rapido cahe.
Mar immenso, encapellado,

Que lavra nos fulvos ares,
E após num baque arrastado,
Com a fera tormenta vae!

E em meio negra figura
Campea firme, silente,
— O gesto forte, imponente,
— Enorme, vasta a estatura.
Serpes são-lhe a cabelleira,
Que sobre a fronte se enroscam...
Lembra-lhe a bocca tenebrosa e fera
Mal extincta cratera!

E os negros duendes,
E as larvas em bando,
Rodeiam valsando
Seu negro senhor.
E em meio das chammas
Resvalam, se lançam,
E folgam e dansam,
Pulando em redor.

Buliçoso sequito
De celeres pés,
Phantasmas phosphoricos,
Illusão talvez.

Vagas sombras tremulas
De aspecto fugaz,
Cuja voz — estrepito
Surdo, baço faz...
Qual zumbido unisono
De mosca tenaz.
E em meio das chammas,
Fervendo em montões,

Não cessam-lhe os roucos,
Monotonos sons.

E juntam-se
Unisonos,
Em tenue
Rumor...
E mudam-se
Subito
Em fogo,
Em vapor.

Um gesto fez do Tartaro o Gigante
E a turba se calou... Soava apenas
Pelo silencio o estrepito atroante
Do sulfuroso mar. Logo um accento
Claro, distincto, rapido, sonoro,
As vagas regiões cruzou do vento,
Com rara, melancolica harmonia,
Que vinha não sei d'onde...
E o echo em derredor lhe repetia!

Voz admiravel, vaga, mysteriosa,
Vinda talvez de além do firmamento,
Que cresce sob a terra temerosa
E vae nas azas do calado vento...
Voz de amargo prazer... voz dolorosa,
Incompr'ensivel, magico portento...
Voz, que recorda á mente commovida
O bem passado e a illusão perdida!!...

"Ai!" exclamou com lamentavel queixa...
E em torno resoou triste gemido,
Como a lembrança que no peito deixa
A voz de um ser que houvessemos querido.
"Ai!" que terrivel condição me vexa

Para chorar e maldizer nascido...
Escravo sempre de fatal desejo
Que cumprir-se jámais em ansias vejo!...

Quem é Deus? Onde está? Na plaga extensa
Da eterna luz altissimo se ostenta?
Talvez em throno de uma luz intensa
A incompr'ensível magestade assenta!...
De mil mundos a massa enorme, immensa,
Com sua mão talvez rege e sustenta,
Sempiterno, infinito, omnipotente,
Invisível se quer, se quer presente!...

Ou na de além — Jerusalem divina
Talvez escuta, em holocausto santo,
Do Archanjo, que a seu pés a fronte inclina,
Vozes que exhalam harmonioso canto...
A machina sonora e crystallina
Do mundo gyra em derredor no emtanto...
E entre aromas e glorias e esplendores
Recebe humilde adoração e amores...

“Santo” as legiões angelicas lhe cantam.
“Hosanna” sôa na celeste arena.
Raios de luz perlustram e abrilhantam
Nuvem de incenso e transparencia — plena...
E nella em murmurio se levantam,
— Paz demandando a essa mansão serena, —
As preces do homem na amargura afflicto...
... E paz derrama... e bençãos o Infinito!

E' Deus acaso o Genio da Vingança,
Que na dextra balança o raio ardente,
E angustia e magua e dor e morte lança
Em troca ás tristes queixas do innocente?...
E' Deus, o deus que arranca-lhe a esperança,

Tyranno injusto, frívolo, insolente,
Que esmaga o coração do homem forte,
E o peccador condemna á eterna morte?

Embebido em seu vasto poderio,
E' Deus o deus que gosa a formosura?
Que os planetas lançou no céu vazio,
Deu leis... e abandonou sua feitura?...
Foi vaidade do homem, desvario
Sonhar-se imagem dessa imagem pura?...
E' Deus o deus que, no eternal socego,
Em frente ao pranto se conserva cego?

Talvez, secreto espirito do mundo,
Elle o universo anima e alimenta,
E, derramando o halito fecundo,
Impelle o mar e o firmamento argenta.
E a quanto o globo no ambito profundo
Timido esconde ou vaidoso ostenta,
Sóe com força infiltrar desconhecida
Alma, razão, entendimento e vida!

Ou Deus se chama a intelligencia ousada
Da humanidade em ansia insaciavel,
Sempre voando e sempre encorrentada
Da materia no carcere inquebravel?
A' escravidão eterna condemnada,
A' fera lucta, á guerra interminavel,
Serás tu, Divindade alta, sublime,
Escrava — a quem o Deus-da-inercia opprime?...

E em sua vida é o Universo inteiro
Acaso vasto campo de peleja?
Cada elemento um triste prisioneiro

Que sua algema bipartir deseja?...
 E abrasas tudo, Espirito altaneiro!
 E em tudo tua luz motriz arqueja
 Como esse occulto mysterioso alento,
 Que arrasta o mar em louco movimento!...

Quando termo achará tão crúa guerra,
 E transporás esta prisão sombria?
 Criará novo aspecto acaso a terra,
 E seres immortaes a luz do dia?
 Descançarás da morte em paz, que aterra,
 Ou dissipando esta materia impura
 Ou fugindo a outros astros erradia...
 O mundo inundarás de formosura?!”

«Quem sabe? Talvez que eu seja
 «Da humanidade o pensar,
 Quando a mundos ignotos arrojado
 Sabe em azas possantes remontar...

Quando se atreve a espedaçar os raios,
 Onde se occulta o Deus mysterioso,
 E propõe-se orgulhoso
 Face a face fital-o sem desmaios.

Entretanto, serenos, impassiveis,
 Gyram cem sóes, cem mundos,
 Servos da lei que rege
 Seus movimentos pelos céus profundos!...

Mas tu, sublime espirito insolente,
 Rasgas o circ'lo dessa estreita esphera,
 Caválgas sobre as azas
 De meu genio potente.

E provocas á guerra
 Inteira a terra,
 Da rebeldia erguendo o pavilhão,
 Causa por causa indagando
 Té a origem final da creação.

E outra vez rolas commigo
 Aos barathros antipodas dos céus,
 Em lobrega e funda terra
 Blasphemo uivando e maldizendo a Deus.

Teu peito esteril, mirrado,
 Sem illusões — tarde sente,
 Que o delirio insano mente,
 Mente o prazer, mente amor...
 Que é só vaidade — a sciencia!
 Que foi-lhe engano o goso seductor!
 Mas que é verdade apenas a impotencia,
 O desespero! A dôr!

Mortal! Tu creaste e déste um nome;
 Puzeste em mim a dôr que te consome,
 Em minh'alma teus rancores!
 Em minha frente esta ansiedade louca,
 Em meu peito teus furores,
 Blasphemias, maldições em minha bocca!

Depois em teu verdugo me erigiste,
 Pagaste-me em terror.
 E dos orbes o imperio repartistes
 Entre mim e o Senhor.

Eu sou parte de ti... Sou este espirito
 Que perto sempre vês...
 Que não dorme, e te accorda, e te levanta
 A novas regiões te impelle a planta...

E no teu nada inerme
Infiltra o pensamento — dos archanjos
Na pequenez — do verme!

.

Como os rolos, que o pelago arremessa
De encontro ás peíras brutas,
Humanidade, p'ra quebrar teus diques,
Fera, pujante luctas...

E embalde baterás onda após onda
De força redobrandó?...
E açoitarás do carcere as paredes
Em furor delirando?

E embalde tua mente, a outro hemispherio,
Saberás remontar?
E da morte e da vida o fundo arcano
Não poderás sondar?

Corres acaso avante, sempre avante?
Volves acaso atraz?
A uma força obedeces consciente?
Sabes para onde vaes?

As crenças que abandonas, esses templos,
As velhas tradições,
Que apenas passam... logo... frio insultas,
Quaes mortas illusões...

Mentem menos talvez que os novos sonhos
Que teu genio creou...
Talvez guardem... talvez... mesma a verdade,
Que teu ser condemnou...

Mas, como eu, sempre avante, arremessada
Por um pulso de bronze vigoroso,
Além vaes, além vaes, pedindo embalde
Quietação e repouso...

Precipitam-se os seculos, afundam-se
Nações e populaças...
Somem-se imperios, povos... e devora
O olvido infindas raças.

E tu vaes sempre avante, avante sempre,
Desvairada, revel,
Na apparente desordem, sem caminho,
Desabando em tropel.

E ora inundas os plainos, ora alagas
Os montes colossaes.
Qu'importa o antro fundo, o céu sem termos?
Se tu sondal-os vaes!

Pobre cega, que vagas louca, errante,
Torpe ou sagaz, na fera escuridão
Interrogando a 'essencia de ti mesma...
Só vendo — confusão!...

Mas, quer no chão batido marches docil,
— Crédula em teus avós,
Quer novas galas vistas... e escarneças
Do passado os heróes;

Quer partindo rebelde as gargalheiras,
As recalques aos pés...
Marcho sempre contigo dia e noite
Dos tempos atravez!

E este verme, que sentes bem no fundo
Teu coração morder,
Esta sombra, que o prisma de teus sonhos
Vês, torva, escurecer,

Sou eu! Sou eu — luzeiro decahido,
Anjo da maldição!
O rei do mal... e fiz o meu inferno
No humano coração.

Feliz quando a esperança a teus delírios
Presta lucido véu!

Infeliz, se a saudade te envenena
O tempo, que morreu...
E te arrojas sem rumo, desvairado,
Em tetrico escarcéu!...

Jámais estrella ha de aclarar-te... embalde...
Has de chamar por Deus... Deus não te vê...
Nem te escuta os insultos, que o provocam,
Nem a reza sem fé...

Hã de só responder aos teus gemidos
A voz da trovoadã...
Para ti não ha plaga nem repouso,
Nem placida enseada!

Morre a materia bruta!... Mas tu, lucido
Espirito, onde vaes?
Quem sabe? Um dia rompem-se as golilhas!
Quem sabe... se jámais?!..."

Falou... depois a luminosa fronte
Deixou cahir, desesperado e triste...
E correu de seus olhos larga fonte

De envenenadas lagrimas... Profundo
 Silencio em torno illuminou momentos;
 Logo em aereos, musicaes accentos,
 Cem côros resoaram,
 E além no ar em confusão cantaram.

PRIMEIRO CÔRO

Genios! é tempo de vir
 As desgraças com os homens repartir!

SEGUNDO CÔRO

Já para sempre abandonou a esp'rança
 A humanidade!
 Mal lhe serve de pasto ao frio peito
 — Fria saudade!

TERCEIRO CÔRO

Seres do mal! Nós somos do universo
 O nune tutelar...
 Se elles tentam descrer, a nosso influxo
 Hão de a fronte curvar!

PRIMEIRO CÔRO

Genios! é tempo de vir
 As desgraças com os homens repartir!

Uma voz

Eu turbarei seus amores,
 Desfarei sua illusão,
 Altearei seus rancores,
 Farei sem termos as dores,
 Mal chagado o coração!

Segunda voz

A seus olhos mentiras e verdades
— Confundirei!
A sciencia, o acaso em sua mente
— Conturbarei!...

Terceira voz

Mancharei a formosura,
Farei velha a juventude...
E farei que uma alma pura,
Renegando da virtude,
Maldiga sua feitura!

Quarta voz

Farei duvidar do affecto
Que vota ao filho dilecto
O coração maternal!
Mostrando o espinho entre as flores...
O interesse entre os amores,
Como vil manancial.

Quinta voz

Uma barra de ouro
Seu Deus será.
Sordida avareza
Cultos lhe dará.
Miseras paixões
Hão de empunhar o sceptro
De seus corações.

Genios! é tempo de vir
As desgraças com os homens repartir!...

Sexta voz

Meu gladio indomito
Será fatal
A esse Deus misero
De vil metal.

Em seus alcaçares
Me assentarei.
E o mundo humillimo
Aos pés verei.

Genios! é tempo de vir
Estes servos ao carro meu jungir.

Setima voz

Darei fim ao captiveiro,
Terei paz e liberdade,
Abrirei novo roteiro
A' vagabunda, errante humanidade!

CÔRO

Quem sabe? quem sabe?
Se ensinios serão
Mentidos delirios,
Dourada illusão?

Genios! é tempo de vir
As desgraças com os homens repartir!...

O POETA

Como nuvens por negra tormenta
Em lufadas arroja o tufão,

E em confuso delirio apinhadas
De tropel encontrando-se vão;

E visões e phantasmas horrendos,
Monstros raros, de fórmias sem fim,
E palacios, cidades e templos
Nossos olhos figuram emfim.

E entre massas de negra tormenta
Some a terra aos olhares do sol,
Qual gigante cadaver, que enrola
Linho sordido em triste lençól;

Como sôa nas fragas longinquas
O dolente mugido do mar,
Quando as ondas esflora nas penhas,
Arquejantes do insano lutar;

E por noite serena as bafagens
Trazem restos de um canto de amor,
Que ao compasso dos remos entôa,
Mar em fóra o feliz pescador;

Tal em doudo, feroz rodopio
A legião dos demonios fugiu;
Vagarosas passaram as sombras,
E o sussurro das azas se ouviu.

E no espaço vazio, phantastico,
Largo tempo cantava o cantar,
E nos longes um flebil harpejo
Pouco a pouco harmonioso expirar.

Embragada, absorta, minh'alma
Dos delirios no incerto quedou,

E senti que em meu craneo trevoso
Rubra lava em torrentes queimou.

E na louca e fallaz phantasia
Seus clamores e cantos ouvi;
E o tumulto na inquieta porfia
Encerrado em mim mesmo senti.

Assim quando sôa belligera trompa,
Ao rufo candente das caixas... então
Brioso ostentando magnifica pompa
Em ordem desfila guerreiro esquadrão.

E espadas, baionetas, canhões e cavallos
Se escôam, e os olhos turvados só vêem
Brilharem as armas, ondearem bandeiras,
Phantasticas plumas do vento ao vai-e-vem.

Luzir de couraças, o povo, e bem longe
Rumor indizível que a turba espalhou,
E presa no encanto, e extatica a mente,
Crê vel-o e escutal-o, depois que passou.

Mas já da aurora nos albores
Tinge a luz o firmamento...
E os nascentes resplendores
Lança a terra aos quatro ventos,
O manto de varias côres.

Já derramam-se no mundo
Harmonias cento e cento...
Vago, extranho movimento,
Inundando o ser profundo,
Susta o curso ao pensamento.

E' verdade o que ver creio?
Foi prophesia o que eu ouvi,
Dos meus delirios em meio?
Mente acaso o devaneio?
Ou foi verdade o que eu vi?

S. Salvador, 20 de Fevereiro de 1871.

Cf. com um autographo do Poeta, cm. por Dona Adelaide de Castro Alves Guimarães. Pbl. nas *Poesias*. Bahia (1913): LI.

(1) *Diabo Mundo*. Castro Alves apenas traduziu o prologo ou introducção de *El Diablo Mundo*, o poema de D. José de Espronceda. Seguem-se, a mais no original, seis cantos, ao todo 238 paginas da edição Garnier (*Obras Poeticas*, 8.^a edição, Paris), das quaes o nosso Poeta traduziu as primeiras 27. E' o *Diabo Mundo* um poema philosophico, que confina com o *Fausto* de Goethe e com o *Manfredo* de Byron; esta traducção denuncia-se não as preferencias poeticas, leituras graves, que não eram indifferentes ao genio de Castro Alves.

JUVENILIA

AO NATALICIO

DO MEU DIRECTOR O ILLM. SR. DOUTOR ABILIO
CESAR BORGES

I

Grato sempre á mocidade,
Bello dia, has de raiar;
Sempre ella muito contente
Mil flores te ha de offertar!

Sempre em ti se entregará
Ao prazer com expansão;
Mil cultos render-te-ha
Nos altares d'affeição.

Pois em ti, sublime dia,
Do alto dos céus baixou
O anjo, que á mocidade
Dos rigores libertou.

Baixou este grande homem,
Que tanto anima a instrucção,
Estimulando co'amor
O infantil coração.

II

Nasceu hoje meu bom Director,
Para honra do grande Brasil,
Preparando na infancia, que educa,
Para a patria futuro gentil.

E' por isso que o sol orgulhoso
Ergue a fronte soberba e brilhante;
E' por isso que as flores exalam
Um perfume mais doce e fragrante.

E' por isso que tão crystallinos
Os regatos se alongam ao mar,
E as aves co'as côres tão vivas
Brincam — ternas — voando no ar.

E os ventos tão meigos e frescos
Sussurrando as campinas percorrem,
E as abelhas em busca de mel
A's florinhas contentes já correm.

E' por isso emfim que tão bella
A natura se ostenta no mundo;
E' por isso que a infancia já sente
Regosijos do peito no fundo.

III

Eia! contentes cantemos!...
Com grinaldas coroemos

Neste bello e grande dia
Do natalicio de amor
O nosso bom Director,
Que tão zeloso nos guia.

Bahia. Gymnasio Bahiano, 9 de Setembro de 1860.

Do folheto: *Poesias offerecidas ao Dr. Abilio Cezar Borges no dia 9 de Setembro, por occasião de se festejar no Gymnasio Bahiano seu anniversario natalicio*. I op., 28 p., Bahia, 1860, ps. 15-17: V. Cm. por Constancio Alves.

(1) Após a data vem esta declaração: “Pelo alumno Antonio de Castro Alves Junior”. O pae de Castro Alves era o Dr. Antonio José Alves, professor da Faculdade de Medicina: aquella assignatura estava portanto errada. Talvez ahi fosse posta para marcar uma filiação, honrosa ao alumno do Gymnasio, pois o Dr. Alves era medico notavel, e personagem de distincção social.

(2) Não são estes os primeiros versos de Castro Alves, mas “ao que consta, de 1859, aos doze annos de idade” (Xavier Marques — *Vida de Castro Alves*, Bahia, 1911, p. 31),; são porém os primeiros que se lhe conhecem, tão infantis, — a idade não permittiria mais; que nelle canta (3.ª estancia), o educador que “a mocidade dos rigores libertou”, allusão á palmatoria e outros castigos corporaes, que abolira o Dr. Abilio Cesar Borges, no seu collegio, com escandalo publico, e satisfação da criança jubilosá. Neste canto infantil já se vislumbra, pois, o Castro Alves, que havia de clamar contra todas as tyrannias.

POESIA

RECITADA PELO ALUMNO ANTONIO DE CASTRO ALVES
NO OUTEIRO QUE TEVE LUGAR NO GYMNASIO
BAHIANO A 3 DE JULHO DE 1861

I

Qual leão encostado á dura rocha
Da grande serra, onde o senhor habita,
Vestido de aurea juba reluzente,
O debil caçador ao longe fita;

E grande e generosa que podia
De momento em seu sangue se banhar,
Deixa-o seguir com pena o seu destino
Sem seu poder e forças lhe mostrar:

Tal o Brasil sentado junto ás margens
Do verde oceano que seus pés lhe beija,
E rescostado sobre o alto Ande
Que além nos ares, pelo céu flammeja.

Vestido desse manto lindo e bello
Que nunca o frio inverno desbotou;
Bordado dos diamantes, do ouro fino,
Das lindas flores com Que Deus o ornou;

Viu chegar-se de Lysia a cruel gente
Batida pelos ventos e tufão,
Debeis de forças, debeis de esperança,
E apenas merecendo compaixão;

Deixa-os entrar nos bosques gigantescos;
Deixa-os gozar dos puros céus de anil;
Deixa-os fruir de todas as riquezas,
Que o mundo antigo inveja do Brasil.

II

Mas o gigante que amigo
Unira alegre comsigo
O peregrino estrangeiro,
Em breve sentiu, raivoso,
Seu collo altivo, orgulhoso,
Sob triste captiveiro.

Sentiu em breve o grilhão
Da mais torpe servidão
Atar-lhe a fronte sob'rana;
Essa fronte magestosa
A quem corôa formosa
Dava a gente Americana!

Mas perdendo o sangue frio,
Recordando o antigo brio,
O seu antigo valor;
S'ergue subito da terra
E exclama com voz que aterra
Ardente d'ira e furor:

“Lysia, que fostes o horror
Dos povos de outro equador
Com teu immenso poder;
Que com as tuas phalanges
A's Indias, que banha o Ganges,
Fizeste humilde tremer;

“Sabe que a India de agora
Tem outra mais bella aurora;
São Indias, mas do Amazonas,
Sabe que eu sou o Brasil;
Tenho povo senhoril
Como não tem outras zonas.

“Se o indio, o negro africano,
E mesmo o perito Hispano
Tem soffrido servidão;
Ah! Não pode ser escravo
Quem nasceu no solo bravo
Da Brasileira região!

E eil-o já arrojante,
De sangue imigo espumante
A destruir, a matar;
Busca de todos os lados
Os mandões que, amedrontados,
Cahem na terra e no mar.

Uns Lusitanos já correm,
Outros aos golpes já morrem
Deste novo Adamastor;
Não podendo já mostrar
O seu valor militar
Tremem feridos de horror.

Em Pirajá, em Cabrito,
De Lysia já se ouve o grito,
Surdos gemidos de dôr;
Já nem se lembram de gloria,
Esquecem té a memoria
Dos seus feitos de valor.

Uns acham vida fugindo,
Outros morrem, mas sentindo
Os pulsos do Brasileiro;
Então conhecem, medrosos,
Que para peitos briosos
E' chimera o captiveiro.

Então soberbo o gigante
Com sua fronte brilhante
As suas armas deixou;
E levantando os trophéus
Clama ousado para os céus:
— Lysia, sim, já livre sou —

Do folheto: "*Produções em prosa e verso recitadas em varias occasiões no anno de 1861 pelos alumnos do Gymnasio Bahiano, por alguns distinctos poetas que se dignaram de honrar suas festas literarias*". 1 op., 96 p. Bahia, 1861. ps. 21-24: VI. Cm. por Constancio Alves.

Vd. a nota aos versos seguintes.

SONETOS

AOS ANNOS DO MEU PREZADO DIRECTOR

Mancebos! De mil loiros triumphantes
Adornae o Moysés da mocidade,
O Anjo que nos guia da verdade
Pelos doces caminhos sempre ovantes.

Coroae de grinaldas verdejantes
Quem rompeu para a Patria nova edade,
Guiando pelas leis sãs da amizade
Os moços do progresso sempre amantes.

Vê, Brasil, este filho que o teu nome
Sobre o mappá dos povos illustrados
Descreve qual o forte de Vendôme.

Conhece que os Andradas e os Machados,
Que inda vivem nas azas do renome,
Não morrem nestes céus abençoados!

Mestre, Mestre querido, Pae de Amor,
As glorias que conquistas co'a razão,
Enchendo de prazer teu coração
T'attrahem grandes bençãos do Senhor!

Os teus loiros têm mais vivo fulgor,
Que os ganhos ao ribombo do canhão;
Que os de um Annibal, d'um Napoleão,
Alcançados das mortes entre o horror.

Sim! Que os loiros terríveis que Mavorte
Ao soldado concede em dura guerra,
Todos murcha a idéa só da morte!

Mas nos teus vero merito se encerra,
Que não cede do tempo ao braço forte,
E alcançam justo premio além da terra!...

Do folheto: "*Produções em prosa e verso recitadas em varias occasiões no anno de 1861 pelos alumnos do Gymnasio Bahiano e por alguns poetas que se dignarão de honrar suas festas literarias.*" 1 op., 96 ps. Bahia, 1861, p. 54. Cm. por Constancio Alves.

Dedicatória. Este director era o Dr. Abilio Cesar Borges, depois Barão de Macahubas, antigo director de Instrucção Publica na Bahia, fundador do "Gymnasio Bahiano", notavel pedagogo e educador, de varias gerações de illustres brasileiros.

Nestes versos já se presente algum vislumbre do futuro Poeta: o horror á violencia militar ou guerreira, á qual oppõe o combate generoso das idéas. Estes versos infantis terminam por alguns, que denunciam na chrysalida a borboleta: o ultimo é mesmo perfeito.

AO DIA SETE DE SETEMBRO

Mancebos, que sois a esperança
Do magestoso Brasil;
Mancebos, que inda tão tenros
Sabeis de louro gentil
Adornar o patrio dia,
Nosso dia senhoril!

Eis que assomou sobre os montes
Além, sobre a antiga serra,
Entre mil nuvens de rosa.
O dia de nossa terra;
Aquelle que para a Patria
Milhões de glorias encerra.

Foi hoje que o Lusitano,
Que o filho de além do mar,
Despertou com forte brado
A Patria que era a sonhar,
Que nem sequer escutava
A liberdade a expirar.

E o brado: — *Livres ou mortos*
Lá nos bosques retumbou;
E mais contente o Ypiranga
As suas aguas rolou;
E o echo d'alta montanha
Todo o Brasil echoou.

E as montanhas lá do Sul,
E as montanhas lá do Norte,
Repetiram em seus cumes:
Sempre ser livres ou morte...
E já na lucta renhida
Cada qual lucta mais forte.

Sim, nos combates que, ousados,
Travaram cem contra mil,
O mancebo que nascera
Sob este azul céu de anil,
Forte como um Bonaparte,
Batia o forte fuzil.

E cada qual no combate
Ao ribombar do canhão
Queria á custa da vida
Dar à Patria salvação,
Vingar a terra natal
D'aviltante servidão.

Eia, pois, flores da Patria,
Esp'rançosa mocidade!
Que os Andradas e os Machadões

Do alto da Eternidade
Contentes vos abençoão
No dia da Liberdade.

Bahia, Gymnasio Bahiano, 7 de Setembro de 1861.

Do folheto: "*Produções em prosa e verso — recitadas em varias occasiões no anno de 1861 pelos alumnos do Gymnasio Bahiano e por alguns distinctos poetas que se dignaram de honrar suas festas litterarias*". 1 op., p. 96. Bahia, 1861, p. 13. Cm. por Constancio Alves.

(1) Com uma complacencia, que está a denunciar, se não má fé, ao menos a semrazão com que Sylvio Romero (tão superior em tudo ao idolo que levou toda a vida a incensar...) pretendeu sempre oppôr Tobias Barreto a Castro Alves, (*Historia da Litteratura Brasileira*, Rio, 1888, t. II, pags. 1266-7), cita o critico estes versos. O nosso Poeta, se já não estivesse vingado pela Posteridade, poderia lembrar Musset:

Mes premiers vers sont d'un enfant,
Les seconds d'un adolescent,
Les derniers à peine d'un homme.

Nem Sylvio, nem Tobias, fizeram-nos jamais, que se comparassem aos deste; e, naquella idade, que parecem sequer com aquelles...

(2) Após a data vem a declaração: "Recitada pelo alumno Antonio de Castro Alves".

DESTRUIÇÃO DE JERUSALÉM

I

“Treme, treme, dissoluta,
Impia filha de Sião!
Que a tua devassidão
Provoca a ira de Deus;
Povo e rei, todos profanam
Do Senhor os vasos santos,
A Baal se entoam cantos!
Como se ultrajam os céus?!...

“O rei polluto se entrega
Ao prazer das saturnaes;
Nas orgias infernaes
Dorme o seu povo tambem.
Escarneceste o propheta,
Desprezaste a Jeremias?
Pois sim!... por bem curtos dias
Tu serás Jerusalém.

“Teus palacios magestosos,
Teus senhores dissolutos,
Pelo vicio já corruptos,

Hão de cair fulminados;
Tuas donzellas mimosas,
E teus filhos, sem aux'lio
Da escravidão, no exilio
Morrerão aferrolhados.

“Treme! treme! dissoluta,
Filha ingrata de Sião!
Que a tua condemnação,
Já lavrou-a o Senhor Deus.”
Assim falava inspirado
O propheta ao rei, ao povo,
Que o escarneciam de novo,
Ouvindo os decretos seus.

II

Lá nas orlas do horizonte
Subtil fumo se condensa;
Cresce, e em nuvem negra, immensa,
Sóbe aos céus em caracol.
A' terra atroam medonhos
Confusos tropeis ruidosos.
Os corceis rincham fogosos;
Brilha o ferro á luz do sol.

Alarma! alarma! tremendo,
As vigias de Sião
Gritam, reina a confusão,
Corre o povo alborotado;
Alarma! surge o inimigo,

Ameaçando as muralhas
Pelo furor das batalhas
Trazendo o craneo queimado.

A' frente ousado e terrível
Vem Nabucodonosor;
Nos seus olhos o furor
Fusila; brandindo a lança,
Ergue o ferreo braço irado,
De sangue e morte sedento;
E mais veloz do que o vento,
Gallopa a bradar — vingança!

Trava-se a luta medonha.
Do inimigo o duro ferro,
Como a cascata do sêrro,
Tudo anniquila, veloz;
Emmaranham-se os guerreiros,
Geme o sabre na couraça,
E' tudo luto e fumaça,
Troveja do horror a voz.

Sóbem aos céus os clamores
Das mulheres e crianças,
Que, sob o imperio das lanças,
Lastimam a triste sorte;
Jorra o sangue pelas praças,
De mortos juncam-se as ruas,
Em corpos e espaduas nuas
Tropeça o que escapa á morte.

Mas não basta o exterminio
A' vingança do Senhor;
Do captiveiro ria dôr
Não basta gemer Sião;
Infernal chamma se ateia,
Devasta os tectos pomposos,
E os castellos majestosos
E o templo de Salomão.

III

E a nivelar-se ao pó foi a princeza
A formosa cidade de Sião;
Como tomba do monte o altivo cedro
Ao desabrido sopro do tufão.

Silencio sepulcral estende as asas
Sobre a vasta ruina, fumegante,
Quebrado apenas pelo grito agudo
Da andorinha, sem ninho, vaga, errante.

Negro véo, como crepe de finado.
Cahiu pesado, como noite escura,
Sobre o solo, que ha pouco adormecia
Na soberba, opulencia e formosura.

Do viajante os olhos não encontram
Senão negros vestigios de cidade;
Foi Sião, que findou-se, como um ninho
Arrancado ao tufão da tempestade.

Jerusalém na febre dos prazeres
A voz não quiz ouvir de Jeremias;
Pois sim!... mas viu bem cedo realizadas
Do propheta sombrio as prophcias.

E em vez do canto ardente das orgias,
Só se ouviam as aves de rapina;
Os povos converteram-se em argila
São? — eil-a — confusa e vasta ruina!!!

Recife, 1862.

Uma nota de D. Adelaide de Castro Alves Guimarães informa-me que foi esta poesia publ. no *Jornal do Recife*, em 1862; depois, com algumas incorrecções, nas *Poesias*, Bahia (1913): I.

AO SNR. FURTADO COELHO

Tu és, artista, quem revive as éras,
Quem reanima pallidos perfis,
Genio elevado — idéas tu geras,
Genio! este nome quanto vales, diz!

FRANKLIN DORIA.

Do genio a estrada é difficil,
Mas é brilhante tambem,
Se o genio marcha entre cardos,
Marcha entre a rosa — a cecém.
Ao vel-o o mundo então pasma,
No peito a inveja marasma,
E cala-se o odio ignavo,
E quem tem fogo na frente,
Quem tem n'alma rica fonte
De amores, ergue o seu bravo.

Ergueste a voz em *Dalila*,
Comtigo o artista adorei;
Depois em *Lucia* choraste,
Comtigo Lucia chorei.
Falaste após, duro e frio,
No *Cynismo* — um calafrio
Passou-me gelado n'alma.
Eia, pois, Protheo da arte,
Que assim sabes transformar-te
Que a Protheo levas a palma.

Eia! o povo já admira
O genio que em ti transluz,
Nem passa o genio sem palmas
Na terra da Santa Cruz.
Na terra das primaveras,
As glorias não são chimeras,
Nem o talento é um nome.
Aqui se admira o genio,
Aqui se adora o proscenio,
Aqui se eleva um renome.

E' bem risonha esta estrada
Das glorias ao brilho santo,
Ao ouvir vivos applausos,
De — hosannas — a ouvir um canto:
Em cada dia uma palma,
Em cada momento um'alma
Teu genio sabe alcançar;
Deus ungiu-te altiva fronte,
E, apontando-te o horizonte,
Disse: "Eia! podes voar..."

Quanto és grande, — dizem todos
Que tem á arte amor e fé;
Quanto és grande, — dil-o o povo
Que ardente e sincero é.
Quanto és grande — o alaúde
Que entôa só canto rude,
Dizer-te procura em vão;
Que ao genio só se admira...
Retratar não póde a lyra
Mesmo em toda a inspiração.

Como o sol ardente à pino
Aclara a montanha e o val.
Eia! D'arte ó viajante
Co'a fronte de luz brilhante
Vaes ornado de laureis;
Tens c'róas em vez de espinho,
E, pois, no pó do caminho,
Lanço uma flôr a teus pés.

Pernambuco, 16 de Abril de 1863.

Cf. com um manuscrito de Augusto Alvares Guimarães, em livro de poesias de Castro Alves. Pbl. no livro *Furtado Coelho*, por Francisco Antonio Filgueiras Abrinho, 1 vol. 178 p. San Luiz, 1863: CXXXIX, 145. Cm. por Constancio Alves.

PESADELO

(POEMETO)

I

O RENDEZ-VOUS

Era uma noite perfumada e languida.
Contava a briza amores á folhagem.
Da lua num olhar voluptuoso
Envolvia-se cançãda paisagem.
Quaes lagrimas do céu, brancos orvalhos
Trementes penduravam-se dos galhos.

E as flôres suspiravam mollemente
Da briza ao receber os doces beijos.
E o mar batia tumido nas praias
Qual seio de donzella a arfar desejos.
E nuvens lá no céu brancas passavam,
Como garças formosas que adejavam.

Quebrando a solidão longinquo canto
Trouxe a briza de terno bandolim,
Voluptuoso, ardente e delicado,
Como d'harpa de ethereo serafim.

E o canto — todo amores — todo gozo —
Ia echoando bello e languoroso.

Era Joseph — o trovador ardente,
Que o silencio da noite perturbava.
Era o bardo formoso, apaixonado
Que a Andaluza fogosa fascinava.
Pallido o rosto, negro o seu cabelo,
Olhar cheio de luz... Elle era bello.

Depois calou-se a voz... Como essas fadas
Que á noite, quando vòa a phantasia,
Vemos, sentimos bellas, vaporosas,
— Anjos que o ideal sómente cria;—
Tal ou mais linda, abrindo uma janella,
Surge uma virgem fascinante e bella.

Era um rosto formoso de madona,
Voava-lhe a madeixa destrandada.
E o seio que tremia, — pelas rendas
A lua olhava louca, apaixonada.
Tinha um pé que invejara uma criança.
Bem feliz quem ao peito lhe descança!..

Depois uns labios fervidos se uniram
Entre beijos dois nomes se escutaram!..
Dois nomes e mil beijos amorosos
Nos labios as palavras encerraram...
Dois nomes em que a vida toda s'ia...
Dois poemas de santa poesia...

E a porta após rodou por sobre os quicios,
E a murmurar deixou passar o amante...
Sómente um terno e languido suspiro
Ouvi trazer a briza sussurrante...

E a lua então num languido desmaio
Ciumenta lançou o ultimo raio...

II

O ASSASSINO

Uma noite era negro o firmamento,
Monotona cahia fria chuva,
E a terra envolta em véu de densas trevas
Parecia chorosa uma viuva;
Só as aves da noite regeladas
Gritando se escondiam nas moradas.

Trazia o vento o silvo da rajada
Que lugubre zunia nos pinheiros,
Trazia gritos pavidos, medrosos,
Talvez d'alguns perdidos caminheiros,
E no embate co'a bronca penedia,
O mar sinistro e tetrico rugia.

De um lampeão à luz incerta e vaga
Um vulto negro e triste s'enchergava;
Coberto do capote e do *sombbrero*,
O rosto macilento só mostrava...
Mas d'algum raio ao brilho repentino
Conheceriais Jorge — o libertino —

Que fazes, Jorge, a estas horas mortas?
A noite está tristonha e friorenta;
Vae aquecer da prostituta ao collo
De libertino a fronte macilenta.
Vae escaldar esta alma morta e fria
Aos beijos do *cognac* qu'incendia.

Vae... Quando a alma s'enjôa deste mundo
Sempre descrente, acerbo de ironia,
O *cognac* nos dá formosos mundos,
Castellos encantados de poesia.
E entre um gol' de *cognac* e uma fumaça
Em ditoso delirio a vida passa.

Mas Jorge está mais lugubre e sombrio
Que o marmore dum tumulto mais calado,
Perece o seu olhar mais turvo e frio,
O sulco do sobrolho mais cavado,
Ai! Jorge... Vaes unir ao libertino
A covardia infame do assassino...

E elle pouco esperou. Saudoso canto,
Que suspirava ao longe, aproximou-se,
E o canto era mais terno e mais sentido
Qu'ô ultimo som do cysne que finou-se;
Era um canto em que atroz presentimento
Segredava ao mancebo o passamento.

Um momento depois um grito agudo
Triste uniu-se da noite á voz sombria...
Foi um grito sómente e após ouviu-se
O convulso estertor de um'agonia...
A noite se estendeu como um sudario
Do cantor sobre o leito funerario.

Sómente após a fulva luz de um raio
Verieis uma virgem linda e núa...
Tremia de terror, ouvira o grito...
Stava pallida e branca como a lua,
E quando viu o amante — de amargura
Tornou-se a estatua pasma da loucura.

III

A LOUCA

Laura, onde vaes? Sósinha a taes deshoras
O vento ha de gelar-te a branca pelle.
Como tremes convulsa, e que sorriso!
Que chammas teu olhar ardente expelle!
Laura, onde vaes? Os pés nús, delicados,
Não maltrates nos seixos orvalhados.

Mulher, a quem procuras a estas horas?
Donzella, porque sahes tão alta noite?
Não vês como apparecem mil phantasmas?
Não sentes da geada o frio açoite?
E das aves da noite o triste pio
Não faz por ti correr um calafrio?...

E ella seguia muda e taciturna,
Nas rochas machucando o pé divino.
Perecia somnambula perdida,
Automato a seguir o seu destino.
Arfava o peito em ansias offegante,
Seu olhar era fixo e fascinante.

E seguia... e seguia... e nem ao menos
Parava um só momento no caminho;
Não sentia rasgarem-se-lhe as vestes
De incultos hervações no duro espinho.
O genio da vingança é que a impellia...
Como o Judeu errante ella seguia...

.

IV

A ENTREVISTA NO TUMULO

Era um triste logar. Entre cyprestes,
Que a custo balançavam a ramagem,
Onde só p'ra gemer tristes endechas
Passava regelada e fria a aragem,
N'um esquife entreaberto está deitado
Um cadaver de moço abandonado.

E entregue ás intemperies... sem amigos
Sem ter quem vá ali chorar um pranto.
Tu, que cantaste os sentimentos puros,
Q'encontreste no mundo um doce encanto,
Tu dormes, sonhador, já macilento,
Entregue aos vermes vis, posto ao relento.

E esta frente onde o genio se inflammava,
Donde brotava ardente a poesia,
E os labios que disseram sons cadentes,
Que ensinava-te alegre a phantasia,
São hoje como a lampada sem lume, —
Harpa sem cordas, — flôres sem perfume.

Ninguem vem te chorar. Não, dentre as sombras
Uma sombra passou branca e ligeira,
Os ramos do arvoredó estremeceram,
Espantada voôu a ave agoureira.
Quem perturba esta lugubre morada?
Uma mulher... E' Laura, apaixonada.

E ella chegou-se rindo e soluçando
C'um rir entre medonho e entre formoso,
Seus labios tressuavam de ironia
Ao mesmo tempo de innocente gozo.

Junto ao verde cadaver ajoelhou
E com os labios ardentes o beijou.

Depois sentou-se triste junto ao esquife
E as passadas cantigas recordando,
Nos dedos frios, tremulos, nervosos,
Co'os cabellos do amante ia brincando;
Co'a outra mão sobre o morto regelado
Poz um longo punhal ensanguentado.

“Durmamos, disse ella, ó meu amante!
Não vê's? Eu tenho as mãos ensanguentadas.
Este sangue é de Jorge, é do assassino,
Durmamos; tuas cinzas 'stão vingadas.”
.. Então beijou-o louca em devaneio
E recostou-lhe a fronte ao frio seio...

.

V

OS DOIS CADAVERES

E depois quando a aurora ergueu-se linda,
Viu a louca a embalar no seio o amante,
Cantando mil cantigas e o beijando
Sempre amorosa, triste e delirante...
Mas a lua co'os raios desmaiados
Viu dois mortos unidos, abraçados...

Recife, Maio de 1863.

Cf. com um manuscrito de Augusto Alvares Guimarães, num livro de versos do Poeta, cm. por Dona Adelaide de Castro Alves Guimarães. Pbl. nas *Poesias*, Bahia. 1913: III.

CANSAÇO

O naufrago nadou por longas horas...
Na praia dorme frio num desmaio.
A força após a lucta abandonou-o,
Do sol queimou-lhe a face ardente raio.

Pois eu sou como o nauta... Após a lucta
Meu amor dorme languido no peito.
Cançado... talvez morto, dorme e dorme
Da indiferença no gelado leito.

Sobre as asas velozes a andorinha
Maneira se lançou nos puros ares...
Veiu após o tufão... luctou de balde,
Mas em breve boiou por sobre os mares.

Eu sou como a andorinha... Ergui meu vôo
Sobre as asas gentis da phantasia;
A descrença nublou-me o céu da vida...
E a crença estrebuchou numa agonia.

Como as flôres de estufa que emmurhecem
Lembrando o céu azul do seu país,
Minha alma vae morrendo, suspirando
Por seus perdidos sonhos tão gentis.

E que durma... E que durma... O' virgem santa,
Que creou sempre pura a phantasia,
Só a ti é que eu quero que te sentes
Ao meu lado na ultima agonia.

Recife, 7 de Outubro de 1863.

Pbl. em *Castro Alves em Pernambuco*, por Alfredo de Carvalho, Recife, 1905, I op., 30 p. A' pagina 27 é transcripta esta poesia, cuja copia possuía o Dr. Regueira Costa, amigo do Poeta, extrahida do Album do Desembargador Antonio Domingos Pinto, a quem fôra dedicada.

NOITE DE AMOR

(RECITATIVO)

Passava a lua pelo azul do espaço
De teu regaço

A namorar o alvor!

Como era terna no seu brando lume...

Tive ciume

De ver tanto amor.

Como de um cysne alvinitentes plumas
Iam as brumas

A vagar nos céus,

Gemia a briza — perfumando-a a rosa —

Terna, queixosa

Nos cabellos teus.

Que noite santa! Sempre o labio mudo
A dizer tudo

A suspirar paixão

FRAGMENTO

Ha flôres tristes, que nascendo á noite
Só tem o açoite
Do cruento sul
E sem que um raio lhes alente a seiva,
Rolam na leiva
De seu vil paul.

Eu sou como ellas. A vagar sósinho
Sigo um caminho
De hervaçoes e pó!
A luz da esp'rança bruxuleia a custo
Tremo de susto,
De morrer tão só.

1864.

Inedito. Cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães, de um manuscripto de Augusto Alvares Guimarães, em livro de versos do Poeta.

AO DOUS DE JULHO

Indio gigante adormecera um dia:
Junto aos Andes por terra era prostrado;
Dirieis um colosso deslocado
De um pedestal de immensa serraia.

Dos ferros a tinir a voz sombria
Desperta-o... Ruge-lhe o trovão um brado.
Roçam-lhe a fronte as nuvens... sopesado
A' dextra o fulvo raio lhe alumia.

Foi lucta de titães, lucta tremenda!
Emfim aos pés do Atlante americano
S'estorce Portugal n'angustia horrenda.

E hoje o dedo de Deus escreve ufano:
Tremei, tyrannos, desta triste lenda;
Livres, erguei o collo soberano!

Recife, 1864.

Inedita. Cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães, de um manuscrito, em livro de versos do Poeta.

AO VIOLINISTA F. MUNIZ BARRETO FILHO

(IMPROVISO NO THEATRO DE SANTA ISABEL)

MOTE

No teu arco prendeste a eternidade

TOBIAS BARRETTO.

Era no céu, á luz da lua errante,
Moema triste, abandonando os lares,
Scindia as vagas dos ceruleos mares
Te erguendo ao longe, ó peregrino infante!

Lá dos jardins sob o vergel fragrante,
A' sombra dos maestros, sobre os ares,
Ouvias das estrellas os cantares
—Aves d'ouro no espaço scintillante.

Mas quando o genio teu se alteia afflicto,
Da alabastrina luz á claridade,
Lançando flôres, lá do céu proscripto,

Pasma Bellini; e em meio á immensidade
Diz a lua suspensa no infinito:
“*No teu arco prendeste a eternidade!*”

Recife, 1865.

Cm. pelo Dr. Regueira Costa, amigo do Poeta, a
O. Duque-Estrada — *Correio da Manhã*, do Rio, de
22 de Fevereiro de 1908.

IMPROVISO

(A' MOCIDADE ACADEMICA)

Moços! A inepcia nos chamou de estupidos!
Moços! O crime nos cobriu de sangue!
Vós os luzeiros do país, erguei-vos!
Perante a infamia ninguem fica exangue.

Protesto santo se levanta agora,
De mim, de vós, da multidão, do povo;
Somos da classe da justiça e brio,
Não ha mais classe ante esse crime novo!

Sim! mesmo em face, da nação, da patria,
Nós nos erguemos com soberba fé!
A lei sustenta o popular direito,
Nós sustentamos o direito em pé!

Pl. no *Almanack Literario Pernambucano*, de Gaspar Regueira Costa, cit. por Alfredo de Carvalho — *Castro Alves em Pernambuco*, Recife, 1905, 1 op., 30 p., p. 25. Reproduzida por O. Duque-Estrada — *Correio da Manhã*, 22 de Fevereiro de 1908, a quem a communicou o Dr. Regueira Costa, amigo do Poeta.

(1) Improvisada "de uma das janellas da rua do Imperador (Recife), indignado pela attitude fraca da autoridade policial na questão Ambrosio Portugal". Arfr. de Carvalho, *op. cit.* p. 25.

A ADELAIDE AMARAL

Artista, tua voz é a melodia
De Sorrento nas veigas perfumosas;
E' teu riso o esfolhar de brancas rosas,
Voar do cysne errante da poesia!

Quando gemes, o archanjo da harmonia
Colhe em teus labios flôres odorosas,
E do teu pranto as gottas preciosas
São estrellas de luz n'alva do dia.

A *Camelia* esfolhada sobre o dorso
Do mar da vida, em ondas de sarcasmo,
A *Hebrea*, condemnada sem remorso...

Tudo sublimas, tudo... eu digo em pasmo:
"Genio, genio... inda mais... supremo esforço
Das mãos de Deus no ardor do enthusiasmo".

vem este soneto, que ao autor confiou o Dr. Regueira Costa, amigo do Poeta. “Cumprer observar, ajuntou este, que esta peça litteraria foi escripta antes de se constituirem os dois partidos theatraes, de que se fizeram chefes Tobias Barreto e Castro Alves. Portanto, antes de 1866”.

(1) *Camelia e Hebréa*. A *Dama das Camelias* e a *Actriz Hebréa*, dramas que representava, com applauso, a actriz Adelaide Amaral.

CAPRICHIO /

Ai! quando
Brando
Vae o vento
Lento
A' lua
Núa
Perpassar subtil;

E a estrella
Véla,
E sobr'a lympha
A nympha
Suspira,
Mira
O divinal perfil;

Num leito
Feito
De cheirosas
Rosas,
Risonhos
Sonhos
Sonharemos nós;

Revoltos,
Soltos
Os cabellos
Bellos
Vivave
A face
Tremulante a voz.

Cantos
E prantos
Que suspira
A lyra,
A alfombra,
A' sombra,
Encontrarei p'ra ti;

Celuta,
Escuta
De meu seio
O enleio...
Vem, linda,
Ainda
Ha solidões aqui.

Recife, 1865.

Inedita. Cf. o autographo de um esboço do Poeta, com um manuscrito de Augusto Alvares Guimarães, cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães.

EXHORTAÇÃO

Donzella bella, que me inspira á lyra
Um canto santo de fervente amor,
Ao bardo o cardo da tremenda senda
Estanca, arranca-lhe a terrível dor.

O triste existe qual a pedra medra,
Rosa saudosa do gentil jardim,
Qual monge ao longe já no claustro exausto
Qual ampla campa a proteger-lhe o fim.

O triste existe em soffrimento lento,
Vive, revive p'ra morrer depois...
Morre — assim corre a atribulada estrada
Da vida qu'rida, soluçando a sós.

Fada encantada, em teu regaço lasso,
Viajante errante, deixa-me pousar;
Lyrio ou martyrio, abre teu seio a meio,
Estrella bella, vem-me emfim guiar.

Ao mundo immundo, *não entrega*, nega
Tantos encantos dos amores teus,
Comprehende, entende-te a vertigem, virgem,
Sómente a mente do poeta e Deus.

D'esta alma a palma de risonhos sonhos,
Da mente ardente a inspiração do céu
O vate abate ás tuas plantas santas,
Altivo e vivo, sendo escravo teu.

1865.

Inedita. Cm. pelo Dr. Constancio Alves, que houve cópia do Dr. Daltro Santos, o qual a obteve de pessoa de sua familia, contemporanea do Poeta. O titulo não existia; este, deduzido do contexto, apenas serve para indicar estes versos.

MARTYRIO

A linda morena que, louco, adorava,
Que em sonhos beijava, tremendo de amor,
Não viu meus amores, descreu do meu canto,
Sorriu do meu pranto, com riso traidor.

Scismava — era ella o meu bom pensamento ;
O meu sentimento si louco sentia ;
Meu anjo da guarda nas noites de insomnia,
Meu doce favonio si a espr'ança nascia.

E sempre eu a via : no céu seus encantos,
Na brisa os seus cantos julgava escutar,
Na noite o negrume dos negros cabellos,
Seus olhos tão bellos no bello luar.

Mas foi um delirio de louca miragem
Formosa paisagem do amor que sonhei...
A rosa *que dei-lhe*, queimada de beijos,
Serviu aos desejos de alguém? oh! não sei...

Mulher, sim, não rias do pobre, do triste!
Por que não cuspiste na pobre da flor?
Mas fundo desprezo mostrar-me quiseste,
Ludibrio fizeste de mim, deste amor...

Pois bem; eu não posso deixar de adorar-te...
Quem pode escapar-te, quem pode esquecer-te?
Desprezos não matam amores tão santos,
Só posso meus prantos p'ra sempre esconder-te.

Despresa-me, virgem, minh'alma te implora!
Verás nessa hora que chamma de amor!
E cada supplicio que soffra minh'alma
E' mais uma palma da c'rôa da dor.

1865.

Inedita. Cm. pelo Dr. Constancio Alves, que houve cópia do Dr. Daltro Santos, o qual a obteve de pessoa de sua familia, contemporanea do Poeta. O titulo não existia; este, deduzido do contexto, apenas serve para indicar estes versos.

NÃO SABES

Quando alta noite n'amplidão fluctua
Pallida a lua com fatal pallor,
Não sabes, virgem, que eu por ti suspiro
E que delirio a suspirar de amor.

Quando no leito entre subtis cortinas
Tu te reclinas indolente ahi,
Ai! Tu não sabes que sosinho e triste
Um ser existe que só pensa em ti.

Lirio d'est'alma, sensitiva bella, '
E's minha estrella, meu viver, meu Deus.
Se olhas — me rio, se sorris — me inspiro,
Choras — deliro por martyrios teus.

E tu não sabes d'este meu segredo
Ah! tenho medo do teu rir cruel!...
Pois se o desprezo fosse a minha sorte
Bebera a morte n'este amargo fel.

Mas dá-me a esperança num olhar quebrado
Num ai magoado, num sorrir do céu,
Ver-me-has dizer-te na febril vertigem:
“Não sabes, virgem? Meu futuro é teu!”

Bahia. 11 de Novembro de 1865.

Inedito. Cm. pelo Dr. M. Daltro Santos, que houve
o autographo de pessoa de sua familia, contemporanea
do Poeta.

INDICE SYNTHETICO

(Em grypho indica-se a novidade bibliographica da edição, alem das annotações a cada uma das poesias)

INTRODUÇÃO BIBLIOGRAPHICA

<i>O maior poeta brasileiro</i>	5
<i>Bibliographia de Castro Alves</i>	19

ESPUMAS FLUCTUANTES

Prologo	47
Dedicatoria	50
O Livro e a America	308
Hebréa	68
Quem dá aos Pobres, empresta a Deus	312
O Laço de Fita	126
Ahasverus e o Genio	133
Mocidade e Morte	56
Ao Dous de Julho	305
Os tres Amores	89
O Phantasma e a Canção	164
O Gondoleiro do Amor	97
"Sub tegmine fagi"	99
As tres Irmãs do Poeta	351
O Vôo do Genio	71
O "Adeus" de Thereza	131
A Volta da Primavera	140
A Maciel Pinheiro	287
A uma Taça feita de um Craneo humano	376
Pedro Ivo	290
Oitavas a Napoleão	344
Bôa-Noite	128
Adormecida	136
Jesuitas	318

Poesia e Mendicidade	167
Hymno ao Somno	123
No Album do Artista Luiz C. Amoedo	115
Versos de um Viajante	171
Onde estás?	162
A Bôa-Vista	105
A uma Estrangeira	203
Perseverando	341
O Coração	65
Murmurios da Tarde	142
Pelas Sombras	186
Ode ao Dous de Julho	322
A duas Flores	173
O Tonel das Danaides	149
A Luiz	110
Dalila	60
As duas Ilhas	301
Ao Actor Joaquim Augusto	325
Os Anjos da Meia-Noite	206
O Hospede	179
As Trevas	378
Aves de Arribação	190
Os Perfumes	200
"Immensis orbibus anguis"	146
A uma Actriz	91
Canção do Bohemio	117
E' tarde!	151
A meu Irmão Guilherme de Castro Alves	328
Quando eu morrer	138
Uma Pagina de Escola Realista	213
"Coup d'Étrier"	183
Notas (nos logares respectivos, pags. 49, 139, 144, 172, 289, 304, 321, 324 e	377
Indice	463

HYMNOS DO EQUADOR

Poesias lyricas:

Meu Segredo	51
Pensamento de Amor	66
A <i>Eugenia Camara</i>	75
Sonho da Bohemia	77
<i>Horas de Martyrio</i>	80

<i>Amar e ser amado</i>	83
<i>Amemos!</i>	84
Triplíce Diadema	87
Fatalidade	94
<i>Poeta</i>	112
<i>Penso em ti</i>	121
Adeus	154
Horas de Saudade	175
A' Capella do Almeida	189
<i>Numa Pagina de Album</i>	195
A D. Joanna	196
Fé, Esperança e Caridade	198
Se eu te dissesse	223
Depois da Leitura de um Poema	225
A Cestinha de Costura	227
Epitaphio	229
Menina e Moça	230
<i>A Violeta</i>	232
Canção de Gounod	235
Durante um Temporal	237
Consuelo	241
A um Coração	247
Versos para Musica	248
No Camarote	251
Noite de Maio	254
Longe de ti	258
A Virgem dos Ultimos Amores	261
A minha Irmã Adelaide	266
Remorsos	269
Em que pensas	272
Aquella Mão	276
Rezas	279
Gesso e Bronze	283

Poesias Épicas:

Aos Estudantes Voluntarios	285
Pesadelo de Humaitá	315
Deusa incruenta	331
No "Meeting du Comité du Pain"	336

Traducções:

Elegia	347
<i>Palavras de um Conservador</i>	353

<i>A Olympio</i>	357
<i>A Ballada do Desesperado</i>	369
Passaro Viajante	372
O Junco e o Cypreste	374
Madrid'	382
Veneza	384
"Chanson"	387
Octavio	389
Diabo Mundo	393

Juvenilia:

<i>Ao Natalcio do Dr. Abilio Cesar Borges</i>	418
<i>Poesia recitada no Gymnasio Bahiano</i>	421
<i>Sonetos (aos annos de meu prezado director)</i>	425
<i>Ao dia Sete de Setembro</i>	427
Destruição de Jerusalém	430
<i>Ao Sr. Furtado Coelho</i>	435
Pesadelo	438
Cansaço	445
<i>Noite de Amor</i>	447
<i>Fragmento</i>	449
<i>Ao Dous de Julho</i>	450
Ao Violinista F. Muniz Barreto Filho	451
<i>Improviso</i>	452
A Adelaide Amaral	453
<i>Capricho</i>	455
<i>Ezhortação</i>	457
<i>Martyrio</i>	459
<i>Não sabes</i>	461
Indice synthetico	463
Indice analytico	467

INDICE ANALYTICO

(Em grypho indica-se a novidade bibliographica da edição, além das annotações a cada uma das poesias)

<i>O maior poeta brasileiro</i>	5
<i>Bibliographia de Castro Alves</i>	19
Prologo (das "Espumas Fluctuantes").....	47
Dedicatoria (das "Espumas Fluctuantes").....	50

Poesias lyricas (ordem chronologica):

Meu segredo	51
Mocidade e Morte	56
Dalila	60
O Coração	65
Pensamento de Amor	66
Hebréa	68
O Vão do Genio	71
<i>A Eugenia Camara</i>	75
Sonho da Bohemia	77
<i>Horas de Martyrio</i>	80
<i>Amar e ser Amado</i>	83
<i>Amemos!</i>	84
Triplíce Diadema	87
Os Tres Amores	89
A Uma Actriz	91
Fatalidade	94
O Gondoleiro do Amor	97
"Sub tegmine fagi"	99
A Bôa-Vista	105
A Luiz	110
<i>Poeta</i>	112
No Album do Artista Luiz C. Amoedo	115
Canção do Bohemio	117

<i>Penso em Ti</i>	121
Hymno ao Somno	123
O Laço de Fita	126
Bôa-Noite	128
O "Adeus" de Thereza	131
Ahasverus e o Genio	133
Adormecida	136
Quando eu morrer	138
A Volta da Primavera	140
Murmurios da Tarde	142
"Immensis orbibus anguis"	146
O Tonel das Danaides	149
E' tarde!	151
Adeus	154
Onde estás?	162
O Phantasma e a Canção	164
Poesia e Mendicidade	167
Versos de um Viajante	171
A Duas Flores	173
Horas de Saudade	175
O Hospede	179
"Coup d'étrier"	183
Pelas Sombras	186
A' Capella do Almeida	189
Aves de Arribação	190
<i>Numa Pagina de Album</i>	195
A D. Joanna	196
Fé, Esperança e Caridade	198
Os Perfumes	200
A Uma Estrangeira	203
Os Anjos da Meia-Noite	206
Uma Pagina de Escola Realista	213
Se Eu te Dissesse	223
Depois da Leitura de um Poema	225
A Cestinha de Costura.....	227
Epitaphio	229
Menina e Moça	230
<i>A Violeta</i>	232
Canção de Gounod	235
Durante um Temporal	237
Consuelo	241
A Um Coração	247
Versos para Musica	248

No Camarote	251
Noite de Maio	254
Longe de Ti	258
A Virgem dos Ultimos Amores.....	261
A Minha Irmã Adelaide	266
Remorsos	269
Em que pensas	272
Aquella mão	276
Rezas	279
Gesso e Bronze	283

Poesias Épicas (ordem chronologica):

Aos Estudantes Voluntarios	285
A Maciel Pinheiro	287
Pedro Ivo	290
As Duas Ilhas	301
Ao Dous de Julho	305
O Livro e a America	308
Quem dá aos pobres, empresta a Deus.....	312
Pesadelo de Humaitá	315
Jesuitas	318
Ode ao Dous de Julho	322
Ao Actor Joaquim Augusto	325
A meu irmão Guilherme de Castro Alves.....	328
Deusa incruenta	330
No "Meeting du Comité du Pain"	336

Traducções:

Perseverando	341
Oitavas a Napoleão	344
Elegia	347
As tres Irmãs do Poeta	351
<i>Palavras de um Conservador</i>	353
<i>A Olympio</i>	357
<i>A Ballada do Desesperado</i>	369
Passaro Viajante	372
O Junco e o Cypreste	374
A uma Taça feita de craneo humano	377
As Trevas	378
Madrid	382
Veneza	384
Chanson	387
Octavio	389
Diabo Mundo	393

Juvenilia:

<i>Ao Natalicio</i>	418
<i>Poesia recitada</i>	421
<i>Sonetos</i>	425
<i>Ao Dia Sete de Setembro</i>	427
<i>Destruição de Jerusalém</i>	430
<i>Ao Sr. Furtado Coelho</i>	435
<i>Pesadelo</i>	438
<i>Cansaço</i>	445
<i>Noite de Amor</i>	447
<i>Fragmento</i>	449
<i>Ao Dous de Julho</i>	450
<i>Ao Violinista F. Muniz Barreto Filho</i>	451
<i>Improviso</i>	452
<i>A Adelaide Amaral</i>	453
<i>Capricho</i>	455
<i>Exhortação</i>	457
<i>Martyrio</i>	459
<i>Não sabes</i>	461
<i>Indice synthetico</i>	463
<i>Indice analytico</i>	467

ERRATA

A' inevitavel imperfeição das obras typographicas, concorre agora, grandemente, o lino-typo: muitas vezes, emendando um erro de composição, outro apparece mais grave, na mesma linha; uma linha emendada, á ultima hora não é repostada no logar, ou é definitivamente mal colocada. Ficarão talvez alguns erros á indulgencia do leitor; estes pedem rectificação:

A' pagina 9, linha 34, leia-se: *philantropia*; á p. 13, l. 26, leia-se *precisava de*; ás ps. 23, l. 36; 25 l. 16; 27 l. 4; 28 l. 21; 29 l. 16; 30 l. 14; 33 l. 5, leia-se *Saudação*; á p. 81 na 3.^a estrophe falta o 4.^o verso: *Seu passado nas folhas azues*; á p. 88 l. 11, leia-se *alterações*; á p. 172 l. 17, leia-se *estrellas*; á p. 208: os dois derradeiros versos estão transpostos, e o penultimo será o ultimo da pagina; á p. 331 l. 22, leia-se *p'ra abrigar*; á p. 363 l. 21 *homens*; á p. 421 l. 21, leia-se *que*; á p. 435 l. 2, leia-se *artista*.



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).